Programa de Pós-Graduação em Lingüística

PPGL

PEQUENAS FRASES NA MÍDIA ELETRÔNICA BRASILEIRA: UMA LEITURA DISCURSIVA

DAIANY BONÁCIO

Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PEQUENAS FRASES NA MÍDIA ELETRÔNICA BRASILEIRA: UMA LEITURA DISCURSIVA

DAIANY BONÁCIO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

SÃO CARLOS-SP
2013

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

B697pf

Bonácio, Daiany.
Pequenas frases na mídia eletrônica brasileira : uma leitura discursiva / Daiany Bonácio. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
192 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Linguística. 2. Destacabilidade. 3. Aforização. 4. Midia. I. Título.

CDD: 410 (20ª)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

PPGL
Programa de Pós-Graduação em Linguística

BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE DAIANY BONÁCIO

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Orientador e Presidente
UFSCar/São Carlos

Profª. Drª. Maria Inês Pagliarini Cox
Membro titular
UFMT/Cuiabá

Profª. Drª. Mônica Baltazar Diniz Signori
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Profª. Drª. Anna Flora Brunelli
Membro titular
UNESP/São José do Rio Preto

Profª. Drª. Soeli Maria Schreiber da Silva
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 4/abril/2013.
Homologada na 55ª reunião da CPGL, realizada em 05/04/2013.

Prof. Dr. Oto Araújo Vale
Coordenador do PPGL

RESUMO

Na contemporaneidade, é comum vermos circular na mídia pequenas frases as quais foram retiradas de seu contexto original e que ganharam proporções de circulação incalculáveis, sendo capazes de (re)criar os mais diversos acontecimentos discursivos. A tendência atual, revela Krieg-Planque (2011), é de fragmentação de discursos curtos, devido à rapidez da narrativização dos fatos. A pequena frase é uma realidade que os jornais, sites, redes sociais ajudam a construir quando publicam as "frases da semana", "as melhores frases do ano", etc. e que nos faz perceber que o trabalho de sobreasseveração e/ou de aforização está a todo vapor: nunca as frases ditas e que marcam algum acontecimento foram tão discutidas e divulgadas. Segundo Maingueneau (2011b), o desenvolvimento recente de uma configuração midiática que associou mídia impressa, televisão, internet, celular, etc., aumentou para um nível sem precedentes o destacamento e a circulação de aforizações. Para o autor, algumas chegam ao estado de pandemia. Desse modo, por um curto período de tempo, vemos circular uma sentença com uma frequência muito alta em todas as mídias do momento e que ocupou uma variedade de estatutos: títulos de jornais, sentença na parte inferior da tela da TV, etc. Nesta tese, tomamos como objeto de estudo quatro pequenas frases que irromperam em campos discursivos estáveis e que, por conta da rápida circulação engendrada, sobretudo, pela internet, passaram a figurar nos mais variados campos discursivos. Frequentamos um vasto arquivo constituído pelos mais variados gêneros discursivos (publicitário, chárgico, humorístico, jornalísticos, comentários na net, etc) e no qual circula(ra)m destacadamente quatro pequenas frases "ai, se eu te pego", "menos Luiza que está no Canadá", "cala a boca, Galvão" e "vada a bordo, cazzo". Para dar conta deste empreendimento filiamo-nos à Análise de Discurso de orientação francesa, sobretudo aos recentes trabalhos de Alice Krieg-Planque (2011) e de Dominique Maingueneau (2006a; 2006b; 2007; 2008; 2010; 2011a; 2011b; 2012a), reflexões que procuram compreender de forma acurada a produção, a circulação e a transformação de pequenos enunciados no campo político. Nossa questão de fundo é defender que, atualmente por conta da configuração midiática existente na nossa sociedade, as pequenas frases incidem sobre os mais variados campos discursivos.

Palavras-chaves: Citação; destacabilidade; pequenas frases; aforização; mídia

ABSTRACT

Nowadays, it is common to see small phrases spread in the media which have been removed from their original context and they gained incalculable proportions of movement, being able to (re)create the most diverse discursive events. The current trend, reveals Krieg-Planque (2011), is the fragmentation of short discourses, due to the speed of the narrativization of the facts. The small phrase is a reality that newspapers, websites, social networks help to build when they publish the "phrases of the week", "the best phrases of the year", etc., and that makes us realize that the work of sobreasseveration and / or aforization is in full steam: never the spoken phrases and that they mark some event were so discussed and disseminated. According Maingueneau (2011b), the recent development of a media configuration that associate print media, television, internet, mobile, etc.., increased to an unprecedented level the detachment and the circulation of aforizations. For the author, some reach the state of the pandemic. Thus, for a short period of time, we see to circulate a sentence with a very high frequency in all media of the moment and that occopy a variety of statutes: newspaper titles, sentence at the bottom of the TV screen, etc.. In this thesis, we take as the object of study four small phrases that erupted on stable discursive fields and that, due to the rapid movement engendered, especially the Internet, became to appear in a various discursive fields. We attend a large file consisting of various discoursive genres (advertising, cartoon, humorous, journalistic comments on the net, etc.) and in which circulates notably four small phrases “ai, se eu te pego”, “menos Luiza que está no Canadá”, “cala a boca, Galvão” and “vada a bordo, cazzo”. To account for this enterprise we adopt the Discourse Analysis of French orientation, especially the recents works of Alice Krieg-Planque (2011) and Dominique Maingueneau (2006a; 2006b; 2007; 2008; 2010; 2011a; 2011b; 2012a), reflections tha seek to understand accurately the production, circulation and transformation of small enunciates of political field. Our back question is to argue that, at presente due to the configuration media existing in our society, smalls phrases focus on various discursive fields.

Keywords: Quote, destacability; short sentences; aforization; media

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar meus passos no caminho certo e por nunca deixar que os problemas fossem maiores que as conquistas.

Ao Prof.º Dr.º Roberto Leiser Baronas, meu orientador e inspirador, pela orientação sempre cuidadosa e sábia, e pela confiança em mim depositada.

Ao meu marido Jefferson Luiz Hernandes, que soube compreender os momentos de distanciamento por conta da realização deste trabalho. Você é o melhor esposo-pai do mundo!!!! Eu te superamo....

Aos meus pais, Darci e Benedita Bonácio, pelo incentivo e carinho de sempre.

Ao meu filho, Luiz Felipe Hernandes, que surgiu em minha vida em uma hora tão própria e, mesmo sem saber, deu-me forças para continuar.

Às Professoras Anna Flora Brunelli, Fernanda Mussalim e Maria Inês Pagliarini Cox que contribuíram para a melhoria desta pesquisa, com valiosas sugestões durante o exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, por todos os conhecimentos transmitidos.

À Nani, ex-secretária do PPGL, por sua gentileza.

Ao Prof.º Dr.º Pedro Luis Navarro Barbosa, por ser o meu brilhante orientador no mestrado e me conduzir ao doutorado.

À minha grande amiga Marilena Inácio de Souza, pelos momentos de apoio e muito conhecimento gerado para o desenvolvimento deste estudo. Você foi minha família na UFSCar.

Aos amigos que fiz em São Carlos: Jocenilson Ribeiro dos Santos, Ligia Mara Boin Menossi de Araujo, Luciana Carmona Garcia, Samuel Ponsoni, Sidnay Fernandes dos Santos, Livia Maria Falconi Pires, Ana Claudia Nascimento, André Stteferson Martins Stahlhauer, Marcelo Giovannetti Ferreira Luz, Tania Mara da Silva, Vanice Maria Oliveira Sargentini, Roberto Leiser Baronas e outros que eu possa ter esquecido. Jamais me esquecerei do carinho que recebi de vocês.

"Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: **são como carraças**: vêm nos livros, nos jornais, nos slogans publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes [...]. E há os discursos, que são palavras encostadas umas às outras, em equilíbrio instável graças a uma precária sintaxe, até ao prego final do Disse ou Tenho dito. Com discursos se comemora, se inaugura, se abrem e fecham sessões, se lançam cortinas de fumo ou dispõem bambinelas de veludo..." (grifos meus)

José Saramago

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Imagens

Imagem 01 Propaganda da empresa TIM..... 93
Imagem 02 Propaganda do Governo Brasileiro 93
Imagem 03 Vinheta de comemoração de final de ano da Rede Globo de TV..... 94
Imagem 04 Cena do Jornal Nacional da Rede Globo de TV..... 94
Imagem 05 Propaganda da empresa Havaianas..... 95
Imagem 06 Programa televisivo "Todo mundo odeia o Cris"..... 95
Imagem 07 Propaganda das lojas Renner 95
Imagem 08 Propaganda da cerveja Skol..... 96
Imagem 09 Propaganda da empresa GOL..... 96
Imagem 10 Propaganda da cerveja Devassa..... 96
Imagem 11 Propaganda da empresa Claro..... 97
Imagem 12 Cena do filme "O diabo veste Prada"..... 97
Imagem 13 Cena do seriado "Chaves"..... 98
Imagem 14 Charge sobre cassação de prefeitos de munícipios amazonenses..... 104
Imagem 15 Cena do jogo de futebol: Barcelona X Santos - dia 18/12/12..... 104
Imagem 16 Charge sobre o prêmio Bola de Ouro oferecido pela FIFA ao melhor jogador do mundo..... 105
Imagem 17 Charge sobre o Ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho... 105
Imagem 18 Charge sobre o programa nuclear iraniano defendido pelo presidente Ahmadinejad..... 106
Imagem 19 Charge sobre a separação de Michel Teló e Ana Carolina Teló..... 106
Imagem 20 Charge envolvendo os políticos Fernando Henrique Cardoso e José Serra..... 107
Imagem 21 Capa da Revista Época..... 109
Imagem 22 Cartaz que o governo britânico criou para tranquilizar a população na Segunda Guerra Mundial..... 115
Imagem 23 Foto em referência ao jogador de futebol brasileiro Adriano..... 115
Imagem 24 Charge produzida em referência à política brasileira..... 116
Imagem 25 Charge produzida em referência ao desabamento que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em janeiro de 2012..... 116
Imagem 26 Charge em referência à chanceler alemã Angela Merkel sendo comparada ao

comandante Schettino do caso Costa Concórdia..... 117
Imagem 27 Campanha lançada no miniblog Twitter em que os internautas sugeriam um dia sem a Rede Globo de Televisão..... 121
Imagem 28 Imagem em referência à indignação dos brasileiros com a declaração do artista Sylvester Stallone sobre o Brasil..... 121
Imagem 29 Charge em referências "as pérolas" ditas pelo presidente Lula..... 122
Imagem 30 Charge em referência à evolução dos motivos dos fatos históricos os quais já foram motivos do clamor popular..... 122

Lista de Quadros

Quadro 1 Esquema das duas ordens enunciativas propostas para os enunciados destacados..... 17
Quadro 2 As categorias da modalização autonímica, baseado em MAINGUENEAU (2001, p. 159)..... 79
Quadro 3 As unidades tópicas e não-tópicas (MAINGUENEUA, 2007, p. 33)..... 86
Quadro 4 Variações das pequenas frases..... 130
Quadro 5 O enquadramento interpretativo (MAINGUENEAU, 2012b, p. 125)..... 147
Quadro 6 Marcas da heterogeneidade mostrada e as pequenas frases..... 163
Quadro 7 A heterogeneidade não-marcada e as pequenas frases..... 164
Quadro 8 Imitações e criações feitas a partir das pequenas frases..... 171

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 12

CAPÍTULO 1:

A ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE E OS ENUNCIADOS DESTACADOS..... 16

1.1 A enunciação aforizante e a enunciação textualizante..... 17

1.2 Os enunciados destacados por natureza..... 23

1.2.1 Os provérbios..... 24

1.2.2 Os slogans..... 29

1.2.3 As máximas 31

1.2.4 As fórmulas discursivas..... 32

1.3 Os enunciados destacados de um texto..... 35

1.3.1 A destacabilidade 36

1.3.2 A sobreasseveração e o seu correlato, o sobreasseverador..... 38

1.3.3 O hiperenunciador e o sistema de particitação..... 41

CAPÍTULO 2:

UM ESTUDO SOBRE AS PEQUENAS FRASES..... 47

2.1 O que são "pequenas frases"?..... 48

2.2 Como irrompe uma pequena frase? 49

2.3 Como se caracterizam as pequenas frases?..... 52

2.3.1 As características linguísticas e discursivas das pequenas frases..... 52

2.3.2 O alicerce enunciativo do fenômeno: destacabilidade e aforização..... 54

2.3.3 Os determinantes midiáticos: restrição dos formatos, dos gêneros e das narrativas 55

2.3.4 A contribuição da política e da comunicação: agenda de controle, ser visível, criar evento..... 57

2.3.5 As características de um enunciado destacado: figuras da memória e de valor ilocutório..... 57

2.3.6 Os comentários dos atores sociais: a apreciação da pequena frase como instrumento de julgamento moral na política..... 59

2.3.7 As pequenas frases são imprevisíveis 61

2.3.8 As pequenas frases ganham novos contextos: elas circulam..... 62

2.3.9 A pequena frase como panaforização..... 63
2.3.10 Um resumo das características das pequenas frases..... 65
2.4 Ampliação da teoria das pequenas frases: da política para os variados campos discursos..... 66
CAPÍTULO 3:
OUTROS CONCEITOS ENVOLVIDOS COM O ESTUDO DAS PEQUENAS FRASES..... 69
3.1 A heterogeneidade enunciativa..... 69
3.1.1 A imitação..... 71
3.1.2 A derrisão..... 73
3.1.3 A modalização autonímica..... 78
3.2 O *ethos*..... 80
CAPÍTULO 4:
A CIRCULAÇÃO DAS PEQUENAS FRASES NA MÍDIA..... 85
4.1 A noção de percurso..... 85
4.2 Apresentação dos *corpora* de análise..... 90
4.3 Análise das pequenas frases..... 127
4.3.1 A noção de percurso..... 127
4.3.2 As pequenas frases e os enunciados destacados..... 131
4.3.3 Os enquadramentos interpretativos das aforizações..... 143
4.4 A teoria das pequenas frases..... 153
4.5 Os outros conceitos envolvidos com o estudo das pequenas frases..... 162
4.5.1 A heterogeneidade..... 162
4.5.1.1 A heterogeneidade mostrada..... 162
4.5.1.2 A heterogeneidade constitutiva..... 174
4.5.2 As pequenas frases e o *ethos*..... 175
BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 186
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR..... 190

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde tempos imemoriais, é comum encontrarmos circulando nas mais variadas práticas sociais enunciados que apresentam estruturas breves e, em alguns momentos, valem-se de ritmo e rima, como os provérbios, máximas, slogans, fórmulas, dentre outros. Por serem de fácil memorização e circulação, tornam-se prontamente reconhecidos e repetidos por uma coletividade. Algumas vezes, esses enunciados não possuem um contexto, circulando sem a necessidade de serem remetidos a uma origem fundadora. Outras vezes, mesmo que o contexto aponte para uma dada direção de significação, produzem sentidos inesperados.

Recentemente, assistimos ao surgimento de um novo tipo de enunciado de curta extensão que apresenta características comuns aos enunciados curtos tradicionalmente conhecidos e que também apresentam particularidades que não se reconheciam comumente nesse tipo de frase. Estamos falando do que Maingueneau (2011b) e Krieg-Planque (2011), cada um a seu modo, chamam de pequenas frases. Com base nesses autores, é possível dizer que está se tornando uma prática comum a mídia destacar certas frases de seus lugares de origem, fazendo-as circular em diferentes materialidades discursivas presentes em um suporte midiático virtual muito conhecido atualmente: a internet.

Nossa motivação investigativa foi observar que, em um espaço curto de tempo, uma pequena frase circulava tal qual um vírus contagioso, sendo comentada, discutida, divulgada em sites de relacionamentos, jornais, fóruns de debates, dentre outros. A partir disso, inquietamo-nos por explicações para compreender esse fenômeno discursivo.

Como se trata de um fenômeno novo dentro dos estudos do discurso, a presente tese de doutorado tem por objetivo principal estudar as condições de enunciabilidade das pequenas frases, tais como sua formulação, sua circulação, suas transformações bem como suas condições de produção.

Com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva dos estudos recentes de Dominique Maingueneau (2010; 2011b; 2012a) e de Alice Krieg-Planque (2003; 2011), propomo-nos a analisar o estatuto do que pode considerada uma pequena frase e porque assistimos ao seu surgimento e à sua circulação por um tempo tão curto. Procuraremos, para isso, construir um quadro teórico-analítico a partir dos postulados encontrados no dossiê *les "Petites phrases" em politique,* publicado na Revista *Communication & Langages* para analisar algumas pequenas frases as quais circulam

atualmente de forma viral, a fim de saber o que faz esse fenômeno ser um assunto tão comentado na mídia, sobretudo na internet.

Para tanto, perseguiremos alguns caminhos, como a definição das pequenas frases, o levantamento de suas características linguísticas e enunciativas que visam favorecer seu destaque e a investigação do que as diferencia de outros enunciados curtos como os slogans, máximas, provérbios, etc. Além disso, refletiremos sobre o trabalho dos sujeitos e da mídia no destaque dessas frases, isto é, como tais enunciados são destextualizados de seus contextos e cotextos originais e submetidos ao regime discursivo da aforização. Dessa perspectiva, procuraremos compreender em que medida esse trabalho de recorte e inserção em outros diferentes gêneros interfere, direciona a interpretação dessas frases, que de alguma forma, direcionam o leitor a certas interpretações e não a outras.

Assim, para realizar tal tarefa, selecionamos quatro pequenas frases as quais circula(ra)m recentemente em nossa sociedade: "vada a bordo, cazzo", "menos Luiza que está no Canadá", "ai, se eu te pego" e "cala boca Galvão". Em relação à seleção do *corpus* de análise, encontramos os referidos enunciados circulando em diferentes gêneros e textos nos mais diversos meios eletrônicos brasileiros. Tal constatação nos fez elencar três modos de circulação para proceder à análise: as pequenas frases sendo usadas na produção de imitações e criações, como títulos e temas de notícias e como assuntos de sites de relacionamentos e fóruns de debates. A escolha pelas referidas frases também se deu por conta de serem oriundas de campos discursivos diferentes.

Em relação ao conceito de campo discursivo, podemos afirmar que as pequenas frases — e seu processo de irrupção, produção e circulação — só podem ser compreendidas a partir do interdiscurso, isto é, da interação de discursos, isso porque sua " identidade discursiva está construída na relação com o Outro" (MAINGUENEAU, 1997, p. 119-120). Maingueneau (2005) aprofunda a noção de interdiscurso quando propõe três termos complementares, os quais nomeia de universo discursivo, campo discursivo e espaços discursivo. Segundo o autor, "chamaremos de 'universo discursivo' ao conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada" (MAINGUENEAU, 2005, p. 35). Por campo discursivo, Maingueneau compreende que é "um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo." (IDEM, p. 35). Para o teórico francês, o discurso é constituído no interior de um campo discursivo e que, pela tradição, recebeu nomes como o discurso religioso, o discurso político, literário, etc. Dentro de um campo discursivo, o estudioso revela

que há os espaços discursivos: “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação.” (IBIDEM, p. 37). Nesse sentido, vemos que o espaço discursivo deve ser compreendido como um subconjunto do campo discursivo. Um espaço discursivo relaciona no mínino duas formações discursivas; essa relação é importante para compreender um discurso dado. Para o autor, quem faz essa relação é o analista, que, dependendo dos objetivos, relaciona esses subconjuntos de FDs da forma como julgar necessário.

As pequenas frases que elegemos para esse trabalho circula(ra)m em diferentes espaços discursivos, conforme define Maingueneau (2005). Nestes espaços interagem/confrontram-se discursos de diferentes gêneros, criando, no nosso entendimento, o que Maingueneau (2005) chama de campo discursivo. Esse processo ocorre independentemente de seus suportes ou canais de comunicação. Nesta pesquisa, iremos colocar em relação discursos os quais advém de diferentes campos discursivos: o esportivo, o publicitário, o artístico e o cotidiano. O universo de um discurso estabelece espaços discursivos distintos, que dialogam com outros gêneros e universos discursivos, cujos sentidos são determinados, por um conjunto de forças que atuam nos contextos, situações, ambientes, enfim, espaços e condições onde os processos de circulação das pequenas frases acontecem. Assim, podemos dizer que no campo discursivo esportivo, por exemplo, temos diferentes espaços discursivos em que a pequena frase analisada figurou, gerando diferentes sentidos.

Dentro de um espaço discursivo haverá a ligação de pelo menos dois discursos, estes estarão dentro de um campo discursivo, que por sua vez fará parte de um universo discurso, o qual se compõe possivelmente de todos os textos que circulam na sociedade. Em nossa pesquisa será possível ver alguns campos discursivos, como o publicitário, o artístico, o esportivo. Dentro desses campos, visualizaremos a relação de espaços discursivos que basicamente colocaram o discurso original da pequena frase em confluência com outros discursos.

No tocante à metodologia de trabalho, podemos dizer que ela foi se construindo ao longo do nosso trabalho, na medida em que os estudos em torno das pequenas frases foram se realizando. Assim, notamos que teríamos que nos pautar no referencial teórico de Dominique Maingueneau sobre a dimensão enunciativa dos enunciados curtos, não sendo possível a compreensão das pequenas frases sem antes refletir sobre conceitos como: destacamento enunciativo, aforização, hiperenunciador, sobreasseveração e particitação. Observarmos também que era preciso estudar o que autores como Dominique Maingueneau, Alice Krieg-

Planque e Caroline Ollivier-Yaniv estavam produzindo sobre as pequenas frases no contexto midiático francês atual. Tal estudo nos permitiu construir um quadro teórico-analítico das pequenas frases.

Outros conceitos como a heterogeneidade e o *ethos* também se apresentaram pertinentes no estudo das pequenas frases e nós refletimos como tais noções nos forneceriam base para explicar o fenômeno.

Para a efetivação de nossa pesquisa, organizamos nossos trabalhos em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado "A enunciação aforizante e os enunciados destacados" refletimos sobre a destacabilidade dos enunciados. Segundo os estudos recentes de Dominique Maingueneau, os enunciados que se destacam permitem pensar em duas ordens de destacabilidade: os enunciados que são destacados por natureza, isto é, não emergem de um texto ou contexto particular, como é o caso dos slogans e provérbios; e os enunciados que são extraídos de um texto ou contexto, em que o fragmento passa a circular, obedecendo à lógica da citação. Esse processo discursivo se dá a partir da noção de destacabilidade dos enunciados e outros fenômenos envolvidos, como a particitação, a hiperenunciação, a sobreasseveração e a aforização.

No segundo capítulo, "Um estudo sobre as pequenas frases", realizamos uma reflexão do dossiê *les "Petites phrases" em politique,* publicado inicialmente na *Revista Communication & Langages*, para tratar das pequenas frases. Com base nesse estudo, procuramos construir um quadro teórico-analítico com a finalidade de analisarmos as pequenas frases eleitas para a análise.

No terceiro capítulo, "Outros conceitos envolvidos com o estudo das pequenas frases", procuramos tratar de algumas noções que se apresentaram pertinentes também no tratamento das pequenas frases, como a heterogeneidade e o *ethos*. Escolhemos falar da heterogeneidade enunciativa, porque percebemos ser uma marca importante no funcionamento das pequenas frases que circulam na mídia. Ademais, observarmos que as enunciações em que as frases eram inseridas construíam diferentes *ethes,* fenômeno que merecia ser analisado.

No último capítulo, "A circulação das pequenas frases na mídia", analisamos as pequenas frases circulando na mídia eletrônica brasileira, procurando refletir sobre a produção de sentidos do referido fenômeno e suas condições de produção, circulação e transformação.

Para concluir o percurso empreendido nesta tese, são apresentadas algumas considerações finais, em que os objetivos que guiaram esta pesquisa são retomados, discutidos e retificados.

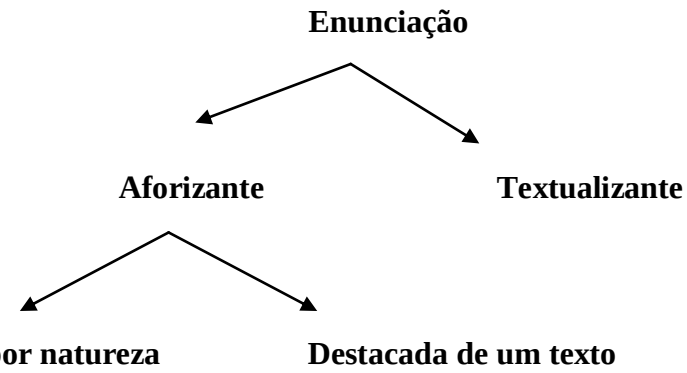
CAPÍTULO 1

A ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE E OS ENUNCIADOS DESTACADOS

Neste capítulo introdutório de nossa pesquisa, refletiremos sobre o programa de pesquisa, denominado por Dominique Maingueneau de "enunciação aforizante". Tal programa se constitui um dos alicerces teórico-metodológicos de nossa pesquisa. As pesquisas atuais do estudioso Dominique Maingueneau (2008; 2010; 2011a; 2012a) concentram-se na compreensão da circulação de textos em nossa sociedade: a forma como circulam (inteiros, em fragmentos, em pequenas frases), se sofrem alterações e de que natureza são essas modificações, se recebem um destaque diferente no texto, sua localização de circulação (como títulos, no final ou início do parágrafo,etc.). Essa inquietação atual do referido autor levou-o a postular conceitos sobre o funcionamento discursivo dos enunciados destacados que se apresentam em diferentes contextos e gêneros, como slogans, máximas, provérbios, títulos, pequenas frases, dentre outros.

Maingueneau assevera que é possível pensar os enunciados curtos a partir de duas divisões, segundo a forma como foram destacados: há um tipo de destacamento constitutivo dos enunciados, os quais são destacados por natureza, independentemente de um contexto particular. É como se esses enunciados emergissem fora de um texto. Os provérbios e slogans são exemplos desse destacamento constitutivo. Há também o destacamento que resulta de uma extração: um fragmento é retirado de um texto particular e circula em diferentes contextos, obedecendo à lógica da citação. Temos como exemplo desse fenômeno as pequenas frases que almejamos analisar neste trabalho.

Essa divisão feita pelo estudioso evidencia um estatuto específico para os enunciados destacados, os quais recebem o nome de enunciação aforizante. Esse estatuto foi resumido no esquema a seguir, em que Maingueneau esquematiza as duas ordens discursivas para os enunciados destacados:



Quadro 1. Esquema das duas ordens enunciativas propostas para os enunciados destacados por Maingueneau (2010)

A partir desse esquema, Maingueneau expõe que há dois tipos de ordens de enunciável: a aforizante e a textualizante. A nós, interessa a enunciação aforizante, uma vez que ela abarca o funcionamento discursivo das pequenas frases, fenômeno que nos propomos a analisar. A seguir, faremos a exposição desses dois tipos de ordens enunciativas propostas pelo autor, detalhando suas características, com o intuito de compreender como tais conceitos são pertinentes para o tratamento analítico das pequenas frases.

1.1 A enunciação aforizante e a enunciação textualizante

Ao refletir sobre a destacabilidade dos enunciados, Maingueneau propõe a noção de enunciação aforizante. Segundo Maingueneau (2007 *apud* Motta, 2009)[1], há enunciados que estão à parte do contexto que lhe deu origem. Assim, para o estudioso, o conceito de aforização descreve o funcionamento dos enunciados destacados, designando:

> o regime enunciativo específico dos chamados 'enunciados destacados' (...), enunciados curtos, na forma oral ou escrita, representados, em geral, por uma única frase, que são retirados de seu contexto original (MAINGUENEAU, 2007, p. 155 *apud* MOTTA, 2009, p. 70).

Nesse sentido, a aforização seria uma forma de citação de enunciados autônomos, que não estão inseridos em um gênero do discurso ou contexto particular, mas que podem figurar

[1] MAINGUENEAU. Dominique. "L'enonciation aphorisante". In: CHRISTÓFARO SILVA, T.; MELLO, H. R. **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística.** Belo Horizonte, Editora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

nesses lugares, uma vez que não dependem de um contexto específico para funcionar discursivamente. É o que Maingueneau (2011a) chama de "frases sem textos":

> Essas frases são de tipos bastante diversos: slogan, máximas, provérbios, título de artigo na imprensa, citações célebres etc. Elas se dividem naturalmente em duas classes, conforme se trate de 1) frases que, de maneira constitutiva, existem fora de qualquer texto: provérbios, *slogans*, divisas...2) ou frases que são destacada de um texto: é a caso da lógica da citação. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 41-2)

Como vimos, o termo "destacado" pode comportar dois sentidos, havendo, portanto, dois tipos de destacamento: pode-se fazer referência aos enunciados que se separaram ou pretendem se separar completamente do seu contexto original (isso ocorre, por exemplo, com os slogans, os provérbios, que são, por natureza, independentes de um contexto particular); e os enunciados que foram destacados de um determinado texto, ação que se assemelha à lógica da citação, isto é, o resultado da extração de um fragmento de um texto. Maingueneau (2010) revela que esses enunciados não surgem isoladamente, mas estão inseridos em textos que derivam de gêneros[2].

Em relação à aforização, Maingueneau (2007 *apud* Motta, 2009) diz haver uma tensão entre a enunciação aforizante e o texto que recebe esse enunciado destacado. Sobre o assunto, Miqueletti (2011) revela que a enunciação aforizante "não se confunde com os demais enunciados que pertencem ao texto. A aforização implica que determinada sequência textual funcione ilocutoriamente como um enunciado absoluto." (MIQUELETTI, 2011, p. 71). Para Maingueneau (2007 *apud* Motta, 2009) nem todas as citações são aforizações, já que precisam ter algumas características, como ser breves, tal qual ocorre com os pensamentos, fórmulas, máximas.

No tocante à enunciação textualizante, Maingueneau (2010) explica que todo gênero do discurso define dois papéis especificados pelas restrições que a cena genérica impõe: o papel de produtor e o papel de receptor do que foi dito. Desse modo, na enunciação textualizante nos relacionamos com facetas, "aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada." (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Por outro lado, explica o autor, na enunciação aforizante não há essas posições correlativas,

[2] Dominique Maingueneau (2011a) defende que a ideia central da problemática da aforização é a de que as "frases sem texto" não prescidem de textos e de gêneros para circular ou que as primeiras sejam completamente indepedentes dos segundos. Para Maingueneau, o essencial é que as "frases sem texto" se inscrevem numa ordem discursiva distinta da qual se inscrevem os textos e os gêneros.

> "mas uma instância que fala a uma espécie de "auditório universal" (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, "ele mesmo", de alguma forma. Fundamentalmente monologal, a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor." (MAINGUENEAU, 2010, p. 13)

Vemos que não há negociação do sentido na enunciação aforizante, uma vez que o enunciado aparece como uma sabedoria universal, produzida alhures, interdiscursivamente. A enunciação aforizante aparece em sua plenitude, sem estabelecer papéis, como diz o autor, ela é fundamentalmente monologal, tendo como centro a enunciação do locutor. Além disso, Maingueneau (2010) chama a atenção para o fato de que há ações que se buscam com o texto, como argumentar, narrar, responder, perguntar, maldizer, isto é, há os jogos da linguagem presentes na enunciação textualizante. E isso estabelece planos enunciativos:

> Os textos tendem a estratificar planos enunciativos: diferentes figuras do enunciador (por exemplo a autocorreção, a concessão...), diferentes *status* polifônicos (citações...), diferentes planos de texto (primeiro plano, plano de fundo...), enunciados embreados e desembreados...(MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Na enunciação aforizante tais processos não ocorrem, uma vez que ela está aquém de qualquer jogo de linguagem, não havendo a possibilidade de dar respostas, argumentação, já que o enunciado aforizado aparece como uma afirmação soberana, uma tese, um dito, em que não há mudanças de planos enunciativos, e sim uma homogeneidade. Para o autor, a aforização escapa ao fluxo da comunicação, sendo pura fala e não se desdobra em um quadro em que temos um receptor e um produtor. Assim,

> através da aforização, é possível ao locutor vir para o lado de cá, ou ir para o de lá, da diversidade infinita das interações imediata, dos gêneros de discurso e dos textos. O "aforizador" assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia sua verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma concepção vaga de existência. (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Segundo Maingueneau (2010), a aforização implica um locutor que se apresenta como um Sujeito de pleno direito, isto é, alguém que se coloca como responsável pelos valores que está afirmando, um sujeito no sentido jurídico e moral que ultrapassa os locutores e alocutários empíricos, que funcionam apenas como seus destinatários. Ele deve ser visto como um sujeito pleno, que escapa à relatividade dos contextos. Em relação ao exposto Baronas (2012) revela que:

> Este, no entanto, é, para Maingueneau, o ponto central do problema, "o aforizador não é um locutor, o suporte da enunciação, mas uma conseqüência do destacamento", isto é, não se trata apenas de outra instância enunciativa, distinta tanto da do locutor/alocutário quanto da do enunciador/enunciatário, mas uma instância "supraenunciativa" em contato com uma Fonte Transcendente. Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador. (BARONAS, 2012, p. 3-4)

Na verdade, há uma destextualização das aforizações, explica o estudioso, que faz com que o sentido venha acompanhado por uma opacidade que exige um trabalho de interpretação de quem a lê. Analisando desse mirante, o enunciado destacado leva o leitor e realizar interpretações que se apresentam como incontestáveis.

Se, por um lado, Maingueneau revela que as enunciações aforizantes são frases sem textos, por outro lado, ele chama a atenção para o fato de que o regime de enunciação aforizante entra em tensão com o fato de que não existe enunciado que esteja fora de um texto. Por conta disso, o pesquisador pontua que:

> Somos, pois, obrigados a admitir que há uma assimetria essencial entre os dois regimes de enunciação, aforizante e textualizante: a enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do discurso, mas ela é inevitavelmente proferida em um texto. O que se deve, então, levar em conta é apenas a *pretensão* vinculada à aforização, a de ser uma fala absoluta, sem contexto, mas convocada em um texto que, por natureza, não é absoluto. (MAINGUENEAU, 2010, p. 17-18)

Maingueneau afirma que há uma relação tensa entre a aforização e o texto que a acolhe. O autor irá discutir esse ponto, restringindo-se a aforizações que não são autônomas por natureza, isto é, aquelas que não são sentenciosas, como ocorrem com os provérbios, por exemplo, para discutir as aforizações integradas no decorrer de um texto. Para tanto, o linguista traz os tipos de aforizações integradas no decorrer do texto, as quais apresentaremos a seguir:

a) Aforizantes por natureza: estão relacionadas com "as citações dadas como retomadas de um enunciado previamente aforizado." (MAINGUENEAU, 2010, p. 18). O autor elenca como exemplo um excerto em que o enunciado destacado já havia recebido um destaque antes e foi retomado no fragmento que segue:

> "Em 1974, François Mitterand se deixou "derrotar" por Valéry Giscard d'Estaing e por sua célebre réplica "O senhor não tem o monopólio do coração" (*20 minutes*, 2 de maio de 2007, p. 7) (MAINGUENEAU, 2010, p. 18)

b) Aforização de citações que não retomam aforizações prévias: está relacionada com a lógica do discurso direto, entre aspas e/ou itálico: "A aforização decorre efetivamente de uma lógica de discurso direto." (IDEM, p.18). Segundo o estudioso, o discurso indireto também pode ocorrer (eu disse que...), como no exemplo:

> "Jean-Marie Le Pen, presidente do Front Nacional, suscitou uma forte manifestação e ficou sujeito às ameaças das ações judiciais quando qualificou de novo as câmaras de gás como "detalhe da história da Segunda Guerra Mundial", em uma entrevista à revista "Bretons" publicada sexta-feira.
> O Ministério Público anunciou que estuda a possibilidade de processar o ex-candidato à presidência.
> "Eu disse que as câmaras de gás foram um detalhe da história da Segunda Guerra Mundial: isso me parece claramente evidente", declara o senhor Le Pen na revista mensal de variedades, difundida na Bretanha e na região parisiense. (AFP – 25 de abril de 2008).

Segundo Maingueneau, no trecho anterior, o presidente Le Pen citou, em discurso indireto, uma aforização que já havia sido destacada anteriormente na mídia que era a frase: "As câmaras de gás são um detalhe na história da Segunda Guerra Mundial." De acordo com Maingueneau (2010), se observarmos como o fragmento citado em discurso direto se insere no fio do texto, é possível verificarmos diversas estratégias de integração, dentro os quais o autor cita:

> "(...) em contextos apropriados, diversos fatores intervêm para reforçar, ou, ao contrário, enfraquecer, ou até mesmo bloquear o caráter aforizante de um enunciado:
> - **TEXTUAIS:**

AFORIZAÇÃO FORTE: a citação coincide com uma aforização já validada;

> AFORIZAÇÃO FRACA: há autonomia relativa da citação: ausência de conectores, pontuação forte, separação do resto da citação (caso da incisa), justaposição de aforizações, de maneira a não criar seqüencialidade...;
> - **LEXICAIS:** significado do verbo introdutor;
> - **MODAIS:** distância ilocutória entre enunciado e enunciação, são colocados no mesmo plano o locutor citante e o locutor citado, hierarquia dos pontos de vista;
> - **ASPECTUAIS**: o caráter genérico do enunciado dessingulariza a enunciação citada e favorece a aforização;
> - **SINTÁTICOS**: saliência do enunciado por criação de simetria, de quiasma...;
> - S**EMÂNTICOS**: saliência do enunciado graças a um tropo (metáfora, paradoxo...), que tem um duplo efeito de condensação e de desencadeamento de uma atividade hermenêutica." (MAINGUENEAU, 2010, p. 23)

Maingueneau (2010) chama a atenção para o fato de que as enunciações aforizantes e textualizantes não são duas possibilidades para os locutores, em que eles escolhem se querem enunciar usando uma ou outra. Para o autor, toda aforização faz interferência em uma textualização, fazendo aparecer a existência de outro locutor: o citador. Na visão do linguista, a aforização faz aparecer outro regime enunciativo em que vislumbramos a presença de sujeitos de pleno direito, e não apenas a presença de locutores e enunciadores e também: "(...) a expressão de uma interioridade e não somente uma negociação no interior de uma rede de normas e de interações situadas (MAINGUENEAU, 2010, p. 24)." Nessa perspectiva, a enunciação aforizante instaura uma cena da enunciação cujos personagens principais situam-se em planos diferentes, já que a instância responsável pela enunciação fala de um lugar autorizado por uma Fonte Transcendente.

Além disso, outro ponto importante que Maingueneu (2010) levanta diz respeito a compreensão da enunciação aforizante e sua relação com a memória discursiva. Para o autor francês, a enunciação aforizante "implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o "memorável": enunciando e mostrando o que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). Já a enunciação textualizante: "resiste à apropriação por uma memória. É preciso ser ator ou bardo profissional para memorizar textos inteiros." (IDEM, p. 14). Desse modo, no entendimento do francês:

> a aforização atribui um novo estatuto à citação. Não se trata mais de representar, mas de apresentar, de tornar presente, de fazer ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, de tornar enigmático um enunciado que manifesta e esconde tudo ao mesmo tempo, que apela para a interpretação (MAINGUENEAU, 2008, p. 92).

Maingueneau (2011a) chama a atenção para outra questão que tem a ver com a enunciação aforizante:

> A comparação entre os enunciados assim destacados e sua contrapartida nos textos dos quais são excertos mostra que, na maior parte dos casos, o enunciado destacado sofre alteração no curso de seu destacamento. Essa alteração pode ser relevante mesmo quando se trata de um destacamento "fraco", isto é, quando o texto-fonte está logo ao lado: é a caso, em particular, do olho nos artigos da mídia impressa. Tais divergências são mais notáveis no destacamento fraco, pois o leitor tem como comparar o enunciado destacado com o texto de partida. Tudo se passa como se existisse uma zona de tolerância, como se comumentemente se considerasse normal que o enunciado destacado e sua fonte sejam divergentes. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 42)

O pesquisador exemplifica essa questão com o título de uma notícia extraída da mídia francesa: "Meu voto irá para aquele que for mais persuasivo". De acordo com o estudioso, o texto que vem logo abaixo de tal título é bastante diferente: "Meu voto irá para aquele que for o mais persuasivo, que me parece o mais motivado para mudar as coisas na França (2 de maio de 2008, p. 7)" (MAINGUENEAU, 2010, p. 12). Com base nesse fragmento, é possível observar que houve uma alteração do sentido original. Para Maingueneau (2010), essa alteração pode trazer maiores consequências, como chegar a uma substituição do locutor. O estudioso chama a atenção para o fato de que tais alterações, oriundas do destacamento fraco, são fáceis de ser notadas pelo leitor, que poderá comparar a manchete ao texto fonte. Na visão do autor: "Tudo se passa como se existisse uma zona de tolerância, como se fosse normal que os dois enunciados divirjam, na medida em que eles obedecem a lógicas distintas." (MAINGUENEAU, 2010, p. 12).

Após a discussão desses dois tipos de enunciação, Maingueneau subdivide a enunciação aforizante em dois grupos: os enunciados destacados por natureza e o enunciados destacados de um texto. É o que veremos nos itens seguintes.

1.2 Os enunciados destacados por natureza

No presente item, realizaremos um estudo sobre os enunciados de curta extensão que são destacados por natureza, isto é, aqueles enunciados que emergem fora de um contexto particular. Como analisaremos pequenas frases que circulam em nossa sociedade, ponderamos que é importante a compreensão da irrupção desses enunciados curtos e que são considerados por Maingueneau como enunciados constitutivamente destacados. Maingueneau (2008, p. 75) revela que na sociedade circula um grande número de enunciados curtos "cujo significante e

cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados." Nesse sentido, vemos que a prática de condensar ideias em poucas palavras é algo tão antigo quanto comum, por isso a importância de estudarmos os provérbios, máximas, dentre outros casos, a fim de que esses exemplos possam nos auxiliar no entendimento das pequenas frases, já que podem ser considerados os pioneiros na prática de condensar ideias em enunciados curtos. É especificamente nesse ponto que esse item contribuirá com o desenvolvimento da presente tese.

1.2.1 Os provérbios

Ao estudarmos o funcionamento discursivo dos provérbios, notamos que eles estão muito ligados à cultura de um povo. Os provérbios não são apenas enunciados de curta extensão, desprovidos de vínculo com o Thesaurus Cultural de uma determinada comunidade, eles condensam um conhecimento comum de um determinado grupo social. Com base em Figueiredo (2003), é possível afirmar que os provérbios abrangem as tradições, os costumes, as crenças e as manifestações culturais e artísticas de um determinado grupo. A referida autora nomeia os provérbios enquanto *fonte sintética de sabedoria popular*, uma vez que com poucas palavras, tais enunciados conseguem portar uma grande ideia, um ensinamento, uma moral. Assim, os provérbios são considerados frases que transmitem conhecimentos sobre os mais variados assuntos e podem norteiar a vida ética e moral dos sujeitos. Ademais, podem ser considerados democráticos, já que mesmo as pessoas mais simples os empregam no seu dia a dia, nas mais variadas situações.

Além dessas particularidades, pontua Figueiredo (2003), faz parte da característica do provérbio utilizar comparações para transmitir ensinamentos. A autora usa o exemplo: "Cão que ladra não morde", a qual por meio dessa metáfora mostra que um dos sentidos, que podem ser inferidos, pode ser o de que a pessoa que fala muito, faz pouco ou nada. Além de breves e concisos, tendem a assumir formas métricas, recorrendo a rimas, assonâncias e aliterações. Esse recurso é usado para facilitar a memorização, como o exemplo trazido pela autora: "por fora bela viola; por dentro, pão bolorento." Sobre o assunto, Ernst-Pereira (2004, p. 182-3) revela que

> (...) o provérbio possui propriedades formais específicas que o distinguem de outros enunciados lingüísticos, tais como: rima interna, aliterações,

> assonâncias ou padrões rítmicos recorrentes, estruturação sintática peculiar (frases elípticas, inversão na ordem padronizada dos constituintes de frase e construções paralelísticas), estrutura rítmica binária, ausência de determinantes ou antecedentes, predomínio de determinados tempos e modos verbais, marcadamente o presente do indicativo e o imperativo; extralingüísticos, porque pertence a um estoque de enunciados reconhecidos como tais pelos usuários de uma língua.

Maingueneau (2001), ao caracterizar os provérbios, revela que as propriedades linguísticas desse tipo de enunciado permitem que eles sejam identificados e facilmente memorizados. E por que os provérbios precisam ser memorizados? Eles devem ser lembrados porque carregam consigo ensinamentos inquestionáveis de modo a construir estereótipos culturais que devem ser repetidos, como uma herança cultural, que passa de pai para filho. Tais estereótipos atuam na vida dos sujeitos, já que transmitem saberes os quais não causam dúvidas, isto é, os provérbios são heranças culturais inquestionáveis. Nessa direção, Ernst-Pereira (2004, p. 186) evoca a afirmação de Gouvard (1996)[3] que:

> (...) alerta para o fato de que o provérbio remete a um saber estereotipado sobre situações humanas que, por si mesmas, são típicas. Daí ser possível possuir sobre elas um saber. Tais situações típicas e o saber sobre elas constituem um universo conhecido e partilhado pelos interlocutores.

Assim, vemos que esse saber veiculado pelos provérbios relaciona-se com estereótipos, ideias mais ou menos fixas em nossa sociedade, que se encaixam em situações genéricas. Os provérbios não se referem aos fatos específicos, embora possam ser usados como tais, mas dado o seu caráter constitutivamente generalizante, situações particulares não os caracterizam.

Para funcionar, o provérbio não precisa estar integrado a outros enunciados; ele, por si só, pode constituir um discurso considerado auto-suficiente de significado, uma vez que são autônomos. Maingueneau (2001, p. 170) revela que do ponto de vista da embreagem enunciativa, o provérbio é não embreado: "trata-se de generalizações que não se ancoram numa situação de enunciação particular e cuja fonte enunciativa é apagada. Portanto, o provérbio não pode se referir a indivíduos ou a eventos únicos". A partir dessas considerações, podemos pontuar que o provérbio é genérico, isto é, encaixa-se em diferentes situações. No entanto, Maingueneau (2001) alerta para o fato de que o provérbio serve-se de apoio para o enunciador mensurar, tentar expressar uma situação particular, cabendo ao co-

[3] GOUVARD, J.-M Les formes proverbiales. *Langue Française*, 110, 1996, p.49-63

enunciador estabelecer a relação que há entre o provérbio e a situação em que ele está sendo usado.

Motta (2009) também realiza uma discussão sobre os provérbios, ao trazer o estudo da paremiologia, que é o estudo das parêmias. De acordo com a autora, o estudo da paremiologia tem sido muito explorado pelos linguistas, sendo algo que tem chamado a atenção de muitos estudiosos, como é o caso da publicação do número 139 da revista francesa *Langages*, organizado por Jean-Claude Anscombre, que se debruça sobre a enunciação proverbial. Segundo Motta (2009), essa discussão é pertinente por conta das características desses enunciados: são curtos, genéricos e apresentam uma noção de sujeito, tempo e espaço que não estão ligadas a algum evento específico, mas se apresentam de forma genérica, sendo atemporais. Ademais, é preciso dizer que os provérbios, embora imemoriais, apresentam-se como inaugurais em cada enunciação.

Os estudos das parêmias estão ligados aos provérbios, já que são também um tipo de frase genérica e que veiculam estereótipos da doxa social, revela Motta (2009). De acordo com a autora, tradicionalmente os provérbios são usados como citação, já os enunciados parêmicos ultrapassam o uso como citação. Desse modo, fora de uma citação, o provérbio adquire o mesmo estatuto de uma palavra no dicionário. Sobre o assunto, Motta (2009) assevera que já na apresentação da revista francesa *Langages*, Anscombre argumenta que os provérbios fazem parte da língua enquanto um sistema, não sendo apenas a manifestação de algum tipo de folclore marginal. Os provérbios, para o Anscombre (2000 *apud* Motta, 2009) é um sub-sistema da língua. O autor defende a existência da estrutura proverbial, em que o falante tem competência linguística para reconhecer essa estrutura.

Anscombre (2000 *apud* Motta, 2009) revela que o assunto tem atraído a atenção dos linguistas para o problema a partir da visão da gramática tradicional. Nos estudos da antiguidade clássica, as gramáticas gregas consideravam que as frases monoproposicionais eram tidas como completas se fossem constituídas por nome e verbo. A frase que não se enquadrasse nessa estrutura era tida como incompleta. Motta (2009) afirma que os provérbios apresentam muitas frases nominais que seriam analisadas dentro da gramática tradicional como sendo de estrutura incompleta. Além disso, havia certo desprezo para com os provérbios, sendo considerados como vulgares, comuns, típicos da linguagem oral, populares; o oposto da linguagem escrita, que seria complexa, culta, a típica expressão dos pensamentos mais elevados. Desse modo,

> Essas características sempre associaram o provérbio a um traço popular e falado, afetivo, portanto, marginal ao esquema tradicional da frase vista como estrutura lógica, reprodução do pensamento formal e do raciocínio. Daí a associação dos provérbios às demais categorias marginais, sem lugar na estrutura principal da língua, como as onomatopéias, as frases exclamativas, etc. Alguns dos diferentes nomes para as unidades parêmicas evocam esse caráter de estar apartado do fluxo comum da língua, como aforisma, anexim, exemplo ou refrão." (MOTTA, 2009, p. 17)

Os provérbios são marcados como exteriores ao fluxo da língua. No entanto, pelo que constata Motta (2009), essas frases, que pela gramática tradicional são consideradas de forma incompleta (não seguem a estrutura sujeito-predicado), mostram que seguem uma regularidade linguística e discursiva. Em outras palavras, a ideia defendida pelas gramáticas clássicas é contestável. Prova disso é o interesse que o tema já despertou em outros autores. É o caso do linguista Émile Benveniste. Segundo Motta (2009), o autor tem um artigo intitulado "A frase nominal", no qual revela que,

> não há nada na frase nominal que possa conduzir a que seja tomada como carente de verbo. "É tão completa quanto qualquer outro enunciado verbal" (p. 172), pois tem as duas funções verbais (coesiva e assertiva) recaindo em um elemento de classe nominal. Tal particularidade não é um "defeito" ou incompletude deste tipo de frase, e lhe confere a característica de ser necessariamente não marcada em termos de tempo, modo, aspecto, etc. "A asserção terá esse caráter próprio de ser intemporal, impessoal, não modal, em suma, de ter seu objeto resumido apenas ao seu conteúdo semântico" (p. 173), isto é, será uma frase genérica. (MOTTA, 2009, p. 18)

Para Emile Benveniste, não é porque a estrutura do provérbio não possuia marcas em termos de tempo verbal, como modo, tempo e aspecto, ela seria atemporal, impessoal e não modal, portanto deveria ser vista como incompleta. Para o estudioso, tal estrutura funciona como uma frase genérica.

Motta (2009), para contestar a visão da gramática tradicional, também traz o que asseveram Ilari e Geraldi (1991). Os referidos autores usam como exemplos frases como "é o fim da picada", "assim não dá", dentre outras, para mostrar que elas exprimem o pensamento completo, mesmo não se enquadrando na estrutura clássica das frases com sujeito-predicado. Os autores questionam essa conceituação, mostrando que não é apenas a estrutura sujeito-predicado que dá conta de uma expressão do pensamento completo. Para os referidos estudiosos "esses contra-exemplos não são suficientes para abandonarmos a estrutura sujeito-predicado como estruturante na língua, mas que devemos vê-la "como um *estereótipo*, um

molde" e não "uma *definição* de oração (ILARI E GERALDI, 1991, p. 9 *apud* MOTTA, 2009, p. 18)."

Motta (2009), com base em que diz Anscombre (2000), mostra como a discussão que a gramática tradicional desenvolve contribui para a visão de que o provérbio tem uma estrutura que é separada da língua, sendo uma estrutura gramatical arcaica, resquício de uma verdade popular que perdura. Sobre essa discussão, ponderamos ser interessante acrescentar o que revela Maingueneau (2011a, p. 41),

> Em matéria de expressão cristalizada, os provérbios ocupam uma posição singular. Não só porque constituem frases, com verbo ("À noite todos os gatos são pardos") ou não (Tal pai, tal filho), mas também porque são as únicas sequências cristalizadas que fazem parte da língua, que relevam da competência linguística, como atestam os numerosos dicionários de língua que contêm listas de provérbios.

Motta (2009) irá caracterizá-lo ainda a partir de suas particularidades enunciativas. Evocamos aqui duas dessas características: o provérbio enquanto frases genéricas e autônomas. Analisar os provérbios enquanto frase genérica é vê-los enquanto frases que se aplicam a situações gerais, isto é, que não possuem os elementos dêiticos especificados e que não se evidencia a que se referem. Dessa perspectiva, "como frases genéricas, os provérbios autorizam inferências sobre situações encontradas que se "encaixem" no quadro genérico enunciado por cada provérbio" (MOTTA, 2009, p. 22). Motta (2009) cita também o que diz Kleiber (2000). Para esse autor, os provérbios, enquanto frases genéricas, referem-se a assuntos habituais que fazem menção aos seres humanos. O que vai dar sentido a essa frase genérica é o contexto enunciativo em que ela está inserida. Para Motta (2009), quando um provérbio é enunciado isoladamente, entendemos o seu sentido, mas o sentido que deseja projetar só é conseguido quando o provérbio está inserido em uma situação discursiva específica. Assim, de acordo com a estudiosa, uma das características dos provérbios, apesar da sua pretensão ao destacamento, é sempre estar inserido em textos maiores. Isso não significa que não tenham autonomia, eles têm uma relativa autonomia com os textos que o recebem, diz a autora, só que "essa autonomia é sintática, por se constituírem como frases genéricas – isto é, sem dêiticos que as liguem à situação imediata ou sujeitos identificados – e também de sentido (MOTTA, 2009, p. 38-9)". Ademais, essa autonomia é garantida também pela relação umbilical que o provérbio mantém com a história, fazendo parte do Thesaurus Cultural de uma comunidade.

Motta (2009) faz menção também ao que diz Anscombre (2000) sobre a autonomia dos provérbios. Para o referido autor, o provérbio é uma enunciação que não requer enunciações anteriores ou posteriores, sendo uma enunciação auto-suficiente. Além disso,

> a autonomia do provérbio frente ao lugar que ocupa no texto em que aparece também é evocada por Anscombre, que diz que o provérbio pode ser inserido em praticamente todos os lugares sintáticos de uma frase, desde que não viole algumas regras fundamentais. (MOTTA, 2009, p. 41)

1.2.2 Os slogans

O segundo caso de enunciados destacados por natureza diz respeito aos slogans, prática que, embora muito antiga, é comum atualmente, sobretudo na política e na publicidade. Para apresentarmos o conceito, recorreremos a vários autores. Iniciaremos nossa reflexão, procurando depreender a origem dessa prática discursiva. Encontramos respaldo em Quaranta e Rigolim (2001, p. 58), os quais informam que:

> O termo SLOGAN vem do gaélico, língua do povo celta, a significa "grito de guerra "slugh-ghairm". Por volta do século XIV, os ingleses adotam o termo para transformá-lo, no século XIX, em divisa de partido e, a seguir, em palavra de ordem eleitoral. Os americanos deram ao termo o sentido de divisa comercial, e é com esse sentido publicitário que a palavra chegou à França, por volta de 1927, adquirindo, depois, sentido político. Assim, foi usado por pregoeiros ambulantes, nas legendas e nas insígnias, até se identificar com anúncios de jornais, revistas e outdoors.

Quaranta e Rigolim (2001), ao conceituarem o termo, afirmam que o slogan é uma fórmula curta, resumida, de fácil memorização e incisiva que busca agir no alocutário. Segundo as autoras é uma comunicação unilateral, não havendo trocas de papéis. Ademais, tal prática condensa algo, sejam as características de um produto, sejam as ideologias de um partido político. De acordo com as referidas estudiosas, o que caracteriza o slogan é sua natureza linguística breve, sendo que sua força reside tanto na forma quanto no sentido, tendo a finalidade de chamar a atenção, persuadir os sujeitos, não sobre si mesmo, mas sobre o objetivo que possui. Para as autoras:

> Costuma-se atribuir ao slogan algumas funções básicas, como fazer aderir, prender a atenção e resumir. A função básica é sempre a de "fazer vender" um produto, não comportando apenas uma indicação, um conselho, mas uma certa pressão; as palavras não desempenham só a função de informar ou prescrever, mas, principalmente, de convencer, mandar fazer. Seja qual for sua função aparente, a real não está no seu sentido, mas no impacto; não está

> no que ele quer dizer, mas no que ele quer fazer. (QUARANTA E RIGOLIM, 2001, p. 59-60)

Maingueneau (2001), ao discorrer sobre o tema, analisa que os slogans compartilham algumas características dos provérbios: "Fórmula curta, destinada a ser repetida por um número ilimitado de locutores, que joga também com rimas, simetrias silábicas, sintáticas ou lexicais (...) (MAINGUENEAU, 2001, p. 171). Para o autor, o provérbio e o slogan são uma espécie de citação sem a fonte expressa, já que supõe-se que o co-enunciador conheça a sua origem. De acordo com o estudioso francês, embora os provérbios e os slogans compartilhem características, eles possuem diferenças: o provérbio é interpretável fora de qualquer contexto específico, já o slogan está ancorado em uma situação de enunciação. Além disso, o slogan pode conter embreantes e nomes próprios, sendo inseparáveis de contextos particulares, isto é, eles precisam de uma situação de enunciação particular para que o referente possa ser identificado. O teórico francês pontua que o slogan possui um valor pragmático: "o slogan está associado sobretudo à sugestão e se destina, acima de tudo, a fixar na memória dos consumidores potenciais a associação entre uma marca e um argumento persuasivo para a compra." (MAINGUENEAU, 2001, p. 171). Ademais, o slogan "sofre a influência direta das transformações da mídia." (IDEM, p. 172.)

Maingueneau (2001) chama a atenção para o fato de os slogans terem incorporado a imagem à sua aparição. Para o autor, quando o mundo não era tão visual, o slogan era só verbal. Ele era difundido pelas rádios e tinha a função de condensar o essencial que a mensagem publicitária veiculava, caracterizando-se pela estrutura breve, rimas e o jogo de palavras. Já na contemporaneidade, aos slogans incorporou-se a imagem, sendo um discurso com múltiplas dimensões, não podendo ser transformado em uma fórmula autônoma. Segundo o analista do discurso, "todo slogan aspira a ter a autoridade de um provérbio, a ser universalmente conhecido e aceito pelo conjunto dos falantes de uma língua, de maneira a ser utilizado em qualquer circunstância." (MAINGUENEAU, 2001, p. 173). Para isso, esses enunciados utilizam as estratégias dos provérbios: usam grupos nominais e tempos verbais genéricos, recorrem a função poética da linguagem, como usar rimas, uma prosódia pregnante. Desse modo:

> o objetivo de todo slogan é passar de estatuto de "eu-verdade" (a verdade de uma firma, de um partido etc) ao de "ON-verdade" (uma verdade estável, universalmente conhecida, garantida por um enunciador de autoridade incontestável, que coincide com a própria comunidade linguística). Por pouco que as mídias cheguem a impor o slogan, a ficção que o funda torna-

> se realidade: pseudoprovérbio, ele acabará gerando efetivamente uma infinidade de ecos. (MAINGUENEAU, 2010, p. 178)

Vemos que, embora o slogan possua os componentes linguísticos e retóricos presentes nos provérbios, como a estrutura métrica e rítmica, ele não consegue a tão almejada autonomia por conta de suas particularidades, como ser pragmático e se apresentar como uma verdade incontestável. Sobre essa discussão, Salgado (2011, p. 152) ao analisar slogans sobre a importância da leitura, lembra que,

> Ainda que caiba discutir as dessemelhanças entre slogans e provérbios, por exemplo, é notório que também os slogans são enunciados por uma voz que está para além de qualquer indivíduo e, ao mesmo tempo, ao serem enunciados, acolhem os indivíduos numa dada comunidade, conferindo-lhes uma identidade. Isso se dá justamente porque sua enunciação reitera valores e quadros socialmente estabelecidos, historicamente estabelecidos, ainda que muitas vezes pretendam promover o "novo" – no caso, o hábito de ler, posto como algo que tem, indiscutivelmente, de ser estimulado, incentivado, fomentado...(...)

Como vimos, o slogan tem suas particularidades: é um enunciado curto, de fácil memorização, de natureza breve e com o objetivo de chamar a atenção dos sujeitos para seu conteúdo. Ademais, aspira à autonomia que encontramos nos provérbios, isto é, ser lembrado sem precisar remeter a sua origem fundadora. Para tanto, os slogans utilizam os mesmos procedimentos dos provérbios em termos de estrutura rítmica e outros aspectos formais com a pretensão de se fixar na memória tal qual fazem os provérbios. No entanto, não é fácil chegar a esse estatuto, já que, ao contrário dos provérbios, os slogans se referem a fatos particulares. Resumidamente afirmamos que enquanto os primeiros têm um caráter generalizante, os segundos têm um caráter individualizante.

1.2.3 As máximas

As máximas são enunciados curtos que podem ser considerados como destacadas por natureza, uma vez que é condição para a sua existência ser produzida para ser lembrada, desse modo, fadada ao destaque como revela Maingueneau (2008). Segundo o autor, a produção de máximas era um fenômeno muito frequente no teatro clássico francês do século XVII. Para o autor francês, a literatura clássica sempre buscou produzir enunciados destacáveis. Como exemplo, o teórico evoca o livro CID de Corneille, em que é possível encontrarmos máximas heróicas como "Para quem vinga seu pai, não há nada impossível" ou "A coragem não espera

a idade". De acordo com o estudioso, enunciados como esses são "asserções generalizantes que enunciam um sentido completo; são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis (MAINGUENEAU, 2008, p. 77)".

Maingueneau (2008) assevera que, para uma máxima se apresentar como destacável de um texto, ela deve combinar duas características aparentemente paradoxais: a) devem ser percebidas como inéditas; b) devem ser percebidas como imemoriais. Nisso podemos ver que, o personagem do teatro, por exemplo, produz algo inédito que aparentemente não será percebido como memorável, isto é, algo que nunca foi dito e que não será lembrado. Para o referido autor, é aí que se encontra o jogo: o personagem acaba produzindo algo memorável, digno de ser lembrado: "um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato. É porque é digno de ser antigo que pode aspirar a um estatuto 'monumental' (MAINGUENEAU, 2008, p. 77).". Segundo o estudioso, esse enunciado funcionará como um eco ininterrupto, algo que será retomado inúmeras vezes.

Além das duas características citadas, para Maingueneau (2008) deve haver uma relação entre o heroísmo e a sentença e também um *ethos* adequado, enfático que seja conveniente. Ao falar a frase associada a um gestual articulatório e corporal, o herói adere ao que está sendo dito. Assim, o próprio sujeito que diz adere à frase e também pretende conseguir a adesão de todos.

1.2.4 As fórmulas discursivas

O conceito de fórmula discursiva no âmbito dos estudos da Análise do Discurso foi engendrado por autores como Krieg-Planque (2010) e Maingueneau (2008). Maingueneau (2008), ao discorrer sobre esse conceito, explica que se trata de enunciados curtos que são facilmente memorizados e reutilizáveis, podendo circular de forma relativamente restrita — como é caso de uma disciplina acadêmica, por exemplo — e de forma ampla, quando são reconhecidos por grande número de locutores os quais distribuem-se em diferentes espaços sociais. O estudioso francês assevera que a fórmula pode apresentar dois tipos de funcionamento distintos: há aquelas que operam de maneira autônoma e aquelas que são citadas a fim de marcar um posicionamento singular, opondo-se a outros posicionamentos. A fórmula autônoma é capaz de ser interpretada, segundo o linguista, em seu sentido imediato, sem que os interlocutores necessitem ser conhecedores do tipo de discurso que deu origem a ela. A título de exemplificação, o referido autor traz o enunciado retirado da *Arte poética* de

Boileau (1674): “o que se concebe bem se enuncia claramente”. Para Maingueneau (2008), tal fórmula é utilizada em diferentes circunstâncias sem, necessariamente, precisar ser identificada a sua gênese. É o que acontece, por exemplo, com a frase “Há algo de podre no reino da dinamarca”, cuja autoria é de Shakespeare, no entanto, dada a ampla circulação desse enunciado, ele é atribuído à sabedoria das nações.

Os enunciados que funcionam como fórmula, muitas vezes, explica Maingueneau (2008), apresentam-se destacáveis no texto que lhe deu origem, isto é, possuem uma pré-disposição para tornarem-se fórmulas. Ao discorrer sobre as fórmulas filosóficas, o estudioso revela que a Filosofia produz textos que possuem enunciados podendo ser imediatamente destacados, funcionando como espécies de *slogans*, cuja função é servir de regra de vida ou dar auxílio à meditação. Nesse sentido, tais enunciados são postos como “chaves” no texto em que são inseridos e, muitas vezes, condensam um dogma ou uma prática e têm a pretensão de sair dos textos dos quais foram proferidos já com tal *status*. Estar em destaque implica gerar diferentes interpretações, direcionar o olhar do sujeito para diferentes lugares. Dessa perspectiva,

> Não basta constatar que determinados enunciados, que funcionam como fórmulas, foram destacados de um texto. Esse trabalho de destaque não se aplica a qualquer material verbal; numerosas fórmulas — de fato, a maior parte delas — correspondem a enunciados que, em seu texto de origem, se apresentavam como destacáveis. (MAINGUENEAU, 2008, p. 76)

A noção de fórmula já serviu de base para o desenvolvimento de trabalhos de outros estudiosos em domínios de estudos distintos dos discursivos, como Jean-Pierre Faye que versou acerca da fórmula “Estado total”; Pierre Fiala e Marianne Ebel, que desenvolveram pesquisas sobre as fórmulas “influência e superpopulação estrangeiras” e “xenofobia”. No âmbito do discurso temos Alice Krieg-Planque, que analisou a fórmula “purificação étnica”. Para a referida autora: “por *fórmula*, designamos um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir.” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.9).

Maingueneau (2008) constata que os enunciados destacáveis têm proliferado de forma especial na mídia, visto que os meios de comunicação social favorecem que enunciados tornem-se fórmulas, graças ao seu poder de circulação.

Uma sequência que se torna uma fórmula precisa ser falada, retomada, transformada para figurar como tal. Além disso, há a questão de que tal sintagma não possui o mesmo

significado para todos os sujeitos, dependendo, então, do contexto em que está inserido, do domínio de memória de que faz parte. Diante disso, a fórmula é marcadamente heterogênea, já que possui um funcionamento polêmico, ou seja, como essa fórmula se caracteriza, se opera como um referente social, em quais formações discursivas circula, que opinião desperta mostrando, assim, que é heterogênea.

Essa heterogeneidade também poderá ser vista na própria fórmula, uma vez que "desliza" para outros enunciados. Além disso, há outros discursos que podem ser considerados semanticamente relacionados a esse sintagma, fazendo com que ele circule e tome o *status* de fórmula. Segundo Schepens (2009, p. 7), afirmar que as fórmulas circulam "é dizer que as pessoas falam delas, que seus lugares de surgimento se diversificam, que elas se tornam um objeto partilhado do debate." Para o autor, nesse movimento discursivo, aparecem proliferações lexicais da fórmula que atestam sua circulação.

Krieg-Planque (2010), ao estudar a fórmula discursiva, revela que seu propósito é captar um instante da longa duração que segue o uso das palavras. Para a autora, esse trabalho consiste na análise de um momento da "vida da palavra". Trata-se de estudar os momentos, na história dos discursos, em que essas palavras entraram em conjunção para formar uma fórmula.

Krieg-Planque (2010) pondera que não é qualquer termo que pode ser considerado uma fórmula. Segundo a autora, as fórmulas possuem propriedades específicas que determinam seu caráter formulaico, a saber: a) ter caráter de cristalização; b) ter caráter discursivo; c) ter caráter de referente social; d) ter caráter polêmico. Se essas quatro propriedades se aplicarem a um sintagma, a uma palavra, a uma pequena frase que circula em diferentes campos (político, midiático, etc) podemos afirmar que estamos diante de uma fórmula.

Em face dessas quatro condições, o analista tem um percurso analítico a realizar: saber se o sintagma escolhido é amparado por um significante que tenha uma relativa estabilidade, isto é, se ele é estável. Isto possibilita que seja feito um trabalho de seguir os rastros de sua forma, afirma Krieg-Planque (2010). A cristalização do sintagma atesta a existência de uma fórmula. É pela cristalização que a fórmula adquire caráter ativo e ao mesmo tempo estável.

Além disso, segundo a autora, é preciso observar se a sequência em análise está posta em relevo no cenário social. Para tanto, deve-se fazer um levantamento discursivo, cujo objetivo é verificar a recorrência do sintagma ou termos que apontem para ele, para se atestar

a sua circulação. Para a referida autora, dizer que a fórmula circula, é dizer que as pessoas falam dela, comentam-na, que seus lugares de aparição se multiplicam.

A fórmula também deve funcionar como um referente social. Desse modo, ela envia ao sujeito o que supostamente ele já conhece ou pressupõe-se que ele já saiba. A esse respeito, a estudiosa defende que: "A fórmula, como referente social, é um signo que evoca alguma coisa para todos ao mesmo tempo. Ela é conhecida por designar alguma coisa. A fórmula refere: ela reenvia ao mundo." (Krieg-Planque, 2010, p. 98). A partir dessa perspectiva, é imperante também averiguar de que modo a fórmula que se está analisando funciona como um referente social para os sujeitos, isto é, como eles tomam essa suposta fórmula para si e a elegem como guia para suas atitudes, discursos, modo de pensar, de agir, de ver o mundo.

Por fim, a fórmula deve carregar um caráter polêmico. O fato de ela ser um referente social não garante que todos a aceitem passivamente. Segundo a autora, a fórmula deve funcionar como um objeto conflituoso. É por isso que muitas vezes *slogans*, trechos célebres, explica a estudiosa, por mais cristalizados e circulantes que sejam, não são fórmulas, uma vez que não circulam como objetos de debate. As fórmulas não simplesmente testemunham os fatos que estão ocorrendo como algum assunto, mas polemizam, põem em cenário, evidenciam uma história de conflitos, sendo assim objetos de tensão, de polêmicas. Nisso vemos que há um processo de aceitabilidade das fórmulas. A circulação de um sintagma tem como função tornar algo aceitável, porque ela circula promovendo conflitos e embates.

1.3 Os enunciados destacados de um texto

O presente item versará sobre a ação de destacar enunciados e os fenômenos que tal ação envolve. Tal noção foi desenvolvida por Dominique Maingueneau em seus livros recentes (2006a; 2007; 2010; 2011 e 2012) e nos dará uma visão mais completa de como se dá a ação de destacar enunciados de textos particulares e fazê-los circular em diferentes contextos e gêneros.

O primeiro fenômeno a ser abordado será a destacabilidade. Trata-se do que faz um enunciado ocupar um lugar de destaque no texto ou ter formas linguísticas que o ajudem a aparecer como destacável e paradoxalmente aspirar a estar fora do texto. Veremos que a posição no texto (título, intertítulo, estar na última frase) e a construção linguística (ter uma estrutura pregnante, ser metafórico, ter rimas) produzem enunciados mais suscetíveis de serem destacados.

Em seguida, falaremos sobre a lógica da sobreasseveração, isto é, o que faz um enunciado ser destacado de seu fundo textual, tendo como auxílio alguns mecanismos linguísticos e semióticos. Num primeiro momento, poderíamos pensar que quem faz a sobreasseveração, é o sobreasseverador; ele é o sujeito que irá realizar a ação de destacar. Todavia, o sobreasseverador é uma instância discursiva que está para além e aquém do locutor empírico do enunciado. Trata-se de uma perspectiva discursiva que irrompe no próprio ato de destaque do enunciado. Veremos que os profissionais da mídia realizam muito essa ação, favorecendo a destacabilidade de frases.

Por último, falaremos sobre a noção de hiperenunciador e o sistema de particitação. A noção de particitação corresponde aos enunciados sem autores, os quais circulam em diferentes contextos como frases genéricas, não havendo a presença de um sujeito fonte do dizer, mas um Thesaurus Cultural. Tais enunciados devem ser curtos, memorizáveis e autônomos. Esse funcionamento pode ser visto, por exemplo, nos provérbios. Como levam consigo pontos de vistas diferentes, surge a figura do hiperenunciador para conjugar o ponto de vista do enunciado destacado com a enunciação que ele está sendo inserido. A noção de particitação vem para dar conta da citação de enunciados sem a menção de seus autores, porque o locutor acredita que a comunidade compartilhe daquilo que está se fazendo memória.

1.3.1 A destacabilidade

Neste primeiro item, trataremos sobre o fato de alguns enunciados aparecerem como destacáveis em seu texto de origem e adquirem autonomia para figurar separadamente de sua fonte.

Para tratar desse assunto, nos embasaremos em Dominique Maingueneau. O autor analisa alguns tipos de enunciados curtos que circulam socialmente em grande número: “cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75)”. O estudioso chama a atenção para o fato de que não é suficiente constatar que determinados enunciados foram destacados de um texto, é preciso ir além: é necessário averiguar que em seu texto de origem, os enunciados já se apresentavam como destacáveis, isto é, suscetíveis ao destaque. A partir disso, vemos que a destacabilidade diz respeito ao fato de existir enunciados que circulam separados de seus

textos de origem e isso ocorre devido às características formais e de sentido que tais enunciados tinham em seus contextos originais. Esses enunciados podem apresentar, por exemplo, uma estrutura pregnante, serem genéricos (capacidade de ser reutilizáveis em variados contextos), serem metafóricos, memorizáveis, dentre outras características que ajudam alguns enunciados a serem fadados ao destaque (MAINGUENEAU, 2008). O teórico francês revela que a extração do enunciado destacado não ocorre ao acaso; há enunciados que são destacáveis por ocupar um lugar privilegiado, como estar nas últimas linhas do texto. Para exemplificar a destacabilidade, o estudioso traz as máximas heróicas. Segundo Maingueneau (2008), é um primeiro caso de enunciados que aspiram à destacabilidade. As máximas foram muito frequentes no teatro clássico francês no século XVII. Neste contexto, as máximas se apresentavam como inéditas, curtas, bem estruturadas, impressionavam e se apresentavam como facilmente memoráveis e reutilizáveis. Com efeito, para o autor, tais características contribuíram para ser produzido algo digno de ser consagrado:

> Autoposicionada, inatingível tanto em seu significante quanto em seu significado, memorável, a máxima está fadada a se destacar de seu ambiente textual para levar uma vida autônoma, preservada da decomposição, do esquecimento. Ela pode ser gravada em pedra, em bronze, passar de um texto a outro. (MAINGUENEAU, 2008, p. 79)

O estudioso menciona outro exemplo: a fórmula filosófica, que são enunciados passíveis de serem destacados de textos filosóficos. De acordo com o linguista, há procedimentos para que uma frase se torne um enunciado destacável: fazer da frase um título ou intertítulo, destinar-lhe uma posição relevante, como figurar no início ou no fim do texto, atribuir-lhe um valor genérico, por uma estrutura pregnante de seu significante e ou de seu significado, como o uso de metáforas, simetria. Tais ações favorecem a destacabilidade. Motta (2009, p. 120) ao falar sobre o assunto, pontua que:

> A destacabilidade é um conceito capaz de abarcar tanto fenômenos típicos da heterogeneidade enunciativa, como a citação, quanto a enunciação proverbial (em sua forma cristalizada ou em suas paródias). E também põe em relevo um funcionamento enunciativo: as diversas formas com que um texto destaca alguns enunciados, o que possibilita uma análise não restrita ao que já é historicamente destacado.

Após tratar desses dois exemplos que comprovam a existência de enunciados que estão fadados ao destaque, Maingueneau (2008) nos revela que o fenômeno da destacabilidade é algo mais amplo, e que casos como a máxima heróica e a fórmula filosófica

são apenas a ponta do iceberg, uma vez que há algo bem mais profundo. Ele irá mostrar isso por meio do conceito de sobreasseveração, conceito que englobaria todas as situações em que um enunciado se destaca em um texto.

1.3.2 A sobreasseveração e o seu correlato, o sobreasseverador

Segundo Maingueneau (2008), a sobreasseveração é o trabalho do sobreasseverador: aquele que realiza a ação de dar relevo a um determinado fragmento do texto. Um enunciado será construído, de modo que seja relativamente breve, que tenha uma estrutura pregnante, seja no plano do significado, seja no plano do significante, para que seja favorecido de uma possível retomada, sendo durável, repetível. Nesse sentido, o enunciado aparece em posição de destaque no texto, de modo a condensar ideias. Além disso, "implica um tipo de 'amplificação' da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado (MAINGUENEAU, 2008, p. 82)."

O pesquisador francês constata que a sobreasseveração tem proliferado de forma especial na mídia. Para o autor, o ato do trabalho com a citação está inscrito no próprio trabalho da máquina midiática, uma vez que os profissionais da mídia dedicam boa parte de seu tempo promovendo destaques nos fragmentos dos textos para transformá-los em citações que poderão ser usados em títulos, legendas de fotos, dentre outros. Em outras palavras, tornou-se uma rotina colocar enunciados em posições textuais escolhidas, muito comumente estar ao final do texto, como estratégia para que favoreça a destacabilidade e sua possível retomada e circulação. De acordo com o estudioso: "é como se os profissionais das mídias (produtores ou consultores em comunicação) indicassem discretamente os fragmentos que desejam ver retomados (MAINGUENEAU, 2008, p. 83)."

O funcionamento das mídias favorece que as frases sejam formatadas para se tornarem slogans. O jornalista, por exemplo, tem condições de transformar qualquer sequência de um texto em um slogan, realizando a manipulação adequada. Quem proferiu o dito — o que Maingueneau (2008) chama de locutor-origem — se encontra na posição de sobreasseverador de enunciados que não foram formulados como enunciados destacáveis no texto. Para o autor,

> Produz-se, assim, um desacordo essencial entre o locutor efetivo e esse mesmo locutor considerado como sobreasseverador de um enunciado que foi destacado pela máquina midiática: esse sobreasseverador é produzido pelo próprio trabalho da citação (MAINGUENEAU, 2008, p. 84).

Ademais, "(...) a sobreasseveração não pode ser remetida a uma intenção." (IDEM, p.84). Ela faz parte do trabalho jornalístico, o qual explora esse fenômeno.

Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, o enunciado que é retirado do seu texto original e inserido em outro contexto, pode receber um novo sentido. Desse modo, nem sempre os enunciados destacados retomam fielmente o que foi dito no co-texto de origem. Esse processo se dá em consequência do trabalho midiático, o qual realiza manipulações adequadas aos propósitos estabelecidos. E isso não é somente ação da imprensa popular, revela o autor, jornais que são tidos como referenciais, de opinião segura, também fazem essa manipulação. Há cortes nos enunciados, sendo marcados somente aqueles necessários para atingir os propósitos de quem destacou o que foi dito. Somado a isso, coloca-se um *ethos* adequado e temos outros efeitos de sentidos produzidos.

O analista do discurso francês diz que algumas distinções são necessárias de serem feitas: a diferença entre enunciados destacáveis x enunciados destacados e a distinção entre enunciados destacados autonomizados x não-autonomizados.

Os enunciados destacáveis referem-se aos enunciados que, ao receberem uma marcação apropriada (ter um estrutura pregnante, estar no final do parágrafo, receber um conector reformulativo, etc.), apresentam-se como um potencial de ser destacado, isto é, podem ser destacados. Os enunciados destacados, explica o estudioso, não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis, isto é, podem ser destacados de um fragmento que não recebeu uma marcação apropriada para ser destacável.

A segunda distinção que o autor propõe, diz respeito aos enunciados destacados autonomizados e os não-autonomizados. Para Maingueneau (2008), essa diferença leva a outra distinção: a sobreasseveração forte, que corresponde aos enunciados autonomizados (enunciados dissociados do texto que lhe deu origem). E há também a sobreasseveração fraca, que corresponde aos enunciados não-autonomizados (enunciados que estão mais próximos do texto que lhe deu origem). Para o autor,

> Os enunciados não-autonomizados mantêm um elo com um texto de origem. Esse é particularmente o caso de todos os fenômenos de colocação de título, em que o enunciado sobreasseverado se encontra, de alguma forma, integrado no corpo do artigo. Vimos que isso não implicava uma grande fidelidade; bem ao contrário. Isso apenas confirma os resultados dos trabalhos recentes sobre o discurso direto, que acentuam seu caráter de simulação e a intervenção constante do locutor que cita. (MAINGUENEAU, 2008 p. 88)

Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que, além das distinções descritas acima, há ainda o tipo de sobreasseveração que não foi modulada, de certa forma, pelo próprio locutor do texto. Em outras palavras, há alguns fenômenos do caso em que a sobreasseveração não pode ser atribuída ao locutor do enunciado. Expliquemos esse caso com a ajuda de um exemplo dado pelo próprio autor francês. Em uma entrevista, o entrevistado chamado Olivier diz: "se, algum dia, a coisa não estiver bem entre nós, não vamos esconder." Esse é o enunciado encontrado no texto de origem, sendo Olivier o único locutor desse enunciado. Essa entrevista foi divulgada com o seguinte título: "Se a coisa não for bem entre nós, vamos contar para vocês". Nesse exemplo, é possível notar que o que foi dito, pouco tem a ver com a frase que foi sobreasserida. A conclusão que o estudioso chega é que um enunciado convertido em sobreasseveração não tem o mesmo autor:

> De qualquer forma somos obrigados a distinguir entre uma sobreasseveração pretendida (no sentido de uma pretensão pragmática implicada pela enunciação) e uma sobreasseveração derivada. A primeira seria uma pretensão ligada à enunciação, que marca enunciados como destacáveis; a segunda resultaria apenas no destaque, ela seria seu correlato. A convergência entre as duas formas de sobreasseveração varia segundo a grande diversidade das práticas discursivas e não poderia jamais ser objeto de consenso. O ponto de dificuldade são particularmente as sobreasserções "derivadas", que não seriam "pretendidas.". (MAINGUENEAU, 2008 p. 90)

Maingueneau (2008) chega à conclusão de que a sobreasseveração diz respeito às situações em que o enunciador não apenas diz, mas ele "mostra que diz o que diz, e presume-se que o que ele diz condensa uma mensagem forte, induz a uma tomada de posição exemplar" (MAINGUENEAU, 2008, p. 91). Dessa perspectiva, vemos que a sobreasseveração é um conceito amplo que engloba todas as situações em que um enunciado aparece como destacável. Em outras palavras, o enunciado só aparece como destacável ou com tendência ao destacamento, depois do trabalho do sobreasseverador. Assim, as sequências sobreasseridas encontram-se em posições de serem retiradas, destacadas do texto que lhe deu origem. Maingueneau (2010) ainda falando sobre o assunto, revela que a sobreasseveração:

> (...) abre a possibilidade de uma saída do texto, de uma destextualização. No caso da sobreasseveração, uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização, não é possível falar de "citação": trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de

> destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recursos aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (MAINGUENEAU, 2010, p. 11)

O teórico francês deixa claro que uma coisa é o papel do sobreasseverador ao realizar a sobreasseveração; outra coisa, é o enunciado destacado. Para o autor a sobreasseveração e os enunciados destacados possuem um status pragmáticos distintos. Isso porque, a sobreasseveração foi um destaque que o sobreasseverador fez dentro do texto, isto é, de um enunciado que se apresenta destacado em relação aos outros enunciados do texto. Em outras palavras, a sobreasseveração coloca em evidência um enunciado sobre um fundo textual, isto é, o enunciado que recebeu algum tipo de tratamento formal e que ficou mais visível dentro de um texto do que outras sequências. Já o enunciado destacado ocorre dentro de um regime de enunciação diferente: ele já foi destacado anteriormente e passa a figurar de forma destacada dentro de um texto que não é o seu de origem.

1.3.3 O hiperenunciador e o sistema de particitação

O fragmento que circula sem autor é chamado por Maingueneau (2011a) de *particitação*, em que se associa a participação com a citação. Segundo Maingueneau (2008) a particitação é um sistema de citação singular que difere daquela citação prototípica que geralmente conhecemos quando falamos de discurso citado. No discurso citado, geralmente vemos o corte de um fragmento realizado de um texto e que foi inserido em outra situação de comunicação. Nessa ação, mantém-se uma distância entre o discurso citado e o discurso que cita o fragmento. Ademais, a fonte do fragmento citada é explicitada. Já na particitação, "o locutor estabelece um desnível entre si mesmo e uma segunda instância de enunciação que o domina." (MAINGUENEAU, 2011a, p. 43). Para o autor, a particitação mantém uma relação estreita com a aforização, sendo que na maioria das vezes as particitações são aforizações.

Além dessa proximidade com a aforização, Maingueneau trará outras especificidades que caracterizam a particitação. Segundo o estudioso, uma característica da particitação é que o enunciado "citado" é memorizável e autônomo (essa autonomia pode ter sido adquirida por natureza ou pelo destacamento de um texto). Além disso, essa citação deve ser reconhecida sem que haja a indicação da fonte pelo locutor, ou sem que haja a ajuda de um verbo *discendi* ou uma incisa, por exemplo. Em outras palavras, o locutor não deve dizer explicitamente que está realizando uma citação, encenando a voz do outro. Para o autor, o caráter de citação de

um determinado enunciado é marcado somente por um desnível interno à enunciação. Esse desnível pode ser realizado por meio de algum elemento semiótico, gráfico, fonético, paralinguístico, dentre outros. A particitação, no entender de Maingueneau (2008), gera um desnível entre a voz "ordinária" do locutor que cita o enunciado com uma voz extra-ordinária.

A noção de particitação vem para dar conta da citação de enunciados sem a menção de seus autores, porque o locutor acredita que a comunidade compartilhe daquilo que faz parte do Thesaurus Cultural de uma determinada comunidade. Para Maingueneau:

> O enunciado citado é apresentado em seu significante, numa lógica de discurso direto, mas levada ao extremo: não se trata apenas de simular uma enunciação, como frequentemente é o caso do discurso direto, mas de restituir o próprio significante. Essa restituição é evidentemente crucial para que o destinatário identifique a fonte da palavra reportada. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 43)

Em relação a quem cita, Maingueneau (2011a) chama de locutor citante. O locutor citante assume o ponto de vista do enunciado citado, isto é, ele compartilha do ponto de vista que está sendo citado. Para o estudioso, esse enunciado que foi citado sem a necessidade da menção do autor pertence a um *Thesaurus* de enunciados que uma comunidade compartilha. Nesse sentido, há uma partilha desse *Thesaurus,* que circula de forma privilegiada, já que o locutor citante pressupõe que ele e seu alocutário são membros dessa comunidade, portanto, comungam, legitimam e atestam desse *Thesaurus* que está sendo trazido em cena. Para o autor:

> Esse Thesaurus e a comunidade correspondente implicam um hiperenunciador, cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estrito de uma adequação a um estado de coisas no mundo – do que sua validade, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 44)

Na particitação, o enunciado é utilizado no interior de uma enunciação sem dizer que se trata, por exemplo, de um provérbio. O que conta nesse sistema de particitação é menos o fato de ser um provérbio ou slogan, mas sim a mobilização de uma verdade produzida alhures interdiscursivamente, que é socialmente aceita por uma determinada comunidade. A particitação não está no mesmo nível da enunciação, havendo então um desnível entre a enunciação de quem enuncia e uma segunda instância enunciativa que domina esse locutor. Para Maingueneau (2011a) fica a cargo do leitor, perceber que é uma aforização proverbial, já que o locutor está partindo do pressuposto de que o sujeito leitor compartilhe do mesmo

Thesaurus e que pertença a mesma comunidade do enunciador. Assim, não há a necessidade de nomear sua autoridade, uma vez que ela já é conhecida ou supõe-se que se conheça, uma vez que se pertença a mesma comunidade. Para conjugar esse dois níveis de enunciação há a presença do hiperenunciador:

> "O hiperenunciador é, assim, uma instância que, de um lado, garante a unidade e a validade de múltiplos enunciados de um Thesaurus, de outro, confirma o pertencimento dos parceiros da enunciação à comunidade correspondente." (MAINGUENEAU, 2011a, p. 45).

Miqueletti (2011), comentado o assunto, diz que a figura do hiperenunciador é uma entidade validante que organiza os pontos de vistas expressos pelo enunciador/locutor. No nosso entendimento, trata-se de uma espécie de "fiador" que garante a validade da particitação enunciada.

Para exemplificar a questão da particitação e do hiperenunciador, o autor francês mobiliza os provérbios. Primeiro, porque os provérbios de uma comunidade linguística constituem um *Thesaurus*. Esse *Thesaurus* tem um hiperenunciador que geralmente é nomeado como a "sabedoria popular". Para ser mais claro, Maingueneau (2011a) retoma as palavras de Greimas:

> "tem-se a impressão de que o locutor abandona voluntariamente sua voz, tomando outra de empréstimo a fim de proferir um seguimento de fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando" (GREIMAS, 1975, p. 288 *apud* MAINGUENEAU, 2011a, p. 45)

Em segundo lugar, além de evocar um *Thesaurus*, os provérbios também são enunciados generalizantes por excelência, uma vez que eles são aceitos pelo alocutário. Por serem enunciados generalizantes, os provérbios permitem ao enunciador/locutor colocar seus enunciados sob a égide da autoridade de um hiperenunciador. Para melhor explicar essa relação, Maingueneau (2011a) traz o que M. Ali Bouacha pontua:

> "o enunciado generalizante pode se reportar a um conjunto ponderado pondo em jogo três proposições: 1) verdadeiro para todo X: quantificação; 2) sempre verdadeiro: aspectualização; 3) necessariamente verdadeiro: modalização"; além disso, ele é "o lugar do superinvestimento dos sujeitos postos em causa. O que tem duas conseqüências as quais convém distinguir: ele é construído para levar à adesão do outro, ele é enunciado para ser repetido" (BOUACHA, 1993, p. 51-2 *apud* MAINGUENEAU, 2011a, p. 45).

Para o estudioso francês, a possibilidade de o destinatário identificar um provérbio depende de fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que o sentido veiculado não se calcula apenas a partir do sentido de seus constituintes, isto é, o sentido literal que está sendo trazido pelos vocábulos, mas também é preciso compreender em que situações ele pode ser utilizado. Além desses saberes linguísticos e extralinguísticos, ainda há a questão de que os provérbios possuem uma sintaxe arcaizante. Segundo Maingueneau (2011a), esse arcaísmo está ligado diretamente ao estatuto ideológico do provérbio, que se apresenta como um enunciado fechado sobre si, facilmente memorizável e que se dá como palavras de um hiperenunciador, isto é, alguém que detém uma sabedoria imemorial e que constrói a imagem de um mundo estabilizado. Para o referido estudioso, o provérbio seria um tipo neutro de enunciação, independente do conteúdo que está sendo veiculado nele. No entanto, o autor faz uma ressalva ao dizer que não é totalmente neutro, uma vez que o provérbio: "implica um mundo estabilizado, uma ordem imutável em que os homens estão submetidos a restrições inexoráveis, impostas por sua própria natureza e a da sociedade." (MAINGUENEAU, 2010, p. 47).

Se na particitação não há a presença do autor do enunciado citado, isso se deve ao fato de que a particitação é um tipo particular de enunciação em que há um acordo entre as duas instâncias enunciativas. Nesse acordo, se faz dispensável a presença de outras marcas que evidenciem esses dois pontos de vistas. O hiperenunciador é a figura que irá conjugar esses dois pontos de vistas, uma vez que ele é convocado para garantir a unidade e a validade da multiplicidade dos enunciados advindo dos *Thesaurus* que foi inserido em uma enunciação. Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que no caso do discurso direto, por exemplo, há todo um ritual, uma teatralidade em que se percebe uma dimensão mimo-gestual. O particitador também se conforma a regras:

> As práticas de particitação são assim ligadas a *ethos* discursivos característicos que cavam um desnivelamento enunciativo. O locutor, mostrando com isso que ele é apenas o porta-voz contingente de uma Fala vinda não se sabe de onde, passível de ser assumida não importa por qual membro da comunidade. (MAINGUENEAU, 2008, p. 109)

Maingueneau (2008) distingue dois tipos de hiperenunciadores. O critério utilizado para essa distinção é a quem se possa ou não atribuir um ponto de vista. O primeiro tipo é chamado de hiperenunciador individuado. Essa figura pode ser vista, por exemplo, em Deus ou outro tipo de sujeito universal dóxico, como os provérbios, adágios, etc. Nesse caso, é

possível atribuir a esse hiperenunciador a responsabilidade pelos conteúdos proposicionais. Assim: “com um hiperenunciador individuado, a explicitação desses conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada: o que Deus nos quer dizer com isso?” (MAINGUENEAU, 2008, p. 109). O outro se constitui de um hiperenunciador não individuado ou dóxico. Neste caso, explica o autor, trata-se

> mais de uma instância responsável por uma memória do que uma consciência propriamente dita. Certamente, fala-se comumente de "espírito" de um grupo, mas trata-se de um *ethos* mais ou menos especificado, não de conteúdo proposicionais (MAINGUENEAU, 2008, p. 109).

O hiperenunciador não individuado é um tipo de hiperenunciação inominável, diz o autor, aquele que dá suporte ao patrimônio cultural de um povo, mas que não se sabe de quem veio. Isso se insere no caso de um hiperenunciador com instância de enunciações complexas que ainda não foram analisadas:

> Em regra geral, as teorias da enunciação lidam essencialmente com dois tipos de instâncias validantes: individuais e genéricas ou generalizantes (representadas comumente pelo sujeito universal da doxa). Na semântica e na filosofia da linguagem, ao contrário, na linha de pensamento do imemorial debate entre nominalismo e realismo, desenvolvem-se ontologias muito mais sofisticadas: que modo de existência deve-se conferir à entidades como "a França", "o regimento", "os jovens", "a burguesia", "a opinião pública" etc.? Os analistas do discurso, por seu lado, abordam essa questão levando em conta a diversidade das práticas discursivas. (MAINGUENEAU, 2008, p. 110).

Os provérbios fazem parte do que Maingueneau (2008) denomina de particitações sentenciosas, em que o apagamento enunciativo é mais evidente. Dentro desse grupo, o autor também inclui o adágio jurídico. Para o estudioso, tanto o provérbio quanto o adágio têm o enunciado que evoca um hiperenunciador, isto é, outra instância não nomeada, seja a sabedoria popular seja o direito. Essa instância é reconhecia pelos interlocutores, os membros da mesma comunidade de experiência, da mesma tradição. Segundo o autor:

> A diferença é que, em um caso (o provérbio) a comunidade é de ordem natural, no outro (o adágio), ela é de ordem profissional. Que não se confunda esse hiperenunciador dos adágios jurídicos com o "Legislador", que é o hiperenunciador do Direito positivo. Se este último dá sustentação ao *thesaurus* das leis, o primeiro é o responsável por uma experiência coletiva da prática da justiça, ainda que a maioria dos adágios derive de forma mais ou menos direta de textos de lei. (MAINGUENEAU, 2008, p. 98)

Além dos provérbios e do adágio jurídico, o autor traz outras formas de particitações como as fórmulas em sentido geral, em que vemos enunciados curtos e autônomos, possuindo uma relativa estabilidade e que não tem seu autor mencionado. É o caso dos aforismas, frases célebres, citações conhecidas, gritos de guerras, slogans, citações bíblicas, dentre outros que o autor cita para mostrar que na particitação há a inserção de enunciados sem autor e que pertencem a um *Thesaurus* de uma comunidade.

No capítulo seguinte, refletiremos sobre o segundo programa de pesquisa que alicerça teórico-metodologicamente a nossa tese, que seria a teoria das pequenas frases, proposta por Krieg-Planque (2003; 2011) e Maingueneau (2011b).

CAPÍTULO 2

UM ESTUDO SOBRE AS PEQUENAS FRASES

O presente capítulo objetiva aprofundar a teoria sobre as pequenas frases. O estudo das pequenas frases é algo novo, sendo ainda pouco explorado no Brasil[4]. Na França, fonte pioneira, segundo Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), também existem poucos estudos que abordam o tema enquanto objeto de estudo. De acordo com as referidas autoras, há alguns poucos trabalhos sobre esse assunto na bibliografia francesa. Há basicamente o artigo do estudioso Patrick Brasart, publicado em 1994, e um breve texto de David McCallam, publicado em 2000.

Embora, originalmente, o estudo das pequenas frases fosse dedicado ao campo dos discursos políticos, observamos que há outros discursos que precisam ser investigados, os quais também estão mobilizando as pequenas frases. A fonte principal de estudo desse capítulo foi a revista francesa *"Communication et Langages"*, a qual dedicou um dossiê intitulado *Les "petites phrases" em politique,* coordenado por Alice Krieg-Planque e Caroline Ollivier-Yaniv com o objetivo de divulgar o estudo das pequenas frases no campo político. Desse modo, a proposta desse capítulo é refletir sobre a teoria das pequenas frases apresentada na referida revista pelos estudiosos franceses Alice Krieg-Planque, Caroline Ollivier-Yaniv, Dominique Maingueneau, Pierre Leroux e Philippe Riutort. Procuraremos, com o auxílio desses autores, tentar construir um quadro teórico-analítico dessa problemática para melhor analisar as pequenas frases que nos inquietam.

Sabemos que estamos em um campo complexo, já que pouco se disse sobre as pequenas frases. E por que o estudo desse fenômeno ainda é tão pouco explorado? Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) respondem a essa pergunta, dizendo que o tema tem uma relativa novidade tanto na formulação das pequenas frases quanto o fenômeno que essa temática pode designar. Segundo as autoras, o fenômeno começou a se constituir enquanto objeto de reflexão por volta do ano de 1980, a partir das relações entre a comunicação política

[4] No caso do Brasil, esse quadro começa a ser mudado a partir dos trabalhos do FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise). O FEsTA é um grupo de pesquisas vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Com integrantes de várias universidades do país, o grupo, coordenado pelo Prof. Dr. Sírio Possenti, se dedica a investigar textos-fórmulas (tais como provérbios, advinhas, piadas, aforismas, clichês, idiomatismos, slogans) e as suas relações com a exterioridade linguística, isto é, fenômenos sócio-históricos.

e a mídia. Um artigo de David McCallam sobre o assunto analisou os juízos de valor que combinam pequenas frases e que resultavam em uma suposta degradação do discurso político. Outro autor, Patrick Brasart, dedicou-se a ouvir os ecos da política, e buscou investigar como e em que grau seus falantes integram na sua estratégia retórica a redução que sofrerá seu discurso. Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) citam outros autores que também discutiram a questão do destaque de certas frases do discurso político como estratégias políticas.

2.1 O que são "pequenas frases"?

O que são "pequenas frases"? Para Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), o termo "pequenas frases" pode ser usado para designar um conjunto heterogêneo de fenômenos: um fragmento de um discurso que foi utilizado de forma mais ou menos descontextualizada, causando controvérsia, polêmica, tensão pública; pode ser usado em outros casos como frases do dia, da semana, do ano, piadas, declarações, dentre outros, já que para as autoras, a lista não é exaustiva. Ademais, esse recorte de fenômenos heterogêneos está mais ligado ao trabalho do discurso político e com quem trabalha com ele como os profissionais da mídia, os jornalistas, os assessores políticos e os próprios políticos. Nas palavras das autoras,

> "Petites phrases" est une formulation dont on trouve la trace dans le langage courant des acteurs sociaux et dont on peut dire qu'elle est généralement utilisée pour caractériser ce que les medias ou la médiatisation font aux discours des responsables politiques. (KRIEG-PLANQUE E OLLIVIER-YANIV, 2011, p. 17)[5]

Com base nessa definição, observamos que as pequenas frases são encontradas no discurso cotidiano e que são "construídas" pela mídia ao se referirem aos discursos políticos. Por meio do estudo apresentado pelos autores da revista, buscaremos subsídios para compreendermos o fato de as pequenas frases não se restringirem ao campo político apenas. Ampliaremos o estudo da pequena frase, não mais olhando somente para o discurso político, já que observamos sua recorrência em outros discursos. A opção por outros campos que não o

[5] "Pequenas frases" é uma formulação que encontra vestígio na linguagem corrente dos atores sociais e que pode-se dizer que é geralmente utilizada para caracterizar que os meios de comunicação social fazem aos discursos de responsabilidade política.(tradução nossa)

político tem a ver com o fato de que tentaremos expandir as reflexões de Krieg-Planque e outros a dados distintos dos quais esses autores frequentam.

2.2 Como irrompe uma pequena frase?

No nosso entendimento, as pequenas frases fazem parte de uma categoria mais ampla: a aforização. No capítulo 01, foi possível perceber que o enunciado aforizado não obedece a uma lógica do texto nem do gênero do discurso. De acordo com Maingueneau (2011b), as enunciações que são constituídas de uma única frase podem receber diferentes classificações, como slogans, máximas, provérbios, títulos de artigos de jornais, títulos, citações famosas, etc. O autor divide essas frases em duas categorias distintas: aquelas que são, por natureza, independentes de um texto em particular — é o caso, por exemplo, dos provérbios, slogans, etc.— e aquelas que são resultantes da extração de um fragmento de um texto, em que obedece à lógica da citação. As pequenas frases se enquadram nesse segundo grupo. Para o estudioso, essa extração não é feita de maneira indiscriminada: esses fragmentos já se apresentam como destacáveis, isto é, fadados ao destaque. Essa destacabilidade é feita pelo próprio autor da frase, ocupando uma posição que Maingueneau (2011b) denomina de sobreasseverador e/ou aforizador. Conforme também foi visto no capítulo 01, o sobreasseverador e/ou aforizador, ao construir seu enunciado, pode estar contribuindo para que ele esteja fadado ao destaque, podendo ser fragmentado e retextualizado, praticando a sobreasseveração:

> La surassertion est une modulation de l'énonciation qui formate un fragment du texte comme candidat à une dé-textualisation. Cette operation de mise en relief par rapport à l'environnement textual s'effectue à l'aide de marqueurs divers: d'ordre aspectual (généricité), typographique (position saillante dans une unite textuelle), prosodique (insistence), syntaxique (construction d'une forme pregnant), sémantique (recours aux tropes), lexical (utilization de connecteurs de reformulation)… (MAINGUENEAU, 2011b, p. 44)[6]

[6] Sobreasseveração é uma modulação da enunciação que formata os fragmentos de um texto como um candidato para uma retextualização. Esta operação de ênfase do ambiente textual é realizada utilizando vários marcadores: ordem aspectual (genérico), tipográficos (saliente posição em uma unidade textual) e prosódicos (insistência), sintático (construção uma forma pregnante), semântica (uso de alegorias), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (tradução nossa)

Como vimos, essa ação de colocar em relevo um enunciado pode ser feita de várias formas. Abaixo iremos exemplificar e melhor explicar as formas que Maingueneau trouxe para mostrar o trabalho do sobreasseverador para edificar um enunciado destacável:

- Salienta-se a posição do enunciado: ele pode ser colocado no início ou no final do período, recebendo um destaque maior;
- Ação prosódica: faz-se um encadeamento musical, utilizam-se sílabas fortes e fracas, como em um refrão, por exemplo;
- Trabalho sintático: constroem-se frases de fácil memorização, que trabalham com uma forma que impregna o espírito;
- Ação aspectual: o autor pode dar um aspecto diferente, algo que ele escolhe. Essa ação é genérica, como colocar a frase no final do parágrafo;
- Trabalho com a semântica: uso de metáforas, alegorias, etc.
- Trabalho com o léxico: utilização de conectores de reformulação (*isto é, ou seja)* dando um maior destaque ao que é falado.

Com esses recursos semióticos, vemos que a sobreasseveração marca um fragmento, fornecendo a ele um estatuto de destacabilidade, de forma que possa ser deslocado do texto. Isso se aplica às pequenas frases, uma vez que elas assumem tal estatuto a partir do momento em que o sobreassevedor e/ou aforizador as coloca em evidência a partir das ações descritas acima.

Os enunciados, a partir do momento em que são destacados, adquirem um estatuto pragmático específico, pertencendo ao regime da aforização. A partir das reflexões feitas no capítulo 01, elencamos alguns pontos importantes no trabalho da aforização:

- ⇨ O aforizador assume *o ethos* do locutor;
- ⇨ O aforizador afirma a sua verdade, não estando sujeito a negociações;
- ⇨ O locutor deve ser colocado além das limitações específicas do gênero;
- ⇨ O aforizador se apresenta como responsável pelo enunciado, afirmando valores e princípios;
- ⇨ Quem extrai um fragmento do texto para fazer uma aforização assume a posição de locutor aforizador.

Na compreensão acerca do funcionamento das pequenas frases, esse último ponto é essencial. Mais adiante, quando estivermos analisando de fato as pequenas frases, iremos retomar essas afirmações para melhor refletir sobre elas. Por ora, vemos que além de a pequena frase receber um trabalho formal e ser disposta no texto de uma maneira destacável, ela também precisa ser retirada do contexto original e começar a ser usada em outros discursos. Essa fragmentação não é feita de forma aleatória: ela traz consequências ao sentido do enunciado, um *ethos* se engendra para locutor da frase que recebe um estatuto de locutor aforizador.

No caso das pequenas frases advindas do campo político, o trabalho de aforização é feito, pontuam Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), com o auxílio dos jornalistas e dos profissionais da mídia, já que eles podem ser vistos como coprodutores do fenômeno, uma vez que ajudam a difundir e estabilizar essa forma em diferentes momentos. Nesse sentido, o funcionamento das pequenas frases se dá,

> Dans le discours et les pratiques professionnelles des journalistes, les emplois de "petites phrases", témoignent de l'existence de routines consistant à sélectionner et à distinguer un fragment d'um discours, sans que les règles ni les conditions de ce processus em soient explicitées. (KRIEG-PLANQUE E OLLIVIER-YANIV, 2011, p. 17-18)[7]

Com base na afirmação das autoras é possível dizer que as frases podem ser destacadas de acordo com os interesses de quem destaca, isto é, dos jornalistas, dos próprios políticos e seus assessores que distinguem um fragmento de um discurso sem explicitar ou explicar as regras ou condições dessa seleção e postam essas pequenas frases nas mídias.

Krieg-Planque (2011) chama a atenção para a questão de a pequena frase fazer parte dos fatos da comunicação. A autora define comunicação como: "Um ensemble de savoir-faire relatifs à l'anticipation des pratiques de reprise, de transformation et de reformulation des énoncés et de leurs contenus" (KRIEG-PLANQUE, 2006, p. 34 *apud* KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 23-24)[8]. Para a autora, a produção das pequenas frases pode ser considerada como uma competência de política pessoal em suas funções de comunicação. O estudo das pequenas frases, revela a autora, contribui para um projeto maior que visa apreender as práticas dos atores políticos e sociais por intermédio das diferentes formas de coágulos que

[7] No discurso e nas práticas profissionais dos jornalistas, o trabalho das pequenas frases testemunha a existência de rotinas de seleção e distinção de um fragmento de um discurso, sem que as regras ou condições deste processo sejam explicadas. *(*tradução nossa)

[8] Um conjunto de conhecimentos relativos a antecipação de práticas de retomada de transformação e de reformulação dos enunciados e dos seus conteúdos. (tradução nossa)

moldam seus discursos, isto é, essas formas fixas, sólidas que são utilizadas por esses atores sociais, e nisso se inclui o estudo das fórmulas, dos slogans ou dos lugares discursivos.[9]

2.3 Como se caracterizam as pequenas frases?

2.3.1 As características linguísticas e discursivas das pequenas frases

Krieg-Planque (2011) afirma que as pequenas frases apresentam características linguísticas e discursivas, a saber:

a) A composição linguística do termo:

A autora chama a atenção para o fato de que o termo "pequena frase" é um sintagma nominal composto por um adjetivo e um substantivo. Em relação ao adjetivo *pequeno,* Krieg-Planque (2011) procura auxílio na terminologia do trabalho de Josette Rey-Debove, o qual evidencia que tal adjetivo pode ser considerado como um adjetivo polivalente, no sentido de que seu uso pode ser tanto metalinguístico ("palavrinha", isto é, uma palavra pequena) quanto em referência ao mundo ("casinha", isto é, uma casa pequena). Além disso, no contexto que o uso do termo pequena frase é empregado, o adjetivo sempre é colocado antes, não dizemos "frase pequena".

Em relação ao substantivo "frase", a autora revela que:

> Le nom "phrase", quant à lui, est un nom métalinguistique, au sens où est métalinguistique un terme destiné à parler du langage (comme le sont également "adverbe", "mot", ou "grammaticalement") (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 24)[10]

Desse modo, vemos que no entendimento de Planque, o substantivo "frase" está sendo usando no sentido metalinguístico, quer dizer, a língua sendo usada para falar da própria língua.

b) A unidade que forma o todo

Outro fato que a autora diz ser relevante é que o sintagma "pequena frase" aparece como uma unidade lexical, no sentido de que é uma unidade que forma um todo, não se reduzindo à

[9] Krieg-Planque está se referindo a outros estudos que já realizou anteriormente (KRIEG-PLANQUE, 2003, 2008, 2010).

[10] O nome "frase", por sua vez, é um nome metalinguístico no sentido em que o metalinguístico é um termo que destina-se a falar da língua (como são igualmente "advérbio", "palavra" ou "gramaticalmente"). (tradução nossa)

soma de suas partes ou como uma expressão livre que pudesse sofrer alguma mudança, sem que isso afetasse o seu sentido. No emprego aqui utilizado, revela a autora, o termo "pequena frase" se caracteriza por seu valor denominativo e seu sentido locucional; isso quer dizer que o termo pequena frase "est marqué par une certaine stabilité dans sa façon de renvoyer à un référent" (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 25)[11]

A autora propõe que, para o estudo da pequena frase será descartado o uso do sintagma em que ele é tido como uma designação ou em afirmações como "Je lui expliquerai em deux ou trois petites phrases" ou "Je termine juste rapidement par une petite phrase", ou o sintagma "pequena frase" pode ser substituído por "courte phrase" ou por "phrase synthétique"[12]. Vemos, com base nas teorizações de Krieg-Planque, que não é qualquer uso do sintagma que nos interessa, mas o seu sentido composicional, visto como um fenômeno particular, que tem um sentido estabilizado, cristalizado.

c) Não pertencer ao vocabulário científico da linguística

Krieg-Planque (2011) faz menção ao fato de que o termo "pequena frase" não pertence a um léxico científico, isto é, não-especializado a partir da perspectiva da ciência linguística. Desse mirante, o sintagma em questão não é tido como outros termos metalinguísticos usados pelos linguistas como o são: "deverbiais", "univocidade", "clítico", "eufemismo", dentre outros exemplos que a autora cita. Para ela, o sintagma não pertence ao vocabulário do estudioso da linguística, mas sim a outros atores sociais, à língua ordinária, não-especializada. Maingueneau (2011b) corrobora com essa asserção quando diz que a noção de pequena frase é coproduzida por jornalistas, políticos e especialistas em comunicação, não sendo baseada em um conhecimento acadêmico.

d) O discurso apropriado

Para Krieg-Planque (2011), o sintagma "pequena frase" pode ser visto a partir do que Jacqueline Authier-Revuz chama de "discurso outro apropriado". Isto quer dizer que o discurso é apropriado para o objeto de que ele fala. A autora explica que não temos uma metalinguagem específica para o estudo da pequena frase. Assim, para estudarmos o

[11] É marcado por uma certa estabilidade em sua maneira de se referir a um referente. (tradução nossa)
[12] "eu vou explicar em duas ou três frases curtas."/ "acabei de terminar rapidamente por uma pequena frase" / "frase curta" / "frase sintética". (tradução nossa)

fenômeno em questão, é preciso nos concentrarmos em um objeto que denotamos por um termo que é usado entre os próprios falantes. Resta saber, diz a autora, se o termo é adequado, isto é, se é adequado utilizar uma formulação que é um objeto da conversação ordinária. Ela enfatiza que essas constatações são necessárias, já que a definição do conceito ainda está em (re)elaboração, não estando definido. Desse modo, o termo em questão:

> est un syntagme dénominatif métalinguistique non-savant (et plus précisément: relevant du discours autre approprié), qui désigne un énoncé que certains acteurs sociaux rendent remarquable et qui est présenté comme destiné à la reprise et à la circulation. (KRIEG-PLANQUE, 2011, p.26)[13]

2.3.2 O alicerce enunciativo do fenômeno: destacabilidade e aforização

Segundo a autora, o ponto de vista enunciativo não é o único que deve ser adotado para compreender o fenômeno, contudo é ele de suma importância. Para isso, ela irá pensar a "pequena frase" na dimensão enunciativa a partir do referencial teórico-metodológico desenvolvido por Dominique Maingueneau: as propostas de destacamento enunciativo, aforização e sobreasseveração. Em consequência, as "pequenas frases" serão vistas como fragmentos que foram destacados de seus contextos originais e que tinham pré-disponibilidade para isso, seja por sua posição no texto, seja por suas características estilísticas, semióticas.

No entendimento de Krieg-Planque (2011), as pequenas frases sofrem a ação de destacabilidade e de aforização. A autora reconhece que esses conceitos ultrapassam a "pequena frase", sendo usados em outros casos. Para a estudiosa, o fenômeno de criação e circulação de enunciados sintéticos e sua colocação em relevo não é algo inédito, não sendo também algo específico da esfera política. A autora lembra acerca da existência dos provérbios, máximas, aforismos, formas breves, os quais são exemplos que mostram um caráter de produzir a destacabilidade em diferentes campos discursivos.

No entendimento da estudiosa francesa, em relação a esses exemplos mostrados de sobreasseveração, a especificidade da pequena frase está na maneira de sua construção pelos atores sociais: as pequenas frases são co-produzidas pelos meios de comunicação (isso não significa só o jornalista, mas pelos profissionais da mídia em si, enquanto um dispositivo de

[13] É um sintagma denominativo metalinguístico não-científico (do ponto de vista da linguística, mais precisamente: tomado do discurso outro apropriado), que designa um enunciado que alguns atores sociais tornam notáveis e que é apresentado para a retomada e circulação. (tradução nossa)

midiatização) e pela política. Isso deve ser comparado com outros tipos de práticas de produção e recuperação de enunciados destacados.

2.3.3 Os determinantes midiáticos: restrição dos formatos, dos gêneros e das narrativas

De acordo com Krieg-Planque (2011), a denominação "pequenas frases" aparece no período de 1970-1980, época em que aconteceram mudanças significativas no cenário dos meios de comunicação social francês. Somado a essa paisagem, está um significativo aumento de profissionais do jornalismo bem como um aumento dos profissionais em comunicação política. As pequenas frases possuem uma relação muito estreita com a política. Para Krieg-Planque (2011), a existência das pequenas frases foi engendrada pelos determinantes midiáticos, desse modo, foram impostas estruturas de expressão por meio de gêneros, de formatos, tipos de criação na narrativa, dentre outros os quais são favoráveis para a criação das pequenas frases de três maneiras:

a) Fragmentação do espaço e da abreviatura de unidades de conteúdo

De acordo com Krieg-Planque (2011), historiadores da mídia vêm observando que há uma progressiva fragmentação do espaço e uma forte tendência a redução do volume das unidades de conteúdo. A evolução traz cada vez mais uma área fragmentada, cortada, impondo formatos mais curtos de artigos e o aumento de elementos paratextuais, como títulos, sub-títulos, frases, palavras-chave, dentre outros que mostram que os artigos mais curtos facilitam a criação de enunciados destacáveis, sendo portanto a fragmentação uma tendência.

b) Evento, categorização, rubrica

No entendimento da teórica francesa, um segundo aspecto está relacionado ao imperativo da eventualidade e da narração específica do universo midiático. A autora está chamando a atenção para o fato de que as pequenas frases constroem eventos que falam: "Dans certains cas, la parole est construite en événement de type "petite phrase" parce qu'elle fait l'objet d'une qualification explicite sous ce terme." (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 30)[14]. A autora cita exemplos do uso das pequenas frases como uma categoria do jornalismo, em que temos frases do tipo "Une petite phrase a marqué cette rencontre...", "On se souvient de cette petite

[14] Em alguns casos, a fala é construída em um evento do tipo "pequena frase" , porque é o objeto de uma qualificação explícita sob este termo. (tradução nossa)

phrase d'Alain Juppé..." (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 30)[15]. Esse tipo de declaração permite ao jornalista completar seu trabalho, fazendo as pequenas frases integralizar a prática jornalística. A autora menciona outros exemplos, que evidenciam o discurso político sendo construído em pequenas frases, porque "qu'elle est intégrée dans une série d'événements discursifs qui ont été préalablement identifiés selon leur appartenance à ce paradigme." (IDEM, p. 30)[16]. Nesse sentido, vemos que certas frases proferidas numa série de eventos discursivos podem ser usadas para construir um determinado discurso, feito a partir de "colagens" de pequenas frases. Para Krieg-Planque (2011), elas aparecem em sessões que reservam um local específico para as pequenas frases, como as "frases do dia", ou "eles dizem", "diz-se...", "a pequena frase", "as frases do ano"[17], tendo um lugar específico na edição do jornal ou das revistas para essas frases.

c) Trabalho de rotina dos jornalistas profissionais

Nesse item, Krieg-Planque (2011), reflete sobre a rotina do trabalho jornalístico profissional, de como ele tende a favorecer a produção de pequenas frases, uma vez que

> Compte tenu des impératifs de rapidité auxquels les journalistes sont soumis (tant du fait de la périodicité des supports que de la nature socio-économique de l'activité de production des textes et de énoncés), un journaliste est plus enclin à reproduire une phrase saillante qu'à prendre le temps et le risque de synthétiser les contenus d'un long discours (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 32)[18]

A pequena frase aparece integrada na narrativa, sendo inserida em um evento, porque, segundo a autora, está ligada a alguns fatores: como uma posição, uma doutrina, uma ideologia, uma estratégia, um interesse ou ambição ou um projeto que pretende ter uma pequena frase, uma vez que ela condensa discursos.

---

[15] "Uma pequena frase marcou este encontro ..." "Nos lembramos desta pequena frase de Alain Juppé ..." (tradução nossa)

[16] O discurso é integrado numa série de eventos discursivos que foram previamente identificados como pertencendo a este paradigma. (tradução nossa)

[17] No caso do Brasil, um bom exemplo desse tipo de estudo é o trabalho de Sônia Aparecida Lopes Benites "A face do Brasil mostrada nas citações da Revista Veja", publicado em Polifonia 19: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Mestrado – da Universidade Federal de Mato Grosso.

[18] Dada a necessidade de rapidez que os jornalistas estão sujeitos (como resultado da periodicidade dos meios de comunicação que a atividade sócio-econômica da produção de textos e declarações), um repórter é mais inclinado a reproduzir uma frase de destaque do que gastar o tempo e correr o risco para sintetizar o conteúdo de um longo discurso. (tradução nossa)

2.3.4 A contribuição da política e da comunicação: agenda de controle, ser visível, criar evento

A quarta área de pesquisa sobre as pequenas frases diz respeito a como a política e a comunicação integram, em suas práticas, uma exposição prolongada da fala nos meios de comunicação. Para a Krieg-Planque (2011), há um controle da expressão pelo trabalho dos profissionais da comunicação, que se tornam especialistas no tratamento do que é dito. Há um controle estratégico do discurso e isso justificaria o estudo das pequenas frases, já que ela possibilita observarmos esse controle.

Na compreensão de Krieg-Planque, a política pessoal e profissional de comunicação controla uma imagem usando um conjunto complexo de opacificação do que é dito. E a produção de pequenas frases também participa de ações de ocultação e visibilidade, quando permite que se dê visibilidade ao que não tinha esse destino e oculta aquilo que era muito visível. Em decorrência disso, vemos que os jornalistas e os meios de comunicação não simplesmente constroem mensagem ou registram o que foi dito, mas estão inseridos num conjunto de instrumentos complexos para transmitir mensagens. Krieg-Planque (2011) afirma que a produção de *slogans* políticos ou publicitários é uma boa prova disso, já que são feitos para serem lembrados, indo além da comunicação simplesmente e exigindo diversas competências dos profissionais da comunicação. Ademais, completa a autora, a comunicação política vem se especializando: está desenvolvendo uma competência comunicativa para produzir falas em formatos curtos e minimizar uma declaração de 15 a 20 segundos. Tais ações contribuem para a produção de pequenas frases.

Na visão de Krieg-Planque (2011) para pensar a pequena frase como objeto de análise e para pensar como a política e a comunicação contribuem para a sua produção, é necessário considerar três questões: o controle da agenda, de acordo com uma questão de definição de agenda; a necessidade de visibilidade e a injunção para a criação de eventos, inclusive nos dias de escândalos.

2.3.5 As características de um enunciado destacado: figuras da memória e valor ilocutório

Na quinta subdivisão, a autora discute a questão da recuperação e da circulação das pequenas frases, identificando suas características formais, estilísticas, retóricas, enunciativas

e pragmáticas. Segundo Krieg-Planque (2011), dois conjuntos de propriedades podem ser observados nesse estudo: as propriedades formais e semânticas, e as propriedades pragmáticas e argumentativas. Na visão da autora, cada uma dessas propriedades contribui para elevar uma declaração ao estatuto de pequena frase, sendo identificado como tal pelos atores sociais. Vejamos:

a) Propriedades semânticas e formais: a memória

A questão de frases construídas para serem lembradas é algo antigo. Nesse sentido, não é de hoje que o conceito de memória vem sendo desenvolvido; desde a retórica clássica já se privilegiava a figura e a forma em favor do armazenamento e da recuperação de uma declaração:

> Aux côtés de l'*inventio*, de la *dispositio*, de l'*elocutio* et de l'*actio*, la memoria correspond à cette partie de la rhétorique qui s'intéresse aux procédés permettant de mémoriser un discours. La question de la fortune rhétorique des énoncés et de diverses modalités de réappropriation des discours est donc déjà posée. C'est encore sous ce jour de la memoria que les célèbres orateurs de la Troisième République travaillent le discours et ses saillances, grâce à un apprentissage de la rhétorique dont les savoir-faire théoriquement fondés globalement la professionnalisation des élus. (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 35)[19]

A autora cita dois grupos de figuras de linguagem que são favoráveis para a retomada e a circulação de frases: o primeiro grupo são as figuras que se referem aos fenômenos semânticos, como a metáfora, a metonímia, a alegoria, a sinédoque, dentre outros que operam com imagens e alegorias. O segundo grupo são as figuras as quais levam em conta apenas as propriedades formais dos enunciados: inversão, quiasmo, paralelismo, paranomásia, repetição, simetria, antonomásia, e outros que trabalham com a prosódia e a rítmica. A concisão também permite que as pequenas frases sejam memorizáveis, revela a autora; o adjetivo "pequeno" já é um indício disso, de que a frase precisa ser pequena, isto é, precisa resumir um conteúdo, ser concisa.

[19] Ao lado do *inventio*, do *dispositio*, do *elocutio* e do *actio*, a memória corresponde a parte da retórica que se centra nos processos utilizados para memorizar um discurso. A questão da fortuna retórica dos enunciados e diversas formas de recuperação do discurso já estava posto. Ainda sob a determinação da memória que os oradores célebres da Terceira República trabalhavam o discurso e sua importância, graças a um aprendizado da teoria retórica enquanto um saber teoricamente fundado globalmente na profissionalização dos eleitos. (tradução nossa)

b) Propriedades pragmáticas e argumentativas: valor ilocutório

Além das características formais e semânticas que são identificados pela memória, é preciso também considerar seus valores argumentativos e pragmáticos, revela Krieg-Planque (2011). O fato de uma pequena frase se tornar um fenômeno também tem a participação da mídia e dos políticos, que ajudam a coproduzi-la no espaço público contemporâneo. Em decorrência disso, para a autora, há um valor ilocucionário que confere notabilidade a um enunciado como um evento, ou pelo menos um evento em potencial em que os comentaristas poderiam atuar. Para exemplificar, a estudiosa toma o trabalho jornalístico: cada declaração que uma edição de um jornal apresenta como destextualizada, isto é, fora do seu texto original, já está propensa para ser recuperada, sendo dotada de um valor ilocucionário, até pelo seu desapego textual, podendo ser vista como um elemento que está disponível para se tornar um evento. Assim, para a autora:

> En disant que l'énoncé est doté d'une valeur illocutoire, nous voulons dire que la "petite phrase" identifiée comme telle est supposée correspondre à un certain acte de langage: promesse, engagement, soutien, exigence, exhortation, menace, condammation, reniement, offense, demande d'excuse...(KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 36)[20]

Para corroborar com sua proposição, Krieg-Planque (2011) retoma o que diz Dominique Maingueneau[21] sobre o tema, em que ele revela que as pequenas frases são como "brèves citations qui sont découpée pour être reprises dans les émissions d'information, car jugées significatives dans un état déterminé de l'opinion."[22] Acresce a isso, diz a autora, o valor da ação de que a declaração passa a ser dotada.

2.3.6 Os comentários dos atores sociais: a apreciação da pequena frase como instrumento de julgamento moral na política

[20] Dizer que um enunciado é dotado de um valor ilocucionário, é dizer que a pequena frase, identificada como tal, supõe que ela corresponde a um ato de fala: promessa, compromisso, exigência, apoio, exortação, ameaças, condenação, negação, ofensa, solicitar uma desculpa ... (tradução nossa)

[21] Maingueneua, Dominique, Les énoncés détaché dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. In: Marc Bonhomme et Gilles Lugrin (éd). **Interdiscours et intertertextualité dans les medias**. TRANEL. Travaux Neuchâtelois de linguistique, 2006, p. 111

[22] "breves citações que são cortadas para ser incluídas em programas de notícias, como considerado significativo em um determinado estado da opinião pública" (tradução nossa)

Para Krieg-Planque (2011), as pequenas frases pertencem aos próprios atores, a linguagem que lhes pertencem, sendo então, normal que elas estejam associadas a julgamentos e comentários dos sujeitos comuns. Esses comentários permitem ao analista identificar seus valores no discurso. A autora mostra como identificar esses comentários. Ela começa levantando a questão do estudo do paradigma da definição. Segundo a pesquisadora, esse paradigma pode ser identificado por meio dos comentários metadiscursivos que os falantes realizam e que explicitamente atribuem significado às pequenas frases. Outra forma é o estudo do paradigma designacional. Em nota de rodapé, a autora explica esses dois fenômenos:

> L'établissement du paradigme définitionnel et celui du paradigme désignationnel d'un terme donné permettent de repérer, dans un corpus déterminé, les valeurs et traits de signification attribués à ce terme, en ce sens que ces paradigmes en forment l'ensemble des reformulations. le paradigme définitionnel rassemble les définitions, les paraphrases et les gloses explicites d'un même terme (ex.: "Une petite phrases est une déclaration qui..."). Le paradigme désignationnel réunit les anaphores lexicales (ex.: "La petite phrases...cette provocation verbale...") (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 38, nota 44)[23]

Ela também sugere que se estude as diferentes qualificações que se atribui à pequena frase, sobretudo em relação aos adjetivos usados, quando, por exemplo, os sujeitos dizem que aquela pequena frase pode ser “estúpida”, “repugnante”, “oca”, “insípida”.

Krieg-Planque (2011) realizou um trabalho de observação dos julgamentos que os atores sociais fizeram dos eventos da vida política francesa em um dado período. Com esse estudo, a autora chegou à conclusão de que há uma paráfrase negativa associada às pequenas frases, uma vez que elas geralmente foram caracterizadas de forma negativa, pejorativa, sendo criticadas, negadas, denunciadas ou condenadas. Para a estudiosa, se uma negatividade forte está associada à pequena frase, alguma ambivalência concentra-se nessa categoria. Essa ambivalência das pequenas frases indica uma segunda característica do fenômeno: as pequenas frases despertam posicionamentos diferentes. Vejamos o que diz a autora sobre isso: “celle-ci, en tant que catégorie indigène, sert à dessiner les frontières de l'adversité et à régler

[23] O estabelecimento do paradigma definicional e do paradigma designacional de um dado termo pode identificar em um determinado corpus, valores e características de significação atribuídos a esse termo no sentido em que esses paradigmas formam um conjunto de reformulações. O paradigma de definição reúne definições, paráfrases e glosas explicativas de um mesmo termo (ex.: “Uma pequena frase é uma declaração que...”). O paradigma designacional reúne a anáfora lexical (ex.: “A pequena frase....essa provocação verbal...”). (tradução nossa)

les relations entre différentes catégories d'acteurs et/ou différents positionnements". (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 40)[24]

Em suma, diz a autora, se a pequena frase aparece como um termo pejorativo, ela é mobilizada para desqualificar os atores sociais ou grupos de atores. A pequena frase funciona como um instrumento de cobrança: de um lado, pelos políticos contra os jornalistas, que os acusam de reproduzir algumas declarações espetaculares ou de realizar cortes de declarações do contexto, para inserir outros comentários, "traindo" o que foi dito, estando à procura de gafes e disparates, sendo vistos como infiéis. Do outro lado, temos a parte dos jornalistas, os quais acusam a política de usar as pequenas frases como parte de uma dramatização e colocá-las à serviço de seus interesses. Ademais, os jornalistas também destacam o fato de que a política procura manter em segredo, esconder suas reais intenções, planos e que seria de responsabilidade do jornalista a revelação do produto (revelar o que ocorreu de fato).

Como foi possível perceber com base nas teorizações de Krieg-Planque, há um julgamento de valor acerca das pequenas frases. Para Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), os atores sociais, ao usarem as pequenas frases, o fazem na forma de propagandas, notícias, comentários, dentre outros, e que acabam trazendo uma qualificação pejorativa, isto é, aparecendo como crítica. De acordo com as referidas autoras, é característica das pequenas frases estar ligada a um julgamento de valor, podendo ser uma queixa, um lamento ou acusação. Desse modo, observamos mais uma característica das pequenas frases: estar sujeita à apreciação.

2.3.7 As pequenas frases são imprevisíveis

Na procura de caracterizar as pequenas frases, observamos que elas despertam sentidos imprevisíveis. Isso pode ser depreendido a partir da afirmação de Ollivier-Yaniv (2011). Segundo a autora, as pequenas frases aparecem como enunciados duplamente imprevisíveis: primeiro, porque a frase que irá se tornar destacável tem um caráter aleatório, mesmo quando o que foi dito não foi objeto de improvisação, por conta da atividade dos assessores — aqueles responsáveis pela escrita, como o assessor de imprensa ou o conselheiro midiático. Assim, os fragmentos que se tornaram pequenas frases não eram fabricados

[24] (...) a pequena frase, como uma categoria da língua ordinária, é usada para desenhar os limites da adversidade e para regular as relações entre as diferentes categorias de atores e/ou posicionamentos diferentes. (tradução nossa)

anteriormente. Em segundo lugar, a pequena frase é imprevisível porque sua circulação acelerada também é incontrolável; ademais a polêmica que ela irá causar não é algo que se pode prever. Esse processo se dá em razão de que muitas das pequenas frases que surgem não foram preparadas, aparecendo como produto da fala espontânea de um político, por exemplo. Para a autora, as pequenas frases refletem a grande dificuldade em se prever os fenômenos de seleção dos jornalistas das declarações de políticos e de sua recuperação.

Pierre e Riutort (2011) defendem que as pequenas frases, muitas vezes atribuídas a um ator político, são objetos de cuidadosa preparação, sendo construídas coletivamente por equipes de consultores de comunicação para serem usadas como uma ferramenta estratégica de competição política. Com isso, vemos que os profissionais da comunicação podem até preparar as pequenas frases, mas o efeito que elas podem causar em termos de (re)construção de acontecimentos é algo imprevisível, uma vez que:

> La petite phrase prend place dans um espace aux frontières floues, situe entre le formel et l'informel, la maîtrise de la parole et le dérapage verbal plus ou moins controle, mais elle n'existe véritablement que lorsqu'elle beneficie des effets de la circulation médiatique qui construisent son importance et son sens. Elle semble donc valoir moins par as substance que par ce sur quoi elle renseigne, notamment les variations des usages politiques et médiatiques qui en sont faits. (PIERRE ET RIUTORT, 2011, p. 69)[25]

2.3.8 As pequenas frases ganham novos contextos: elas circulam

De acordo com Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), as pequenas frases percorrem um cortejo contínuo. Esse cortejo participa de variados discursos políticos, como algo recorrente, e que leva as autoras afirmarem que nessa circulação há uma manifestação do reinado da forma sobre a substância. Observamos aqui outra característica das pequenas frases: a circulação, isto é, faz parte das pequenas frases estarem quase que de forma ubíqua em diferentes textos.

Sobre o assunto, recorremos ao que diz Maingueneau (2011b). Para ele, as pequenas frases geralmente se separam do contexto original e são inseridas em diferentes contextos: como nos jornais, nas redes sociais, na comunicação política dos atores sociais, dentre outros. Além disso, cada vez que uma pequena frase circula, ela pode ser associada a um *ethos* do

[25] A pequena frase ocorre em um espaço em fronteiras fluidas situada entre o formal e o informal, o controle da fala e a derrapagem verbal mais ou menos controlada, mas ela realmente só existe quando se beneficia dos efeitos da circulação midiática, constituindo a sua importância e seu significado. Parece, portanto, valer menos pela substância do que pelo o que ela informa, incluindo mudanças na política e uso que mídia fez delas. (tradução nossa)

locutor que a utiliza, podendo gerar diferentes significados. Como afirma o teórico francês: "Une fois découpées et mises em circulation par les médias, les petites phrases mènent une vie propre." (p. 47)[26]

Segundo Maingueneau (2011b), para uma pequena frase circular, é preciso convergir dois conjuntos de fatores:

> des contraintes *discursives* qui profilent certains énoncés de façon à en faire de "bons candidats" à ce statut et des intérêts *idéologiques* qui incitent tels ou tels acteurs de la vie publique à disqualifier telle ou telle personne ou telle ou telle position (MAINGUENEUA, 2011b, p. 53)[27]

Nesse sentido, observamos que para uma pequena frase circular, ela obedece a restrições discursivas e ideológicas. Para Dominique Maingueneau, esses dois fatores são determinados pela máquina da mídia, já que a mídia tende a se concentrar em frases impactantes, que podem gerar interpretações politicamente incorretas, que deslizam ou como diz o autor, que derrapam, desgovernam-se. Desse modo, entendemos que a mídia investe em frases polêmicas, isto é, que despertam diferentes posições, mobilizam diferentes discursos. Em outras palavras, a mídia não daria muito importância a certas frases se elas não engendrassem conflitos, se não tivessem alta relevância.

2.3.9 A pequena frase como panaforização

Ao constatar que algumas pequenas frases tomam um caráter de pandemia por conta da sua ampla circulação, Maingueneau introduz o conceito denominado *panaforização*. Segundo Maingueneau (2011b), o desenvolvimento recente de uma configuração midiática que associou mídia impressa, rádio, televisão, internet, celular, etc., aumentou para um nível sem precedentes o destacamento e a circulação de aforizações. Para o autor, algumas chegam ao estado de pandemia. Por um curto período de tempo, segundo o referido estudioso, vê-se circular uma sentença com uma frequência muito alta em todas as mídias do momento e que ocupou uma variedade de estatutos: títulos em artigos de jornal ou na web, sentença na parte

[26] Depois de destacadas e colocadas em circulação pela mídia, as pequenas frases ganham uma vida própria. (tradução nossa)

[27] Restrições *discursivas* que pairam em algumas declarações que se transformam em "bons candidatos" e interesses *ideológicos* que motivam tais e tais atores da vida pública para desqualificar uma pessoa em particular ou uma posição particular. (tradução nossa)

inferior da tela de um canal de TV, vídeos no Youtube, etc. Maingueneau (2011b) enfatiza o fato de que esse enunciado não conhece fronteiras geográficas ou ideológicas e passa a ser comentado em outros países. Ao que foi descrito acima, o estudioso chama de panaforização:

> "On peut parler ici d'un phenomena de "panaphorisation", terme qui combine une des journaux, s'invitent dans les conversations ordinaries, suscitent des débats de toutes sortes dans les médias: sur les forums, les talk-shows televises, dans le courier des lecteurs, etc., avant de disparaître, remplacées par d'autres.(MAINGUENEAU, 2011b, p. 46)[28]

Para o autor, geralmente a panaforização se espalha por despachos de agências de notícias. As agências divulgam o ocorrido, dando destacabilidade a uma declaração: ela figura como títulos destacados, sendo ironizada, polemizada e assim a referida sentença torna-se independente e começa a circular em todas as mídias. Em consequência, nem sempre é possível recuperar o contexto original, uma vez que ela pode figurar integralmente ou somente um fragmento — em que vemos apenas o extrato da aforização, fora de seu contexto original — sendo possível encontrá-la com facilidade nos sites de busca ou inseridas em vídeos no YouTube, também em fóruns de debates como o do Yahoo!, gêneros em que as pessoas dão a sua opinião sobre o acontecimento dado a ler.

Para ilustrar, Maingueneau (2011b) traz alguns exemplos, como no caso em que durante as últimas eleições presidenciais norte-americanas, Hillary Clinton proferiu algumas declarações acerca do seu oponente Barack Obama, como *"shame on you, Barack Obama"*[29] (23 fevereiro 2008) ou que Obama *"e giovane, bello, e cana abbronzato"*[30] proferida pelo primeiro ministro italiano Silvio Berluconi (6 de novembro de 2008) e que circularam como exemplos de panaforização. O estudioso evoca ainda o fórum de discussão no site Yahoo! em que a declaração de Berlusconi (após ter sofrido algumas alterações) é mostrada como aforização: "Berlusconi said: "Obama is young, beautiful and...suntanned."...What do you

[28] Podemos falar de uma "panaforização", termo que combina o *pan* "pandemia" e "aforização". A panaforização figura nas manchetes dos jornais, se infiltra nas conversaçãoes ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias: nos fóruns, talk-shows televisivos, no correio dos leitores etc., antes de desaparecer, substituída por outras. (tradução retirada de MAINGUENEAU, D. *Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados.* In: **Linguasagem.** São Carlos-SP, 2012, ed. 20. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo_001.pdf - acesso em 21 de janeiro de 2013)

[29] "Que vergonha, Barack Obama" (tradução retirada de MAINGUENEAU, D. *Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados.* In: **Linguasagem.** São Carlos-SP, 2012, ed. 20. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo_001.pdf - acesso em 21 de janeiro de 2013)

[30]" é jovem, belo e bronzeado" (tradução retirada de MAINGUENEAU, D. *Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados.* In: **Linguasagem.** São Carlos-SP, 2012, ed. 20. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo_001.pdf - acesso em 21 de janeiro de 2013)

think about that? (MAINGUENEAU, 2011b, p. 46)[31]. Segundo o autor, essas pequenas frases citadas tornaram-se uma panaforização, mostrando um movimento de deslize no sentido pela circulação que ganharam, adquirindo estabilidade pela mídia e gerando polêmica a partir dos comentários que surgiram ao redor das frases citadas.

2.3.10 Um resumo das características das pequenas frases

A seguir, com base no dossiê sobre as pequenas frases publicado na Revista "Communication et Langages", número 168 de junho de 2011, elaboramos um resumo das características das pequenas frases:

- ⇨ Figurar como um evento: ser falada, discutida, retomada, deslocada;
- ⇨ Ser memorável: são destacadas para serem lembradas;
- ⇨ Condensar alguma ideia;
- ⇨ Ter um valor ilocutório: corresponder a um ato de fala (promessa, compromisso, exigência, apoio, exortação, ameaças, condenação, negação, ofensa, etc);
- ⇨ Suscitar um julgamento de valor: as pequenas frases estão ligadas a um julgamento de valor, podendo ser uma queixa, um lamento ou acusação;
- ⇨ As pequenas frases fazem parte de uma categoria mais ampla: a aforização (categoria essa que engloba também os provérbios, máximas, slogans, aforismos);
- ⇨ Estar em um ambiente textual que possibilite seu destacamento;
- ⇨ Ser resultantes da extração de um fragmento de um texto;
- ⇨ Essa extração não é feita de maneira indiscriminada: esses fragmentos já se apresentam como destacáveis, isto é, fadados ao destaque seja por suas características formais ou estilísticas (o trabalho do sobreasseverador e/ou do aforizador);
- ⇨ Quem extrai um fragmento do texto para fazer uma aforização assume a posição de locutor aforizador;
- ⇨ Os jornalistas e os profissionais da mídia são co-produtores do fenômeno, uma vez que ajudam a difundir e estabilizar as pequenas frases em diferentes momentos;

[31] Berlusconi disse: “Obama é jovem, bonito e... “bronzeado””... O que você acha disso? (tradução retirada de MAINGUENEAU, D. *Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados.* In: **Linguasagem.** São Carlos-SP, 2012, ed. 20. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo_001.pdf - acesso em 21 de janeiro de 2013)

- ⇨ Há um controle estratégico do discurso: as pequenas frases permitem que se dê visibilidade ao que não tinha esse destino e que se oculte aquilo que era muito visível;
- ⇨ As pequenas frases são imprevisíveis: os sentidos que as pequenas frases podem provocar não é algo que se pode prever;
- ⇨ As pequenas frases circulam: ao serem empregadas em outros contextos, elas circulam produzindo sentidos;
- ⇨ As pequenas frases podem formar uma panaforização: uma pandemia de circulação, comentários, críticas. As novas tecnologias aumentaram para um nível sem precedentes o destacamento e a circulação de aforizações;
- ⇨ As pequenas frases devem ser pensadas em sua dimensão enunciativa e não apenas na dimensão comunicacional.

2.4 Ampliação da teoria das pequenas frases: da política para os variados discursos

Em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Michel Pêcheux chamou a atenção para uma pequena frase que ganhou notabilidade (*On a gagné)* e foi muito comentada na geografia francesa do início dos anos oitenta do século passado. Podemos dizer que Pêcheux, de alguma forma, já havia pensado na força discursiva de certas frases e a isso chamou de acontecimento discursivo. Hoje nos deparamos muito com essa produção de pequenas frases. A tendência atual, revela Krieg-Planque (2011), é de fragmentação, de discursos curtos, devido à rapidez dos fatos. A pequena frase é uma realidade que os jornais, sites, redes sociais ajudam a construir quando publicam as "frases da semana", "as melhores frases do ano", etc. e que nos faz perceber que o trabalho de aforização de enunciados está a todo vapor: nunca as frases ditas e que marcam algum fato foram tão discutidas e divulgadas.

Os autores do dossiê *Les "petites phrases" em politique*, como é de se esperar em qualquer pesquisa, fizeram um recorte e trabalharam com essas pequenas frases no campo político, evidenciando o campo em que elas mais se destacam, são produzidas, comentadas. Também tem o fato de que elas surgiram no campo político, por se tratar de estratégia de disputa entre políticos. Os artigos dos autores Patrick Brasart, publicado em 1994, e um breve texto de David McCallam, publicado em 2000, também evidenciam tal inscrição das pequenas frases no campo da politíca. Ademais, de acordo com Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) a transformação das pequenas frases em objeto de estudo começou a se constituir por volta do ano de 1980, a partir das relações entre a comunicação política e a mídia.

Ao pesquisar sobre as pequenas frases, começamos a observar que elas também se espalharam em outros campos. Saíram do campo político, na qual eram inicialmente produzidas por profissionais autorizados para tal, e começaram a ser produzidas também por sujeitos comuns e circular em discursos cotidianos e sobre os mais variados assuntos.

Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) afirmam que as pequenas frases servem para avaliar as mudanças nas atividades e nos discursos políticos. Contudo, com os exemplos que selecionamos para esse trabalho, observamos que é possível ampliar esse uso e afirmar que elas também podem ser usadas para avaliar outros discursos, obedecendo a outras condições de produção.

Além disso, outro ponto que iremos ampliar são os atores sociais envolvidos nessa produção. Segundo Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011), a produção das pequenas frases está mais ligada ao trabalho do discurso político e aos profissionais da mídia: os jornalistas, os assessores, os políticos. Em nosso trabalho, constatamos que sujeitos comuns também estão produzindo pequenas frases, não precisando ser um profissional da mídia ou da política. Em consequência, mostraremos que sujeitos comuns estão produzindo pequenas frases, praticando rotinas de seleção, retirando fragmentos de discursos, sem explicitar as regras ou condições em que esse trabalho foi realizado, retirando essa responsabilidade unicamente de atores sociais, inscritos no campo da política e/ou da mídia.

No nosso entendimento, tais transformações vêm ocorrendo, porque se tornou uma prática comum na internet, sobretudo em blogs e sites de relacionamento, a divulgação de frases de todos os tipos: pensamentos, frases célebres, etc. A partir disso, vemos sujeitos comuns fazendo o trabalho de seleção e divulgação. E como já dissemos, tal trabalho não segue regras, nem posição-sujeito autorizada: a internet é supostamente democrática. Qualquer um pode destacar, comentar uma pequena frase, e qualquer assunto, sem muita restrição discursiva, pode ser motivo de destacabilidade e tornar-se uma panaforização, por exemplo. Somados a isso, há a adesão dos sites, jornais e revistas os quais noticiam os assuntos que são discutidos nesses blogs, sites de relacionamentos, fóruns de debate. Tais ações contribuem para dar visibilidade ao assunto ou frase.

Além do anteriormente exposto, temos a espetacularização dos fatos pela mídia, em que tudo se apresenta como um espetáculo, algo que merece ser visto e comentado. Sobre esse fenômeno, Gregolin (2003) diz que a mídia torna os fatos um espetáculo, algo que é passado inúmeras vezes, comentado, falado, discutido. Com esse poder, a mídia transforma certos acontecimentos em espetáculos, convertendo a versão, a interpretação que apresenta em

verdade. Com isso, o discurso que circula na mídia, segundo a autora, produz uma cultura do espetáculo. Tal produção se dá no/pelo discurso, sendo ele campo produtivo para analisar o controle midiático. Vários são os setores da sociedade que são espetacularizados pelos meios de comunicação: a política, a língua, a história, o corpo, o sujeito, a identidade, dentre outros. Para Gregolin (2003), se, por um lado, a quantidade de informação trouxe benefícios para os sujeitos, como qualidade de vida, desenvolvimentos técnicos, por outro lado, tal fenômeno trouxe alienação, com certos mecanismos e táticas que desenvolve tornando os fatos e produtos, dentre outros, verdadeiros atrativos "vitais".

Por meio da destacabilidade e da circulação, as pequenas frases transpõem fronteiras ideológicas: passam de uma formação discursiva para outra — do religioso para o esportivo, por exemplo — obedecendo condições de produção diferentes. Julgamos que é por esse e outros fatores que as pequenas frases estão se ampliando e saindo do campo político, como será possível constatar no capítulo de análise.

CAPÍTULO 3

OUTROS CONCEITOS ENVOLVIDOS COM O ESTUDO DAS PEQUENAS FRASES

Por entender que a pequena frase ao ser destacada de um determinado contexto e ser colocada em circulação — quer seja por profissionais da mídia e/ou da política quer seja por um sujeito ordinário — inscreve-se no escopo da heterogeneidade discursiva, decidimos evocar as contribuições de Authier-Revuz acerca dessa problemática neste terceiro capítulo.

3.1 A heterogeneidade enunciativa

É adquirido epistemológico inquestionável nas ciências da linguagem que todo discurso é atravessado por outros discursos, e que eles mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de aliança, etc, sendo, portanto, o produto de um interdiscurso. Nesse sentido, todo discurso é perpassado por outros discursos, isto é, ao enunciarmos, sempre nos valemos de já-ditos, produzidos antes independentemente em outro(s) lugar(es).

A heterogeneidade do discurso foi/é objeto de reflexão de vários autores: Mikhail Bakhtin já falava sobre o assunto, quando tratou da polifonia, das vozes que se encontram tensivamente ou não em um discurso. A teoria polifônica de Oswald Ducrot na Semântica Argumentativa também tratou do tema, e a psicanálise igualmente tratou disso quando discutiu a teoria do sujeito, atravessado pelo inconsciente. No âmbito dos estudos do discurso, Authier-Revuz é a autora que irá trazer uma maior definição à questão ao propor a teoria da heterogeneidade enunciativa.

Para Authier-Revuz (1990), o princípio da heterogeneidade parte da idéia de que a própria linguagem é heterogênea na sua constituição. A referida autora distingue duas ordens de heterogeneidade: a heterogeneidade constitutiva do discurso, em que não se é possível captar linguisticamente a presença de marcas do discurso do outro no um; e a heterogeneidade mostrada no discurso, que possibilita o encontro de marcas do discurso do outro.

As pequenas frases, ao circularem, constituiem-se em uma heterogeneidade que deixa transparecer o discurso do outro. Por conta disso, escolhemos Authier-Revuz para discorrer sobre o assunto, uma vez que a referida autora trata disso de forma mais acentuada, prendendo-se na presença do outro de forma explícita na superfície do enunciado.

Sobre a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, segundo Authier-Revuz (1990), as abordagens teóricas vêm mostrando que o sujeito é mais falado do que fala. A partir disso, o que está fora, o exterior, é uma condição para a existência do discurso, sendo que o discurso é exterior ao sujeito: as palavras são sempre as palavras dos outros; o já-dito constrói a trama do discurso. A autora lembra que a Análise do Discurso com Pêcheux também defende essa ideia, que, no momento da produção do dizer, o sujeito se vale de já-ditos. Esse sujeito tem a ilusão de que é a fonte do seu dizer, ignorando essa máquina estrutural – língua, história e inconsciente – que constitui a produção dos discursos, sendo uma ilusão constitutiva do sujeito pensar que seu dizer é inédito. Dessa perspectiva, segundo Authier-Revuz (1990), ao falar de heterogeneidade constitutiva, é preciso haver uma ruptura com o EU, em que o sujeito é desalojado de seu lugar de sujeito intencional, fonte do dizer, para se ver nele, constitutivamente, a presença do outro, da ideologia e do inconsciente no que é dito.

Sobre a heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1990) assevera que esse fenômeno inscreve o outro na sequência do discurso, uma vez que: "se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva, pois elas aí inscrevem o outro (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem)" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29). A heterogeneidade mostrada subdivide-se, de acordo com a autora, em duas modalidades: **a marcada**, da ordem da enunciação e visível na materialidade linguística (temos como exemplo, o discurso direto, as aspas, itálicos, incisos de glosas); e **a não-marcada**, da ordem do discurso e desprovida de visibilidade (temos como exemplo o discurso indireto livre, imitação, pastiche, ironia, dentre outros). Desse modo,

> Uma dupla designação é assim operada pelas formas da heterogeneidade mostrada: a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30).

Na visão da estudiosa, para que um conjunto de formas sejam marcadas, é importante que o fragmento tenha um estatuto diferente, devem ser palavras mantidas a distância da enunciação, um estatuto outro que revele a autonímia:

> Na autonímia simples, a heterogeneidade que constitui um fragmento mencionado, entre os elementos linguísticos de que faz uso, é acompanhada de uma ruptura sintática. O fragmento citado no interior de um discurso relatado direto ou introduzido por um termo metalinguístico (a palavra, o termo, a expressão, a fórmula "X"), nitidamente delimitado na cadeia

> discursiva, é apresentado como objeto; é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar: aquele de um outro ato de enunciação (Z **disse**: "X", **na expressão de Z**, "X"...) ou, num gesto metalinguístico no sentido estrito, aquele da língua (**a palavra, o termo** "X") (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29)

No nosso entendimento, de forma mais verticalizada, Maingueneau (1997) discute também a questão da heterogeneidade. Para ele, a heterogeneidade mostrada "incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação (...)" (MAINGUENEAU, 1997, p. 75). Para o autor, heterogeneidade mostrada apresenta múltiplos fenômenos, indo além da noção tradicional de citação e do discurso relatado. Segundo o linguista, a classificação e o levantamento das marcas desse tipo de heterogeneidade é uma tarefa perigosa e talvez impossível, uma vez que há muitas marcas a se considerar. Por isso, ele irá agrupar um conjunto de mecanismos que considera útil para os analistas do discurso. De acordo com Maingueneau (1997), dentre as formas de heterogeneidade mostrada temos como exemplo a polifonia, a pressuposição, a negação, o discurso relatado, as aspas, o metadiscurso, a paráfrase, o discurso indireto livre, a ironia, a autoridade, o provérbio, o slogan, a imitação, o pastiche, etc. Tais formas têm em comum o fato de que são manifestações explícitas da presença do outro, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação.

Como vimos, com base em Authier-Revuz e Maingueneau é possível afirmar que há muitas formas de perceber a presença do discurso do outro. Para pensar em nossos *corpora* de análise, decidimos eleger três conceitos que nos levam a perceber a heterogeneidade mostrada: a imitação, a derrisão e a modalização autonímica.

3.1.1 A imitação

A imitação é fenômeno que nos permite visualizar a presença da heterogeneidade. Para falar desta noção, iremos nos embasar no que propõe teoricamente Dominique Maingueneau em alguns de seus livros. Segundo Maingueneau (1997), a retórica codificou a imitação em torno da noção de paródia; contudo para o autor, a paródia é um termo utilizado de modo depreciativo e nem sempre a imitação ocorre nesse sentido.

Um discurso, segundo o linguista, pode imitar outro discurso, servindo-se de duas estratégias opostas: a **captação** e a **subversão**. Assim, "captar um texto significa imitá-lo, tomando a mesma direção que ele." (MAINGUENEAU, 2001, p. 173). O autor traz como exemplos da captação o caso de alguns slogans, os quais imitam provérbios, buscando

apropriar-se do sentido em benefício próprio. Por outro lado, para Maingueneau (2001, p. 173): "há a subversão quando o texto que imita visa desqualificar o texto imitado. Nesse caso a estratégia adotada é a da paródia.". Desse modo, subverter quer dizer imitar um texto para desqualificá-lo, criticá-lo, tal como encontramos comumente nas paródias.

A imitação de outro discurso é vista como um desvio do texto original. Esse desvio não é feito da mesma forma, afirma Maingueneau (2010, p.174): "A "captação" consiste em desviar garantindo ao máximo o sentido da estrutura semântica assim explorada (...)". Para o autor, a subversão "procura, ao contrário, mostrar uma contradição entre o sentido veiculado pela enunciação da estrutura original (indicado E0) e o da enunciação da estrutura resultante do desvio (indicado E1) (Milner e Grésillon, 1977)" (MAINGUENEAU, 2010, p. 175). Pensar em desvio, é pensar em uma mudança de curso da palavra ou da expressão; desvia-se um sentido para fazer dele um outro uso.

Ainda tratando de desvio, Maingueneau (2010) traz os provérbios como exemplo. Para o autor as pessoas realizam desvios dos provérbios existentes modificando o significante e correlativamente o seu significado. A base para isso consiste em manter uma distância fônica mínima, mas que não mantêm necessariamente uma relação semântica com o termo substituído. De acordo com o estudioso, é comum vermos o desvio explorar o valor fônico das palavras. Para Maingueneau (2010), o desvio será mais bem-sucedido quanto menor for a alteração do provérbio original. Para se atingir isso, são necessários alguns procedimentos:

> No nível das condições de emprego: uma captação será tanto mais bem-sucedida quanto mais próximo E1 estiver das verdades veiculadas habitualmente pelos provérbios. Uma boa subversão, por outro lado, deverá exibir com a maior clareza possível uma contradição entre as verdades proverbiais usuais e o conteúdo de E1.
> No nível do significante: quanto maior a semelhança entre E0 e E1 (nos níveis sintático e fonológico), mais forte será o efeito obtido. Desse ponto de vista, o procedimento mais seguro consiste em modificar apenas um fonema. (MAINGUENEAU, 2010, p. 176)

Os procedimentos devem ocorrer tanto no nível do significante quanto no nível do significado, assevera Maingueneau (2010). Segundo o estudioso, no nível do significante os procedimentos mais comuns são[32]:

- substituir fonemas: *mal* por *sal;*

[32] Os exemplos são todos do autor (Maingueneau, 2010)

- substituir termos sem semelhança fônica clara: *a cada dia basta o seu mal* por *a cada noite basta o seu mal;*
- acrescentar elementos ao provérbio: *o homem propõe, Deus dispõe* por *o homem propõe, Deus dispõe, a mulher impõe;*
- jogar com a negação: *não há fumaça sem fogo* por *há fumaça sem fogo*
- fundir dois provérbios: *a cada dia basta o seu mal / mesmo a desgraça tem seu lado bom: a cada dia a desgraça tem seu lado bom.*

Em relação ao nível do significado, o autor assevera que:

> No nível do significado: uma captação terá tanto mais êxito quanto mais clara for a convergência semântica entre E0 e E1. Uma subversão terá tanto mais êxito quanto mais clara for a contradição semântica entre E0 e E1. (MAINGUENEAU, 2010, p. 177).

Vemos assim que o sucesso de um desvio depende de sua proximidade com o provérbio original, seja no que refere às condições de emprego, ao significado ou ao significante. Além disso, não se pode esquecer, no entendimento de Maingueneau (2010, p. 185) que: "convém, no entanto, não considerar esses desvios sob uma ótica puramente "lúdica". A subversão e a captação implicam frequentemente tomadas de posição ideológicas fundamentais."

Segundo Maingueneau (1997), a subversão está mais próxima da ironia, contudo:

> seus objetivos são nitidamente distintos: enquanto a ironia, de forma paradoxal, anula o que enuncia no próprio ato de enunciar, a subversão mantém uma distância entre duas fontes de enunciação, que ela hierarquiza. Entretanto, da mesma forma que a ironia, a subversão pode não ser percebida como tal; neste caso, resta apenas uma única fonte enunciativa (MAINGUENEAU, 1997, 102).

No capítulo analítico, poderemos averiguar a questão da imitação mais de perto e chegar a considerações mais precisas.

3.1.2 A derrisão

É possível também ver a presença do outro no discurso a partir de um fenômeno chamado de derrisão. Realizando pesquisas em autores que retratam o tema, tal como Araújo (2012) Baronas (2006, 2005) e Bonnafous (2003), vimos que o termo tem origem no século XIII e provém do latim *derisio,* que remete ao sentido de zombaria, desprezo que traz

divertimento a partir da humilhação de alguém. De acordo com Baronas (2005) esse conceito, na época clássica, era visto como um antigo recurso enunciativo, uma técnica de oratória definida pelos retóricos clássicos como *tropos zombeteiros*, cuja finalidade se pautava na ação de inferiorizar o adversário por meio do riso gerado no público. Em outras palavras, a zombaria era usada para desqualificar um oponente. Na atualidade, tal recurso é conhecido como derrisão:

> o *tropos zombeteiro*, despido de seu caráter psicologizante, foi reelaborado, passando a ser concebido pelos teóricos do discurso como derrisão: uma estratégia argumentativa que não se reduz ao riso. Trata-se de uma "associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria", (Bonnafous, 2002: 45), isto é, uma espécie de "amabilidade verbal" violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública. (BARONAS, 2005, p. 106)

Pela derrisão, ridiculariza-se o adversário por meio do humor e jogos de palavras usadas, esquivando-se de ter que se responsabilizar pelo dito:

> Todo o perigo e a força dessas fórmulas está no fato de poder divertir até mesmo aqueles que as condenam: por meio do prazer assim provocado, o autor do jogo de palavras ou da caricatura injuriosa consegue estabelecer uma cumplicidade forçada com o seu auditório, em detrimento da pessoa visada (BONNAFOUS, 2003, p. 42).

É como se fosse uma violência verbal permitida e compactuada, já que pelo humor é admissível ofender. Isso não seria possível se esses discursos fossem proferidos de maneira direta ao sujeito atacado.

A derrisão foi tema da Revista francesa *Hermès* publicada em 2001 a qual tinha como título *Dérision – Contestation*. Tal número esteve sob a coordenação de Arnaud Mercier. Nele, o autor francês pontua que na sociedade em que vivemos, os sujeitos são obrigados a respeitar muitos códigos de comportamentos e regras sociais. A ofensa e a agressividade, por exemplo, não são socialmente aceitáveis ou são vistas com maus olhos. A forma socialmente aceitável de se fazer críticas, ofender e agredir alguém pode ser feita por meio do recurso da derrisão, já que não há punição para a crítica feita por meio do humor. Araújo (2012)

comentando Mercier (2001)[33] revela que isso pode ser visto no discurso político: os políticos são alvos do discurso derrisório, uma vez que os indivíduos podem liberar suas críticas e não sofrerem danos imediatos. Sobre o assunto, Bonnafous (2003) revela que a atividade jornalística comumente tem ou sofre essa prática ao se referir ao discurso político:

> Os jornalistas são, pois, a primeira vítima de uma estratégia de derrisão *in praesentia* que visa, ao mesmo tempo, subtrair-lhe a legitimidade de seu papel e de seu estatuto e esquivar-se de certas questões embaraçosas. Fazê-los dizer e assumir aquilo que eles não querem dizer nem assumir; (...) (BONNAFOUS, 2003, p. 37)

Assim, "o humor permite dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas" (MERCIER, 2001, p.11, *apud* ARAÚJO, 2012, p. 51). Seguindo o pensamento do autor francês, Araújo (2012) reflete que a derrisão pode ser associada à afirmação de si, já que os sujeitos temem se sentirem dominados, inferiores, submissos e buscam dar provas da sua não-dominação:

> (...) para isso, ele escolhe uma vítima, elenca qualidades desvalorizantes de acordo com a identidade de cada uma e o sentimento de superioridade. Para tanto, os indivíduos se agrupam para compartilhar desta ferramenta contra a ansiedade e, assim, ao escolherem um *bode expiatório*, atuam derrisoriamente por uma temática que fortalece e reafirma a identidade do grupo devido aos valores que se tem em comum para então incidir sobre o alvo, salientando que ele não é parte integrante da coletividade que pretende afirmar-se. (MERCIER, 2001). O que irá variar no alvo escolhido são as piadas, que podem ser de caráter profissional, sexual, regional, nacional, étnico, religioso, moral. (ARAÚJO, 2012, p. 51)

Para Mercier (2001 *apud* ARAÚJO, 2012) a noção de catarse também está associada à derrisão e a liberação dessa agressividade dos indivíduos, os quais desejam liberar suas frustrações sociais e fatos sociais com que eles não concordam. É como se por meio da derrisão, o sujeito pudesse expor seus sentimentos e frustrações, afirmando-se enquanto um sujeito social e abrandando atitudes violentas, por exemplo, que seriam reprovadas socialmente. Nesse sentido, por meio do discurso derrisório, o produtor do discurso teria a chance de atacar o alvo que, de alguma forma, o incitou em algum momento. Nas palavras de Araújo:

[33] MERCIER, A. *Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs*. (Introduction) In: HERMÉS – Revue. **Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.

> Para poder entender a catarse, diríamos que devemos associá-la à noção de liberação da agressividade como forma de purificar o indivíduo, produzir uma sensação de alívio. É o que se pode chamar de cômico grave – que gera um grande prazer –, sendo que quem sente esse prazer é somente aquele que praticou a transgressão. Seu objetivo, portanto, seria levar o indivíduo ao equilíbrio, ao bem-estar de um sistema social, é uma forma de "evoluir" aquilo que supostamente não se poderia "tirar do lugar". (ARAÚJO, 2012, p.52)

Quem é vítima da derrisão comumente é vista como alguém que cometeu um suposto erro perante a sociedade. Como defende Mercier (2001 *apud* ARAÚJO, 2012) essa contestação feita por meio da derrisão tem por objetivo a regulação social. Tal regulação "é um modo de não se usar a violência física convidando os indivíduos a compreenderem a agitação em torno do alvo" (MERCIER, 2001, p.14, *apud* ARAÚJO, 2012, p. 52). Por intermédio do riso gerado pela derrisão, tem-se o corretor social, o aprendizado da situação e como o riso não se adéqua às convenções sociais, nele tudo é aceitável ser dito, sem censuras. A partir disso, vemos que o discurso derrisório é o lugar onde os sujeitos evidenciam seus pontos de resistência, de não aceitação das normas impostas socialmente. Ao mesmo tempo em que a derrisão funciona como um lugar de denúncias, de resistência, Mercier (2001 *apud* ARAÚJO, 2012) também a concebe como um regulador social, no sentido de que se impõe o enrijecimento da norma perante a fluidez da vida social. Assim, por meio das denúncias feitas pela derrisão, também se pode fazer as instâncias sociais reformularem suas ideias e buscarem o enrijecimento de certos valores culturais os quais dominam a sociedade. Nessa sentido, a derrisão:

> é ferramenta útil para a construção de um discurso contestador que regula outros discursos e ao mesmo tempo impõe sua própria dinâmica; assim a redução das tensões se opera por uma recodificação dos conflitos em termos que permanecem discursivos (MERCIER, 2001 *apud* ARAÚJO, 2012, P. 53)

É comum vermos essa prática sendo realizada no discurso político, sobretudo as autoridades políticas e sociais, que são alvos de críticas. Segundo Baronas (2005), isso pode ser comumente encontrado em charges, caricaturas, pastiches, dentre outros, gêneros que, além de permitir que se realize a sátira, também permite que se produzam caricaturas, apresentando os sujeitos atacados de forma pitoresca. Ainda em Baronas (2005), vemos que o autor, comentando o que diz Mercier (2001), afirma que a derrisão se apresenta como um jogo e também

> como quem não quer nada e se transforma pela magia do verbo escolhido, numa forma socialmente aceitável de exprimir sua agressividade contra outrem. Com efeito, 'o humor permite dizer ou sugerir idéias desagradáveis, sem ter que temer reações violentas, nem represálias'. Ou mesmo ao contrário, 'se a 'vítima' da zombaria não achar graça, se ela recusa captar a gozação ou reconhecer as regras do jogo, será acusada de não ter senso de humor'. (MERCIER,2001, p. 10 *apud* BARONAS, 2005, p. 106)

Como foi dito no início deste item, por meio da derrisão é possível percebemos a presença da heterogeneidade. Esse processo se dá por meio da descaracterização derrisória do outro. Esse discurso outro, segundo Baronas (2005), é um dizer já legitimado ou reconhecido socialmente. Dessa perspectiva, explica o autor, quem produz a derrisão, mobiliza um discurso outro conhecido para criticá-lo. Os efeitos negativos gerados por essa mobilização é atenuado pelo humor, pelo escárnio provocado:

> Sustentando uma dimensão de contestação à ordem estabelecida ou aos princípios largamente aceitos pela sociedade, a derrisão é freqüentemente empregada nos mais diversos meios sociais de comunicação como uma estratégia de descaracterização de algo ou alguém por meio de uma zombaria arrogante que, por estar associada ao humor, fica livre de punições. (BARONAS, 2005, p. 231)

Assim, continua Baronas (2005), a derrisão pode trabalhar tanto a partir do humor do destinatário, quanto com a retomada de um pré-construído socialmente aceito pelo destinatário. A derrisão coloca em critica uma ordem estabelecida, ela contesta, questiona algo já cristalizado. Esse já-dito é retomado com o objetivo de se desqualificar alguém, ou um discurso. Nesse sentido, segundo o linguista, há um saber compartilhado:

> Os efeitos produzidos pela derrisão como a zombaria, a ridicularização, o riso, por exemplo, necessitam de um saber consensual a respeito daquilo que descaracterizam e, por isso, são inevitavelmente compartilhados por um grupo social, o que implica dizer que a derrisão será sempre cultural, ou mais discursivamente falando, a sua compreensão estará sempre assentada em algo que veio antes, independentemente, de um outro lugar. A derrisão é um convite a compartilhar um prazer comum e conta, portanto, com a conivência do Outro. Essa possibilidade de troca de um prazer e/ou um saber consensual desativa a carga negativa da derrisão, que passa a ser entendida como uma "violência" politicamente correta. Tal violência tem como alvo preferido as mais diferentes autoridades sociais e se impõe a ler sob diferentes facetas: nas charges; nas caricaturas; nos pastiches; nas piadas; nos jogos de palavras etc. (BARONAS, 2005, p. 231-232)

Para o referido autor, a derrisão é metadiscursiva: há o uso de um comentário sutil sobre o que está sendo afirmado. A presença do outro pode ser vista de várias formas: por meio da marcas linguísticas, das cores utilizadas, do desnível enunciativo presente no dizer, do tipo da letra utilizada, ou mesmo do conhecimento popular que está sendo retomado. Por meio dessas marcas, notamos a presença das diferentes vozes: a voz de quem pratica a derrisão e a voz do enunciado/discurso que está sendo atacado. Isso se faz presente por meio da heterogeneidade marcada ou não.

Veremos no capítulo de análise que algumas pequenas frases escolhidas para esse trabalho utilizam o discurso do outro com o objetivo de desqualificá-lo. Essa retomada não é feita de forma irônica, mas sim derrisória como talvez poderíamos ser levados a pensar. A diferença entre a escolha de um conceito em detrimento do outro reside no fato de que o locutor irônico "coloca em cena um enunciador, cuja alocução não pode assumir explicitamente, deixando a responsabilidade para seu destinatário" (BARONAS, 2005, p.239-240). Em outras palavras, o locutor irônico coloca em cena um enunciador e não assume o ponto de vista desse enunciador; o locutor da derrisão, por outro lado, assume o que diz para desqualificar um outro já legitimado socialmente. Assim a diferença entre a derrisão e a ironia está na fronteira entre o que é assumido ou não pelo locutor.

3.1.3 A modalização autonímica

A modalização autonímica é um conceito forjado por Authier-Revuz (1998). Nesse sentido, a autora mostra que, em certos momentos, temos o locutor comentando aquilo de que ele está falando. Quando se usam certas expressões como: "se é que eu posso dizer...", "ou melhor...", "como diria fulano...", "em todos os sentidos da palavra...", ou se utiliza certas marcas como itálico, aspas, reticências, parênteses, travessão duplo, dentre outros, temos indicadores os quais evidenciam uma metaenunciação, em que o locutor comenta sua própria fala. Maingueneau (2001, p. 158) define essas marcas como "tipo de emprego em que o enunciador se refere ao uso dos signos em si mesmos e se opõe ao uso corrente". Assim, o emprego de alguns modalizadores nos permite notar a presença do outro no discurso, quando se vislumbra um desdobramento da fala do próprio locutor, em forma de comentário.

Authier-Revuz (1998) propõe uma classificação dos desdobramentos da fala do enunciador/locutor, em forma de comentário. A autora pensa em uma metalinguagem natural

à língua, em que o sujeito avalia e controla o dizer. A estudiosa nomeia esse desdobramento metaenunciativo de modalidade autonímica em que temos o *dizer* junto ao comentário. Sobre as marcas da modalização autonímica, seguiremos o que expõe Maingueneau (2001) por se tratar de uma exposição que ajudará a compreender alguns dos dados arrolados em nossa pesquisa. O referido linguista explica o processo de modalização autonímica da seguinte maneira: "ao comentar assim sua própria fala, o enunciador produz uma espécie de enlaçamento na enunciação" (2001, p. 159). Segundo Maingueneau (2001), Authier-Revuz classifica esses comentários do enunciador acerca da sua própria enunciação em quatro categorias e as denomina de "as não-coincidências do dizer". Vejamos abaixo um quadro o qual evidencia os tipos de modalização autonímica:

Tipo de modalização autonímica	**Definição**	**Exemplos de marcas da modalização autonímica**
Não-coincidência interlocutiva	Quando as modalizações autonímicas indicam uma distância entre os coenunciadores.	*Desculpe a expressão, se se pode dizer, se você preferir, entende o que eu quero dizer ? Como você mesmo diz...*
Não-coincidência do discurso consigo mesmo	Quando o enunciador alude a um outro discurso dentro de seu próprio discurso.	*Como diz x, para usar as palavras de x, para falar como os esnobes, o assim chamado..., o que se costuma chamar...*
Não-coincidência entre as palavras e as coisas	Quando se trata de indicar que as palavras empregadas não correspondem exatamente à realidade que deveriam designar.	*O que é preciso chamar x, poderíamos dizer, como dizer ? ía dizer x, x ou melhor y, já que é necessário nomear...*
Não-coincidência das palavras consigo mesmas	Quando o enunciador se confronta com o fato de que o sentido das palavras é ambíguo.	*Em todos os sentidos da palavra, no sentido primeiro da palavra, literalmente, eis a palavra adequada...*

Quadro 2. As categorias da modalização autonímica, baseado em MAINGUENEAU (2001, p. 159)

Além dessas marcas que se inserem no fio do discurso, com base em Maingueneau é possível notar a modalização autonímica por meio da presença de outros elementos, como a colocação das aspas e itálico. Segundo Maingueneau (2001), a colocação das aspas é um elemento mais discreto para marcar a presença do comentário do enunciador. De acordo com o autor, as aspas inserem-se: "num plano diferente do restante da frase e sem explicitar claramente os elementos sobre os quais incidem, as aspas, sem romper a ordem da sintaxe, enquadram tipograficamente os elementos sobre os quais recaem." (MAINGUENEAU, 2001,

p. 160). Para o teórico do discurso, o enunciador utiliza as aspas para indicar que as palavras usadas por ele não correspondem bem à realidade, isto é, o seu discurso não é o que ele gostaria de dizer de fato. Diferentemente das expressões que nem sempre deixam claro onde recai o comentário, para Maingueneau (2001), com o uso das aspas é possível saber exatamente sobre qual elemento aponta a modalização autonímica. Ao inserir as aspas, o enunciador chama a atenção para uma palavra ou expressão, em que ele propõe que aquelas aspas sejam interpretadas pelo leitor. Com o uso das aspas, o enunciador além de comentar o seu dizer sem usar explicitamente uma palavra ou expressão, fornece indicações de que aquela marca deve ser interpretada:

> O enunciador indica ao leitor que seu discurso não coincide consigo mesmo, porém não explica os motivos. Para descobrir a razão do emprego das aspas e interpretá-las, o leitor deve levar em consideração o contexto e, especialmente, o gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2001, p. 162).

Com base no exposto, é possível afirmar que, para que as aspas ou a falta delas sejam interpretadas corretamente, é preciso uma negociação entre o leitor e o enunciador. Se o leitor souber do que se trata, terá uma interpretação bem sucedida. Nesse sentido, com o uso das aspas, o enunciador pode mostrar, por exemplo, que ele se afasta daquela frase, ou critica, zomba dela.

Em relação ao itálico — que também tem a função de levar o leitor a uma interpretação do distanciamento do enunciador em relação ao seu enunciado — Maingueneau (2001) pontua que há uma pequena diferença entre esses dois sinais tipográficos; as aspas são "mais adequadas quando se trata de uma certa reserva por parte do enunciador, que indica, assim, uma não-coincidência de sua fala." (MAINGUENEAU, 2001, p. 166). O itálico, por sua vez, não indica, necessariamente, essa reserva, apenas que ele comenta sua fala por meio de uma marca.

3.2 O *ethos*

Com o levantamento das pequenas frases que irão compor o capítulo analítico deste trabalho, foi possível perceber que elas veiculam, em suas diferentes aparições, um determinado *ethos,* produzindo diferentes efeitos de sentidos. Por esta razão, decidimos falar sobre essa noção.

A concepção de *ethos* tem sua origem nos estudos sobre a retórica realizados por Aristóteles, que consistiam, segundo o filósofo, na imagem de si que o locutor projeta ao realizar um discurso, sendo, pois, um recurso retórico, haja vista que, no discurso do sujeito, o indivíduo pretende persuadir, conquistar os ouvintes com sua fala. Sobre o assunto, Maingueneau (1996, p. 92) mostra que

> Para Aristóteles, "convence-se pelo caráter moral (ethos, em grego), quando o discurso procede de maneira a tornar o orador digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral." (Retórica, 1356a, São Paulo, DIFEL, Livro I, cap. II,2). Trata-se pois, para o orador, de dar uma certa imagem de si mesmo, de se colocar como homem prudente, virtuoso, benevolente, a fim de persuadir seu auditório. Este ethos não pertence ao indivíduo considerado independente de seu discurso; é apenas uma personagem adaptada à causa que o orador defende. Este não diz explicitamente: "Sou honesto, corajoso, etc." mas adota, falando, o tom, as maneiras que o senso comum atribui a um homem honesto, corajoso, etc. O ethos é portanto associado ao locutor-L, ao ser do discurso, e não ao locutor- λ."

No entendimento de Maingueneau, o discurso é inseparável de uma voz, de um tom que constrói uma imagem do locutor que está proferindo o enunciado. Roland Barthes (*apud* Maingueneau, 2001) apresentou uma das características essenciais do *ethos*:

> São os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa a sua sinceridade) para causar boa impressão: são os *ares* que assume ao se apresentar. (...). O orador enuncia uma informação, *e ao mesmo* tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo. (BARTHES *apud* MAINGUENEAU, 2001, P. 98)

A noção aristotélica atualmente vem sendo muito discutida e ampliada, e passando a ter um tratamento discursivo, incorporando a idéia de que, pela maneira que o sujeito se expressa, é possível depreender uma imagem física e também psicológica desse indivíduo e de seu discurso. É nessa perspectiva que este trabalho se inscreve, baseado no conceito de *ethos* desenvolvido por Maingueneau (2001, 1997) e Amossy (2005).

Ruth Amossy, ao falar sobre o *ethos*, considera que é por meios das palavras que conseguimos projetar o sujeito sem que ele nada fale sobre o seu modo de ser:

> Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim

> deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2005, p. 9).

Com isso, vemos que a maneira de dizer procura, a partir de uma determinada formação discursiva, induzir os ouvintes a projetar uma imagem do falante. Desse modo, o *ethos* pode ser considerado um aspecto fundamental do ato enunciativo, isto é, ele faz parte da enunciação, pois nela há uma relação de mutualidade entre o locutor e o alocutário, havendo, pois, um jogo de imagens de si e do outro que presidem o discurso. Além disso, revela Amossy (2005), o *ethos* contribui para que o locutor possa conferir certo *status* ao seu discurso, além de estar ligado também às questões de legitimidade da produção discursiva.

A esse respeito, Maingueneau (2001) afirma que a noção de *ethos* se desenvolve e se articula com a enunciação, sendo que a escolha do tipo de discurso pré-estabelece uma cenografia ao locutor e à enunciação. Segundo o linguista, por meio da enunciação revela-se a personalidade do sujeito. É pelo *ethos* construído que o locutor se mostra, sem precisar dizer nada sobre si.

Além desse traço, Maingueneau (2001) revela outras características com as quais se articulam a construção do *ethos*: o discurso também permite que descubramos o **tom** da fala. Como pondera o estudioso, "um tom dá autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (...) (MAINGUENEAU, 2001, p. 98)." Ainda em Maingueneau (idem) vimos que o *ethos* nos permite depreender um **caráter** e uma **corporalidade**, isto é, os traços psicológicos e as características físicas de quem está enunciando: "O "caráter" corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a "corporalidade" corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimento no espaço social." (MAINGUENEAU, 2001, p. 98). O caráter e a corporalidade aparecem na figura do **fiador**. Para o autor,

> O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apóia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las. Esses estereótipos culturais circulam nos domínios mais diversos: literatura, fotos, cinema, publicidade etc. (MAINGUENEAU, 2001, p. 99)

Assim, a imagem feita desse fiador é construída a partir de estereótipos os quais circulam em nossa sociedade e que dão sustentabilidade à imagem que é construída. Não sendo algo novo, mas já conhecido. Desse modo, são somente as ideias que o locutor apresenta que vão construir uma maneira de ser, isto é, uma imagem. Segundo Maingueneau

(2001), isso constrói um paradoxo constitutivo: "é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer." (MAINGUENAU, 2001, p. 99)

Feitas as devidas conceituações, é possível compreender como a Análise do Discurso pode incorporar o *ethos*. Segundo Maingueneau (1997), a teoria do discurso precisa realizar um duplo deslocamento: em primeiro lugar, a construção do *ethos* não é uma preocupação intencional do sujeito, uma preocupação "psicologizante", como explica o autor, em que, quem fala escolhe os efeitos de sentidos que ele pretende produzir em seus ouvintes. Maingueneau (1997) explica que esses efeitos são impostos pela formação discursiva que ele está inserido e não por escolha do sujeito. O *ethos*, para o linguista, se impõe àquele que ocupa um certo lugar de enunciação, passando a fazer parte de uma formação discursiva. Em segundo lugar, explica o linguista, a AD deve perseguir uma concepção de *ethos* que consiga conjugar a oposição que existe entre a fala e a escrita. Maingueneau (1997) lembra que na retórica, o *ethos* era visto em torno da fala, da palavra viva, dos gestos e da entonação que o falante deixava aparecer com sua fala. Mas o texto escrito também está dotado de uma "voz", isto é, embora o texto seja escrito, ele aparece sendo sustentado por uma voz específica, tal qual a fala.

O autor chega a conclusão de que toda FD possui seu *ethos*:

> Se os elementos do ethos forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso é, a partir daí, indissociável da forma pela qual "toma corpo". Introduziremos aqui a noção de **incorporação** para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu ethos que ocorre através do procedimento enunciativo. (MAINGUENEAU, 1997, p. 48)

Assim, segundo o autor, a formação discursiva confere "corporalidade" à figura do enunciador. Por meio da FD incorporamos esquemas os quais definem uma maneira específica de habitar o mundo, isto é, formas de conviver, despertando crenças, estereótipos que estão ligadas a determinadas FDs. A partir disso, quem recebe a mensagem, o co-enunciador, é quem será interpelado pela enunciação:

> não é apenas um indivíduo para quem se propõem "idéias" que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao "dito" através de uma "maneira de dizer" que está enraizada em uma "maneira de ser", o imaginário de um vivido. (MAINGUENEAU, 1997, p. 48-49)

Outra questão importante para tratar da noção do *ethos* é a ligação que Ducrot (1987) faz do *ethos* com a figura do locutor (L). Para o autor, a noção de *ethos* está ligada a figura de L, isto é, o locutor enquanto tal.

> Na minha terminologia, direi que o ethos está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte de enunciação que ele se vê dotado [affublé] de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável. O que o orador poderia dizer de si, enquanto objeto da enunciação, diz, em contrapartida, respeito a λ, o ser do mundo, e não é este que está em questão na parte da retórica de que fala (a distância entre estes dois aspectos do locutor é particularmente sensível quando L ganha a benevolência de seu público pelo próprio modo como humilha λ: virtude autocrítica) (DUCROT, 1987, p. 188).

O *ethos* (aparência, fluência, entonação, escolha das palavras, os argumentos) está ligado ao locutor L. Sobre isso, Amossy (2005) diz que Ducrot evita relacionar a aparição de um enunciado a um sujeito falante, real; o autor abandona o sujeito real para se interessar pela instância discursiva do locutor. Segundo Amossy (2005):

> Analisar o locutor L no discurso consiste não em ver o que ele diz de si mesmo, mas em conhecer a aparência que lhe confere as modalidades de sua fala. É nesse ponto que Ducrot recorre à noção de ethos: "O ethos está ligado a L, o locutor como tal: é como origem da enunciação que ele se vê investido de certos caracteres que, em contrapartida, tomam essa enunciação aceitável ou recusável" (Ducrot, 1984, p. 201) (AMOSSY, 2005, p. 15)

Desse modo, quem enuncia, precisa legitimar seu dizer. Essa maneira de dizer é que irá construir uma imagem positiva ou negativa, se que o que é dito é digno de adesão ou não. Para Amossy (2005, p. 17): "A noção de ethos estabelecida pela análise do discurso encontra, assim, a sociologia dos campos, mas privilegia "o imbricamento de um discurso e de uma instituição". A partir disso, temos a ideia de que o discurso precisa estar autorizado, há condições que autorizam esse dizer, e o *ethos* faz parte dessas condições de enunciabilidade dos discursos.

CAPÍTULO 4

A CIRCULAÇÃO DE PEQUENAS FRASES NA MÍDIA

É chegado o momento de realizarmos o capítulo de análise, lugar onde apresentaremos pequenas frases em circulação na mídia. Como foi dito em capítulos anteriores, nós usaremos exemplos diferentes do campo político, campo discursivo esse que autores como Alice Krieg-Planque , Caroline Ollivier-Yaniv e Dominique Maingueneau e outros usaram para verificar o aparecimento do fenômeno. Cumpre dizer também que nos capítulos anteriores procuramos construir o alicerce teórico-metodológico de nossa pesquisa, apresentando de forma relativamente breve as ferramentas conceituais e analíticas que mobilizaremos neste capítulo para o tratamento de nosso *corpus* de pesquisa.

Analisaremos quatro pequenas frases de campos discursivos diferentes: a primeira frase advém do discurso publicitário (menos Luiza que está no Canadá), a segunda do discurso artístico-musical (Aí se eu te pego), a terceira do discurso cotidiano (vada a bordo, cazzo), e a última provém do discurso esportivo (cala a boca, Galvão)[34].

A metodologia de análise partirá da noção de percurso desenvolvida por Maingueneau (2007; 2008). Em seguida, seguiremos os passos dos capítulos presentes neste trabalho: após a apresentação dos *corpora* a serem analisados, faremos uma reflexão de como os enunciados de curta extensão nos auxiliam na compreensão do fenômeno em questão. Feito isso, partiremos para a discussão sobre o alicerce enunciativo das pequenas frases a partir dos postulados teóricos desenvolvidos por Dominique Maingueneau. Em seguida, será o momento de verificarmos as pequenas frases sob o prisma do referencial teórico dos autores do dossiê *Les "petites phrases" en politique*. Por fim, observaremos o funcionamento de outros conceitos, como os de heterogeneidade e de *ethos*, que também auxiliam no entendimento das pequenas frases.

4.1 A noção de percurso

Iniciemos o presente item esclarecendo que a Análise do Discurso é uma ciência interpretativa, portanto, não faz parte de sua prática ter metodologias aplicáveis a quaisquer *corpora*, uma vez que ela se constrói a partir do material de análise que o analista tem em

[34] A presente classificação foi realizada por conta da temática que os enunciados estavam envoltos

mãos. Nesse sentido, a metodologia da AD não é dada *a priori:* é a pergunta de pesquisa juntamente com o material escolhido para a análise que determinará o caminho analítico a ser seguido.

Sobre a questão da metodologia, Maingueneau (2008), pontua que o analista do discurso trabalha com algumas unidades fundamentais: a formação discursiva, o gênero do discurso e o posicionamento. A fim de explicitar melhor essas unidades fundamentais, o autor propõe dividi-las em dois grupos: as unidades tópicas e as unidades não-tópicas. Maingueneau (2007) divide as unidades tópicas em unidades territoriais e unidades transversas; dentro das unidades não-tópicas estão as formações discursivas e os percursos. O estudioso resume essa divisão de unidades a partir do quadro abaixo[35]:

Unidades tópicas		**Unidades não-tópicas**	
Territoriais	Transversais	Formações discursivas	Percursos
Tipos / Gêneros de discurso: a) Gêneros dependentes de campos b) Gêneros dependentes de aparelhos	- Registros linguísticos - Registros funcionais - Registros comunicacionais		

Quadro 3. As unidades tópicas e não-tópicas (MAINGUENEAU, 2007, p.33)

Dentro dos postulados apresentados pelo referido autor, os *corpora* de análise pesquisados para esta tese evidenciou que deveríamos operar com as unidades de natureza não-tópicas, mais precisamente com a noção de percurso. Para trabalhar com tal categoria, é necessário se debruçar sobre a irrupção, circulação e transformação dos discursos e se deparar com as mais diferentes produções de sentidos.

A noção de percurso permite vislumbrar que o trabalho do analista não pode ser reduzido ao recorte de um campo e um espaço discursivo específico, mas sim um trabalho que procura estabelecer uma rede discursiva em termos de campo e de espaço a partir da noção de interdiscurso. Dessa perspectiva, um ponto interessante sobre essa metodologia é a sua relação com a seleção e recorte de *corpora* em AD. Segundo Maingueneau, o percurso é entendido como o trabalho em que

[35] A discussão a propósito de como se constrói uma unidade tópica ou não-tópica não é de interesse para esse trabalho, para obter maiores informações, vide Maingueneau (2007; 2008) e Miqueletti (2009).

> os analistas do discurso podem ainda construir corpus de elementos de diversas ordens (palavras, grupos de palavra, frases, fragmentos de textos) extraídos do interdiscurso, sem buscar construir espaços de coerência, ou seja, sem procurar constituir totalidades. Nesse caso, deseja-se, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas por meio da definição de *percursos* inesperados: a interpretação se apóia, assim, sobre a explicitação de relações imprevistas no interior do interdiscurso. Esses percursos são hoje consideravelmente facilitados pela existência de *softwares* que permitem tratar conjuntos de textos bastante vastos. (MAINGUENEUA, 2007, p. 32-33)

Com base na citação anterior, vemos que, por meio da noção de percurso, é possível ao analista construir um corpus de análise advindo de fragmentos de textos e frases os quais foram extraídos do interdiscurso, sem que haja a necessidade de buscar totalidades. Em outras palavras, é um tipo de abordagem analítica que não procura delimitar fronteiras a priori, pelo contrário, procura desfazê-las para trabalhar com a dispersão dos discursos no interior mesmo do interdiscurso. Ademais, o analista deve explorar a instabilidade e a circulação dos enunciados e não procurar ligar o fragmento textual a uma fonte enunciativa. Essa fonte enunciativa pode ser concebida como um ponto de vista, um posicionamento, uma formação discursiva. Falando sobre o assunto, Possenti revela que:

> Não se trata de dizer que o enunciado não "pertença" a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que ele pode ser retomado por várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo, a cada vez, novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação (POSSENTI, 2010, p. 105).

Como revela Maingueneau (2007), seguindo esse caminho, podemos prever percursos os quais são construídos a partir de retomadas ou transformações de um mesmo enunciado em textos diversos. A nosso ver, perseguir o percurso de determinado enunciado é de grande valia para o trabalho em questão, uma vez que as pequenas frases ora analisadas circularam de forma dispersa. A partir disso, veremos que a interpretação delas será baseada em percursos não esperados, em que se apresentam relações não esperadas no interior do interdiscurso.

O ato de circular no interdiscurso, explica Maingueneau (2008), resume-se no trabalho de seguir fragmentos, frases ou textos os quais, de alguma forma, percorrem um caminho de cristalização e que funcionam em diversos campos e espaços discursivos, não sendo, pois, uma análise que se ocupa de posicionamentos institucionais ou de formações discursivas, mas

que define percursos na medida em que persegue várias instituições, gêneros, campos discursivos em que aquela frase possa funcionar. O que não significa que tais frases não estejam atreladas a determinados posicionamentos ou formações discursivas.

O que caracteriza a noção de percurso, segundo Maingueneau (2007), é que os fragmentos não se apresentam como estabilizados, rodeados por fronteiras, como a de um gênero, por exemplo, em que temos o interesse pelo estudo de um discurso determinado. As unidades tópicas tal qual o gênero, por exemplo, de alguma forma, encontram-se delimitadas por fronteiras, embora se apresentem com problemas de delimitação, reconhece o autor. Mas nas unidades não-tópicas não há delimitação de fronteiras, pelo contrário, trabalha-se com a instabilidade, com o deslocamento de sentidos, havendo, pois, a relação do discurso com o interdiscurso:

> o interdiscurso "trabalha" o discurso, que, a seu turno, redistribui esse interdiscurso que o domina. A sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difuso, que atravessam numerosos espaços de discursos. (MAINGUENEAU, 2007, p. 34)

O trabalho do interdiscurso de que o autor fala resultará na produção de diferentes sentidos. Sobre os sentidos, Maingueneau (2009) revela que eles não estão somente dentro do texto, na sua estrutura, porque há a interação entre o texto e os parceiros da comunicação, isto é, há uma negociação entre o texto e os elementos que o rodeiam. O autor diz que os significados são muito incertos e dependem da forma como as palavras são empregadas em determinada cena enunciativa. Notamos que a categoria do percurso ajuda a pensar os fragmentos, frases, fórmulas, dentre outros que apesar de uma cristalização linguística, circulam sem significação estável e que são utilizados por diversos autores nos mais variados campos. A significação se torna instável, explica Maingueneau (2009), porque o sentido sempre precisa ser construído, necessitando de outros elementos como a cultura, ideologia, o contexto social a que está inserido o significante. O estudioso assevera que as pessoas acreditam que falam da mesma coisa, quando na verdade, os sentidos são apropriados de formas diferenciadas. Não que o sentido seja sempre incerto, mas na visão do linguista, a atividade discursiva funciona a partir de duas vertentes: "temos os significantes que flutuam e que buscam um sentido" (MAINGUENEAU, 2009), que é a opacidade constitutiva dos sentidos e, por outro lado, temos "um espaço nos quais os parceiros estão de acordo para dar uma certa significação, porque é um jogo de palavras no qual estão engajados (...) (MAINGUENEAU, 2009)", isto é, temos a presença de certos dispositivos os quais delimitam

os sentidos. Afirmar isso, revela o estudioso: "não significa que o sentido seja unívoco, mas tem uma espécie de quadros que fecham, que trancam um pouco a polissemia virtual do sentido." (MAINGUENEAU, 2009)". Em outras palavras, o sentido não é nem unívoco nem indefinido; para ser depreendido, ele precisa se associar às significações impostas por elementos como a língua, a história, o interdiscurso e aos princípios de regramento.

Miqueletti (2009) revela que para se pensar a pesquisa pautada no conceito de percurso é preciso construir um modelo de análise que leve em conta a circulação (ocorrência) de certas expressões circulando nos textos, independente de gênero ou ideologia. Isso porque, explica a autora, o percurso não pressupõe uma unidade entre os enunciados que foram agrupados, isto é, não se deve procurar totalidades, coerência entre os enunciados, mas deve-se interessar pelos usos de um fragmento, texto ou qualquer outra forma linguística. Aí sim poderíamos pensar a circulação em um conjunto de textos definidos, explica a autora, como um gênero, um campo ou posicionamento.

Operar com as unidades não-tópicas não requer que se trabalhe com divisões instituídas, como diz Maingueneau (2008), visto que a observação do discurso se dá independentemente de fronteiras pré-estabelecidas. Para o autor, o princípio de agrupamento para se proceder a análise é uma decisão que o analista toma. Isso não quer dizer que a interpretação está submetida somente "ao capricho dos pesquisadores: há um conjunto de princípios, de técnicas que regulam esse tipo de atividade hermenêutica" (MAINGUENEAU, 2008, p.24). Assim, a escolha do corpus não é arbitrária, não sendo uma escolha aleatória: é preciso definir alguns caminhos, os quais permitem a observação da circulação e dos usos dos fragmentos. Sobre o assunto, Miqueletti (2009, p. 210) revela que:

> Propor-se a estudar a *circulação* de enunciados no interdiscurso não requer realizar uma caracterização exaustiva de suas condições sociais de produção, ou seja, de conduzir uma análise que esmiúce o campo discursivo de pertencimento do texto do qual participam (os posicionamentos e as práticas que os constituem e suas relações internas com outros posicionamentos concorrentes do mesmo campo). A circulação preocupa-se com os sentidos que os enunciados assumem nos diferentes lugares em que circulam. Dar ênfase à circulação de uma tese (ou das formas lingüísticas que a sublinham) implica, no nosso caso, delimitar um espaço para a sua circulação.

Ademais, para se trabalhar com a noção de percurso, é preciso seguir o período de irrupção do enunciado e também as transformações que ele sofreu, dentro de um período de tempo. Maingueneau (2007) propõe também que o analista poderá prever dois tipos de percursos:

> Podemos prever percursos de tipo formal (um certo tipo de metáfora, uma dada forma de discurso relatado, de derivação sufixal, etc.); porém, nesse caso, se não trabalhamos com um conjunto discursivo bem especificado, recaímos na análise puramente lingüística. Podemos igualmente prever percursos baseados em materiais lexicais ou textuais: por exemplo, a retomada ou as transformações de uma mesma expressão em uma série de textos, ou então as diversas recontextualizações de um "mesmo" texto. (MAINGUENEAU, 2007, p. 33)

Com base no exposto, podemos apresentar os *corpora* reunidos para a realização da análise das pequenas frases escolhidas para esse trabalho seguindo a noção de percurso.

4.2 Apresentação dos *corpora* de análise

Como vimos, a constituição dos nossos *corpora* de análise se pautou em uma unidade não-tópica, o percurso. Para chegar ao que vamos apresentar abaixo, foi preciso seguir os usos das pequenas frases, apurar os sentidos que elas assumiram nos diferentes lugares em que circularam e investigar o período de irrupção, circulação e transformação que elas sofreram. Como resultado, apresentamos a atividade discursiva das pequenas frases: como surgiram, sua irrupção enquanto um acontecimento na história cotidiana. Também constatamos os seus principais lugares de circulação e, assim, vislumbramos a transformação dos enunciados a partir dos diferentes contextos de circulação, gerando novos sentidos.

Como foi dito por Maingueneua (2008), a forma de agrupar os enunciados para a análise é uma decisão do analista. Contudo, isso não quer dizer que a interpretação fique a capricho dele, já que há algumas delimitações regulam essa atividade interpretativa. Com o nosso trabalho não foi diferente: embora pudéssemos escolher a forma de agrupar os enunciados, algumas delimitações se impuseram à nossa pesquisa científica. A primeira foi o suporte de circulação: a produção de pequenas frases se mostrou mais recorrente no suporte internet.

A partir da análise do referido suporte, observamos que tínhamos um *corpus* muito diversificado e amplo: jornais de diversas naturezas, imitações, criações, comentários em diversos fóruns de debates, redes sociais, blogs. Essa questão nos fez tomar algumas decisões, como observar em quais gêneros as pequenas frases mais circularam a fim de termos materiais para proceder a análise. Isso não quer dizer que ficamos presos às coerções próprias dos gêneros, isto é, não nos prendemos as características dos gêneros escolhidos. O critério

que determinou a escolha de alguns lugares em detrimento de outros, foi aqueles que mais mostravam a circulação das pequenas frases. A partir disso, observamos que os gêneros jornalísticos foram bem propícios para a circulação das frases: revistas, jornais de diferentes naturezas (de fofoca, de notícias, editoriais, reportagens). Os blogs, como o twiter, e os sites de relacionamentos, como o facebook, também se mostraram muito produtivos para o desenvolvimento do fenômeno em questão. Ademais, os fóruns de debate que tanto os gêneros jornalísticos quanto os sites de relacionamentos e blogs ofereciam também são lugares em que foi possível encontrar a pequena frase circulando e produzindo os mais diferentes sentidos.

Ao frequentarmos sites de notícias, fóruns de debates, comentários em sites de relacionamentos, blogs, etc., observamos que eles formavam uma espécie de narrativa a qual contava a história de cada frase escolhida para análise. Com base nesse fenômeno, percebemos que a escolha do percurso a ser analisado não foi aleatória: precisamos, por mais que as pequenas frases circulassem na dispersão, definir gêneros e períodos específicos para que se realizasse a investigação. Isso se tornou possível, a partir da perseguição do fragmento: ao visitar sites de busca (tais como o www.google.com), reconstruimos um percurso de circulação das pequenas frases, desde suas primeiras aparições até o momento em que elas começaram a perder força para dar lugar a outra pequena frase. Desse ponto de vista, não há gêneros que devem ser privilegiados em detrimentos de outros, foi a circulação da frase que nos indicou os lugares mais recorrentes. Assim, o critério que orientou a nossa escolha por títulos de notícias, imitações/criações e comentários foi a presença da pequena frases nesses lugares e os sentidos gerados a partir desses aspectos.

Com a circulação das pequenas frases é possível evidenciar que, embora relativamente estável do ponto de vista linguístico, elas tendem a sofrer mudanças de sentidos cada vez que são aforizadas. Esse fenômeno se dá por conta do trabalho do interdiscurso: a relação que cada frase estabelece com o interdiscurso é diferente a cada nova enunciação. Em consequência, os diferentes sentidos gerados, como será possível perceber logo abaixo, dependerá da rede interdiscursiva da qual o enunciado faz parte. Nesse sentido, é possível dizer que o significante é algo estável, em relação aos significados já não podemos dizer a mesma coisa: eles dependerão da forma como a frase foi empregada, de que relação discursiva ela fez parte. É por isso que ao construir percursos, o analista tem interesse pelos usos de um fragmento, frase, dentre outros.

Corpus 1: o caso Luiza

A irrupção, circulação e transformação da frase:

A pequena frase "menos Luiza que está no Canadá" se espalhou na internet após a divulgação de um comercial de televisão para anunciar o novo empreendimento da construtora Água Azul em João Pessoa, na Paraíba. O comercial mostra o colunista social e pai de Luiza, Geraldo Rabello, reunido com sua família para falar do empreendimento imobiliário. O comercial tem os seguintes dizeres:

> Depois de lançar o San Michel, o mais belo projeto imobiliário da Paraíba, Água Azul do grupo Conserpa-Enger apresenta o Boulevard Saint Germain, o novo endereço da sociedade paraibana. Apartamento para toda a família, com quatro suítes, sala para três ambientes e um clube de lazer. E é por isso que eu fiz questão de reunir toda a minha família, menos Luiza que está no Canadá, para recomendar esse empreendimento que eu assino embaixo.

Na propaganda apresentada por Geraldo Rabello, ele destaca que fez questão de reunir a família toda, menos Luiza, que estava no Canadá, para apresentar o lançamento do novo prédio.

A frase caiu no gosto popular e, de imediato, ganhou a internet. Em meados de janeiro de 2012, a pequena frase "menos Luiza que está no Canadá" começou a aparecer com força no Twitter e no Facebook, chegando a liderar o ranking dos assuntos mais comentados nas redes sociais. No Youtube, o vídeo da propaganda foi visto por milhares de pessoas. A pequena frase tornou-se popular e Luiza, que estava no Canadá, voltou para o Brasil no final de janeiro para se tornar uma celebridade. Por conta da circulação da frase, a moça de 17 anos fez propagandas, participou de programas de TV e ficou meteoricamente famosa.

A referida frase gerou uma série de vídeos, e imagens foram criadas na internet ironizando a propaganda. Ao consultarmos várias reportagens, comentários, blogs que surgiram na internet sobre o fato, observarmos que a gênese desse fenômeno se deu a partir da indignação dos paraibanos sobre a frase que consideraram completamente desnecessária na propaganda e iniciaram uma brincadeira com o enunciado. Por volta do dia 12 de janeiro, o vídeo da propaganda presente no site Youtube já contava com 2 milhões de acessos.

Devido à diversidade de instâncias discursivas que acolheram essa pequena frase, resolvemos realizar um recorte para proceder a análise. Escolhemos três exemplos desses

lugares discursivos: imitações, títulos de notícias e comentários presentes em fóruns de debate e redes sociais. Portanto, as conclusões tiradas não se referem e nem poderiam a tudo que surgiu sobre o caso ora analisado; as considerações referem-se apenas ao *corpus* selecionado. Abaixo, seguem os exemplos de cada lugar citado:

Exemplo 01: A pequena frase sendo usada para fazer imitações de cenas, propagandas e programas famosos[36]:

Imagem 01. Tim a maior cobertura do Brasil e do planeta. Você viaja para onde quiser e a TIM vai junto com você, ou com a Luiza que está no Canadá.

Imagem 02. Brasil um país de todos. Menos da Luiza, que está no Canadá

[36] Os enunciados que compõem o exemplo 01 foram todos retirados do site: www.facebook.com/menosluizaqueestanocanada - acesso em 03 de março de 2012

Imagem 03. Hoje a festa é sua, hoje é festa é nossa é de quem quiser, quem vier...menos Luiza! Que está no Canadá...

Imagem 04. William Bonner: *Boa noite a todos*
Patrícia Poeta: *Menos Luiza que está no Canadá*

Imagem 05. Havaianas. Todo mundo usa! Menos Luíza, que está no Canadá

Imagem 06. Todo mundo odeia o Chris. Menos Luiza que está no Canadá

Imagem 07. Você tem seu estilo. A Renner tem todos. Menos o da Luíza, que está no Canadá

Imagem 08. Um por todos. Todos por uma. Menos Luiza que está no Canadá

Imagem 09. Gol. Aqui todo mundo pode voar. Menos Luíza, que está no Canadá.

Imagem 10. Todo mundo tem um lado Devassa. Menos Luiza, que está no Canadá

Imagem 11. Tá todo mundo participando do Desafio Claro. Menos Luiza, que está no Canadá!

Imagem 12. Miranda Priestly (Meryl Streep): *Não seja ridícula! Todos querem estar onde estamos.*

Andy Sachs (Anne Hathaway): *Menos Luisa! Que está no Canadá…*

Imagem 13. Todos nós viemos a Acapulco. Menos a Luiza, que está no Canadá

Exemplo 02: a pequena frase figurando como títulos de notícias:

Notícia 01:

Luiza, que estava no Canadá, vende oito apartamentos em sete dias

Acesso em 20 de janeiro de 2012 no site Yahoo! Notícias:
http://br.noticias.yahoo.com/luiza--que-estava-no-canad%C3%A1--vende-oito-apartamentos-em-sete-dias.html

Notícia 02:

Luiza, que voltou do Canadá, lança blog sobre moda

Acesso em 30 de janeiro de 2012 no site globo.com:
http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/01/luiza-que-voltou-do-canada-lanca-blog-sobre-moda.html

Notícia 03:

Luiza está no Canadá: conheça o novo meme que está bombando na internet

Acesso em 18 de janeiro de 2012 em http://www.tecmundo.com.br/bizarro/18077-luiza-esta-no-canada-conheca-o-novo-meme-que-esta-bombando-na-internet.htm

Notícia 04:

"Menos Luíza, que está no Canadá" vira febre; entenda a mania

Acesso em 19/01 no site de notícias da UOL:
http://tudonahora.uol.com.br/noticia/brasil/2012/01/19/170507/menos-luiza-que-esta-no-canada-vira-febre-entenda-a-mania

Notícia 05:

"Menos Luiza, que está no Canadá..."

Acesso em 17/01/12 na Revista Galileu:
http://colunas.revistagalileu.globo.com/buzz/2012/01/17/menos-luiza-que-esta-no-canada/

Notícia 06:

Carlos Nascimento critica discussões em torno do BBB e 'Luiza no Canadá'

O jornalista Carlos Nascimento criticou, durante a abertura do "Jornal do SBT" da última quinta-feira (19), as discussões em torno do suposto estupro no reality show Big Brother Brasil e a repercussão do hit **"Luiza no Canadá"**. "Ou os problemas brasileiros estão todos resolvidos, ou nos tornamos perfeitos idiotas, não é possível que dois assuntos tão fúteis possam chamar a atenção de um país inteiro", comentou o âncora. Ao final do discurso, Nascimento alfineta: "Luiza já voltou do Canadá e nós já fomos mais inteligentes"

Acesso em 20 de janeiro de 2012 no site Yahoo! Notícias:
http://br.noticias.yahoo.com/carlos-nascimento-critica-discuss%C3%B5es-em-torno-do-bbb-e-luiza-no-canad%C3%A1.html

Notícia 07:

"Cala a boca, Nascimento!", diz pai de Luiza, que voltou do Canadá

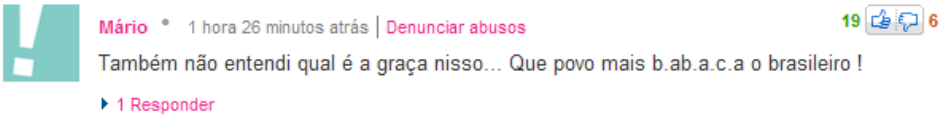
Acesso em 24 de janeiro de 2012 no site Yahoo! Notícias:
http://br.tv.yahoo.com/blogs/em-off/cala-boca-nascimento-diz-pai-luiza-que-voltou-233129955.html

Exemplo 03: a pequena frase sendo alvo de críticas e comentários nas redes sociais e fóruns de debate:

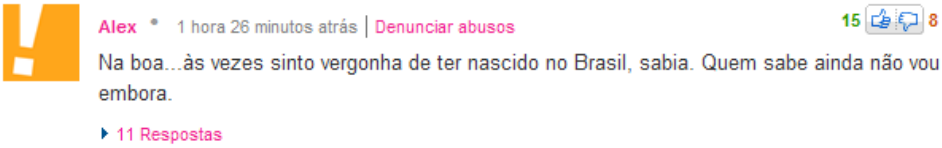
Comentário 01:

Comentário 02:

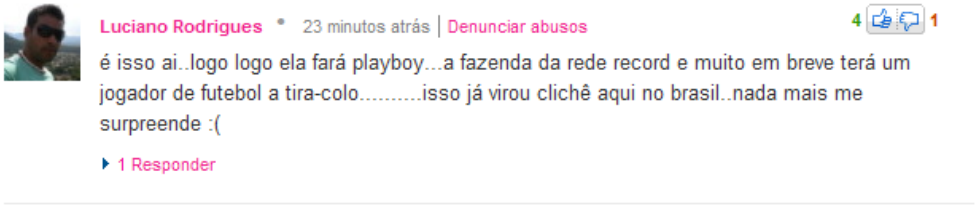
Comentário 03:



Comentário 04:

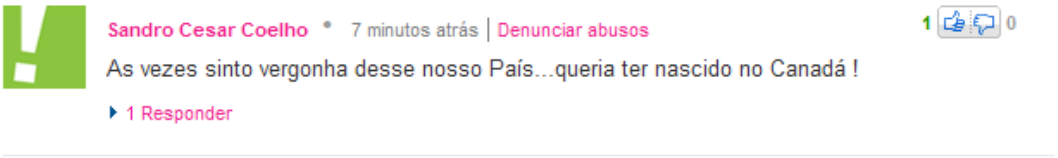


Comentário 05:

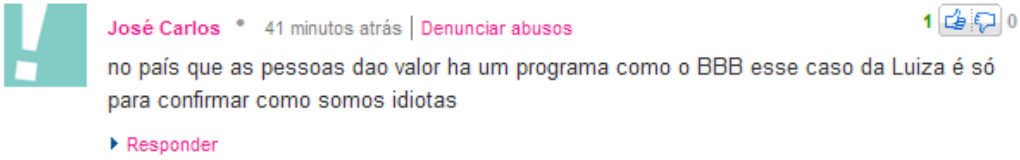


Comentário 06:

Comentário 07:



Comentário 08:



Comentário 09:

Marcia • *10 horas atrás Denunciar abusos*

Espero que o Nascimento não a cale a boca não, continue falando pra fazer o povo refletir em certas imbecilidades.

Comentário 10:

RICARDO • *10 horas atrás* *Denunciar abusos*

É claro que devemos apoiar o "Carlos Nascimento". Esse cara além de querer "promover" a própria filha patricinha e mimada, agora quer ser arrogante e usar palavreado vulgar!? Quem é Luiza!? Uma futura menina mimada cheia de razão e direito!?... Mais

Comentário 11:

MISTERIOSA • *1 hora 12 minutos atrás* *Denunciar abusos*

ALGUÉM PODERIA FAZER A GENTILEZA DE DESPACHAR ESTA GAROTA DE VOLTA PARA O CANADÁ?

Comentário 12:

Marisilda • *1 hora 2 minutos atrás* *Denunciar abusos*

Carlos Nascimento continue falando, pois o povo precisa acordar.

O Nascimento só disse a verdade e como sempre a verdade incomoda fazer o quê, né.!

Comentário 13:

FUBULOKO • *38 minutos atrás* *Denunciar abusos*

QUEM DEVE CALAR A BOCA É ESSE "AMEBA" DO PAI LUIZA, POR ISSO O BRASIL NAUM SAI DO LUGAR, FICA DANDO IBOPE PRA "ZÉ POVINHO".

Comentário 14:

passosdiasaguiar • *6 minutos atrás* *Denunciar abusos*

Carlos Nascimento,você é o cara mesmo!!!!! Pôs pra fora tudo que muitos gostariam e chamou a atenção dos abobalhados que ficam dando audiência a notícia sem conteúdo importante

Apresentação do corpus 02: caso "ai, se eu te pego"

A irrupção, circulação e transformação da frase:

"**Ai, Se Eu Te Pego**" é uma canção interpretada pelo cantor brasileiro Michel Teló, lançada em julho de 2011 pela gravadora Som Livre. A canção logo alcançou grande notoriedade e, em setembro de 2011, atingiu a primeira posição nas paradas de sucesso, como a música mais tocada nas rádios do momento. O sucesso da música foi tanto, que também chegou à primeira posição em países como Espanha, Holanda e Itália. No site Youtube, a música chegou a ter mais de 100 milhões de acesso.

Além da grande notoriedade da referida música, um pequeno enunciado que faz parte do refrão e compõe o título da canção, começou a circular na mídia, sobretudo na internet, podendo ser considerada uma pequena frase. A seguir, mostraremos a música na íntegra:

Ai, Se Eu Te Pego
Michel Teló

Nossa, nossa
Assim você me mata
Ai, se eu te pego,
Ai, ai, se eu te pego

Delícia, delícia
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai, se eu te pego

Sábado na balada
A galera começou a dançar
E passou a menina mais linda
Tomei coragem e comecei a falar

Nossa, nossa
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai se eu te pego

Delícia, delicia
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai, se eu te pego
http://www.vagalume.com.br/michel-telo/ai-se-eu-te-pego.html#ixzz1tMXqOWcB

Devido à diversidade de lugares discursivos que acolheu essa pequena frase, resolvemos realizar um recorte para proceder a análise. Escolhemos três exemplos desses lugares discursivos: imitações e criações, títulos de notícias e comentários presentes em fóruns de debate e redes sociais. Abaixo, seguem os exemplos de cada lugar citado:

Exemplo 04: A pequena frase sendo usada para fazer criações ou imitações para tratar de assuntos que foram destaques no cenário nacional:

Imagem 14. *Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego...* [37]

Imagem 15: Neymar: *Ai se eu te pego!*
Messi: A*ssim você me mata!* [38]

[37] Charge publicada em referência à justica estar cassando os prefeitos de munícipios amazonenses - http://blogs.d24am.com/blogdamaze/2012/01/08/se-eu-te-pego-ai-ai/

Imagem 16. Messi a Neymar: Vem pegar![39]

Imagem 17....*e essa vai para o nosso ministro Bezerra...Assim você me mata, ai seu eu te pego...*[40]

[38] Em referência ao jogo Barcelona X Santos que ocorreu no dia 18/12/11 no Japão, na final do torneio mundial interclubes. Barcelona ganhou do time brasileiro com 4 gols, sendo dois do jogador Leonel Messi.

[39] Em referência ao fato do jogador brasileiro Neymar ter ficado entre os 23 indicados à Bola de Ouro, prêmio oferecido pela Fifa e pela revista *France Football* ao melhor jogador do mundo. O vencedor do prêmio foi o jogador argentino Leonel Messi.

[40] Charge em referência aos acontecimentos envolvendo o Ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, o qual foi acusado de ter direcionado recursos públicos para Pernambuco, seu estado de origem, em volume maior do que para outras áreas também atingidas pela chuva, no começo do ano de 2012.

Imagem 18. *Obama oferece para Ahmadinejad: "ai, ai, ai, se eu te pego, ai, ai, ai se eu te pego, ai, ai, ai..."*[41]

Imagem 19. Advogado de Anna Carolina Teló: Nossa, nossa...[42]

[41] Charge em referência ao programa nuclear iraniano defendido pelo presidente Ahmadinejad e combatido pela Organização das Nações Unidas, representado pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

[42] Em referência à separação de Michel Teló e Ana Carolina Teló, na qual a ex-esposa do cantor deve ficar com metade dos bens dele.

Imagem 20. Os Teló (do PSDB). Nossa, nossa. Assim você me mata, ai se eu te pego, ai, ai se eu te pego.[43]

Exemplo 05: a pequena frase figurando como notícias e títulos de sites e revistas:

Notícia 08:

"Ai, se eu te pego": vídeo de Michel Teló é a música brasileira mais vista do YouTube

Canção "Ai, se eu te pego" lidera paradas na Europa e já tem mais de 100 milhões de visualizações na internet

Acesso em 27/04/2012: http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/17383--ai-se-eu-te-pego-video-de-michel-telo-e-a-musica-brasileira-mais-vista-do-youtube.htm#ixzz1tMjj0Ocd

Notícia 09:

"Hit 'Ai se eu te pego' é dançado por soldados israelenses"

Jornal O Globo – acesso em 27/04/2012 no site:

http://oglobo.globo.com/mundo/hit-ai-se-eu-te-pego-dancado-por-soldados-israelenses-3550888

Notícia 10:

'Ai, se eu te pego' sobe a rampa

[43] Charge em referência às diversas críticas feitas pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso a José Serra. Segundo o ex-presidente, Serra é o principal responsável pela derrota tucana nas eleições de 2010.

(...)

Hoje, abro a internet – um velho hábito – e fico a par de uma novidade… novidade nem tanto, pois aconteceu na sexta-feira: "ai, se eu te pego" também subiu a rampa neste final de semana. No por-do-sol (inclemente na capital federal nestes dias de verão) a banda do Regimento de Guardas da Presidência – cerca de 30 homens – aqueles que nos desfiles usam lanças e penachos, brindou o pequeno grupo de turistas que sempre assistem a cerimônia com a música-chiclete, termo usado por um site para classificar a música (?) do ex-brega sertanejo, hoje sucesso internacional.

Revista Carta Capital – acesso em 27/04/2012: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ai-se-eu-te-pego-sobe-a-rampa/

Notícia 11:

U2 canta "Ai se eu te pego em inglês"

Uma das maiores bandas de rock do mundo curvando-se à beleza e profundidade da canção brasileira que é hit no planeta.

http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=u2-canta-ai-se-eu-te-pego-em-ingles-04020E993668E0A12326#videos.htm?codProfile=efu0mq20a6k4&discard_cache=true&video=u2-canta-ai-se-eu-te-pego-em-ingles-04020E993668E0A12326

Notícia 12:

Versão do "Ai se eu te pego" é usada em campanha de trânsito de Maringá

"Nossa, nossa por aí você se mata, se o carro te pega, ai, ai, ai se te pega.

"Na faixa, na faixa, por aqui que você passa, ai que delícia, ai, ai, ai que delícia!"

http://globotv.globo.com/rpc/parana-tv-2a-edicao-maringa/v/versao-do-ai-se-eu-te-pego-e-usada-em-campanha-de-transito-de-maringa/1775748/

Notícia 13:

"Ai se eu te pego" versão Mosquito da Dengue

Se você pensava que o "hit do verão" estava perdendo a força, enganou-se. Até os mosquitos da dengue se renderam ao **"Ai se eu te pego"** do **Michel Teló**. Essa foi a paródia criada pela agência **Leiaute** para a campanha contra a **Dengue 2012** da Prefeitura de Salvador

http://comunicadores.info/2012/02/09/ai-se-eu-te-pego-versao-mosquito-da-dengue/ - acesso em 27/04/12

Notícia 14:

Imagem 21. Capa da Revista Época

Ele ainda vai te pegar.
Com o sucesso "ai, se eu te pego", o cantor paranaense Michel Teló traduz os valores da cultura popular para os brasileiros de todas as classes.
In: http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2011/12/michel-telo-ai-se-eu-te-pego.html - acesso em 27 de abril de 12

Exemplo 06: ser alvo de críticas e comentários nas redes sociais e fóruns de debate:

Comentário 15:

Tecladista do Los Hermanos quer distância de Michel Teló: "só uma precaução com o meu cérebro"

Bruno Medina, tecladista do **Los Hermanos**, não quer ouvir ***Ai se Eu te Pego*** nem mais uma vez. Em uma carta aberta ao cantor sertanejo **Michel Teló** no blog **Instante Posterior**,

Medina deixou recado para Teló: "não seria mal se você resolvesse passar 2012 viajando pelo mundo".

(...)

Para encerrar, Medina desejou sucesso ao cantor de ***Fugidinha*** e ***Humilde Residência***, mas deixou claro que quer ficar distante do fenômeno paranaense. "Nada pessoal, é só uma precaução com o meu cérebro".

Não satisfeito, o blogueiro ainda fez um último pedido a Teló. "Da próxima vez que gravar uma música, em prol da sanidade mental de milhões de pessoas, por favor, considere não criar dancinhas".

http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/musica/2012/01/04/291421-tecladista-do-los-hermanos-quer-distancia-de-michel-telo-so-uma-precaucao-com-o-meu-cerebro - acesso em 27/04/2012

Comentário 16:

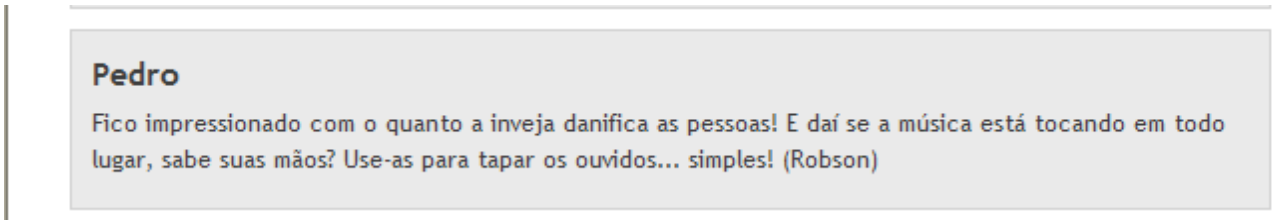
Leitor critica hit "Ai Se Eu te Pego" de Michel Teló

LEITOR **WAGNER MARTINS DA COSTA** DE SÃO PAULO (SP)

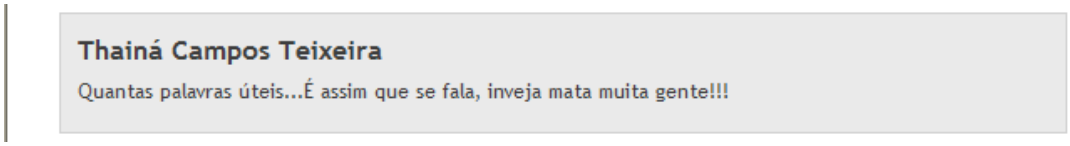
Depois da "boquinha na Garrafa", do "bonde do Tigrão" e da "festa no meu apê", o Brasil supera-se mais uma vez: agora exporta para a Europa o "Ai Se Eu te Pego". Antes, exportava Chico Buarque e Caetano Veloso, entre outros. Cada um realmente exporta aquilo que tem...

http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1053553-leitor-critica-hit-ai-se-eu-te-pego-de-michel-telo.shtml - acesso em 27/04/2012

Comentário 17:



Comentário 18:



Comentário 19:

babeto

bem que eu queria NÃO ouvir, mas onde vou essa imundiça ta tocando ! Música de qualidade ninguem ouve nessa merda

Comentário 20:

@Pri_deSouza

Nada a acrescentar. É simples assim: não gosta, não ouve. Não há motivos para reclamações repetitivas e excessivas. E não só o sucesso, como cada atitude do ser humano é criticada. Fico feliz que ele tenha conseguido se lançar internacionalmente. Brilhe, Michel Teló!

Comentário 21:

Igor

Seu blog é um lixo, seu texto é um lixo e essa música cafona é um lixo. Você faz parte da cultura pobre do brasil parabéns continuem afundando o país dessa forma

Comentário 22:

Benjamim Torres, Goiânia-Go
12/01/12 16:01

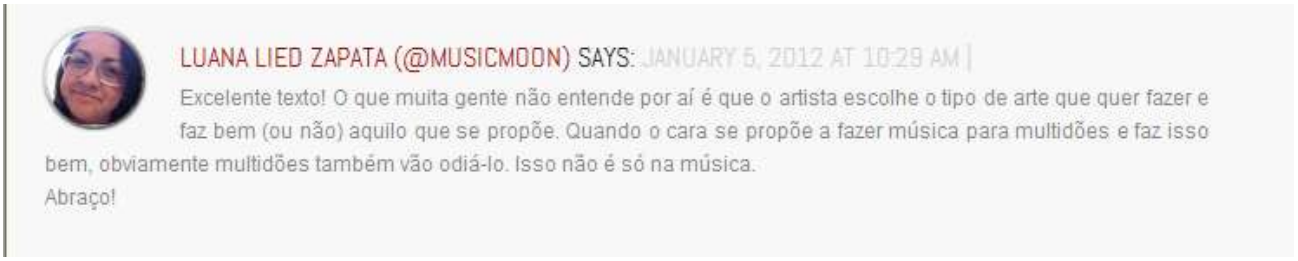
Em um mundo globalizado,dominado e massificado pelas mídias,onde os valores são manipulados,qualquer produção dita artistica,mas sem valores mensuraveis e com chamadas apelativas como essa musiquinha de letra mediocre,claro que fazem sucesso e até ¨estouram¨na net.Parabens e aproveitem essa reversão de valores!

Comentário 23:

EDUARDO SANTOS SAYS: JANUARY 5, 2012 AT 6:42 PM |

Pelo amor de Deus né. É lógico que a equipe que trabalha com ele é boa. Agora falar que o cara tem talento por causa de uma música pegajosa é brincadeira. Alguém conhece mais alguma coisa dele além disso? É o mesmo sucesso que fizeram alguns funks, o Pau que Nasce Torto e a Boquinha da Garrafa. Tá tudo no mesmo bolo.

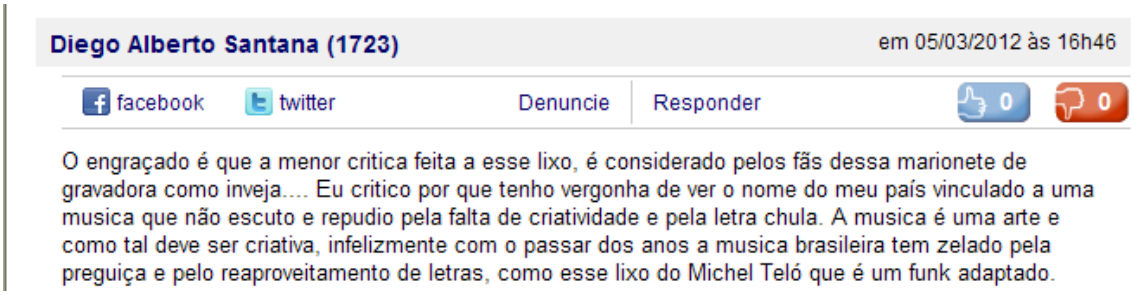
Comentário 24:


LUANA LIED ZAPATA (@MUSICMOON) SAYS: JANUARY 5, 2012 AT 10:29 AM |
Excelente texto! O que muita gente não entende por aí é que o artista escolhe o tipo de arte que quer fazer e faz bem (ou não) aquilo que se propõe. Quando o cara se propõe a fazer música para multidões e faz isso bem, obviamente multidões também vão odiá-lo. Isso não é só na música.
Abraço!

Comentário 25:

GUILHERME OLIVEIRA SAYS: JANUARY 5, 2012 AT 11:04 AM |
Apesar de não gostar muito do gênero sempre achei que o Michel Teló tem talento mais essa música é MUITO irritante.

Comentário 26:


Diego Alberto Santana (1723) em 05/03/2012 às 16h46
facebook twitter Denuncie Responder 0 0
O engraçado é que a menor critica feita a esse lixo, é considerado pelos fãs dessa marionete de gravadora como inveja.... Eu critico por que tenho vergonha de ver o nome do meu país vinculado a uma musica que não escuto e repudio pela falta de criatividade e pela letra chula. A musica é uma arte e como tal deve ser criativa, infelizmente com o passar dos anos a musica brasileira tem zelado pela preguiça e pelo reaproveitamento de letras, como esse lixo do Michel Teló que é um funk adaptado.

Apresentação do *corpus* 03: caso "vada a bordo, cazzo"

A irrupção, circulação e transformação da frase:

No dia 13 de janeiro de 2012, ocorreu um acidente marítimo próximo a ilha de Giglio, no mar Tirreno, na Itália, envolvendo um navio o qual levava cerca de 4.000 turistas. Nesse acidente, muitas pessoas morreram. O navio era chamado de Costa Concórdia e tinha como comandante Francesco Schettino. O referido comandante abandonou o navio nos primeiros minutos do resgate. Quando Schettino já estava em terra, foi realizada uma ligação entre ele e

o capitão da Guarda Costeira de Livorno, Gregorio Di Falco. No referido telefonema, houve uma ordem que se destacou:

Tradução do telefonema.[44]
De Falco: *Aqui é De Falco falando de Livorno. Estou falando com o comandante?*
Schettino: *Sim. Boa noite, comandante De Falco.*
De Falco: *Por favor, diga seu nome*
Schettino: *Sou o comandante Schettino.*
De Falco: *Schettino? Escute, Schettino. Há pessoas presas a bordo. Agora, vá com seu barco até a proa, do lado estibordo. Há uma escada-piloto. Você sobe essa escada e entra a bordo. Você sobe a bordo e me diz quantas pessoas estão lá. Está claro? Estou gravando essa ligação, comandante Schettino.*
Schettino: *Comandante, deixe-me dizer uma coisa...*
De Falco: *Fale mais alto! Coloque a mão na frente do microfone e fale mais alto, está claro?*
Schettino: *Neste momento, o navio está se inclinando...*
De Falco: *Eu entendo, escute, há pessoas descendo pela escada na proa. Você sobe essa escada, sobe no navio e me diz quantas pessoas ainda estão a bordo. E do que elas precisam. Está claro? Você precisa me dizer se há crianças, mulheres ou pessoas precisando de assistência. E me diga exatamente o número de pessoas em cada uma dessas categorias. Está claro? Escute, Schettino, você se salvou, mas vou fazer com que você tenha problemas, vou fazer com que você pague por isso.* ***Volte ao navio, caralho!!***
Schettino: *Comandante, por favor...*
De Falco: *Não tem por favor. Você levante agora e volte ao navio. Estão me dizendo que a bordo ainda há...*
Schettino: *Eu estou aqui com os botes de resgate, estou aqui, não vou a lugar nenhum, estou aqui.*
De Falco: *O que você está fazendo, comandante?*
Schettino: *Estou aqui para coordenar o resgate...*
De Falco: *O que você está coordenando daí? Volte para o navio! Coordene o resgate de dentro do navio. Você está se recusando?*
Schettino: *Não, não estou me recusando.*
De Falco: *Você está se recusando a ir a bordo, comandante? Você pode me dizer a razão para não voltar?*
Schettino: *Não vou porque o outro salva-vidas está parado.*
De Falco: *Volte para o navio. É uma ordem. Não invente mais desculpas. Você declarou abandono de navio. Agora eu é que mando. Volte para o navio! Está claro? Você está me ouvindo? Vá, e me ligue quando estiver no a bordo. Minha equipe de resgate aéreo está lá.*
Schettino: *Onde estão seus resgatistas?*
De Falco: *Meu resgate aéreo está na proa. Vá. Já há corpos, Schettino.*
Schettino: *Quantos corpos?*
De Falco: *Não sei. Ouvi dizer um. Você é que tem que me dizer quantos há. Cristo!*
Schettino: *Mas você se dá conta de que está escuro e que não podemos ver nada...*
De Falco: *E daí? Você quer ir para casa, Schettino? Está escuro, e você quer ir para casa? Vá para essa proa usando a escada e me diga o que pode ser feito, quantas pessoas há e*

[44] Retirado do site: http://ivoaffonso.blogspot.com.br/2012/01/francesco-schettino-capitao-do-navio.html - acesso em 08 de agosto de 2012

quais são suas necessidades. Agora!
Schettino: *Estou com meu subcomandante...*
De Falco: *Então voltem os dois. Você e seu sub voltem para o navio agora. Está claro?*
Schettino: *Comandante, eu quero voltar, mas é simplesmente que o outro barco aqui... há outros resgatistas. Ele parou e está esperando...*
De Falco: *Tem uma hora que você está me dizendo a mesma coisa. Agora, volte a bordo. Volte A B-O-R-D-O! E então me diga imediatamente quantas pessoas estão lá.*
Schettino: *OK, comandante.*
De Falco: *Vá imediatamente!*

Essa ordem de Di Falco a Schettino durante o naufrágio da embarcação virou bordão de camisetas, os quais os italianos começaram a usar e a divulgar a ordem: "vada a bordo, cazzo!". A camiseta com a expressão, que em português significa "Volte ao navio, caralho", foi vista nas cidades italianas e ainda apareceu entre uma das mais comentadas no microblog Twitter.

Por abandonar o navio o qual estava sob o seu comando, Francesco Schettini foi considerado um covarde. Por ocupar a posição de comandante, ele não poderia ter deixado os náufragos entregues à sorte e deveria permanecer na embarcação para auxiliar no resgate do navio que estava adernando de forma irreversível. Por dar a referida ordem, o capitão da Guarda Costeiro, Gregoria Di Falco, foi considerado um herói. Após a conversa ser publicada na imprensa, a frase "vada a bordo, cazzo" já circulava pela mídia mundial e tornou-se tema de charges, imitações, noticiários no mundo inteiro durante o mês de janeiro de 2012.

Realizamos um recorte das principais aparições de "vada a bordo, cazzo", que pode ser visualizado por meio de notícias, imitações, criações e comentários os quais circularam na internet.

Exemplo 07: a pequena frase sendo usada para realizar imitações e criações para tratar de assuntos que foram destaque no cenário nacional/mundial

Imagem 22. Keep calm and vada a bordo, cazzo![45]

Imagem 23: Adriano, Vada a bordo, cazzo [46]

[45] Retirada do site: http://www.geek.com.br/posts/18728-frase-vada-a-bordo-cazzo-vira-sucesso-na-internet. Imitação realizada em referência ao histórico cartaz que o governo britânico criou para tranquilizar a população na Segunda Guerra Mundial: Keep Calm and Carry On. (Mantenha a Calma e Siga Adiante.)

[46] Em referência ao jogador de futebol brasileiro Adriano, o qual no início do ano de 2012 foi criticado por estar fora de forma física, faltar nos treinamentos de seu clube e não estar sendo escalado para atuar em jogos nacionais por conta disso. Segundo o site que publicou a referida imagem: "**Vada a bordo, cazzo!**" Essa é a lição que Adriano precisa aprender para voltar a jogar futebol como gente grande. Numa tradução livre, a expressão quer dizer "volte a bordo". Retirada do site: http://www.allejo.com.br/adriano-vada-a-bordo-cazzo/ acesso em 18 de agosto de 2012.

Imagem 24. E "nas costas" do Brasil…vada a bordo, CAZZO[47]

Imagem 25. Governador do Rio de Janeiro.[48]

[47] Charge produzida em referência à política brasileira. No site que publicou essa imagem não há referência a algum político específico, somente a situação da política nacional. http://prosaepolitica.wordpress.com/2012/01/19/vada-a-bordo-cazzo/ - acesso em 18 de agosto de 2012

[48] Retirada do site: http://pedlowski.blogspot.com.br/2012/01/duas-do-aroeira-sobre-os-desabamentos.html. Charge produzida por Aroeira em referência ao desabamento que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em janeiro de 2012. A ordem "Cabral, vada a bordo" partiu das redes sociais e foi dada pelos internautas que ficaram incomodados com o silêncio do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, sobre o ocorrido. A demora de Cabral ficou entre os temas mais comentados nas redes sociais, como o Twitter. Segundo as notícias que surgiram sobre o caso, o governador demorou cerca de 17 horas para se pronunciar acerca do desabamento dos três prédios na cidade do Rio de Janeiro que matou algumas pessoas. Pela referida ausência, os internautas compararam o governador ao comandante do navio Costa Concórdia, afirmando que nenhum dos dois foi visto após os acidentes em que deveriam ter tomado providências. Muitas charges e noticias foram publicadas se referindo a essa comparação.

Imagem 26. Chanceler alemã Angela Merkel: "vada a bordo, cazzo!"[49]

Exemplo 08: a pequena frase figurando como títulos e notícias

Notícia 15:

Frase "Vada a bordo, cazzo" vira sucesso na Internet

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://www.geek.com.br/posts/18728-frase-vada-a-bordo-cazzo-vira-sucesso-na-internet

Notícia 16:

'**Vada a bordo, cazzo!**

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site da revista Carta Capital:

http://www.cartacapital.com.br/sociedade/vada-a-bordo-cazzo/#todos-comentarios

Notícia 17:

Navio que naufragou inspira camiseta "vada a bordo, cazzo!"

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://noticias.uol.com.br/tabloide/ultimas-noticias/tabloideanas/2012/01/18/navio-que-naufragou-inspira-camiseta-vade-a-bordo-cazzo.htm

[49] Charge publicada pelo jornal italiano Líbero em que vemos a imagem da chanceler alemã Angela Merkel sendo comparada ao comandante Schettino do caso Costa Concórdia. Segundo o site que publicou a charge, "O que os italianos, quebrados, desejam é que Merkel, à frente do único país europeu em situação realmente boa, assuma o comando da operação de salvamento do euro. Mas são definitivamente raras as chances de que Merkel saia distribuindo dinheiro aos países em apuros – até porque a única consequência efetiva disso seria também a quebra da Alemanha." retirado do site: http://www.diariodocentrodomundo.com.br/?p=6641 – acesso em 18 de agosto de 2012

Notícia 18:

'Vada a bordo, cazzo' virou frase emblemática do acidente do cruzeiro.

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/frase-dita-ao-capitao-de-barco-que-naufragou-vira-camiseta-na-italia.html

Notícia 19:

Camiseta com a frase "Volte para bordo!" faz sucesso na Itália

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://noticias.r7.com/internacional/noticias/camiseta-com-a-frase-volte-para-bordo-faz-sucesso-na-italia-20120118.html

Notícia 20:

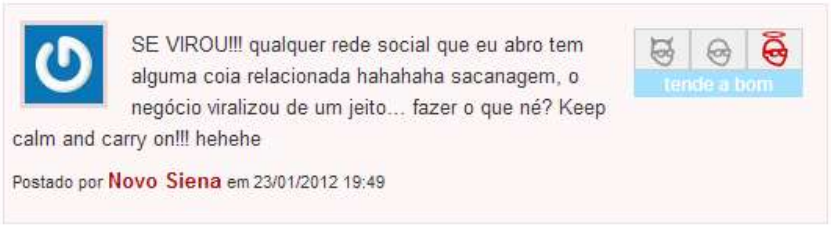
"Vada a bordo, cazzo" vira música; ouça

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/vada-a-bordo-cazzo-vira-musica-ouca-04020D9C3260D4A12326?types=A

Exemplo 09: ser alvo de críticas e comentários nas redes sociais e fóruns de debate:

Comentário 27:



Comentário 28:

Comentário 29:

Ulisses Raisson disse:
19 de janeiro de 2012 às 21:28
Revolta. Este comandante não teve caráter e índole de assumir o que fez, abandonou os tripulantes e ainda vai cumprir prisão domiciliar, qual o porquê disso?

Se alguém puder me explicar, por gentileza.

Responder

Comentário 30:

MARCO BOCCANERA disse:
19 de janeiro de 2012 às 21:26
COMO NÃO RESPONSABILIZAR O COMANDANTE????VIDAS SE FORAM...AO PASSO QUE "ROUBAR" NO PESO E AINDA O CHAMAR DE "POBRE GERENTE" AO SER QUESTIONADO....ORAS, FAÇA-ME O FAVOR...."VADA A BORDO, CAZZO!!!"

Responder

Comentário 31:

PV *Sexta-feira, 20 de Janeiro de 2012 – 9:02 hs*

Primeiro, esse Schetino devia se chamar "Esse-cretino", e segundo, na Itália, como no Brasil, as pessoas estão tão necessitadas de que as lideranças assumam verdadeiramente seu papel que asta um homem fazer apenas o que tem que ser feito para virar herói. Brasil, va da bordo cazzo!!!!

Comentário 32 e 33:

Lucio Almeida
Imprudência total...
RESPONDER

André Teixeira
O que estes caras tem que explicar é como um ex agente de segurança em 5 anos vira comandande de um navio mercante de passageiros. Deve ter algo de muito podre nesta companhia de navegação. Não existe nenhum orgão para regular isto na itália? Este paizinho parece ser pior que o Brasil, e ainda tem gente querendo cidadania italiana. Credo!
RESPONDER

Apresentação do *corpus* 04: caso "cala a boca, Galvão"

A irrupção, circulação e transformação da frase:

Galvão Bueno é um famoso narrador brasileiro. Conhecido como locutor oficial dos jogos da seleção brasileira de futebol, Galvão foi vítima de uma brincadeira no miniblog Twitter em que milhões de usuários o mandaram calar a boca durante a abertura da Copa do mundo de futebol em 2010. De acordo com a Revista Veja, no dia 10 de junho de 2010, o referido enunciado foi a mensagem mais postada por usuários no miniblog Twitter, a rede social de troca de mensagem de até 140 caracteres.

Já não é de hoje que vemos comentários surgirem afirmando que o narrador era considerado insuportável. Entretanto, essa mobilização no Twitter deu visibilidade ao caso e rapidamente a pequena frase "Cala boca, Galvão" ganhou o mundo. Frente às dúvidas dos usuários estrangeiros do Twitter os quais questionavam o significado do enunciado, alguns brasileiros afirmaram que a frase se referia a uma campanha para defender uma ave em extinção chamada Galvão. Os estrangeiros, pensando que estavam ajudando nessa campanha, começaram a compartilhar e a curtir tal enunciado nos sites de relacionamentos e blogs. Não se sabe ao certo quem divulgou essa explicação no Twitter, mas disseram que "Galvão" é um pássaro brasileiro raro o qual corria risco de extinção, e "cala boca" significa salve. Logo, "Cala boca Galvao" significaria "Salvem o Galvão". O enunciado gerou notícias, imitações, criações, comentários e circulou com muita intensidade durante a copa do mundo de futebol ocorrida em 2010 na África do Sul. A brincadeira ganhou o topo dos Treding Topics mundiais como a frase mais comentada na semana de abertura da copa do mundo em junho de 2010.

Exemplo 10: a pequena frase sendo usada para realizar imitações e criações para tratar de assuntos que foram destaques no cenário nacional/mundial:

Imagem 27. Cala a boca, Rede Globo[50]

Imagem 28. Cala boca Sylvester Stallone[51]

[50] Em referência a campanha lançada no miniblog Twitter em que os internautas sugeriam um dia sem a Rede Globo de Televisão. A campanha sugeria que as pessoas assistissem o jogo da copa entre Brasil e Portugal do dia 25/06/10 em outras emissoras, em protesto a dominação da TV Globo. Retirada do site: http://fullideias.blogspot.com.br/2010/06/um-dia-sem-globo.html

[51] Em referência à indignação dos brasileiros com a declaração do artista Sylvester Stallone sobre o Brasil. O fato ocorreu durante a visita do ator americano ao *Comic Com*, evento sobre quadrinhos e cultura pop nos EUA. Segundo o site pesquisado, quando o ator foi questionado sobre a razão de ter decidido filmar o seu filme "Os Mercenários" em abril de 2009 no Brasil, o ator declarou que: "Lá você pode atirar nas pessoas, explodir coisas e

Imagem 29. Multado[52]

Imagem 30. A evolução do clamor popular: 1984: Diretas Já!!! / 1992: Fora, Collor! / 2010: Cala boca, Galvão![53]

---

eles dizem: 'Obrigado! E aqui está um macaco para você levar para casa'. Não poderíamos ter feito o que fizemos (em outro lugar). Explodimos muita terra. Parecia assim: 'Todo mundo traz o cachorro quente. Vamos fazer um churrasco. Vamos explodir essa cidade'". Retirado do site: http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/twitter/%E2%80%98cala-boca-sylvester-stallone%E2%80%99-221-000-mencoes-no-twitter/ - acesso em 18 de agosto de 2012

[52] Embora não tenhamos notado a presença linguística da pequena frase neste exemplo, nós o escolhemos por conta dos comentários encontrados no site que veiculou tal imagem. Havia em tais comentários referências à "cola a boca, Galvão" quando o então presidente do Brasil, Lula, foi comparado com o locutor Galvão Bueno, uma vez que o presidente é conhecido por suas "pérolas", ao cometer erros grosseiros de português ou falar o que o site consultado chama de *besteiras.* Retirado do site: http://por1brasilmelhor.blogspot.com.br/2010/06/cala-boca-galvao.html - acesso em 18 de agosto de 2012

Exemplo 11: a pequena frase figurando em títulos de notícias

Notícia 21:[54]

21/06/2010 - 13h09

"Cala boca, Tadeu Schmidt" supera "Cala Boca, Galvão" no Twitter mundial

Notícia 22:

Faixa "Cala boca Galvão!" é retirada com menos de dois minutos de jogo

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://www1.folha.uol.com.br/esporte/751363-faixa-cala-boca-galvao-e-retirada-com-menos-de-dois-minutos-de-jogo.shtml

Notícia 23:

'Cala Boca Galvão' vira hit mundial do Twitter em abertura da Copa do Mundo

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site de notícias:

http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/06/10/cala-boca-galvao-vira-hit-mundial-do-twitter-em-abertura-da-copa-do-mundo.jhtm

---

[53] Charge em referência à evolução dos motivos dos fatos históricos os quais já foram motivos do clamor popular: **Diretas já** foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984; **Fora, Collor** foi um movimento político ocorrido no ano de 1992, no qual milhares de brasileiros saíram às ruas em passeatas pedindo a saída do poder do então presidente da República Fernando Collor de Mello; **Cala boca, Galvão** refere-se ao clamor dos internautas no miniblog Twitter. Retirado do site: http://sandromeira12.wordpress.com/2010/06/22/cala-a-boca-galvao/ acesso em 18 de agosto de 2012.

[54] Segundo o site pesquisado: "Na manhã desta segunda-feira (21) o termo "Cala Boca Tadeu Schmidt" apareceu em primeiro lugar na lista de termos mais citados do Twitter mundial, repetindo a façanha da campanha "Cala Boca Galvão". Os brasileiros resolveram criar o "Cala Boca Tadeu Schmidt" após o jornalista ter criticado no "Fantástico" a postura de Dunga durante a entrevista coletiva realizada após a vitória da seleção brasileira na noite de domingo (20), onde se desentendeu com o jornalista Alex Escobar, também da TV Globo. Tadeu disse que a postura de Dunga não é compatível com alguém tão vitorioso no esporte". Retirado do site: http://www1.folha.uol.com.br/tec/754486-cala-boca-tadeu-schmidt-supera-cala-boca-galvao-no-twitter mundial.shtml - acesso em 18 de agosto de 2012

Notícia 24:

“Cala boca, Galvão!” no Tredding Topic do mundo

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site da Revista Veja:

10/06/2010 - http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/twitter/cala-boca-galvao-topico-mais-discutido-no-twitter/

Notícia 25

O pássaro que ruge

O locutor esportivo mais conhecido do Brasil foi alvo da campanha "Cala boca Galvão" no Twitter, que mostrou até onde a rede de 140 caracteres pode levar um assunto: o mundo

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site da Revista Veja:

http://veja.abril.com.br/230610/passaro-ruge-p-082.shtml

Notícia 26:

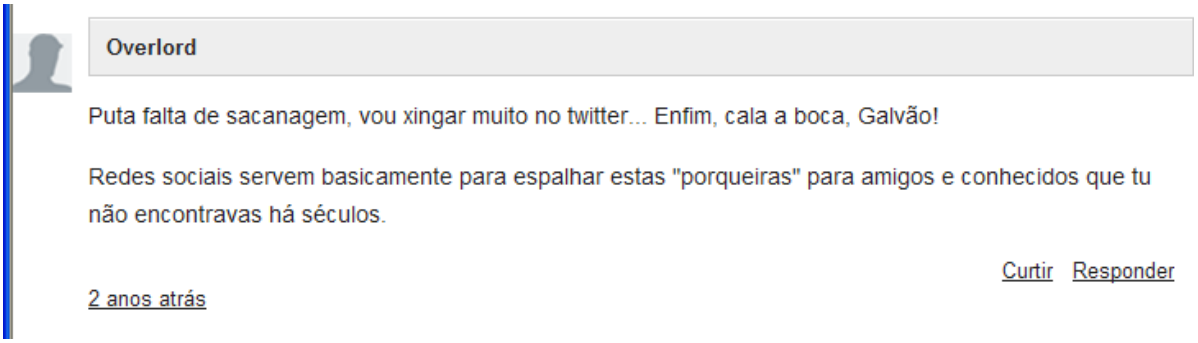
Sucesso mundial – “Cala a boca, Galvão”

Acesso em 18 de agosto de 2012 no site do jornal O Globo:

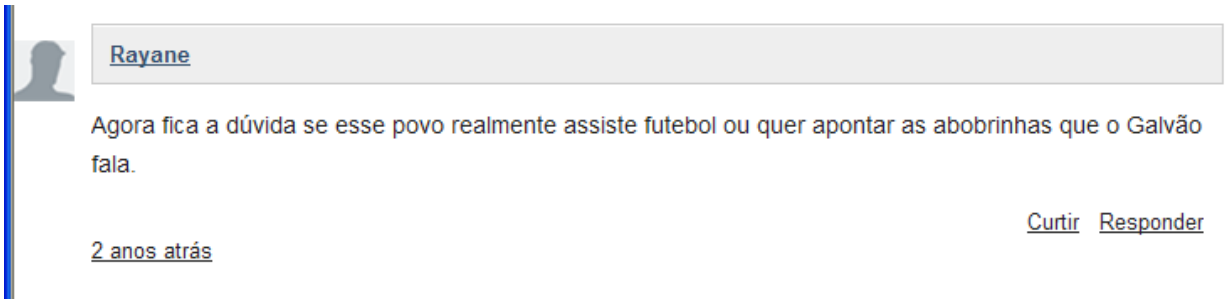
http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/06/11/sucesso-mundial-cala-boca-galvao-299364.asp

Exemplo 12: ser alvo de críticas e comentários nas redes sociais e fóruns de debate:

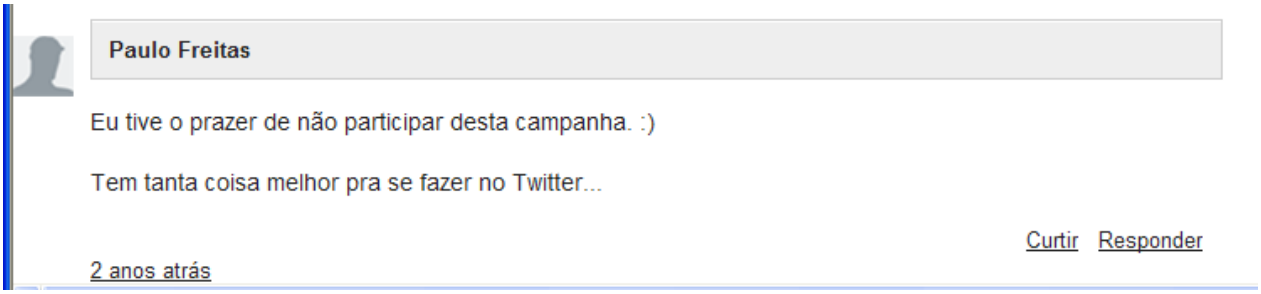
Comentário 34:



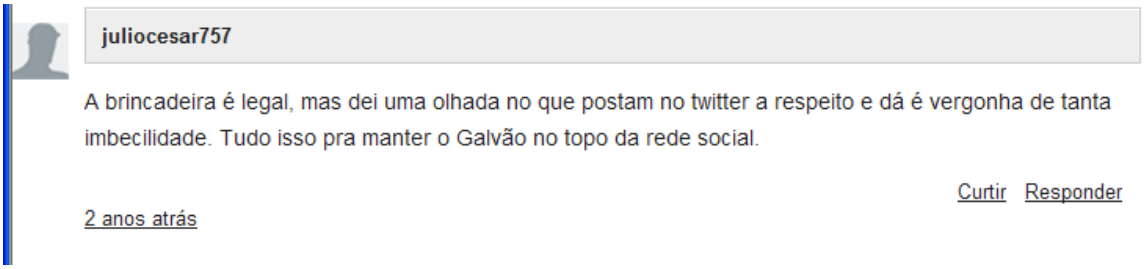
Comentário 35:



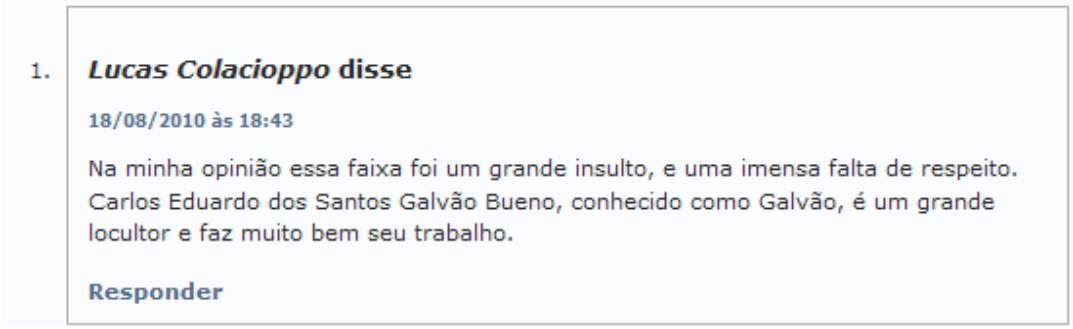
Comentário 36:



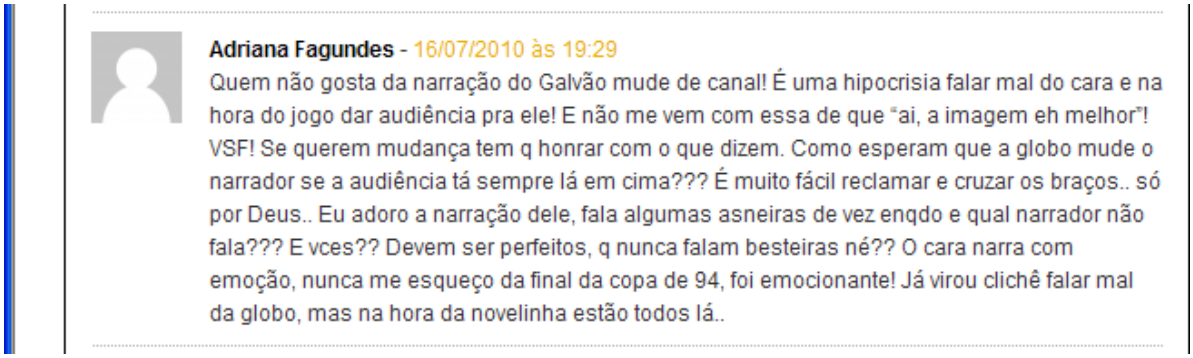
Comentário 37:



Comentário 38:

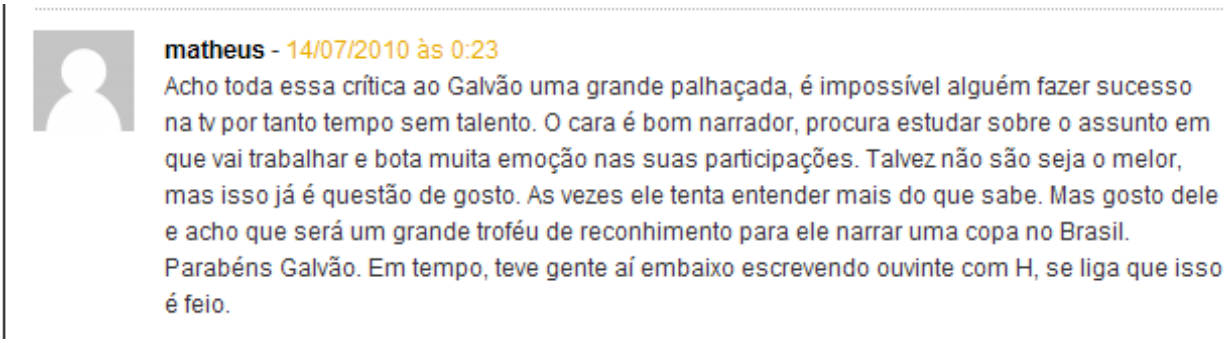


Comentário 39:



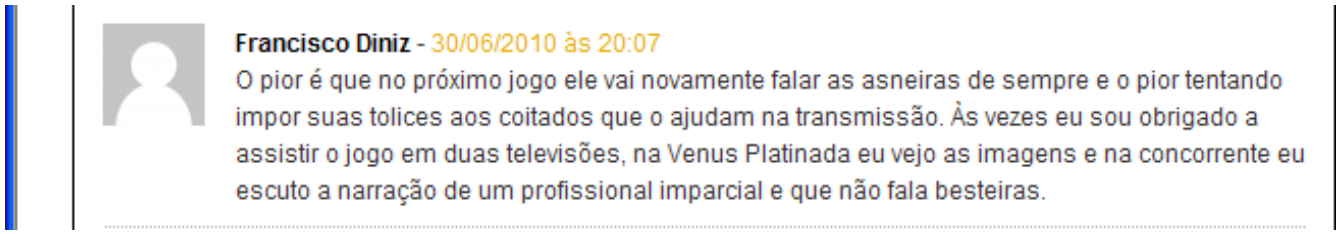
Adriana Fagundes - 16/07/2010 às 19:29
Quem não gosta da narração do Galvão mude de canal! É uma hipocrisia falar mal do cara e na hora do jogo dar audiência pra ele! E não me vem com essa de que "ai, a imagem eh melhor"! VSF! Se querem mudança tem q honrar com o que dizem. Como esperam que a globo mude o narrador se a audiência tá sempre lá em cima??? É muito fácil reclamar e cruzar os braços.. só por Deus.. Eu adoro a narração dele, fala algumas asneiras de vez enqdo e qual narrador não fala??? E vces?? Devem ser perfeitos, q nunca falam besteiras né?? O cara narra com emoção, nunca me esqueço da final da copa de 94, foi emocionante! Já virou clichê falar mal da globo, mas na hora da novelinha estão todos lá..

Comentário 40:



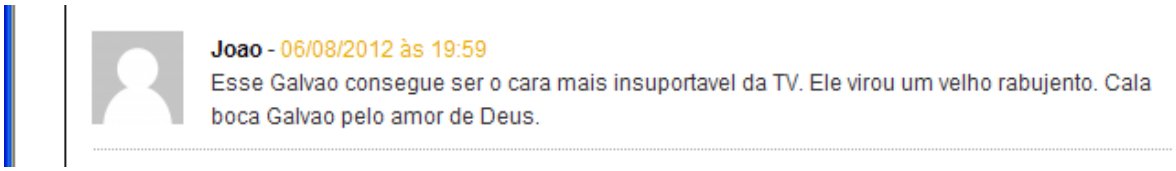
matheus - 14/07/2010 às 0:23
Acho toda essa crítica ao Galvão uma grande palhaçada, é impossível alguém fazer sucesso na tv por tanto tempo sem talento. O cara é bom narrador, procura estudar sobre o assunto em que vai trabalhar e bota muita emoção nas suas participações. Talvez não são seja o melor, mas isso já é questão de gosto. As vezes ele tenta entender mais do que sabe. Mas gosto dele e acho que será um grande troféu de reconhimento para ele narrar uma copa no Brasil. Parabéns Galvão. Em tempo, teve gente aí embaixo escrevendo ouvinte com H, se liga que isso é feio.

Comentário 41:



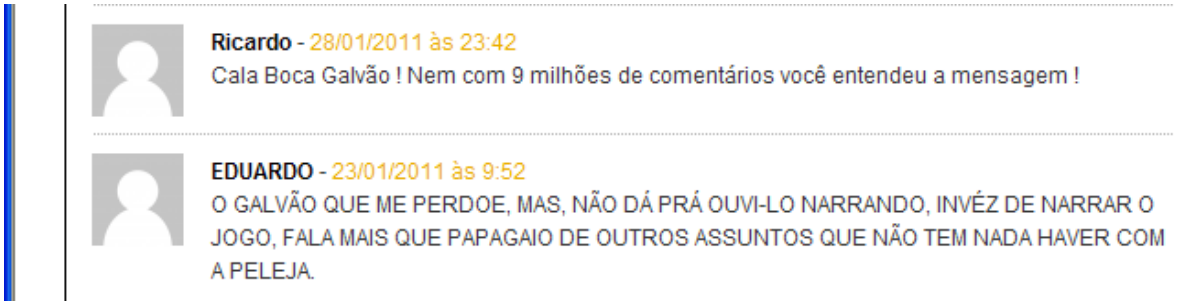
Francisco Diniz - 30/06/2010 às 20:07
O pior é que no próximo jogo ele vai novamente falar as asneiras de sempre e o pior tentando impor suas tolices aos coitados que o ajudam na transmissão. Às vezes eu sou obrigado a assistir o jogo em duas televisões, na Venus Platinada eu vejo as imagens e na concorrente eu escuto a narração de um profissional imparcial e que não fala besteiras.

Comentário 42:



Joao - 06/08/2012 às 19:59
Esse Galvao consegue ser o cara mais insuportavel da TV. Ele virou um velho rabujento. Cala boca Galvao pelo amor de Deus.

Comentário 43 e 44:



4.3 Análise das pequenas frases

Após apresentarmos as quatro pequenas frases eleitas para a realização deste trabalho, faremos a interpretação delas. Por se tratar de um material de análise muito vasto, pinçaremos alguns exemplos para mobilizarmos os conceitos apresentados. Tais ações nos permitiram realizar afirmações mais precisas sobre o fenômeno.

4.3.1 A noção de percurso

As primeiras considerações analíticas a serem feitas estão baseadas na metodologia de apresentação dos *corpora*. Nós tomamos quatro pequenas frases com significantes estáveis para reconstruir um percurso de uso: desde o momento em que apareceram como uma frase dentro de certo contexto específico e com sentidos, digamos, definidos até a circulação que trouxeram a elas novos significados. Somente assim, foi possível verificarmos as novas relações discursivas que as pequenas frases estabeleceram. Desse modo, as pequenas frases trazidas e suas respectivas aparições mostraram que, cada vez que elas eram aforizadas, elas adquiriam sentidos diferentes. Essa circulação se deu em meio à dispersão, isto é, não houve regularidades: as pequenas frases foram associadas aos mais variados assuntos. Para chegar a essas conclusões, tivemos que analisar cada frase e os contextos em que foram inseridas, isso porque "a abordagem *percurso* exige análises locais, dos funcionamentos dos enunciados nos *contextos* e *co-textos* dos quais participam." (MIQUELETTI, 2009 p. 209).

Iniciemos nossa reflexão com o enunciado "menos Luiza que está no Canadá". A partir do momento em que a referida frase foi apresentada pelo pai de Luiza na apresentação

do condomínio, as novas associações se iniciaram e a frase começou a circular como imitações de programas e propagandas famosos, como tema de notícias e fóruns de debates. Nisso, notamos que as imitações produzidas a partir da frase não foram aleatórias: os contextos em que o enunciado era inserido sempre mostravam a possibilidade de alguém realizar alguma ação: voar na empresa Gol (imagem 9), usar a sandália Havaianas (imagem 5), receber a saudação de *boa noite* de William Bonner e Patrícia Poeta (imagem 4), ter um lado devassa (imagem 10), etc., somente Luiza não poderia realizar a ação descrita porque estava no Canadá. Tais associações funcionaram como uma derrisão, uma vez que as pessoas que realizavam a inserção da frase em algum contexto estavam, na verdade, zombando da possível inutilidade do comentário realizado na propaganda original.

Nas notícias e títulos de jornais, há também diferentes sentidos gerados em relação à circulação do caso Luiza: ora a frase é relacionada aos empreendimentos imobiliários (notícia 1), ora é relacionada à moda (notícia 2), ora aos esclarecimentos sobre o sentido e a origem da frase (notícias 3,4 e 5). Quando a frase é alvo de críticas e comentários nas redes sociais e fóruns de debate, a associação de Luiza também se dá em relação a diferentes assuntos: uns associam a inutilidade da frase à inutilidade do programa BBB (comentário 02), outros revelam ter vergonha de ter nascido no Brasil (comentários 04 e 07), outros ao fato de ela em breve estar posando para revistas que exploram o nu ou estar participando de programas de televisão (comentário 05), outros a falta de inteligência do brasileiro ao dar audiências para fatos como esses (comentários 03 e 06).

Essas diferentes relações se deram no tocante às quatro frases apresentadas: "Ai se eu te pego", ao circular, é associada à política (imagens 14, 17, 18 e 20), ao esporte (imagens 15 e 16), a campanhas contra problemas sociais como trânsito (notícia 12) e mosquito da dengue (notícia 13), às letras vazias de algumas músicas brasileiras (comentários 16, 19, 21 e 22), à inveja do sucesso que o cantor está fazendo com a música (comentários 17, 18 e 20), dentre outras associações.

A frase "vada a bordo, cazzo" está igualmente relacionada a diferentes contextos: ao futebol (imagem 23), à política (imagens 24, 25 e 26), à indignação das pessoas com a falta de ética e compromisso do capitão que gerou muitas mortes (comentários 29, 30, 31, 32 e 33), ao fato da notoriedade que ela ganhou na internet, chegando a circular em camisetas (notícias 15, 17 e 19). Isso também ocorreu em relação à quarta frase "Cala Boca, Galvão", em que o enunciado é associado à manipulação midiática da TV Globo (imagem 27), à política

(imagens 29 e 30), ao sucesso da frase no mundo (notícias 24, 25 e 26), ao cinema (imagem 28), dentre outros.

A partir dessa circulação, os sujeitos começaram a debater o caso: o leitor é assim, interpelado a atribuir a essas pequenas frases sentidos que vão além dos seus sentidos originais, uma vez que a significação do enunciado estará atrelada ao lugar em que a frase será inserida. Como diz Maingueneau (2010, p. 15):

> [...] partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar esta pertinência. Pouco importa qual seja a interpretação que ele construa, o essencial é que ele postule um além do sentido imediato e aja de acordo. Fazendo isso, o destinatário é chamado a justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento: o fato de esse enunciado [...] ser apresentado em um regime aforizante leva o destinatário a legitimar a totalidade do quadro situacional.

Vemos que os leitores são mobilizados a interpretar o destaque, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pela enunciação aforizante. É preciso então procurar compreender que esse trabalho de recorte e inserção em diferentes gêneros interfere e direciona a interpretação desses acontecimentos históricos que, de alguma forma, direcionam o leitor a certas interpretações e não outras.

Embora não nos prendêssemos às coerções dos gêneros, foi possível observar que o lugar de aparição também determinava os sentidos produzidos, ajudando-nos a perceber o funcionamento das pequenas frases em diferentes contextos: enquanto tema de imitação, as pequenas frases funcionaram como elemento derrisório; como tema dos fóruns de debate e blogs, funcionaram como elemento de denúncia, acusação, de avaliação; como tema de jornais e revistas, elas funcionaram como instrumento de informação, o relato da realidade.

Vemos que toda vez que a frase era inserida em algum contexto, o leitor era levado a realizar interpretações, as quais extrapolavam seu sentido primeiro. Para tanto, foi preciso que os leitores mobilizassem saberes interdiscursivos, partilhados socialmente para que o novo sentido gerado fosse compreendido. Contudo, muitas vezes, sobretudo nas imitações, as pequenas frases funcionavam como um elemento evidente. Elas circulavam com um efeito de evidência, como se todos soubessem do que se tratava, evocando um já dito que não precisava ser especificado ou explicado, isto é, sem ter sua origem textual declarada.

As frases analisadas, como qualquer discurso, são materialidades histórico-sociais que apontam para um discurso anterior, porque as imitações, imagens e frases, comentários estão associados a um já-dito. É por conta dessa relação com a história que as pequenas frases precisam ser vistas no interdiscurso, porque funcionam como uma unidade que convoca enunciados pretéritos e que também abrem a possibilidade para a produção de enunciados futuros. Uma pequena frase, na medida em que ela é retextualizada, perde seu sentido original, deslizando e gerando novos sentidos. Dessa perspectiva, nem sempre a frase original era propriamente dita, algumas vezes ela aparecia em forma de metonímia, como menção ou um fragmento que apontava para a frase original. Por conta disso, vimos que o percurso de nossas pequenas frases foi construído a partir de textos de diversas ordens: imagens, títulos, comentários, imitações, menções, fragmentos. Para melhor visualizarmos o exposto, construímos o quadro a seguir:

Algumas formas de como as pequenas frases originais apareceram na mídia	
"Menos Luisa que está no Canadá"	**Luiza que está no Canadá.** (imagem 1) **Menos da Luiza, que está no Canadá** (imagem 2, 3,4,5,6, dentre outras) **Menos o da Luíza, que está no Canadá** (imagem 7) **Luiza, que estava no Canadá** (notícia 01) **Luiza, que voltou do Canadá** (notícia 2) **'Luiza no Canadá'** (notícia 6) **queria ter nascido no Canadá** (comentário 07) **esse caso da Luiza** (comentário 8) **certas imbecilidades.** (comentário 09)
"Ai se eu te pego"	**Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego**...(imagem 14) **Ai se eu te pego**! (imagem 15, notícia 10) **Vem pegar**! (imagem 16) **Assim você me mata, ai seu eu te pego** (imagem 17) **Nossa, nossa...** (imagem 19) Onde vou essa **imundiça** ta to tocando! (comentário 19) Essa **música** é MUITO irritante. (comentário 25)
"Vada a bordo, Cazzo"	**Keep calm and Vada a bordo, cazzo!** (imagem 22) **Adriano, Vada a bordo, cazzo** (imagem 23) **E "nas costas" do Brasil…Vada a bordo, CAZZO** (imagem 24) **"Volte para bordo!"** (notícia 19) **Schettino é um cretino!** (comentário 28) **Brasil, va da bordo cazzo** (comentário 31)
	Cala a boca, Rede Globo (imagem 27)

“Cala boca Galvão”	**Cala boca Sylvester Stallone** (imagem 28) **Multado** (imagem 29) **"Cala boca, Tadeu Schmidt**" (notícia 21) **O pássaro que ruge** (notícia 25) **estas “porqueiras”**. (Comentário 34) **as abobrinhas que o Galvão fala**. (comentário 35)

Quadro 4. Variações das pequenas frases

Com base no quadro anterior, afirmamos que esse percurso de irrupção, circulação e transformação formou uma rede discursiva para os quatro eventos aqui apresentados. Isso se deu por meio das frases, fragmentos das frases, menção às frases ou aos seus produtores, ou ainda aos eventos em que elas estavam inseridas ou evocavam. Tudo isso se deu na relação com o interdiscurso, sem procurar construir totalidades ou coerências, como afirma Maingueneau (2007). Assim, os fragmentos da frase ou a própria frase mostram que é preciso desfazer as fronteiras e trabalhar a dispersão dos discursos para compreender como uma pequena frase pode circular em tão pouco tempo como uma espécie de pandemia.

Para analisar cada pequena frase não foi preciso associá-la a algum ponto de vista, posicionamento ou formação em particular, porque ela pode se adequar a vários. Isso pode ser visto a partir dos assuntos que elencamos e a que as pequenas frases se associaram: futebol, cinema, política, cotidiano, etc., evidenciando que a significação da pequena frase se torna pouco dependente do lugar em que ela irá aparecer, como algo genérico que se possa usar com uma certa mobilidade. É como diz Maingueneau (2009), com a noção de percurso sempre será preciso construir o sentido, porque ele está ligado a outros elementos como a cultura, ideologia, contexto social em que o significante aparece. Esse processo nos mostra algo que pode ser associado enquanto mais uma característica das pequenas frases: seu sentido não é unívoco, pois para ser compreendido, precisa estar rodeado por outros elementos como a língua, a história e o interdiscurso.

4.3.2 – As pequenas frases e os enunciados destacados

No capítulo 01, descrevemos rapidamente o programa de pesquisa de Dominique Maingueneau, que objetiva compreender a circulação de textos, como circulam, se estão inteiros, em fragmentos, se sofrem alterações, como são essas modificações, se o lugar ocupado é favorável ao seu destacamento, entre outras inquietações que o autor investiga.

Todas essas reflexões, como mostramos, levaram o estudioso a propor uma divisão segundo a maneira como esses enunciados foram destacados: se houve o destacamento constitutivo do enunciado, aqueles que são destacados por natureza, isto é, já irromperam destacados, independentemente de pertecerem ou não a algum contexto particular, como é o caso dos provérbios, por exemplo; ou se houve o destacamento realizado a partir de um texto particular, em que se alça um fragmento da circulação de seu contexto original. O foco do nosso trabalho se enquadra nesse segundo tipo.

- **As pequenas frases e os enunciados destacados por natureza**

No capítulo 01 fizemos uma pequena reflexão sobre alguns enunciados destacados por natureza, os quais figuram em nossa sociedade. A partir do referido capítulo, pudemos depreender que as pequenas frases não surgiram ao acaso: há muito tempo a sociedade se vale de enunciados curtos como os provérbios, slogans e as máximas para gerenciar algumas práticas humanas. Por exemplo, os provérbios têm um caráter didático moralizante.

O estudo desse capítulo nos fez perceber que não é característica apenas das pequenas frases o fato de serem curtas, memorizáveis e de fácil circulação. Além disso, antes de as pequenas frases aparecerem, outros enunciados curtos já figuravam em nosso meio condensando os fatos. Por conta disso, os enunciados destacados por natureza são o alicerce na compreensão das pequenas frases porque são pioneiros no ato de fazer circular enunciados curtos.

Podemos dizer que, em relação aos enunciados destacados por natureza, as pequenas frases possuem algumas diferenças e algumas aproximações. As diferenças podem ser sentidas no fato de que as pequenas frases não são criadas originalmente de forma separadas como ocorrem com os provérbios. Como vimos na apresentação dos *corpora*, os enunciados selecionados para esse trabalho irromperam inseridos em um contexto particular: a frase "ai, se eu te pego" estava inserida em uma música; "menos Luiza que está no Canadá" apareceu originalmente em uma propaganda; "cala a boca, Galvão" esteve inserida em uma crítica dentro de um blog e "vada a bordo, cazzo" originou-se de um diálogo entre dois sujeitos. Nesse ponto, podemos dizer que elas se aproximam das máximas e das fórmulas, as quais obedecem ao regime da destacabilidade e da aforização, uma vez que estavam inseridas em um texto e foram destacadas para depois figurarem de forma autônoma. Contudo, essa autonomia não foi imediata: tal como os slogans, as pequenas frases, em um primeiro

momento, precisaram ser remetidas ao seu contexto de existência, isto é, precisavam de uma situação de enunciação particular para fazer sentido.

Com base nessas primeiras considerações, podemos afirmar que as pequenas frases aspiram à autonomia de sentido em relação ao texto primeiro que lhe deu guarida: em um primeiro momento, precisam de sua origem fundadora, tal qual os slogans e, após o trabalho da circulação em diferentes lugares discursivos, elas buscam adquirir o estatuto dos provérbios, que se encaixam em qualquer situação de enunciação que careça de uma verdade generalizante. A quantidade de contextos que acolheram as pequenas frases trazidas para este trabalho sustentam positivamente o que estamos afirmando. Desse modo, as pequenas frases depois de serem reconhecidas e fazerem parte da vida dos sujeitos, não precisam mais remeter a uma origem fundadora: funcionam com autonomia e sentido, sendo usadas em qualquer situação, tornando-se genéricas. Elas funcionam discursivamente como uma espécie de *prét-a-porter*, significando os mais distintos eventos.

Outro diferencial que constatamos em relação aos provérbios, slogans, máximas e fórmulas e as pequenas frases, diz respeito ao fato de que as pequenas frases retratam a era digital. Diferentemente dos outros casos, elas surgiram a partir do trabalho da mídia, sobretudo da mídia presente na internet, que faz de um pequeno acontecimento, um vírus que se alastra de forma (des)ordenada e sem controle. Na análise das pequenas frases eleitas para este trabalho vemos que, em um curto período de tempo, elas já haviam circulado na maioria das redes sociais, sites, etc., devido à rapidez que os fatos correm na internet. Essa constatação nos leva a afirmar que enquanto os provérbios, os slogans e as máximas mantêm com a memória uma relação duradoura, as pequenas frases mantêm uma relação bastante efêmera.

Observamos ainda que, tais quais as fórmulas, as pequenas frases também possuem um caráter polêmico. A quantidade de críticas que colhemos nos fazem compreender que nem todos os sujeitos aceitam passivamente as pequenas frases. A partir das críticas trazidas, observamos que os enunciados em questão funcionam como um objeto conflituoso, isto é, com objeto de debate que divide a opinião dos sujeitos. A polemicidade, ao nosso entendimento, se constitui uma característica tanto das pequenas frases destacadas por natureza quanto das destacadas de um texto.

- **As pequenas frases e os enunciados destacados de um texto**

Comecemos falando da noção de destacabilidade. Como vimos no capítulo 1, a destacabilidade é o que faz um enunciado ocupar um lugar de destaque no texto ou ter formas linguísticas que favoreçam a sua notoriedade. Nesse sentido, a posição que ocupa, como estar na última frase do texto, ser o título ou o refrão, cria uma ambiente propício para um enunciado ser destacado. A construção linguística também coopera para isso: ter uma estrutura pregnante, rimas e ritmo, ser curto e de fácil memorização deixam a frase em uma posição mais suscetível ao destacamento. Essas características são essenciais para que o enunciado possa ou não adquirir notoriedade. Tomemos o primeiro enunciado "Menos Luíza que está no Canadá" em seu contexto original:

> Depois de lançar o San Michel, o mais belo projeto imobiliário da Paraíba, Água Azul do grupo Conserpa-Enger apresenta o Boulevard Saint Germain, o novo endereço da sociedade paraibana. Apartamento para toda a família, com quatro suítes, sala para três ambientes e um clube de lazer. E é por isso que eu fiz questão de reunir toda a minha família, menos Luiza que está no Canadá, para recomendar esse empreendimento que eu assino embaixo.

Das características elencadas no parágrafo anterior sobre destacabilidade, ponderamos que a frase em questão não atende a todas. No tocante à construção linguística, não diríamos que temos uma frase que aspira a destacabilidade, uma vez que não notamos uma estrutura pregnante, nem tampouco a construção de rima, a fim de que fosse memorizada. Asseveramos que a notoriedade se deu a partir da posição que a frase ocupou no texto. Primeiro, porque ela figurou como uma ressalva; ao dizer "reuni toda a minha família, menos Luiza que está no Canadá", o locutor está produzindo um destaque em forma de contrajunção argumentativa na frase, chamando a atenção para ela. Em segundo lugar, ela ocupa uma colocação privilegiada no texto, já vez que figura nas últimas linhas da propaganda. De acordo com os postulados de Dominique Maingueneau tal característica deixa a frase em um ambiente propício para a destacabilidade. O outro ponto que, a nosso ver, operou no engendramento da notoriedade da frase em questão é o fato de ela veicular um conteúdo irrelevante: não é necessário saber se a filha de Geraldo Rabello estava ou não no Canadá, isto é, essa informação não acrescentaria nem diminuiria a qualidade do empreendimento que estava sendo ofertado. Outro aspecto linguístico que merece ser considerado é o fato de que a frase em questão é constituída por uma oração subordinada adjetiva restritiva "...que está no Canadá". Trata-se de uma questão interessante, pois embora tenha a estrutura de um pré-construído, não funciona como tal.

Analisemos o segundo enunciado “ai, se eu te pego”. Vejamos mais uma vez a música na íntegra:

Ai, Se Eu Te Pego
Michel Teló

Nossa, nossa
Assim você me mata
Ai, se eu te pego,
Ai, ai, se eu te pego

Delícia, delícia
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai, se eu te pego

Sábado na balada
A galera começou a dançar
E passou a menina mais linda
Tomei coragem e comecei a falar

Nossa, nossa
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai se eu te pego

Delícia, delicia
Assim você me mata
Ai, se eu te pego
Ai, ai, se eu te pego
http://www.vagalume.com.br/michel-telo/ai-se-eu-te-pego.html#ixzz1tMXqOWcB

Em nossa análise, esse exemplo atendeu a todos os quesitos para se elevar certos enunciados ao estatuto da destacabilidade: suas características formais e linguísticas e a posição que ocupa no texto privilegiou o enunciado para que ele se destacasse. Comecemos pela posição ocupada da referida frase no texto: ela está situada no refrão, um lugar bastante propício para termos a produção de enunciados destacados, uma vez que é parte da canção que é mais falada, portanto, é mais fácil de ser memorizada. Outro elemento importante é que “ai, se eu te pego” é uma frase curta, fácil de ser pronunciada. Quanto às características formais como rimas e ritmo, foi possível perceber apenas este último item, uma vez que a frase tem ritmo, mas não tem rima. O ritmo mostrou uma ação prosódica: fez-se um encadeamento musical, utilizam-se sílabas fortes e fracas para que se tornasse uma forma pregnante, uma forma que impregna o espírito.

Passemos ao caso italiano, com a frase "vada a bordo, cazzo!". Tomemos mais uma vez a conversa em que apareceu a referida frase:

Tradução do telefonema.
De Falco: *Aqui é De Falco falando de Livorno. Estou falando com o comandante?*
Schettino: *Sim. Boa noite, comandante De Falco.*
De Falco: *Por favor, diga seu nome*
Schettino: *Sou o comandante Schettino.*
De Falco: *Schettino? Escute, Schettino. Há pessoas presas a bordo. Agora, vá com seu barco até a proa, do lado estibordo. Há uma escada-piloto. Você sobe essa escada e entra a bordo. Você sobe a bordo e me diz quantas pessoas estão lá. Está claro? Estou gravando essa ligação, comandante Schettino.*
Schettino: *Comandante, deixe-me dizer uma coisa...*
De Falco: *Fale mais alto! Coloque a mão na frente do microfone e fale mais alto, está claro?*
Schettino: *Neste momento, o navio está se inclinando...*
De Falco: *Eu entendo, escute, há pessoas descendo pela escada na proa. Você sobe essa escada, sobe no navio e me diz quantas pessoas ainda estão a bordo. E do que elas precisam. Está claro? Você precisa me dizer se há crianças, mulheres ou pessoas precisando de assistência. E me diga exatamente o número de pessoas em cada uma dessas categorias. Está claro? Escute, Schettino, você se salvou, mas vou fazer com que você tenha problemas, vou fazer com que você pague por isso.* ***Volte ao navio, caralho!!***
Schettino: *Comandante, por favor...*
De Falco: *Não tem por favor. Você levante agora e volte ao navio. Estão me dizendo que a bordo ainda há...*
Schettino: *Eu estou aqui com os botes de resgate, estou aqui, não vou a lugar nenhum, estou aqui.*
De Falco: *O que você está fazendo, comandante?*
Schettino: *Estou aqui para coordenar o resgate...*
De Falco: *O que você está coordenando daí? Volte para o navio! Coordene o resgate de dentro do navio. Você está se recusando?*
Schettino: *Não, não estou me recusando.*
De Falco: *Você está se recusando a ir a bordo, comandante? Você pode me dizer a razão para não voltar?*
Schettino: *Não vou porque o outro salva-vidas está parado.*
De Falco: *Volte para o navio. É uma ordem. Não invente mais desculpas. Você declarou abandono de navio. Agora eu é que mando. Volte para o navio! Está claro? Você está me ouvindo? Vá, e me ligue quando estiver no a bordo. Minha equipe de resgate aéreo está lá.*
Schettino: *Onde estão seus resgatistas?*
De Falco: *Meu resgate aéreo está na proa. Vá. Já há corpos, Schettino.*
Schettino: *Quantos corpos?*
De Falco: *Não sei. Ouvi dizer um. Você é que tem que me dizer quantos há. Cristo!*
Schettino: *Mas você se dá conta de que está escuro e que não podemos ver nada...*
De Falco: *E daí? Você quer ir para casa, Schettino? Está escuro, e você quer ir para casa? Vá para essa proa usando a escada e me diga o que pode ser feito, quantas pessoas há e quais são suas necessidades. Agora!*
Schettino: *Estou com meu subcomandante...*
De Falco: *Então voltem os dois. Você e seu sub voltem para o navio agora. Está claro?*
Schettino: *Comandante, eu quero voltar, mas é simplesmente que o outro barco aqui... há*

outros resgatistas. Ele parou e está esperando...
De Falco: *Tem uma hora que você está me dizendo a mesma coisa. Agora, volte a bordo. Volte A B-O-R-D-O! E então me diga imediatamente quantas pessoas estão lá.*
Schettino: *OK, comandante.*
De Falco: *Vá imediatamente!*

No que tange ao conceito de destacabilidade, podemos afirmar que a pequena frase "vada a bordo, cazzo" não possui formas linguísticas que favoreceram a sua destacabilidade, como ter uma estrutura pregnante, rimas ou ritmo. Em relação a ocupar um lugar de destaque no texto, observamos que o enunciado em questão esteve em destaque: ele está posicionado nas últimas linhas do período, isso ajuda a chamar a atenção para a frase. Além disso, há um ato ilocutório de ordem que favoreceu a notoriedade do enunciado: diante da recusa do comandante Schetino em voltar ao navio, o capitão proferiu uma ordem a qual chamou a atenção para o que foi pronunciado. Há também a presença da palavra "cazzo": por ser obcena, ela auxilia no destaque do enunciado. Assim, observamos que foi a posição ocupada e as condições de produção que deram destacabilidade ao enunciado, uma vez que ele não tinha uma construção pregnante, como rima e ritmo, metáforas, prosódia, entre outros que facilitassem a sua destacabilidade. Em outras palavras, vimos que a sua forma não pode ser considerada memorizável, mas a posição que ocupou, as últimas linhas do texto, e a condição que foi produzida, uma ordem curta e enfática diante de uma recusa de alguém que não poderia ter saído do navio naquelas condições, propiciou uma notoriedade ao referido enunciado.

Falemos agora sobre o caso "Cala boca Galvão". Essa pequena frase tem uma característica diferente das demais: ela não fez parte de um texto em particular, mas de um gênero: o blog. De acordo com pesquisa que realizamos sobre as primeiras irrupções desse enunciado, no dia 10 de junho de 2010 essa frase foi a mensagem mais postada pelos usuários do miniblog Twitter. Por conta disso, não temos para mostrar o texto original em que frase surgiu, mas o suporte em que ela apareceu. Em vista a esta situação não temos como afirmar que a referida pequena frase tem uma localização textual que propiciou sua circulação, nem tampouco podemos dizer que houve uma construção linguística para que ela fosse memorizada. A destacabilidade se deu a partir da mobilização dos usuários do miniblog. Embora haja "culturalmente" no Brasil uma espécie de repulsa aos comentários do jornalista esportivo Galvão Bueno da Rede Globo de Televisão, sobretudo, por conta dos equívocos que comete ao se posicionar frente a uma interpretação da arbitragem em um jogo de futebol, por

exemplo, o fato de “cala a boca Galvão” irromper no miniblog nos mostra algo peculiar da pequena frase, que é ser produzida, sobretudo na mídia virtual e ganhar notoriedade pelo fato de circular e não porque houve um trabalho de construção formal, como ritmo, rima, mas um trabalho de circulação: ela saiu de seu suporte original, o blog, para figurar em diferentes lugares.

Essas constatações nos levam a pensar na sobreasseveração. A lógica da sobreasseveração corresponde ao que faz um enunciado ser destacado de seu fundo textual para figurar em outros contextos. Quem realiza tal ação é o sobreasseverador, o sujeito que realiza a ação de destacar. Essa posição pode ser ocupada pelo próprio autor da frase: sem ter consciência disso, ele produz um enunciado destacável. A sobreasseveração eleva o fragmento a um candidato a destacabilidade. Isso pode ser feito de várias formas: um aspecto prosódico (insistência), sintático (construção de um forma pregnante), semântica (uso de metáforas), salientar a posição (figurar como título por exemplo). Grande parte destas ações foram praticadas nas pequenas frases que estamos analisando, mostrando que houve a presença do sobreasseverador.

Como foi possível notar, a extração do enunciado de um texto para que ele figure com autonomia em diferentes contextos não ocorre ao acaso; é preciso que a frase ocupe uma geografia privilegiada no texto de origem. Nos exemplos trazidos, esse ponto foi atendido: figurar como um refrão (ai, se eu te pego), ser uma ressalva supostamente irrelevante (menos Luiza que está no Canadá), ser uma ordem desesperada diante de uma catástrofe (vada a bordo, cazzo) ajudou as frases a ganharem o estatuto de autonomia, sendo facilmente memorizadas e reutilizadas. Na frase “Cala boca Galvão”, não podemos dizer que houve a figura singular de um sobreasseverador, mas uma coletividade que, ao postar a frase em seu blog, contribuiu para que a frase se destacasse de seu fundo textual (que, no caso, o destaque foi do gênero textual) para figurar em diferentes gêneros e se referir a diversos assuntos. No caso dessa ultima frase, acreditamos que há uma espécie de sobreasseverador coletivo, os que se indignam com os comentários equivocados de Galvão Bueno, quer seja na transmissão de jogos de futebol e/ou de corridas de fórmula 1.

Essas constatações nos fazem vislumbrar o trabalho do sobreasseverador, em que ele, por meio de recursos (de diversas ordens: estilísticos, condições de produção, gênero textual) tornou possível que as frases fossem destacadas, uma vez que elas ficaram mais visíveis no texto/gênero do qual faziam parte.

Após receber o estatuto de destacabilidade, essas pequenas frases saíram de seu contexto original e começaram e figurar em outros lugares, recebendo um novo estatuto: o de enunciação aforizante. A enunciação aforizante está separada do contexto que lhe deu origem, significando em outros contextos. Esse fenômeno atingiu as frases que estamos analisando, uma vez que elas saíram de seus lugares originais e começaram a produzir efeitos de sentidos em outros campos discursivos, muitas vezes, efeitos bem diferentes dos que elas originalmente produziram.

A exposição que fizemos dos lugares em que as pequenas frases circularam, evidenciam que elas percorreram diferentes gêneros e contextos, podendo pertencer o estatuto de frases autônomas. Com base no exposto, podemos afirmar que as frases não precisaram mais de seu contexto de origem, funcionando como frases sem texto, como denomina Maingueneau (2011a). Em outras palavras, as pequenas frases se separaram completamente de seu contexto original e passaram a circular de forma independente. Por conta dessas constatações podemos dizer que temos aforizações, já que circularam de forma destextualizada, não dependendo de contextos específicos para produziram sentido, pelo contrário, a cada nova aforização, as pequenas frases adquiriram novos sentidos.

As pequenas frases em análise, ao receberem o estatuto de enunciação aforizante, começam a circular como enunciados sem autor, interpelando os enunciadores a particitar tais frases. Como vimos no capítulo 01, a particitação é uma citação que circula sem dono e também sem o distanciamento que a citação tradicional exige como as aspas, o verbo *discendi* e a menção da fonte. Isso se dá em razão de o locutor acreditar que a comunidade compartilhe daquilo que está se fazendo memória. Esse fenômeno também se dá nas pequenas frases que estamos analisando, já que toda vez que observamos a sua circulação, não havia a menção da fonte, do autor, mas sim de um citador: alguém que cita aquela pequena frase em diferentes lugares, produzindo diferentes efeitos a cada nova citação.

No nosso entedimento, o que ocorreu com as pequenas frases é que, ao serem inseridas em outras enunciações, elas deixaram evidente um desnível enunciativo, em que ficou evidente a presença de outra voz sendo inserida no contexto original. Para mostrar tal constatação, selecionamos algumas imitações, as quais são bem produtivas para mostrar a pertinência de nossas análises.

Vejamos a imagem 07, disposta ao lado; ela se refere à propaganda sobre a loja de departamentos Renner.

O anúncio em questão tem os seguintes dizeres: “Você tem seu estilo. A Renner tem todos.” Por meio da imitação, ouve a inserção de outra voz que disse “Menos o da Luíza, que está no Canadá”. Nessa propaganda é visível esse desnível de enunciações, por dois fatores: o tipo de letra utilizada difere da letra usada originalmente na propaganda e o tom de negação em que a frase pode ser lida também deixa claro que houve uma outra voz inserida no enunciado.

O mesmo se pode dizer da imagem 09 ao lado, em que também fica claro o desnível da enunciação por conta do elemento gráfico — a letra e a forma como foi escrita a mensagem, evidencia que a frase “Menos Luíza, que está no Canadá”, não fazia parte originalmente da propaganda da empresa Gol — e do tom de negação que a frase deixa transparecer.

Na imagem 15 ao lado, esse desnível é realizado de outra forma: na cena original o jogador brasileiro Neymar, provavelmente não tenha dito essas palavras ao jogador argentino Leonel Messi. O que houve nesse caso foi o desnível entre o plano imagético e o plano linguístico em que é inserida outra voz na cena original.

Na imagem 25, vemos que, quando o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, foi questionado por repórteres sobre a ausência de seu pronunciamento referente ao caso do desabamento dos prédios na cidade do Rio de Janeiro, provavelmente ele não estivesse usando a farda de um capitão da marinha, tampouco uma das camisetas que circularam com a frase “vada a bordo, cazzo”. Esses elementos foram inseridos pelo particitador, evidenciando também um desnível da imagem com a frase.

No caso da pequena frase “vada a bordo, cazzo” presente na imagem 22 trazida a seguir, além de ser possível notar que as enunciações não estão no mesmo nível por conta da comparação com a imagem original, ainda temos a marca do idioma, em que se mistura a frase em italiano com o enunciado em inglês:

Na imagem 28, por sua vez, deixa claro que a imitação trabalha enunciativamente a imagem original a fim de inserir a pequena frase e realizar o efeito de sentido pretendido:

Com os exemplos arrolados anteriormente, vemos que essa é uma característica comum das pequenas frases: circular nesse desnível enunciativo, circular em diferentes lugares em que originalmente não estavam presentes. Ademais, notamos que, na particitação o locutor não diz explicitamente que está retomando um enunciado que não é seu. Contudo, há

marcas dessa presença por intermédio do desnível interno na enunciação. Esse desnível, assevera Maingueneau (2008), pode ser feito por um elemento gráfico, fonético, etc., de modo que o citador assume que aquilo não faz parte de sua enunciação, sendo algo retomado.

Com os recursos tecnológicos de que dispomos na atualidade, esse desnível de retomada não tem limites, dá-se tanto no plano linguistico quanto no plano imagético como foi possível vislumbrarmos nos exemplos selecionados. As pequenas frases usam e abusam desse recurso, já que com as imitações fica visível que há um desnível entre a voz do locutor, isto é, aquilo que ele assume como "seu" e a voz do citador, aquele que insere outro enunciado que não fazia parte da enunciação de origem. Tal estratégia é condição para que uma mesma frase possa circular, sendo repetida em inúmeros contextos, como se fosse uma espécie de eco enunciativo.

O locutor citador assume o ponto de vista do enunciado citado, compartilhando do que está sendo citado e o insere em outros contextos, partindo do pressuposto de que os membros da comunidade comunguem do que Maingueneau (2008) chamou de Thesaurus. Quando o citador cita a pequena frase, imagina que seus destinatários comunguem desse Thesaurus. Para conjugar esses dois níveis de enunciação, temos a figura do hiperenunciador: ele irá organizar, garantir a unidade e a validade do enunciado. O hiperenunciador constrói uma enunciação estabilizada, aceitável ao receptor. É ele que garante a validade e a unidade dos dois pontos de vistas. Nesse sentido, o enunciador apresenta uma enunciação que não é sua, a responsabilidade do que foi dito é atribuída a alguém anônimo, um hiperenunciador. O hiperenunciador está conjugando a voz de quem produziu as pequenas frases e nas imitações em que foram inseridas, dando sentido à modificação, ou melhor dizendo, a conjugação de duas vozes advindas de lugares tão diferentes.

Podemos dizer que houve um caminho enunciativo percorrido pelas pequenas frases: como vimos, todo os enunciados selecionados para essa análise percorreram um trajeto até chegarem ao estatuto de autonomia: eles foram extraídos de seu texto original; contudo, essa extração não foi feita de maneira indiscriminada: os fragmentos já se apresentavam como destacável no seu lugar de origem. Esse trabalho foi realizado pela figura do sobreasseverador. Ao saírem de seu contexto original, as pequenas frases começaram a circular de forma autônoma, sem a menção de seus autores, recebendo o estatuto de enunciação aforizante. Ao serem inseridas em outros campos discursos, como vimos nos exemplos trazidos, elas obedeceram à lógica da particitação, isto é, uma citação que circula

em outros contextos sem ser mencionada sua fonte. Por fim, aparece a figura do hiperenunciador, que irá organizar essas diferentes enunciações, para formar apenas uma.

4.3.3 Os enquadramentos interpretativos das aforizações

Antes de entrar na teoria das pequenas frases, cremos ser pertinente refletir sobre os enquadramentos interpretativos dos enunciados aforizados. Segundo Maingueneau (2011c), na enunciação aforizante, o aforizador mantém uma relação assimétrica com seu destinatário, uma vez que ele fala de uma fonte transcendental, enunciando a sua verdade, sem negociações de sentido com o seu destinatário, o qual ocupa a função de ouvinte apenas, uma espécie de auditório. Com efeito, essa verdade universal proferida pelo aforizador deve ser interpretada pelos leitores/ouvintes, já que, para o autor francês, na enunciação aforizante a "atividade interpretativa é fortemente solicitada" (Maingueneau, 2011c, p. 19). Essa interpretação, revela o estudioso, dá-se de forma diferente conforme o tipo de aforização que está em foco. Se em cena estiver a aforização destacada por natureza, como os provérbios, slogans, dentre outros, o sentido é construído baseando-se em situações pré-estabelecidas, por assim dizer, havendo algumas instruções de sentido que são incorporadas ao enunciado aforizado. Para Maingueneau (2011c), nas aforizações destacadas por natureza há um modelo de interpretação que deve se aplicar há um número indefinido de situações. O autor cita como exemplo o provérbio "pai avarento, filho pródigo", em que esse enunciado poderá ser aplicado em uma situação de interpretação desde que se possa opor o comportamento de um pai ao de um filho. Nesses casos: "o destinatário é então forçado a buscar na situação que partilha com o locutor os elementos que supostamente teriam tornado possível a enunciação." (MAINGUENEAU, 2011c, p. 19). Em outras palavras, há uma interpretação mais ou menos definida que o destinatário deverá retomar para as aforizações destacadas por natureza, já que por não se prenderem a contextos, podem se aplicar a situações genéricas.

Nas aforizações destacadas de um texto, a interpretação ocorre de forma distinta, visto que não há interpretações mais ou menos definidas, o que há é uma interpretação condicionada pelo o que o autor chama de enquadramento:

> o destinatário deve atribuir de maneira privilegiada a aforização a este ou aquele "enquadramento" para orientar e concluir seu tratamento interpretativo. Esses enquadramentos são categorias pragmáticas: a mesma aforização será tratada diferentemente conforme o enquadramento ao qual a

> submetermos. Além disso, pode acontecer de haver um enquadramento que, nesse caso, seja apenas dominante. (MAINGUENEUAU, 2011c, p. 20).

O estudioso francês vislumbra no referido conceito um problema: saber o que serve de orientação para o destinatário recorrer a um ou a outro enquadramento. Para o autor, essa decisão é dirigida por diversas ordens: há interpretações que são dirigidas pelo gênero e o tipo do discurso, como por exemplo, o jornalismo é dirigido pela dimensão informativa; já o discurso religioso tem sua interpretação comandada pela descoberta de sentidos ocultos. Há ainda a influência pela ordem linguística: "outros índices são mais estritamente linguísticos: salvo em casos excepcionais, uma aforização fortemente carregada de tropos ou enunciada em latim não terá um objetivo informativo." (MAINGUENEAU, 2011c, p. 20). A identidade do aforizador também pode determinar um enquadramento: "conforme a aforização é atribuída a um sábio, um cantor, um filósofo etc., ela será relacionada a um tipo de enquadramento." (MAINGUENEAU, 2011c, p. 21).

Expandindo o referido conceito, Maingueneau (2012b) classifica o enquadramento interpretativo em dois regimes: o regime de atualidade e o regime memorial. Dentro do regime de atualidade, encontramos três tipos de enquadramentos: o informacional, o testemunhal e o acional. Já o regime memorial abarca o enquadramento histórico e o sapiencial. A seguir, explicaremos cada um deles e suas subclassificações.

Iniciemos com o regime de atualidade e suas subclassificações. Para Maingueneau (2012b), as aforizações são retiradas dos discursos os quais circulam na mídia. Nesse sentido, quem acompanha as notícias que são veiculadas no espaço midiático estão seguindo a atualidade, os fatos que ocorrem ordinariamente, tornando-se aptos a interpretar as aforizações que são realizadas, uma vez que dispõem de um saber enciclopédico para realizar a interpretação da atualidade convenientemente. A isso Maingueneau (2012b) chama de regime de atualidade:

> As aforizações participam do que poderíamos chamar de um "regime de atualidade", o que significa dizer que são interpretáveis no interior do vasto interdiscurso do "o que se diz", capaz de alimentar as conversas rotineiras, os fóruns na internet ou os debates televisivos em um dado momento. (MAINGUENEAU, 2011c, p. 25)

Esse regime de atualidade, na visão do estudioso francês, abarca três ordens. A primeira é chamada de enquadramento informativo. De acordo com Maingueneau (2012b), o enquadramento de ordem informativa é o menos complexo, porque, como seu próprio nome já

diz, sua função é informar ou, nas palavras do autor, fazer saber. Para exemplificar esse enquadramento, Maingueneau (2012b) toma o título de um artigo que foi retirado de uma seção que se refere a profissões, em que temos a fala de uma mulher que prática a venda de produtos de "porta em porta". O referido título diz: "Eu ganho perto de 2.000 euros por mês" (*Le Parisien*, 20/06/2009, p. 12). Para compreender essa aforização, o destinatário precisa recuperar um conhecimento compartilhado o qual diz que venda de "porta em porta", um emprego tão modesto, não é uma profissão que tradicionalmente renda muito, mas pelo enunciado em questão, o leitor é levado a compreender que a referida mulher tem um bom rendimento com tal profissão. Para o autor, a afirmação da vendedora "(...) dá relevo a uma informação que contradiz um ponto de vista generalizado (...) (MAINGUENEAU, 2012b, p. 120)". Nesse sentido, a informação fornecida no título é de caráter informativo, remetendo a um caráter informacional.

A segunda ordem presente do regime de atualidade é chamada de enquadramento testemunhal. O estudioso francês propõe tal ordem, pois, segundo ele

> o enquadramento "informacional" frequentemente se mistura a um enquadramento que podemos chamar *testemunhal*, que tende a reduzir, quando não anular, a dimensão informacional a favor da expressão de uma emoção, de uma convicção, de uma experiência pessoal. Isso pode se manifestar por um apagamento enunciativo que podemos dizer *sentencioso* ou, ao contrário, como um superinvestimento personalizante. (MAINGUENEAU, 2012b, p. 120)

Esse apagamento enunciativo sentecioso ou personalizante de que fala o autor, presente no enquadramento testemunhal, é explicado por ele a partir de um exemplo. A modalidade "sentenciosa" deste tipo de enquadramento é exemplificada com o título que foi dado a uma entrevista fornecida a um jornal por especialista em questões ambientais: "O indivíduo não pode aceitar tudo" (*Ouest France*,04/04/2009). Como pondera Maingueneau (2012b), esse título sentencioso evidencia que há uma diferença entre a abrangência sem fronteiras que essa aforização pode alcançar (pode ser aplicado a outros assuntos) e o caráter limitado do campo em que tal título está se referindo, (o comportamento das pessoas em relação ao consumo de bens que sejam favoráveis ao meio ambiente). Para o pesquisador, essa diferença caracteriza o aforizador, que ao realizar o ato de aforizar, foi capaz de retomar valores que garantam a unidade da comunidade, indo além do problema imediato que seria o consumo de bens favoráveis ao meio ambiente. Tal título sentencioso, para o autor, também tem uma modalidade "personalizante", cujo objetivo é evidenciar as emoções, o afeto do locutor, não

estando centrada nas normas coletivas que uma comunidade deve seguir. Ao receber essa mensagem, o destinatário, pondera o teórico francês, é interpelado a interpretar as normas que são pertinentes "para justificar o superinvestimento subjetivo" (MAINGUENEAU, 2012b, p. 121) que o referido título está evidenciando. Em outras palavras, o enquadramento testemunhal coloca em primeiro plano uma modalidade sentenciosa (a qual evoca normas e valores que os sujeitos precisam seguir), mas essa aforização também pressupõe a emoção, o afeto do locutor, que seria uma modalidade personalizante, na qual, por meio do que foi dito, também é possível expressar as emoções.

Como vimos, o autor fez uma distinção entre o enquadramento informacional "cujo aforizador prototípico é um especialista habilitado a analisar o mundo" (MAINGUENEAU, 2012b, p. 122) e o enquadramento testemunhal, "em que Sujeitos fortemente envolvidos com os acontecimentos mobilizam valores através da expressão de convicções e emoções." (IDEM). Contudo, segundo o estudioso, somente essa distinção não é suficiente, já que "muitas vezes, na verdade, a aforização é encenada porque seu produtor é um ator, que detém o poder de modificar uma situação." (IBIDEM). A partir dessa constatação, o autor propõe também o enquandramento acional, uma vez que um enunciado pode ter uma dimensão informacional (fazer saber), testemunhal (fazer crer: por meio de suas convicções e emoções são capazes de mobilizar, recuperar valores sociais a serem seguidos) e também ter o poder de agir, de modificar algo, de transformar a realidade (fazer agir).

Maingueneau (2011c) opõe esse regime de atualidade ao que ele chama de "memorial". O memorial abarca a aforização que se inscreve em uma memória coletiva de longo prazo, fazendo parte, portanto, de *Thesaurus* de uma comunidade. Esse regime memorial, tal qual o autor fez com o regime da atualidade, também pode sofrer dois tipos de enquadramentos interpretativos: o enquadramento histórico e o sapiencial. Em relação ao enquadramento histórico, o pesquisador francês explica que toda aforização faz parte de uma narrativa maior, sendo, "(...) uma parte e um traço de um acontecimento que se perpetua como singular e exemplar." (Maingueneau, 2012b, p. 123). Para exemplificar, o autor cita um enunciado:

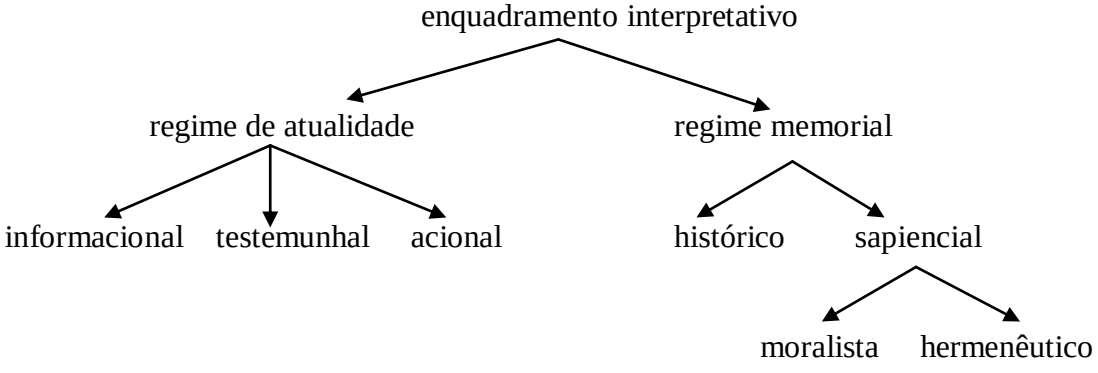
> A frase endereçada por César a Brutus no momento de seu assassinato, "Você também, meu filho?" (*Tu quoque mi fili*), deve ativar no destinatário a lembrança desse episódio célebre como um todo. Essa frase ascende ao estatuto de *exemplum*: é a frase daquele que se vê traído e assassinado por aqueles que imaginava ser amado. Esse *exemplum* está associado a uma iconografia completa que pode se apresentar, em função das épocas, sobre os

> suportes mais variados: quadros, estampas, gravuras, louças, xícaras, pôsteres, camisetas etc. (MAINGUENEAU, 2011c, p. 25)

Maingueneau opõe o enquadramento histórico ao que ele nomeia de enquadramento sapiencial. Segundo o autor: "diferentemente do enquadramento histórico, o enquadramento "sapiencial" não inscreve a aforização em um acontecimento, mas a aprende como ponto de vista de um Sujeito privilegiado." (MAINGUENEAU, 2012b, p. 123). Esse ponto de vista chamado de sapiencial pelo estudioso, ainda é dividido em enquadramento moralista (por meio da aforização, é enunciado julgamentos acerca de como o mundo se organiza: a amizade, a ambição, os homens, as crianças) e enquadramento "hermenêutico", em que

> por meio do enquadramento "hermenêutico", o destinatário deve depreender um sentido oculto, uma "mensagem", imagina-se, que toca a própria identidade do intérprete. Como em toda situação hermenêutica, o enunciado restringe um sentido que não pode ser dado imediatamente, que exige um verdadeiro trabalho de interpretação. A autoridade de aforizador está, assim, respaldada na competência do destinatário, sobretudo quando ambos são membros de uma mesma comunidade restrita que se alimenta de um vasto Tesauro e que desenvolveu procedimentos de interpretação. O enquadramento hermenêutico tem como efeito aumentar consideravelmente o potencial semântico da aforização. Depreender a "mensagem" que a aforização deveria supostamente revelar tem um custo cognitivo elevado, e seu conteúdo nunca é totalmente certo. É o caso, sobretudo, nos domínios religioso, literário, filosófico etc. Tratando-se ou não de uma aforização destacada do *Evangelho*, do *Corão*, da *Odisseia*, de obras de um grande escritor, o essencial é remetê-la à totalidade textual da qual participa, totalidade esta que extrai sua autoridade do fato de ter um autor "inspirado", que supera o comum dos mortais. ((MAINGUENEAU, 2011c, p. 25-26)

Para finalizar a exposição do enquadramento interpretativo, o autor propõe o esquema:



Quadro 5. O enquadramento interpretativo (MAINGUENEAU, 2012b, p. 125)

Com base no exposto, observaremos os enquadramentos interpretativos dados para as pequenas frases eleitas para a presente tese. Operar com esse conceito é relevante uma vez que os diferentes lugares em que uma frase apareceu comprova que um único enunciado pode adquirir interpretações distintas, porque se inscreve em diversos enquadramentos. Quem leu/ouviu as frases ora analisadas fez interpretações do que viu/ouviu e disso podemos depreender diferentes enquadramentos de acordo com o que Maingueneau (2012b) denominou de regime de atualidade e regime memorial.

Iniciemos observando o regime de atualidade. No nosso entendimento, todas as frases aqui discutidas se enquandram no referido regime. Tal afirmação está baseada no fato de que as aforizações presentes neste trabalho remetem a assuntos do cotidiano, os quais estão circulando recentemente. Assim, para interpretar as pequenas frases, é imperante recuperar fatos recentes ocorridos no cenário (inter)nacional, tais como um acidente naval na Itália, um anúncio publicitário sobre empreendimentos imobiliários, no qual o pai cita o nome de sua filha, o sucesso de uma música do cantor Michel Teló e de que há um movimento criticando um narrador esportivo chamado Galvão Bueno. Sem os referidos conhecimentos, não há como compreender as aforizações trazidas em cena. Nesse sentido, só quem acompanhou os fatos citados foi capaz de alimentar e dar continuidade a eles quando comentaram suas opiniões em redes sociais, blogs, conversas cotidianas, fóruns da internet.

Três ordens abarcam o regime de atualidade: o enquadramento informativo, o testemunhal e o acional. Em relação ao enquadramento informativo, o qual tem a preocupação em fazer saber, informar, podemos dizer que ele está presente nos títulos de notícias mencionados, uma vez que não vislumbramos posicionamentos nestes exemplos: as notícias buscam, em sua maioria, informar o acontecimento. Assim, compreendemos que quando a pequena frase aparece no gênero notícia, ela é predominantemente de caráter informacional, em que o sujeito terá que enquadrá-la no âmbito informacional para compreendê-la. Em decorrência disso, para interpretar a pequena frase, o sujeito terá que buscar informações nos fatos atuais para ter a compreensão adequada. Tal constatação pode ser visualizada, por exemplo, na notícia 3 (Luiza está no Canadá: conheça o novo meme que está bombando na internet), na notícia 4 (“Menos Luíza, que está no Canadá” vira febre; entenda a mania), na notícia 15 (Frase "Vada a bordo, cazzo" vira sucesso na Internet), na notícia 18 ('Vada a bordo, cazzo' virou frase emblemática do acidente do cruzeiro.), na notícia 23 ('Cala Boca Galvão' vira hit mundial do Twitter em abertura da Copa do Mundo), dentre outras. Presenciamos algumas exceções, as quais não objetivam apenas informar, mas sim, marcar

um posicionamento: as notícias 6 e 7, em que o jornalista Carlos Nascimento deixa claro sua opinião sobre a inutilidade da importância dada a frase que se refere à Luiza, mostrando que há problemas no Brasil mais relevantes para serem discutidos; a notícia 10, na qual marca a crítica de um sujeito para com a "música-chiclete" de Michel Teló e a notícia 11, na qual mostra um posicionamento irônico de um site em relação à referida música: "uma das maiores bandas de rock do mundo curvando-se à beleza e profundidade da canção brasileira que é hit no planeta." Em consequência, para compreender os referidos exemplos adequadamente, será preciso ir além do nível informacional que eles carregam.

No tocante ao enquadramento testemunhal, em que é possível depreender a emoção, o testemunho dos sujeitos em relação a uma dada aforização, podemos dizer que os fóruns de debates e sites de relacionamentos são interpretados de acordo com o referido enquandramento. Afirmarmos isso, porque é visível nesses lugares a presença do testemunho, da opinião das pessoas sobre um determinado assunto o qual se destacou. Esse testemunho pode aparecer de forma senteciosa ou personalizante, conforme os ensinamentos de Maingueneau (2012b). O testemunho é sentencioso quando observamos interpretações, as quais são centradas nas normas que regem uma sociedade, em que o sujeito se vê obrigado a cumprir ordens, obrigações sociais. Em outras palavras, no testemunho sentencioso são mobilizados valores que os sujeitos devem seguir e isso pode ser visto nas quatros frases: evitar comentários inúteis em anúncios publicitários, como na frase da Luiza; prestar socorro em caso de acidentes, como no episódio em que o comandante Schettino omitiu ajuda aos passageiros do navio; ordenar que se "cale a boca" quando se pronuncia comentários inapropriados e errôneos como é o caso de "cala a boca, Galvão" e ameaçar alguém a partir de uma gama variada de situações, como acontece em "ai se eu te pego" . Nesse sentido, as pequenas frases e os lugares de circulação trazidos evidenciam que, por meio de suas emoções e convicções, os sujeitos são capazes de recuperar regras sociais a serem seguidas. Os comentários acerca das 4 pequenas frases em questão evidenciam que as pessoas expressaram sua indignação à falta de cumprimento de regras sociais, como respeitar/criticar o sucesso da música de Michel Teló, a liberdade de expressão de Galvão Bueno, a omissão de socorro por parte do comandante Schettino.

Não podemos nos esquecer do testemunho personalizante, o qual remete as emoções e afetos que tais aforizações suscitam como a raiva, a indignação, o desprezo. Tais sentimentos foram vistos, sobretudo, nos comentários presentes em redes sociais e fóruns de debates, os quais criticam o fato de estar se dando tanta importância a assuntos sem relevância, como o

exemplo da Luiza, a música de Michel Teló e a ordem a Galvão Bueno. Por outro lado, há também quem se sensibilize com os ataques feitos aos indivíduos envolvidos nesses episódios, já que é possível encontrar quem defenda o cantor Michel Teló e o narrador Galvão Bueno nos comentários. No caso do abandono do comadante Schettino no acidente naval, a emoção das pessoas se volta para a morte dos passageiros que estavam no navio e a falta de comprometimento do referido tripulante.

E por último, temos o enquadramento acional: em que além de informar, recuperar normas sociais e expressar seus sentimentos, o sujeito, para interpretar uma dada aforização, deverá compreender que ela está atuando, movendo uma situação que modifica a realidade. As criações e imitações presentes no exemplo quatro pertencem ao enquadramento acional, uma vez que agem, transformam a realidade: por em cena o desentendimento entre Serra e FHC (imagem 20), move a disputa política dentro do partido do qual eles fazem parte; envolver os jogadores Messi e Neymar em diálogos que provalvemente não existiram (imagem 15 e 16) alimenta a disputa entre tais esportistas; ao supostamente oferecer uma música a Ahmadinejad, Obama dá continuidade aos conflitos entre Irã e Estados Unidos (imagem 18). Igualmente podemos refletir sobre os enunciados que compõem o exemplo sete, porque movem a discussão da falta de produção do jogador Adriano nos times que o contrataram (imagem 23); alimentam os rumores da omissão do governador quanto ao caso do desabamento dos prédios no Rio de Janeiro (imagem 25), colocam e evidência a situação política brasileira (imagem 24), dão relevo a crise europeia com a falta de ajuda da Alemanha para com os países em dificuldades (imagem 26). Nesse sentido, as aforizações alimentam debates, fazem as pessoas se posicionarem e refletirem sobre os assuntos em relevo no cenário nacional.

Passemos a discorrer sobre o regime memorial de que fala Maingueneau (2012b). No nosso entendimento, há alguns enunciados os quais se inscrevem numa memória de longo prazo, em que outros discursos precisam ser retomados para que certas aforizações possam ser compreendidas, retomando o thesauros da comunidade. Não são todos, mas notamos que alguns elementos trazidos na circulação das pequenas frases se enquadram na referida situação.

Iniciemos com o enquadramento histórico, isto é, uma aforização que retoma outros fatos já ocorridos, acontecimentos maiores que abarcam o enunciado, em que uma aforização faz memória a outros discursos os quais explicam ou dão subsídios para que o destinatário possa realizar a interpretação. As aforizações que rememoram fatos passados para serem

compreendidas estão presentes em algumas imitações e criações, como na imagem 18 em que é preciso saber que há muito tempo existe um conflito político étnico-religioso entre a cultura oriental (representada pelo presidente do Irã) e a cultura ocidental (representada pelo presidente dos Estados Unidos). Nesse sentido, há um conflito histórico entre os EUA e os programas de armas nucleares que alguns países do oriente médio desenvolvem. Na imagem 22 também é preciso recuperar a história dessa imitação para compreender que se trata de um cartaz o qual o governo britânico criou para tranquilizar a população na Segunda Guerra Mundial: Keep Calm and Carry On. (Mantenha a Calma e Siga Adiante.). Outro exemplo, pode ser visto na imagem 30, a qual faz menção a história de alguns assuntos que já foram temas para o clamor popular brasileiro, em que a população se organizou e fez protestos/passeatas, como "Diretas já" e "Fora, Collor". Em relação às notícias e comentários apresentados, não percebemos a rememoração de fatos passados, somente e presença de atualidades.

Por fim, falaremos acerca do enquadramento sapiencial, no qual temos a inscrição da aforização em um ponto de vista de um sujeito privilegiado. De acordo com o teórico francês, há dois tipos de enquadramento sapiencial: o moralista e o hermenêutico. No enquadramento moralista, há o julgamento do mundo, de como funciona a organização da humanidade para que a aforização seja interpretada. No nosso entendimento, as imitações e criações realizadas com a frase da Luiza são do tipo moralista, uma vez que comentários considerados inúteis como esses, sem serventia para a comunicação, sempre foram repudiados na história das coisas. No que tange às notícias sobre a referida frase, ponderamos que as notícias 6 e 7 também têm essa vertente moralista quando o jornalista Carlos Nascimento critica a atitude dos brasileiros em dar visibilidade a um assunto considerado inútil, quando na verdade o Brasil tem muitos outros problemas sérios que mereciam tal destaque. O jornalista, na verdade, está se posicionando como um sujeito moralista que fala de um lugar sapiencial ao recuperar esse discurso de que as pessoas deveriam debater assuntos mais sérios. Igualmente podemos afirmar sobre os comentários presentes em redes de relacionamentos e fóruns de debates sobre tal enunciado, já que os sujeitos criticam essa nova organização social: dar importância a algo que eles consideram banal, sem relevância.

A frase "ai se eu te pego" e suas criações também retomam a organização das coisas: quem realizou algo errado, merece uma punição ou um aviso, uma ameaça tal qual o referido enunciado sugere. Alguns comentários acerca dessa frase deixam transparecem um tom moralista quando vemos asserções as quais criticam a forma como as pessoas enaltecem uma

música vazia e outras que defendem o cantor, aconselhando que os indivíduos que não gostam da música não deveriam ouvi-la, evidenciando o respeito a liberdade de expressão e de escolha que as pessoas devem ter. Esse tom moralista também se encontra nas criações e comentários referentes a frase "vada a bordo, cazzo". Quem se utiliza da frase para fazer as criações (exemplo 7) está rememorando que faz parte da organização das coisas o sujeito cumprir o seu dever, sua função, fato esse que não ocorreu com o jogador de futebol Adriano, com o governador do Rio de Janeiro e com os políticos brasileiros. Os comentários da referida frase igualmente acompanham o sentido de que o capitão deveria cumprir sua função e não o fez. Por último, temos "cala a boca Galvão", no qual vemos também alguns exemplos moralistas: as criações se pautaram no fato de que há pessoas produzindo disparates e que isso não é bem aceito socialmente. Nesse sentido, cada um que falou uma "besteira" mereceu um "cala a boca", já que pessoas deveriam falar somente o útil. Nos comentários desse enunciado, vislumbramos criticas e defesas a favor da liberdade de expressão do locutor esportivo o qual tem o direito de falar o que bem entender.

Em relação ao enquadramento sapiencial do tipo hermenêutico, Maingueneau (2012b) afirma que, em certos momentos, para se realizar a interpretação é preciso depreender um sentido oculto, uma vez que a mensagem não é dada imediatamente, sendo precisa certa reflexão. Em outras palavras, é necessário um trabalho interpretativo para que se compreenda a aforização realizada. Nesse sentido, tal enquadramento pertence ao regime memorial, porque exige uma competência histórica de quem ouve/lê, superando o conhecimento do senso comum. Acerca desse enquadramento, elencamos alguns exemplos, como a imagem 18, em que é necessário uma competência interpretativa para compreender qual o sentido de Obama estar oferecendo uma música a Ahmadinejad. O mesmo podemos dizer sobre a imagem 20, na qual sugere uma disputa entre FHC e Serra: não é um sentido fácil, é imperante acompanhar os fatos, saber que os dois políticos fazem parte do mesmo partido e que um culpa o outro pela derrota nas eleições presidenciais do seu partido. Temos também a imagem 29 em que aparece Lula com um adesivo escrito "multado" em sua boca. Tal exemplo exige um trabalho interpretativo, já que é preciso saber que o então presidente do Brasil estava sendo criticado pelos seus supostos erros de português. Erros esses cometidos porque Lula é um político de origem pobre e da classe trabalhadora.

Com o conceito de enquadramento interpretativo, vimos que não há sentidos pré-estabelecidos nos enunciados destacados de um texto, isto é, não existe um modelo de interpretação tal qual ocorre nos enunciados destacados por natureza. O que há são diferentes

interpretações condicionadas pelos enquadramentos de que fala Maingueneau. Nesse sentido, o destinatário enquadra a aforização para orientar e concluir sua interpretação; ele não interpreta como bem entender, ele é direcionado de acordo com o enquadramento em foco. Desse modo, a mesma aforização tem tratamentos diferentes conforme o enquadramento: "cala a boca Galvão", por exemplo, foi enquadrada em diversos temas (futebol, política, cotidiano), evidenciando que a frase aforizada gerou diferentes interpretações.

4.4 A teoria das pequenas frases

Antes de tratarmos das pequenas frases propriamente ditas, é preciso estabelecer de que tipo são os enunciados que escolhemos. No capítulo 2, com base em Krieg-Planque e Ollivier-Yaniv (2011) foi possível observar que o termo pequenas frases pode ser usado para designar um fragmento que foi retirado de um discurso e foi utilizado de forma mais ou menos descontextualizada, podendo gerar polêmicas, tensão; também pode ser usado para designar frases do dia, de semana, do ano, ou piadas, enfim o termo pode ser usado para designar um conjunto heterogêneo de fenômenos. No nosso caso, a noção de pequenas frases está sendo usada no primeiro sentido: um fragmento retirado de um discurso e que circula produzindo diferentes posicionamentos.

Outra questão trazida pelas autoras francesas é que as pequenas frases estão ligadas ao discurso político. Como base nos dados analisados, foi possível perceber que, o fenômeno está ocorrendo também com outros discursos. Em nosso caso, falaremos das pequenas frases como fazendo parte dos discursos cotidianos, que tratam de assuntos do dia a dia dos sujeitos, como a letra de uma canção, a propaganda de um empreendimento imobiliário, uma tragédia marítima e a opinião das pessoas sobre um narrador esportivo.

O primeiro ponto que será discutido nesse item, diz respeito às condições de produção das pequenas frases. Comecemos afirmando que, no caso das pequenas frases em análise, a mídia deve ser vista como um determinante, uma vez que foi por meio do trabalho e das exigências midiáticas que elas puderam surgir. Para figurar na mídia, uma coisa é certa: a frase deve ter um formato curto, já que na mídia há uma forte tendência à fragmentação e redução de volume. Essa exigência contribui para a formação das pequenas frases que, além de curtas, precisam resumir um conteúdo, serem capazes de criar um evento discursivo. Em outras palavras, é preciso ser um espetáculo: diante de bombardeio de informações que recebemos todos os dias das mais variadas formas, recebe destaque o assunto que melhor

construir um espetáculo, que chame mais atenção. Em relação às pequenas frases trazidas para esta análise, ponderamos que elas, em meio a tantas outras frases, criaram um evento discursivo e se destacaram. Além disso, circularam de modo a condensar um evento e de forma curta, memorável. Desse modo, ter um formato curto e que atenda as exigências de fragmentação da mídia deve ser um dos primeiros critérios que nos levam a reconhecê-las como pequenas frases.

As pequenas frases aqui trazidas construíram os mais distintos eventos discursivos, já que foram comentadas, discutidas, polemizadas, figuraram em programas de TV, sites, jornais, propagandas, imitações, enfim, elas circularam condensando fatos. Nós podemos aproximar tais eventos à noção de acontecimento discursivo, defendido por Pêcheux (1983), em que temos um fato sendo falado, discutido, retomado e deslocado.

Outra característica que podemos reconhecer nas pequenas frases é que elas devem fazer parte de um trabalho de rotina e seleção. Sobre essa característica, Krieg-Planque (2011) mostra que as pequenas frases fazem parte da rotina de seleção dos jornalistas que acabam favorecendo a sua criação ou estão à procura de frases ditas pelos políticos para transformá-las em eventos. No nosso caso, as pequenas frases que trouxemos não fazem parte do trabalho de rotina e seleção dos jornalistas ou profissionais da mídia e da política: elas surgiram a partir do trabalho de sujeitos comuns, os quais, munidos do poder de manipulação e circulação das informações que a internet oferece, realizaram uma seleção e criaram um evento discursivo.

Esses fatos nos levam a afirmar que não é mais característica das pequenas frases pertencer aos sujeitos autorizados para isso, os quais ocupam posição-sujeito institucionalizada, como os profissionais da mídia e da política. Com o poder de manipular blogs, sites de relacionamentos, imagens e publicar isso na rede mundial de computadores, qualquer sujeito pode fazer esse trabalho de seleção. E foi o que ocorreu com o caso da Luiza, por exemplo: ao julgarem irrelevante a informação que a filha do garoto-propaganda da empresa estava no Canadá, os paraibanos realizaram uma rotina de seleção e publicaram. Não precisou de muito tempo para que o referido fato se tornasse algo conhecido nacionalmente. E esse trabalho não para: outras frases já surgiram para ocupar o lugar de circulação das frases escolhidas por nós. Inclusive, estamos refletindo sobre frases que já fazem parte do passado, uma vez que já foram esquecidas por conta da chegada de outros enunciados que também estão circulando de forma incontrolável na mídia.

Para que a pequena frase seja conhecida, precisa ser visível, ter uma exposição prologanda, diz Krieg-Planque (2011). Em relação aos nossos *corpora*, analisamos o tempo de exposição das pequenas frases e notamos que a exposição prolongada desses enunciados nos meios de comunicação contribuiu para que adquirissem o estatuto de pequenas frases. O caso da Luiza, por exemplo, mostrou-nos que em um mês (janeiro de 2012) de circulação e comentários, o Brasil todo já conhecia o ocorrido. Prova disso é o acesso ao site Youtube (milhões de pessoas assistiram ao vídeo da propaganda) e a quantidade de imitações que circulavam em sites de relacionamento, como o Facebook. O mesmo podemos dizer das demais frases que, em um curto período de tempo, estiveram presentes nos mais variados lugares. Desse modo, não basta apenas ser destacável no seu texto de origem, ter um estrutura memorável e repetível, a pequena frase precisa ser vista.[55]

Essa discussão vai de encontro com outra característica das pequenas frases: elas precisam circular. Para serem vistas, as pequenas frases precisam ganhar novos contextos de circulação e produção. Pela quantidade de coisas que foram produzidas das frases eleitas para esse trabalho, ponderamos que elas circularam e ganharam diferentes contextos, uma vez que estiveram presentes em diversos discursos, como o político, o esportivo, o cotidiano, o artístico, dentre outros. Basta olharmos a variedade de lugares que conseguimos trazer na exposição dos *corpora* para confirmarmos essa afirmação. Ademais, a cada nova circulação, as pequenas frases geraram sentidos diferentes: é só observarmos a frase "Ai se eu pego". Cada vez que ela foi utilizada na produção de imitações, era para se referir a situações diferentes, como no futebol (Neymar e Messi), na política (José Serra e Fernando Henrique Cardoso), nas leis de trânsito (campanha de trânsito em Maringá-PR), no combate à dengue, dentre outros.

Ao tratar das pequenas frases, vimos que Krieg-Planque (2011) discorre sobre suas propriedades formais e semânticas e também suas propriedades pragmáticas e argumentativas. Para a autora, essas características elevam certos enunciados de curta extensão ao estatuto de pequena frase. Segundo Krieg-Planque (2011) a pequena frase precisa ter estrutura formal e semântica para ser lembrada, isto é, sua figura e forma precisam estar a favor da memória. No nosso entendimento, apenas a frase "ai, se eu te pego" contempla essas propriedades, uma vez que possui um refrão o qual foi repetido inúmeras vezes, ademais tem uma estrutura

[55] De acordo com pesquisa realizada no site www.google.com, a frase "vada a bordo, cazzo" apresenta 278.000 resultados encontrados; a frase "ai se eu te pego" apresenta 28.400.000 resultados encontrados; a frase "cala a boca Galvão" aparece com 262.000 resultados e, por fim, o fragmento "menos Luíza que está no Canadá" apresenta 637.000 resultados (dados consultados no dia 21 de janeiro de 2013).

pregnante, sofreu um trabalho com sua forma, é curta, favorecendo a sua lembrança. Também acreditamos que houve um trabalho formal com a frase: "cala a boca, Galvão": embora ela não tenha contemplado o ritmo e a rima, sua forma curta e pregnante favoreceu o destacamento. As demais frases não apresentam tais características, isto é, não houve o trabalho com o sentido, nem com rimas e ritmo, tampouco a construção de uma estrutura pregnante. Apesar disso, elas foram lembradas. Isso se deve ao que as autoras chamaram de propriedades pragmáticas e ilocutórias das pequenas frases.

Em relação às propriedades pragmáticas das pequenas frases, ponderamos que tais características foram essenciais para que três, dos quatro enunciados em análise, se tornassem visíveis e pudessem circular. Comecemos com a frase "menos Luiza que está no Canadá". A nosso ver, o que deu notoriedade a esse enunciado foi o fato de ele surgir como uma inadequação pragmática: não é comum aos anúncios publicitários darem explicações sobre suas propagandas. Por conta disso, não é adequado à propaganda explicar porque um dos membros da família de Geraldo Rabelo não estava presente no anúncio. Nesse sentido, foi a propriedade pragmática que favoreceu o destaque a esse enunciado. No caso de "vada a bordo, cazzo", também ocorreu a inadequação pragmática: a recusa para voltar a bordo do comandante Schetino levou o capitão Di Falco a proferir uma frase de baixo calão. No tocante à frase "cala a boca, Galvão", ponderamos que o apelo coletivo, por intermédio do miniblog Twiter, para que o locutor parasse de narrar, foi essencial para que a frase pudesse adquirir notoriedade. Dessa perspectiva, a situação de enunciação colaborou para que os enunciados em questão pudessem ser vistos como pequenas frases.

Para Krieg-Planque (2011), dizer que uma afirmação é dotada de um valor ilocucionário, é dizer que as pequenas frases identificadas como tal correspondem a um ato de fala: promessa, compromisso, exigência, apoio, exortação, ameaças, condenação, negação, ofensa, críticas, dentre outros. Julgamos que essas propriedades se aplicam às pequenas frases em análise, uma vez que, a cada nova enunciação, pudemos observar que elas carregam consigo valores ilocutórios distintos, sendo também pragmáticas, isto é, necessitando da situação de enunciação para fazer sentido. Vamos a alguns exemplos. Na imagem 14 abaixo, a pequena frase "ai, se eu te pego" está sendo usada com um valor ilocutório de ameaça, já que a justiça está ameaçando caçar os prefeitos amazonenses corruptos.

Na imagem 16 ao lado, quando o jogador Messi diz ao jogador Neymar: "Vem pegar", ele está se referindo ao fato de eles terem concorrido ao prêmio oferecido pela FIFA ao melhor jogador do mundo no ano de 2011 e Messi ter ganho o prêmio. O valor da referida frase é de provocação do jogador argentino ao jogador brasileiro, o qual perdeu o prêmio.

Nas imagens a seguir, verificamos que a frase "vada a bordo, cazzo" possui um valor ilocutório de ordem, uma vez que ordena aos personagens das cenas que voltem a realizar alguma coisa que pararam de fazer, como se fosse obrigação deles:

Imagem 23

imagem 24

imagem 26

Em relação ao enunciado "cala boca, Galvão", temos presente nos enunciados trazidos o valor ilocutório de ordem: na imagem 28, é ordenado a Silvestre Stallone que cale a boca por pronunciar críticas ao Brasil; na imagem 29, o então presidente do Brasil Lula, recebe a ordem de calar a boca em relação as inapropriações que ele pronuncia em determinados momentos; na notícia 21 é a vez do jornalista Tadeu Schimit receber uma ordem, porque ele

criticou o então técnico da seleção brasileira, Dunga. Enfim, se analisássemos cada exemplo trazido, conseguiríamos depreender com certa facilidade esses diferentes valores ilocutórios, uma vez que as pequenas frases em análise possuem a marca de, a cada nova enunciação, tratar de assuntos diferenciados, gerando, portanto, valores ilocutórios distintos.

No nosso entendimento, tais fatos anularam a necessidade do trabalho formal e semântico para a notoriedade das frases citadas. Tais constatações evidenciam que propriedades pragmáticas e ilocutórias também elevam certos enunciados a destacabilidade, podendo ser considerada uma pequena frase.

O valor ilocutório construído em certos contextos pelas pequenas frases também pode ser constatado nos comentários realizados pelos sujeitos. Inclusive é uma das características das pequenas frases: despertar a apreciação dos sujeitos. Como revela Krieg-Planque (2011), as pequenas frases suscitam julgamentos de valores das pessoas, sendo alvo de polêmicas. Segundo a autora, os comentários dos sujeitos permitem analisar seus valores no discurso, se foram positivos ou negativos. Tais julgamentos atribuem valores que a pequena frase originalmente não teria se ficasse apenas no seu contexto original. Foi justamente para atender a essa característica que trouxemos a apreciação das pessoas presentes em sites de relacionamentos e fóruns de debates.

Mediante os comentários 01 a 14, os quais se referem a "menos Luiza que está no Canadá", julgamos que os valores atribuídos a pequena frase em questão são negativos, uma vez que os adjetivos utilizados (uma bosta, babaquice, coisa sem valor, vergonha, idiota, etc) e o conteúdo veiculado nas frases ajudam a construir uma negatividade forte ao fato. Como vimos, "menos Luiza que está no Canadá" é caracterizada de forma negativa, pejorativa, sendo criticada, negada e condenada pelos sujeitos.

Em relação ao enunciado "ai, se eu te pego", com base na análise dos comentários 15 a 26, realizados em julgamento a essa pequena frase, podemos notar que ela é alvo de polêmica, uma vez que gera posicionamentos diversos: uns defendem o cantor, outros criticam: "Nada pessoal, é só uma precaução com o meu cérebro", "(...) onde vou essa imundiça ta tocando (...)", "(...) essa música cafona é um lixo"(...)" "Brilhe, Michel Teló", " (...) inveja mata muita gente!!!". Em geral, a pequena frase está mais ligada à negatividade, mas também há valores positivos que defendem o sucesso da música.

Em relação à frase "vada a bordo, cazzo", os comentários de 27 a 33 tecidos, em sua maioria, criticam a atitude do comandante Schetino por ter abandonado o barco, mostrando que a pequena frase foi usada com valor de condenação, de desaprovação pelas atitudes do

capitão: “Schettino é um cretino”, “(...) Este comandante não tem caráter e índole para assumir o que fez (...)”, “Como não responsabilizar o comandante????Vidas se foram”(...)”, “Esse-cretino”, “Imprudência total...”. Tais comentários evidenciam um valor negativo atrelado a esse enunciado.

Os comentários 34 a 44, os quais se referem à frase “cala a boca, Galvão”: “Redes sociais servem basicamente para espalhar essas ‘porqueiras’ (...)”, “(...) as abobrinhas que o Galvão fala.”, “(...) dá é vergonha de tanta imbecilidade (...)”, “(...) Galvão é um grande locutor e faz muito bem seu trabalho.” “Quem não gosta da narração do Galvão mude de canal!!! (...)”, “(...) o cara é um bom narrador (...)”. Os exemplos selecionados evidenciam que as opiniões em relação ao caso são diversas, mas o sentido negativo prevalece em relação ao fato.

Essas constatações nos direcionam para a próxima propriedade das pequenas frases: elas são imprevisíveis. Essa característica se dá por vários fatores: primeiro, pelo destacamento recebido, uma vez que não são todos os enunciados que são produzidos com o intuito de serem lembrados. Vejamos os enunciados que envolvem a Luiza e o capitão Schetino, eles não foram ditos para ser lembrado; sua destacabilidade foi imprevisível. No caso da música, o refrão oferece vários enunciados que poderiam ser destacados, e um sobressaiu-se em relação aos demais. A frase que faz referência ao narrador esportivo podemos dizer que tinha pretensões de gerar memória ou gerar polêmicas, contudo isso não era garantia de que ela fosse tão falada. Um segundo fator é que os sentidos que as pequenas frases geraram foram imprevisíveis: quem poderia prever que sentidos tais enunciados poderiam gerar, se seriam alvo de polêmicas ou não? Quem poderia prever que uma propaganda de um empreendimento imobiliário poderia dar fama e sucesso a uma adolescente que nem estava no país? Ou que uma ordem dada pelo capitão da Guarda Costeira ao comandante de um navio tivesse o destaque que teve? No caso de música, seus autores e o intérprete podem até ter pensado em dar ênfase ao refrão, o que é algo previsível que um refrão se destaque, mas quem poderia imaginar que a frase poderia ter as proporções que teve: mundialmente conhecida e cantada, sendo traduzida para línguas como a inglesa e a japonesa? Isso não foi previsível. O mesmo se pode afirmar em relação à frase “Cala boca Galvão”, as associações feitas a ela não era algo que poderia ser previsto.

Por fim, falaremos das pequenas frases como um fenômeno de panaforização[56]. Esse conceito foi elaborado por Maingueneau (2011b) para analisar especificamente a aforização realizada na/pela mídia. Segundo o autor, o destacamento e a circulação de certas aforizações chegam ao estatuto de pandemia. Esse conceito se aplica às pequenas frases já que por um curto período de tempo, acompanha-se a circulação com uma frequência muito alta de quatro aforizações. Elas estavam presentes em sites de relacionamentos, jornais e sites renomados, blogs de pessoas anônimas e de renomes nacionais, fóruns de debates, dentre outros. Ademais, figurou com uma variedade de estatutos: títulos, imitações, músicas, reportagens, etc. Essas características pontuadas por Maingueneau (2011b) podem ser chamadas de critérios de panaforização, isto é, o que caracteriza uma panaforização. Desse modo, observamos que um fragmento, para ser considerado uma panaforização, precisa:

- ⇨ sofrer a ação do destacamento, ou seja, ser uma aforização;
- ⇨ circular por um curto período de tempo em diversos lugares e com uma frequência muito alta em diversas mídias (circular em todas as partes e em todos os momentos);
- ⇨ ter uma variedade de estatutos (títulos, imitações , etc.);
- ⇨ não conhecer fronteiras (destacar-se no cenário nacional e internacional);
- ⇨ circular de forma independente (nem sempre ser possível recuperá-lo de seu contexto original, já que ele adquiriu novos sentidos);
- ⇨ gerar polêmicas, diferentes opiniões.

Ao analisar as pequenas frases, observamos que todos esses pontos são pertinentes ao seu funcionamento discursivo. Além dessas características levantadas pelo autor, a análise das frases aqui realizadas nos permitiu depreender outras considerações sobre o referido fenômeno. Com base na nossa análise, acreditamos ser relevante incluirmos mais alguns critérios para verificar a panaforização.

O primeiro critério a ser incluído na lista citada relaciona-se com quem tem o poder de manipular uma pequena frase, inserindo-a em diferentes gêneros. A partir da análise das frases propostas, observamos que qualquer sujeito pode realizar tal ação. Nesse sentido, qualquer um se sente autor, detentor do direito de colocar a frase no contexto que lhe convir. O suporte internet e as ferramentas que os programas de computadores oferecem permitem a usuários comuns manipularem uma pequena frase, fazendo-a circular. Isso pôde ser visto na variedade de lugares que as pequenas frases ora analisadas circularam e nas variadas manipulações que elas sofreram: estar presente em propagandas de produtos, programas de

[56] É importante frisar que a panaforização não deve ser vista apenas como algo inerente às pequenas frases, sendo possível verificar o referido fenômeno em outros enunciados.

televisão, cenas famosas de filmes, programas, notícia, títulos, fatos do cotidiano que se destacaram no cenário nacional e internacional, fatos políticos, etc.

Outro ponto que destacamos é o fato de a pequena frase sair de cenário com a mesma velocidade com que entrou. Ao acompanhar quatro frases durante a realização desta pesquisa, notamos que elas deram lugar a outras pequenas frases as quais percorrerão o mesmo caminho que estamos aqui descrevendo. Isso ocorre, porque uma pequena frase tem o poder de saturar-se: quando ninguém mais tem o que falar sobre ela, vem outra ocupar seu lugar. Ao realizar pesquisas sobre os enunciados aqui trazidos, encontramos tantas imitações, notícias, comentários, etc., circulando que ficou até difícil decidir o que poderíamos aproveitar para análise e o que desprezar. Essa circulação desmedida fez com que a pequena frase ficasse saturada e tivesse prazo de validade. Isso pôde ser visto com "menos Luiza que está no Canadá": se colocarmos tal frase em sites de busca visualizaremos que os comentários, críticas, notícias, etc. se restringem aos meses de janeiro e fevereiro de 2012, tempo em que ela ficou na mídia. O mesmo se pode dizer das demais frases, que já foram substituídas por outras pequenas frases que estão surgindo nos meios de comunicação, tendo data para começar e data para se esquecida, momento em que as pessoas comecem a eleger outro fenômeno para se divertir. Esse último ponto, nos fez pensar em outro critério de panaforização: a produção de humor. Observamos que as pequenas frases que mais se destacam são aquelas capazes de produzir humor, ser alvo de divertimento e funcionar como um elemento derrisório. Dessa perspectiva, ponderamos que a produção de humor ou crítica são motivos fortes os quais fazem com que uma frase atinja o estatuto de panaforização. Em outras palavras, o desejo de provocar riso ou escárnio é uma chama que incendeia a circulação rápida de pequenas frases.

Ser tomada em derrisão pode ser observado nas frases presentes nesta tese: "menos Luiza que está no Canadá" sofreu panaforização pelo fato de ser considerada uma ressalva inútil em um anúncio publicitário, ser uma inadequação pragmática; "ai, se eu te pego" entrou em foco devido a sua letra inútil e sem conteúdo; "cala a boca, Galvão" divertiu muitas pessoas ao poderem manifestar sua opinião acerca da narração que tal famoso fazia nos eventos esportivos; "vada a bordo, cazzo" gerou riso pelo fato de alguém se recusar a realizar o seu trabalho, que era dar assistência aos passageiros em um momento de extremo perigo e também pelo uso da palavra obcena "cazzo". Com base nessas considerações, ponderamos que a derrisão pode ser considerada um elemento de panaforização: divertir-se, zombar de

algo fato foi algo que se repetiu nas frases ora analisadas, evidenciando que a panaforização também pode se pautar no elemento derrisório.

Ao teorizar a panaforização, Maingueneau (2011b) ressalta que é um fenômeno que sofreu destaque pela mídia, pelas agências de despacho de notícias e que está presente no discurso político. Enquanto acompanhávamos as quatro pequenas frases, observamos que os discursos os quais elas circulavm eram os mais variados, não havendo restrição de campo discursivo. Tomemos como exemplo a frase "ai, se eu te pego": ela figurou no discurso político (imagens 14, 17, 18 e 20), no discurso cotidiano (imagem 19), no discurso esportivo (imagens 15 e 16), nos discursos de conscientização de problemas sociais (notícias 12 e 13), no discurso artístico/musical (imagem 21, notícias 8, 9, 10 e 11, e em todos os comentários selecionados), dentre outros. Nisso podemos notar mais um critério de panaforização: não possuir fronteiras discursivas, já que uma pequena frase pode circular livremente entre os discursos. Com base nas ponderações levantadas, pudemos observar porque as pequenas frases funcionam como elemento de panaforização.

4.5 Os outros conceitos envolvidos no estudo das pequenas frases

4.5.1 A heterogeneidade

Conforme mostramos no capítulo 3, a presença de diferentes vozes presentes em um enunciado é possível de ser analisada por meio do conceito de heterogeneidade desenvolvido por Authier-Revuz (1990). Seguiremos esse conceito porque observamos a presença de tal funcionamento discursivo nas pequenas frases: ao circularem em diferentes contextos, deixaram transparecer que era comum encontrarmos a presença do outro na superfície do enunciado. A autora propõe dois tipos de heterogeneidade: a mostrada e a constitutiva. No entender da estudiosa existe uma espécie de negociação entre a heterogeneidade constitutiva da linguagem e a heterogeneidade mostrada, em que o sujeito, impulsionado pela ilusão de ser a fonte de seu dizer, acaba por localizar o outro, isto é, deixa marcas e delimita o lugar do outro em seu discurso.

4.5.1.1 A heterogeneidade mostrada

A heterogeneidade mostrada permite compreender as manifestações explícitas, recuperáveis do discurso do outro e isso é feito a partir de diversas fontes de recuperação dessa marca do outro. Authier-Revuz (1990) trabalha com duas ordens de heterogeneidade mostrada: a marcada e a não-marcada. O primeiro tipo deixa visível a outra enunciação por meio do discurso direto, aspas, itálico, etc., havendo um lugar para o fragmento, que ocupa um estatuto diferente na linearidade do enunciado. Nesse sentido, será possível notar a alteridade se fazendo presente por meio de marcas linguísticas e de outras naturezas. Já a heterogeneidade mostrada não-marcada, apesar de não deixar marcas explicítas, permite que seja observada a alteridade no que é dito.

Iniciemos esse item analisando a heterogeneidade mostrada marcada. O foco de nossa análise será investigar se as pequenas frases ocupam um estatuto diferente na linearidade da cadeia discursiva. A nossa tarefa será levantar essas marcas que mostram o outro na presença do discurso de forma visível, uma vez que as pequenas frases só podem ser compreendidas se o leitor resgatar esse discurso-outro[57]. Trabalharemos com outras semioses, não somente as marcas textuais, mas também as imagéticas, já que os textos, que dão suporte às frases em análise, são multissemióticos. Para melhor compreendermos o fenômeno, dividimos a heterogeneidade mostrada marcada pelo tipo de marca utilizada. Vejamos isso no quadro abaixo:

Tipo de marca utilizada	Onde encontramos
Alterações na letra A letra da pequena frase, ao ser inserida, apresentava diferenças de tamanho, de cor ou de tipo. Algumas apresentavam uma marcação diferente, como um realce dado a letra. Tais alterações evidenciavam que a grafia utilizada para inserir o enunciado não era a mesma utilizada na construção do enunciado originalmente.	Luiza que está no Canadá: imagens 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 Cala a boca, Galvão: imagem 28 Ai, se eu te pego: imagem 19 Vada a bordo, cazzo: imagens 24, 25 e 26
Notas musicais Utilização de notas musicais para marcar a recuperação de uma frase musical	É vista somente na frase "ai, se eu te pego": imagens 14, 17 e 20

[57] Ocorreram casos em que o leitor não realizou esse retomada. O resultado foram os equívocos gerados pela falta de conhecimento. Um exemplo disso pode ser visto no comentário 01 presente neste capítulo.

Utilização de aspas	Luiza que está no Canadá: notícias 4,5 e 6 Cala a boca, Galvão: notícias 21, 22, 23, 24, 25 e 26. Ai, se eu te pego: imagens 18 e 21; notícias 8, 9, 10, 11, 12 e 13; comentário 16. Vada a bordo, cazzo: notícias 15, 16, 17, 18, 19 e 20; comentário 30.
Utilização de itálico	Comentário 15 da frase "ai, se eu te pego."
Uso de imagens	É vista somente na frase "cala a boca, Galvão": imagens 28 e 29

Quadro 6. Marcas da heterogeneidade mostrada e as pequenas frases

As marcas levantadas evidenciam que as aparições de algumas pequenas frases ocupam um estatuto diferente na linearidade da cadeia discursiva, sendo formas de o sujeito mostrar que essa frase não pertencia inicialmente ao enunciado original e que foi inserida outra voz no fio do discurso.

Em relação à heterogeneidade mostrada não-marcada, vemos que ela é desprovida de uma materialidade recuperável visível textualmente, contudo, permite vislumbrarmos uma alteridade no que é dito. Em outras palavras, a heterogeneidade não-marcada é inacessível quando se fala em marcas visíveis no fio do discurso, apontando para a presença constitutiva de um discurso primeiro no discurso segundo, sem deixar marcas. Desse modo, a questão da heterogeneidade não-marcada está no desnível enunciativo que as frases deixam transparecer; para depreendê-la, é preciso recuperar tal desnível. Para melhor compreensão desse tipo de heterogeneidade, construímos o quadro abaixo com alguns exemplos:

Pequena frase	**Lugar onde encontramos a heterogeneidade mostrada não-marcada**
Menos Luiza que está no Canadá	Imagens 01, 04, 11, 12 e 13 Notícias 01, 02 e 03 Comentário 01
Ai, se eu te pego	Imagem 15

Vada a bordo, cazzo	Imagens 22 e 23 Comentário 31
Cala a boca, Galvão	Imagens 27, 28 e 30 Comentários 34, 42 e 43

Quadro 7. A heterogeneidade não-marcada e as pequenas frases

Nos exemplos arrolados, não há marcas que evidenciem a presença do outro, já que tudo parece ocorrer como se fizesse parte do enunciado original. Assim, as quatro pequenas frases aparecem no fio do discurso, sem deixar marca alguma de alteridade. Para chegar a esses exemplos, procuramos fragmentos que apresentassem um estatuto diferente da enunciação, mostrando que há uma distância mantida entre a pequena frase e o que é dito. Esse desnível enunciativo, a nosso ver, apareceu por meio de alguns recursos, os quais apontam para a presença do outro sem marcas, tais como a imitação, a derrisão e a modalização autonímica. Vejamos cada caso separadamente.

- **A heterogeneidade mostrada não-marcada por meio da imitação**

A heterogeneidade mostrada não-marcada pode ser compreendida pelo recurso da imitação. Nesse caso, o desnível enunciativo aparece pela comparação com o enunciado "original", o qual não apresentava a frase em questão, mas que evidencia que há um discurso imitando outro. Sobre o assunto, Maingueneau (2001) postula que, ao realizar a imitação, o sujeito pode servir-se de duas estratégias: a captação e a subversão. A captação imita um texto tomando a mesma direção que o texto de origem, já a subversão imita desqualificando o texto imitado, produzindo-se a paródia.

No nosso entendimento, as imitações que circularam em torno da pequena frase "menos Luiza que está no Canadá" se valem do tipo subversão, uma vez que a subversão mostra uma contradição entre o sentido veiculado originalmente (defendido por um E0) e a enunciação trazida pelo desvio (indicado por um E1). Na frase em questão é justamente isso que ocorre: ao seguir propagandas e cenas as quais trabalhavam com a estrutura "Todo mundo...." ou "Todos...." [58], ponderamos que houve um embate entre os sentidos, uma mudança no curso da palavra ou da expressão.

[58] Como em "Todo mundo odeia o Cris", "Brasil um país de todos", "Havaianas. Todo mundo usa!", "Um por todos. Todos por uma", "Todo mundo tem um lado Devassa", etc.

Dominique Maingueneau assevera que uma subversão será mais bem sucedida quanto for clara a contradição semântica entre as verdades proferidas entre E1 e E0. Pelos enunciados selecionados no exemplo 01, ficam claras as duas posições de E1 e E0, evidenciando a subversão, uma vez que há um embate entre E0 que defende que todos fizeram alguma coisa e E1 que diz que não foram todos, a Luíza não fez tal coisa porque estava no Canadá. Nesse funcionamento, vemos uma mudança no curso do sentido, já que antes a propaganda, cena ou programa, dizia-se que todos realizavam alguma ação: usavam havaianas, estavam participando da promoção da Claro, odiavam o Cris, etc., quando houve um desvio do sentido trazido por E1: todos não, exceto Luiza, que estava no Canadá, havendo uma espécie de contradição semântica entre as verdades de E1 e E0.

No caso "ai, se eu te pego" não houve subversão como na pequena frase da Luíza, mas captação: imita-se o refrão da música tomando a sua direção de sentido. Na música, o cantor usa a expressão "ai, se eu te pego" para falar de um contexto de paquera em uma festa, em que um sujeito deseja "pegar" uma garota, isto é, tocá-la, beijá-la, etc. As charges apresentadas, pelo menos em termos de materialidade verbal, não fazem como a subversão, não imitam o texto para desqualificá-lo, mas sim tomando a mesma direção do sentido original da música: "pegar alguém", adequando ao contexto da enunciação. Nesse sentido, quando Barack Obama "canta" esse refrão ao presidente do Irã, ele também deseja "pegá-lo", mas nesse caso para impedir que, o presidente iraniano, Ahmadinejad, continue seu programa nuclear. O mesmo se pode dizer em relação a José Serra e Fernando Henrique Cardoso ou Dilma em relação ao ministro Fernando Bezerra Coelho, em que alguém deseja pegar outra pessoa para realizar ações com ela.

As imitações que surgiram a partir de "vada a bordo, cazzo" também seguem a captação: imita-se a ordem do capitão Di Falco ao capitão Schetino seguindo a mesma direção de sentido que ela. Em outras palavras, as imitações dessa pequena frase foram feitas para que alguém retornasse a algo que foi abandonado e que assumisse o comando de alguma situação crítica, grave. Vemos isso, por exemplo, quando, na imagem 23, ordena-se que o jogador Adriano abandonasse suas condutas inapropriadas, como não manter a forma física ou faltar aos treinos, para assumir sua posição de jogador comprometido com os torcedores e com o clube com o qual mantinha contrato. O mesmo podemos dizer em relação à imagem 25, o qual critica o não pronunciamento do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, sobre o desabamento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em janeiro de 2012. O uso da referida ordem sugeria que o governador assumisse o comando da situação e se pronunciasse sobre o

fato, tomando providências. O fato de ele não se manifestar causou a impressão de que o governador estava "abandonando o barco" tal qual o comandante Schettino.

Em relação ao enunciado "cala a boca, Galvão" também notamos que todas as imitações e criações produzidas sugerem que alguém deveria "calar a boca" em relação a alguma situação específica, seguindo a captação. Desse mirante, todas as vezes que a referida frase foi utilizada para se referir a alguma situação, sugeria que alguém estava irritando com as coisas que vinham falando, tal como ocorreu em relação aos comentários inapropriados feitos pelo narrador esportivo Galvão Bueno. Vislumbramos isso, por exemplo, quando na imagem 28 sugere-se que Sylveter Stallone cale a boca e pare de fazer afirmações que mancham a imagem do Brasil no cenário internacional. O mesmo se pode dizer da imagem 29, a qual sugere que o então presidente do Brasil, Lula, pare de cometer supostos "erros de português" em suas falas ou que cesse as "besteiras" que vinha falando em público. É preciso considerar que interdiscursivamente as imitações estão previamente autorizadas, isto é, por haver uma espécie de analogia de sentido entre "falar besteira" e "cala a boca, Galvão", por exemplo, há a possibilidade de deslocamento para outros contextos.

O uso das pequenas frases nas imitações nos mostra o quanto elas podem ser autônomas, genéricas, manipuláveis, ficando à mercê do sujeito que a manipula como bem entende. Em relação ao conceito trabalhado, a imitação, a regularidade encontrada nas frases analisadas sugere que as pequenas frases são usadas para que seu sentido seja captado, isto é, seguido, a fim de ser deslocado para outra situação em que o uso da pequena frase faça uma crítica ou uma zombaria, tornando-a derrisória.

- **A heterogeneidade mostrada não-marcada por meio da derrisão**

Como já estudamos, a derrisão consiste no fato de que é praticada a zombaria, o divertimento a partir da humilhação de alguém e isso é feito por meio do humor. Em outras palavras, agride-se por meio do humor e jogos de palavras, esquivando-se de ter responsabilidades sobre o que é dito, já que, por meio do riso, tudo é permitido, não havendo a necessidade de punição.

A derrisão permite compreendermos a heterogeneidade, uma vez que para se provocar a humilhação por meio do riso, quem pratica a derrisão precisa retomar um discurso outro reconhecido socialmente. Para atingir os efeitos de sentidos pretendidos, a derrisão contesta, questiona, critica algo já cristalizado, um já-dito reconhecido por uma comunidade, havendo a

necessidade de um saber compartilhado. Com isso, intuito é perceber diferentes vozes presentes nas pequenas frases: a de quem pratica a derrisão e a voz da pequena frase que está sendo atacada. Para isso, veremos que há a retomada de um discurso outro com a tarefa de desqualificá-lo.

No nosso entendimento, a propaganda original sobre o empreendimento imobiliário em que a frase "menos Luiza que está no Canadá" aparece, favorece a construção de um discurso derrisório, uma vez que não é comum vermos em anúncios publicitários esse tipo de comentário. O que chamou a atenção das pessoas para essa frase foi o fato de que ela é inadequada para o contexto publicitário, que geralmente é direto e não fornece explicações sobre fatos. O que importa para a venda dos apartamentos a presença ou a ausência da filha do protagonista do anúncio? Nesse sentido, houve uma inadequação pragmática: a inserção da frase é inadequada para o contexto publicitário, isto é, o teor do enunciado não é comumentemente visto nas peças publicitárias. Devido a essa inadequação pragmática, as pessoas possivelmente começaram a comentar a inutilidade da frase e a tomaram para praticar a derrisão.

Desse modo, como a propaganda usou a referida frase de forma inadequada ao contexto, observamos que as práticas de imitações e criações que usaram a frase da Luiza também seguiram o mesmo caminho: é inadequado para o Jornal Nacional (imagem 4) dizer o referido enunciado depois da famosa saudação inicial do programa. Também é inadequado as empresas usarem tal frase depois de seu slogan (imagens 1, 5, 7, 8, 9 e 10). O mesmo podemos dizer quanto aos programas e filmes mostrados (imagens 6, 12 e 13), em que a frase não se inscreve no contexto inserido. Em outras palavras, as cenografias utilizadas para a inserção da pequena frase em questão também são inadequadas, tal qual a propaganda original. Assim, percebemos que houve uma descaracterização do enunciado por meio da derrisão: a frase é criticada, zombada, caçoada por meio do humor. Quem pratica a derrisão tem o intuito de desqualificar o discurso do outro, no caso da frase e no contexto em que ela aparece originalmente. Tal processo vai de encontro ao fato de a derrisão criticar por meio do humor, uma ordem estabelecida, questionando algo já reconhecido socialmente.

A derrisão, nesse caso, deverá ser vista como um ataque à frase que deu notoriedade a Luiza. Para descaracterizar a propaganda original e produzir a derrisão, tal enunciado é inserido no fio do discurso da propaganda. Ao realizar essas ações, o sujeito libera uma agressividade, ou melhor, uma opinião contida, que não poderia ser expressa abertamente, por conta das possíveis punições em outros contextos enunciativos.

Observarmos que as imitações que usaram a frase da Luiza provocaram o divertimento por meio da humilhação, associando o humor com a agressão. Por produzir risos, a imitação ou criação foge das sansões legais, esquivando-se de se responsabilizar pelo o que é dito. Além disso, por meio da derrisão, os sujeitos revelam seus pontos de resistência, de não aceitação a algo, de denúncia à inutilidade da frase.

A derrisão na frase "ai, se eu te pego" se dá no fato de que, por meio desse refrão, foi possível inferiorizar, humilhar certas figuras públicas sem que isso gerasse punições. Na imagem 14, a justiça pôde inferiorizar os prefeitos corruptos dos municípios amazonenses. Nas imagens 15 e 16, Neymar foi humilhado pelo jogador Leonel Messi duas vezes: uma por perder o jogo contra o Barcelona em 2011 e outra pelo brasileiro ter perdido o título de melhor jogador do mundo que foi ganho por Messi. Na imagem 17, houve a zombaria ao ministro da Integração Nacional por ser acusado de ter direcionado recursos políticos ao seu estado de origem, Pernambuco. Na imagem 18, é a vez do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, zombar do presidente do Irã pelo seu programa nuclear. Na imagem 20 também temos o embate entre o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao então candidato à presidência do Brasil derrotado em 2010, José Serra. Todos os casos nos mostram que há um embate entre dois posicionamentos, seja no campo político, no campo esportivo em que o confronto entre duas figuras são postas em cenas, sendo vítimas de zombaria. Os embates são motivos de agressão, mas que por serem associados ao humor, ficam livres de punições.

A ordem incisiva do capitão ao comandante do navio Costa Concórdia "vada a bordo, cazzo" também foi utilizada para ridicularizar e criticar algumas figuras nacionais e internacionais. Tal fenômeno pode ser visto na imagem 23, em que é ordenado ao jogador de futebol Adriano deixar sua vida de boêmio e voltar a fazer o seu ofício, que é jogar futebol. Já na imagem 24, é dada a mesma ordem aos políticos brasileiros que, frente a algumas situações políticas, simplesmente abandonam o "barco", esquivando-se de suas responsabilidades. A imagem 25 também se refere a assuntos políticos: a ordem é dada ao governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para que ele tome atitudes em relação ao desabamento que matou várias pessoas na cidade do Rio de Janeiro. O mesmo se pode dizer da imagem 26, em que é sugerido que a chanceler alemã Angela Merkel não abandone o "barco" e forneça ajuda financeira aos países que estão sofrendo com a crise econômica, uma vez que a Alemanha é o pais com melhores condições frente a crise financeira que atacou à Europa no ano de 2012.

Por último, temos a frase “cala a boca, Galvão”. Semelhantemente as frases anteriores, a derrisão foi utilizada para zombar e criticar fatos ocorridos. Tal fenômeno pode ser constatado na imagem 27, em que se sugere que a Rede Globo de televisão promova a manipulação da população. Já a imagem 28 critica as palavras de Silvestre Stallone sobre o Brasil, usando a capa do DVD de um de seus filmes mais famosos: Rambo. A imagem 29 satiriza os supostos “erros de português” e as afirmações de Luis Inácio Lula da Silva. A imagem 30, por sua vez, critica o fato de que, em outras épocas, o povo brasileiro já se mobilizou por fatos políticos os quais tinham mais relevância ao cenário nacional do que protestar contra o narrador Galvão Bueno.

Em relação às frases descritas, notamos que, para que o assunto posto em cena fosse compreendido, era preciso recuperar dizeres e acontecimentos já legitimados e conhecidos por todos. Nesse sentido, quem produziu as derrisões mobiliza fatos os quais tiveram repercussões no cenário nacional e internacional, sem precisar dar explicações. Ao apresentarmos os *corpora* de análise, nós fornecemos explicações sobre os fatos narrados como um recurso didático, uma vez que nos lugares em que encontramos os referidos fatos, nem sempre haviam explicações; os discursos circulavam como algo já dito, reconhecido socialmente. Em consequência, o riso só seria produzido se houvesse esse saber compartilhado.

Conforme o exposto, nas imitações ficou claro que houve a produção do divertimento a partir da humilhação de alguém ou algo. Tal processo se deu por meio do humor, para livrar-se das punições, típicos da estratégia da derrisão. Vimos também que um saber compartilhado era necessário ser recuperado, um discurso outro foi convocado para que as sátiras produzidas fossem compreendidas.

A derrisão mostrada nos exemplos nos leva a crer que o referido recurso não se associa apenas a uma pequena frase para gerar humor sem punição, como uma simples brincadeira. Ele mostrou-nos também que a derrisão, por meio da sátira, questiona certos valores cristalizados nesses programas, propagandas, criações. Isso evidencia que a derrisão é metadiscursiva: por meio da zombaria, há um comentário sutil sobre o que está sendo dito, como se o sujeito deixasse pistas de como avalia o fato narrado (BARONAS, 2005). A isso, Authier-Revuz (1998) chama de modalização autonímica.

- **A heterogeneidade mostrada por meio da modalização autonímica**

A modalização autonímica permite compreendermos quando o locutor realiza comentários sobre aquilo que está afirmando. Tal fenômeno pode se dar por meio de certas expressões ("ou melhor dizendo...", "se é que eu posso dizer", "como diria fulano", etc) ou algumas marcas como o itálico, as aspas, os parênteses, dentre outros. Assim, observarmos uma metaenunciação presente no texto. Esse desdobramento da fala do próprio locutor, por intermédio de algum comentário ou marca que indique o comentário, leva-nos a notar a presença do outro no fio do discurso. Authier-Revuz (1998) classifica esses comentários em que o locutor retorna à sua própria fala em quatro categorias e as nomeia de "as não-coincidências do dizer", possível de serem vistas no quadro 2 presente neste trabalho.

Iniciemos tratando das imitações e criações realizadas a partir das quatro pequenas frases presentes neste trabalho. Ao analisá-las, observamos que alguns enunciados foram construídos a partir da modalização autonímica, isto é, observamos que há comentários presentes na circulação que as pequenas frases realizavam. Abaixo, construímos um quadro no qual estão dispostas as imitações de 3 das 4 pequenas frases e que nos permitiram realizar algumas considerações:

Pequena frase	**Imitações e criações feitas com as pequenas frases**
"Menos Luiza que está no Canadá"	**Imagem 1**. Tim a maior cobertura do Brasil e do planeta. Você viaja para onde quiser e a TIM vai junto com você, ou com a Luiza que está no Canadá. **Imagem 2.** Brasil um país de todos. Menos da Luiza, que está no Canadá **Imagem 3.** Hoje a festa é sua, hoje é festa é nossa é de quem quiser, quem vier...menos Luiza! Que está no Canadá... **Imagem 4.** William Bonner: *Boa noite a todos* Patrícia Poeta: *Menos Luiza que está no Canadá* **Imagem 5.** Havaianas. Todo mundo usa! Menos Luíza, que está no Canadá **Imagem 6.** Todo mundo odeia o Chris. Menos Luiza que está no Canadá **Imagem 7.** Você tem seu estilo. A Renner tem todos. Menos o da Luíza, que está no Canadá **Imagem 8.** Um por todos. Todos por uma. Menos Luiza que está no Canadá **Imagem 9.** Gol. Aqui todo mundo pode voar. Menos Luíza, que está no Canadá. **Imagem 10.** Todo mundo tem um lado Devassa. Menos Luiza, que está no Canadá **Imagem 11**. Tá todo mundo participando do Desafio Claro. Menos Luiza, que está no Canadá! **Imagem 12.** Miranda Priestly (Meryl Streep): *Não seja ridícula! Todos*

	querem estar onde estamos./ Andy Sachs (Anne Hathaway): *Menos Luisa! Que está no Canadá…* **Imagem 13.** Todos nós viemos a Acapulco. Menos a Luiza, que está no Canadá
"Cala boca, Galvão"	**Imagem 27.** Cala a boca, Rede Globo **Imagem 28.** Cala boca Sylvester Stallone **Imagem 29:** a imagem sugere que Lula cale a boca, por termos a imagem do ex-presidente com a boca tampada. **Imagem 30.** A evolução do clamor popular: 1984: Diretas Já!!! / 1992: Fora, Collor! / 2010: Cala boca, Galvão!
"Vadda a bordo, cazzo"	**Imagem 22**. Keep calm and Vada a bordo, cazzo! **Imagem 23:** Adriano, Vada a bordo, cazzo **Imagem 24.** E "nas costas" do Brasil…Vada a bordo, CAZZO **Imagem 25:** Um jornalista questiona: "O senhor estava lá, governador?" e o governador responde: "Eu...? Não, eu não estava lá...e também não estive aqui...sinceramente eu não estou nem aí!". Ele ainda usa uma camiseta com os dizeres: "Vada a bordo, cazzo". **Imagem 26:** Chanceler alemã Angela Merkel: "Vada a bordo, cazzo"

Quadro 8. Imitações e criações feitas a partir das pequenas frases

Com base nos exemplos arrolados, observamos que as pequenas frases se constituíam nos próprios comentários que o locutor fazia do que está sendo dito. Nesse sentido, observarmos que elas circularam enquanto modalizações autonímicas. Na classificação de Authier-Revuz (1998) sobre as não-coincidências do dizer, podemos afirmar que temos uma modalização do tipo não-coincidência interlocutiva, que é quando a modalização autonímica indica uma distância entre os coenunciadores, uma vez que há alguém comentando a fala do locutor original. Nesse caso, a própria particitação da frase funciona como um comentário: os enunciados que retomam a frase da Luiza dizem que todos fizeram alguma coisa, menos a Luiza, porque ela está no Canadá; nos enunciados que retomam a frase que se refere ao naufrágio do Costa Concórdia, há uma ordem para que os sujeitos referidos cumpram o seu dever; no caso do narrador esportivo, também há uma ordem para que alguém se cale. Nesses casos, observamos a distância entre o discurso advindo da criação/imitação e o discurso advindo da pequena frase, o qual funciona como um comentário sobre o fato que está sendo

lembrado. Em todos os casos temos um enunciador que comenta o fato que está sendo recuperado.

Deixamos a frase "ai, se eu te pego" fora desse quadro, uma vez que ela apresenta um funcionamento metadiscursivo distinto das demais frases. No tocante ao referido refrão, as imitações mostram tipos de modalização autonímica diferentes. Nas imagens 14 e 20, a presença das notas musicais é que indica que o discurso é do outro. Nesse caso, temos marcas musicais as quais sugerem que o interlocutor interprete a frase, isto é, não há comentários com expressões, mas com marcas as quais levam o leitor a perceber que o refrão de uma música está sendo usado para comentar, criticar um fato. Nos exemplos citados, essas críticas referem-se ao confronto entre a justiça e os prefeitos amazonenses cassados e ao confronto entre os políticos José Serra e Fernando Henrique Cardoso.

Já nas imagens 17 e 18 temos a modalização por intermédio de um comentário explícito: ao dizer, "e essa vai para o nosso ministro Bezerra" é como se a presidenta Dilma estivesse comentando, criticando os fatos que envolveram o referido político. O mesmo podemos dizer da imagem 18, em que temos Obama oferecendo o refrão da música ao presidente iraniano Ahmadinejad: "Obama oferece para Ahmadinejad". Aqui, ponderamos que há a modalização autonímica do tipo *não-coincidência do discurso consigo mesmo* que é quando o enunciador alude a um outro discurso dentro de seu próprio dizer, evidenciando que critica, comenta os fatos por meio de uma fala que não é a sua.

As imagens 15, 16 e 19 não apresentam nem marcas nem expressões metadiscursivas, mas sim o uso de uma imagem que induz o leitor a interpretar o que é mostrado, evidenciando que a diferença do plano linguístico para o plano imagético também pode ser considerada uma marca a qual conduz o sujeito a interpretação. Assim, se o locutor está usando aquela pequena frase para representar a imagem a qual convoca, isso não é feito ao acaso: há uma sugestão de comentário, algo silenciado, não dito, mas que também significa.

Como vimos, no funcionamento da modalização autonímica, o sujeito pode avaliar o que foi dito com comentários ou pode indicar marcas para que haja a interpretação do interlocutor do que foi dito, isto é, o locutor avalia ou coloca em interpretação o próprio dizer. Foi o que ocorreu com a maioria das vezes em que as pequenas frases figuraram como títulos de notícias: os locutores não comentavam os títulos, mas deixavam o interlocutor avaliar, interpretar o que foi dito quando colocavam as frases entre aspas. No nosso entedimento, o uso das aspas em grande parte dos títulos mostra a preocupação do jornal em saber se seu leitor compartilha do que está sendo falado ou não. Com efeito, compreendemos que houve

uso das aspas para mostrar que a frase nem sempre fazia parte de um universo discursivo do leitor, havendo a necessidade de que ele se interessasse e procurasse saber do que se tratava aquilo que estava sendo aspeado. Sobre o assunto, Maingueneau (2001) revela que o uso das aspas é um recurso discreto para se comentar a enunciação, uma vez que com ela é possível indicar uma interpretação do leitor para as pequenas frases, sem romper com o fio do discurso. Assim, com o uso das aspas, o locutor chama a atenção do leitor, mostrando que a frase que está entre a referida pontuação precisa ser interpretada.

O exposto nos permite tirar algumas conclusões. A primeira é o lugar onde a pequena frase circula. Esse ponto é significativo porque circular como criações e imitações mostrou que as pequenas frases foram utilizadas como algo já conhecido, sem a necessidade de marcas as quais indicassem que é um comentário, porque foi posto como um discurso outro reconhecido socialmente. Já ao figurar como títulos de notícias, foi necessário a indicação de marcas para levar o leitor a interpretá-las como um comentário ou algo não conhecido. Ademais, vemos que além de particitar as pequenas frases, quem as utilizou ainda deixou pistas de como interpretar os comentários, implicando que essa *não coincidência do discurso consigo mesmo,* feitas por meio de expressões e outras marcas como as aspas e as notas musicais, pressupõem uma visão argumentativa, em que o produtor argumenta a favor de sua opinião ao empregar outras vozes em seu discurso. Assim, essas marcações metaenunciativas mostram o grau de comprometimento que o locutor assume para defender suas ideias, para criticar os fatos os quais está mostrando. Ele não simplesmente mostra, mas comenta o que mostra.

4.5.1.2 A heterogeneidade constitutiva

Em relação à heterogeneidade constitutiva, notamos que os comentários retirados de diversos fóruns de debate da internet evidenciam que as pequenas frases ou os fatos que elas remetem aparecem de forma constitutiva, circulando no interdiscurso: os sujeitos fazem a retomada do discurso do outro sem mencionar a origem e sem marcas que indiquem a presença de um discurso-outro. Aqui funciona a heterogeneidade constitutiva, um já-dito sendo retomado em diversos lugares.

A heterogeneidade constitutiva ajudou-nos a compreeender que, quando a pequena frase não era marcada, havia a presença daquilo que Dominique Maingueneau vem chamando de Thesaurus em seus estudos recentes. Nesse sentido, a falta de marcas, como as

aspas ou a menção da fonte, demonstram que não há necessidade evidenciar o outro, porque isso é dado como conhecido por todos. Esse dizer compartilhado é inserido na cadeia enunciativa sem nenhuma alteração sintática ou marca linguística, uma vez que, por já ter atingido o estatuto de autonímia, não há a necessidade de explicar sua origem.

4.5.2 As pequenas frases e o *ethos*

Escolhemos trabalhar com essa ferramenta conceitual, porque observamos que, a cada nova enunciação em que as pequenas frases eram inseridas, foi possível verificar a construção de diferentes *ethes.* Com isso, diferentes efeitos de sentidos eram edificados. Levando em conta que o *ethos* construído pretende convencer o leitor do que está sendo dito, vemos que os diferentes discursos em que as pequenas frases estão inseridas são inseparáveis de uma voz e um tom que constroem imagens do locutor que está proferindo o discurso. Em outras palavras, por meio das palavras usadas são projetadas representações de quem fala, seu modo de ser e pensar. Pelo *ethos*, o locutor se mostra para além e aquém de sua personalidade, sem precisar dizer nada sobre si. Veremos quais imagens são construídas a partir dos discursos que as pequenas frases figuram. Tal processo se dá a partir da análise de marcas discursivas, as quais nos darão pistas sobre o *ethos* construído nas enunciações apresentadas. É como revela Pauliukonis (2003, p. 41), "O *Ethos* possui materialidade lingüística, pois se firma em marcas da enunciação, é preciso, portanto, analisar quais são essas marcas, através das quais se pode identificar cada *ethos* discursivo".

No nosso entendimento, com base nos dados até então analisados, associado a noção de *ethos* está o conceito de aforização. Observamos que, cada vez que uma das nossas pequenas frases foi aforizada, ela contribuía para a formação de um *ethos* específico. Com efeito, ao circular em diversos lugares, as pequenas frases afirmavam valores e princípios. Tais valores e princípios fizeram o aforizador ocupar um lugar de sujeito autorizado, indo de encontro ao que disse Maingueneau (2010, p. 14): "o 'aforizador' assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). Nesse sentido, quando uma pequena frase circulava, não "dava" chances de negociação do sentido, pelo contrário, ela se impunha, como uma tese, uma verdade. Tal fenômeno se sustenta em um fiador e tom que assumiram um *ethos* específico, de um sujeito que estava no alto e que afirma coisas como se elas fossem verdades inquestionáveis e absolutas. Nesse tipo de enunciação, o sujeito enunciador, segundo

Maingueneau (2010), coincide com o sujeito no sentido jurídico e moral: alguém que se coloca como responsável e afirma valores e princípios perante o mundo, dirigindo-se a uma comunidade que está além dos interlocutores empíricos que são seus destinatários. Por conta dessa autoridade soberana, as pequenas frases circularam sem precisar de uma dependência textual para fazer sentido, isto é, elas circularam como "frases sem texto" e sem prejuízos de sentidos nos lugares onde eram inseridas, funcionando como um enunciado genérico. Nessa perspectiva, explica o autor:

> Na enunciação aforizante, ao contrário, o enunciador fala a uma espécie de "auditório universal" que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas situados sobre um mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária. É o sujeito em pessoa que se exprime. O "aforizador" – isto é, o enunciador de uma aforização – assume o éthos do locutor que ganha uma dimensão outra, que cresce no contato com uma fonte transcendental. Ele deve supostamente enunciar *sua* verdade, que não participa de nenhuma negociação. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 18)

A circulação das pequenas frases em análise assumiu um *ethos* sentencioso, uma vez que não permitiu interações, respostas, argumentações, coisas próprias dos gêneros. As pequenas frases apareciam como uma sentença, pois segundo Maingueneua (2011a) o destinatário é só um auditório, um ouvinte/leitor que não pode responder, cabendo a ele somente o papel da interpretação. De acordo com o estudioso:

> Sua interpretação é condicionada por diversos "enquadramentos": o destinatário deve atribuir de maneira privilegiada a aforização a este ou aquele "enquadramento" para orientar e concluir seu tratamento interpretativo. Esses enquadramentos são categorias pragmáticas: a mesma aforização será tratada diferentemente conforme o enquadramento ao qual a submetermos. Além disso, pode acontecer de haver um enquadramento que, nesse caso, seja apenas dominante. (MAINGUENEAU, 2011a, p. 20)

A seguir, veremos que esse enquadramento de que nos fala o autor foi determinado pelo lugar de circulação, já que dependendo do lugar em que a pequena frase circulava já se era possível prever o tipo de *ethos* que era edificado, isto é, o tipo de "verdade" que esse sujeito de pleno direito iria veicular. A descrição das pequenas frases nos permitiu verificar algumas marcas linguísticas as quais revelam certo funcionamento discursivo, mostrando que elas possuem algumas imagens que se fixam: os enunciados que compõem os comentários

evidenciam um *ethos* crítico, de denúncia; as imitações e criações assumem um *ethos* jocoso, já as notícias são mais imparciais, assumindo a imagem de neutralidade, típico desse gênero.

Em relação à pequena frase: "menos Luiza que está no Canadá", vemos que a análise das imitações das propagandas, programas e cenas famosas nos fizeram perceber que o *ethos* construído em cada enunciação traz um tom humorístico aos enunciados. Para isso, foram utilizados fiadores que geralmente são sérios, como é o caso do William Bonner e a Patrícia Poeta ou das empresas Gol e Renner. Esse tom sério é quebrado quando se insere a frase "menos Luiza que está no Canadá", construindo-se um *ethos* jocoso. Assim, a propaganda, cena ou programa que originalmente tinha um *ethos* sério, ao acolher a frase, passa a figurar como um enunciado que produz humor. Esse *ethos* construído está ligado à figura do hiperenunciador, aquele que é o responsável por organizar as vozes vindas de lugares diversos. A construção dessa imagem legitima o dizer, autoriza a "nova" propaganda ou cena: a frase da Luíza só é aceita em uma cena famosa, porque está construindo humor. Essa construção humorística permite a adesão dos sujeitos ao que é dito.

No tocante às imitações e criações presentes nas charges produzidas a partir da música "ai, se eu te pego" vemos que há também a presença de um tom cômico nos enunciados, mostrando que a pequena frase em questão foi usada na produção do humor. Para isso, usou-se como fiadores figuras caricaturescas dos personagens conhecidos e que estavam envolvidos em assuntos comentados nacionalmente. Assim, não bastava apenas trazer a figura de um famoso para construir o humor; a corporalidade do sujeito precisava ser também humorística, caricaturada, como os políticos Dilma Rouseff, José Serra e Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, os quais são apresentados de forma cômica e caricaturada. Pessoas, normalmente apresentadas na televisão, jornais, internet em imagens sérias e sobre assuntos sérios, sofreram uma deformação para que se produzisse o *ethos* adequado ao humor. Somado a isso, temos a presença da pequena frase, a qual completa a produção da comicidade, uma vez que é engraçado ver a provocação que a música desperta nos fatos em que são usadas.

As demais frases acompanham um funcionamento discursivo semelhante quando se trata das imitações e criações. Na frase "vada a bordo, cazzo" ela é usada toda vez que se deseja dar uma ordem a alguém que não está fazendo sua tarefa da forma como deveria, tal que ocorreu na cena original com o comandante Schettino. Assim, as figuras que merecem a ordem advêm de uma variedade de lugares. Temos a ordem ao jogador de futebol Adriano, o qual se exige que volte a jogar futebol; exige-se que os políticos voltem ao congresso em Brasilia e retomem seu trabalho; é solicitado que o governador do Rio de Janeiro se

pronuncie, faça seu trabalho que era apresentar soluções acerca da tragédia ocorrida, enfim são assuntos sérios que, ao acolherem a pequena frase, tornam-se jocosos, assumindo um tom humorístico. Os fiadores dos exemplos citados são produzidos para auxiliar na construção do enunciado a fim de que haja a incorporação[59]. Quando o coenunciador ri do que está posto na imagem, há a incorporação de que nos fala Maingueneau. Em outras palavras, rir do que é mostrado é comungar, aceitar o discurso que está sendo pregado ali. É dessa forma que a produção do humor é edificada, com o auxílio das figuras caricaturescas usadas como fiadores é que se tem o riso como consequência.

Por fim, temos o enunciado "cala a boca, Galvão". Novamente observaremos marcas as quais já foram encontradas nas demais frases, como a inserção da pequena frase em uma cena séria, que, ao receber a pequena frase, torna-se jocosa, produzindo riso e desestabilizando os sentidos sérios que o fato originalmente remetia. Temos como exemplo, as ofensas proferidas pelo ator Silvestre Stallone, os supostos "erros de português" e as "incoerências" ditas pelo ex-presidente Lula, os temas que já foram motivos para o clamor e reivindicação popular, em uma, são todos temas que obedecem a uma regularidade: quem disse algo incoerente, considerado sem propósito, merece um "cala a boca". E para isso, novamente são eleitas cenas originalmente sérias, como a capa do DVD do filme de ação de Rambo, ou são criadas caricaturas dos sujeitos, como é o caso do Lula e das reinvindicações populares, a fim de que o fiador, o tom e o *ethos* pudessem cooperar para a incorporação do enunciado.

As notícias nos fizeram perceber que o *ethos* construído para as pequenas frases edificam uma imagem de simples constatação do ocorrido, uma vez que mostram a noção da imparcialidade dos fatos, comum ao *ethos* jornalístico, que comumente se exime de dar opiniões sobre os acontecimentos. O mesmo não se pode dizer dos enunciados que trazem um julgamento de valor das frases. O *ethos* que as críticas deixam transparecer é de indignação, em tom de protesto, construindo uma imagem de como a sociedade pode se deixar levar por coisas tão inúteis, como fazer do caso Luiza um espetáculo ou da música de Michel Teló um

[59] Segundo Maingueneau (2004) para que haja de fato a constituição do *ethos,* é necessário que ocorra um processo que ele nomeia de incorporação. Por incorporação, Maingueneau (2004, p. 99) compreende como o termo usado para: "designar a ação do *ethos* sobre o coenunciador". Ainda segundo o autor, a incorporação opera em três registros indissociáveis: "a enunciação leva o coenunciador a conferir um ethos ao seu fiador, ela lhe *dá corpo*; o coenunciador *incorpora*, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito uma forma específica de se inscrever no mundo; essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso" (MAINGUENEUA, D. *Análise de textos de comunicação*. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 99-100)

sucesso internacional. Alguns sujeitos chegam a dizer que sentem vergonha de morar no Brasil, construindo um *ethos* de indignação em relação aos fatos. Contudo, as opiniões divergem: no refrão "ai, se eu te pego", especificamente, notamos tons de protestos, mas também de defesa, a favor da música, defendendo que as pessoas estão com inveja do sucesso do cantor paranaense. O mesmo podemos dizer quanto a frase "cala boca Galvão", em que encontramos além de críticas, apoio ao narrador esportivo. Esse *ethos* enfatiza que, quem não gosta, não precisa ouvir a canção ou a narração esportiva, mostrando uma imagem de respeito ao próximo, de que vivemos em um país democrático, por isso é preciso respeitar o gosto alheio.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para a produção deste trabalho foi compreender o funcionamento das pequenas frases, que circulam em diferentes campos discursivos, "as carraças", na designação literária de Saramago, uma vez que elas se apresentaram como um fenômeno discursivo novo e que merecia reflexão. O nosso principal foco era estudar as condições de funcionamento das pequenas frases, observando suas características, seu campo de circulação, produção e os seus efeitos de sentidos. Além disso, pretendíamos construir um quadro teórico-analítico para melhor proceder a análise. Ponderamos que esses objetivos foram quase que inteiramente alcançados, uma vez que por meio do desenvolvimento de cada capítulo, fomos evidenciando as características que operavam na produção e circulação do fenômeno. Isso mostrou que as pequenas frases fazem parte de um funcionamento enunciativo singular que produz um efeito de enunciação coletivizada e de fortalecimento da comunidade discursiva, que incorpora e reproduz os enunciados do grupo.

Os conceitos eleitos para esse trabalho permitiram que vislumbrássemos que a formação de uma pequena frase necessita de um conjunto de fatores. A noção de destacabilidade evidenciou que ser destacável em um texto é condição para que a pequena frase ganhe notoriedade. Esse destaque pode ser de qualquer natureza: ter uma construção linguística pregnante, ritmo e rima, ocupar um lugar de destaque em seu texto de origem, enfim, é preciso algum elemento que chame a atenção para o enunciado, caso contrário, ele não atingirá o estatuto de pequena frase. Desse modo, o trabalho do sobreasseverador foi importante porque tornou possível que os enunciados fossem destacados, ficando mais visíveis no texto/gênero do qual faziam parte. Ao ganhar certa autonomia, os enunciados começam a circular como enunciação aforizante e gerar diferentes sentidos. Tal circulação ocorre sem o distanciamente ou a marca necessária para que indique que a pequena frase faz parte de outro texto. Dessa perspectiva, as pequenas frases circulam sem a menção de fonte, autor, mas de um citador: alguém que cita o enunciado em diferentes lugares, produzindo diferentes efeitos a cada nova citação. A pequena frase necessita se adequar ao novo contexto em que foi inserida. Para isso, foi imprencindível a presença do hiperenunciador, o qual conjuga, harmoniza essas diferentes vozes convocadas para a produção do enunciado e seu sentido. Concluímos que as pequenas frases obedeceram a certas condições de produção, não sendo qualquer uma que pode receber esse estatuto.

As propriedades formais, como receber um lugar de destaque ou ser linguisticamente construída, auxiliam na produção de pequenas frases; contudo só isso, não é suficiente. É

necessário também que as propriedades pragmáticas entrem em cena. Em nossos exemplos, os contextos que envolviam os enunciados foram imperantes para que eles pudessem ser lembrados. O caso da Luiza, por exemplo, foi uma inadequação pragmática que favoreceu o destacamento da frase, já que ela não apresentava as características linguísticas para receber o destaque que teve. O mesmo podemos dizer de "cala a boca, Galvão", uma vez que o apelo dos usuários do blog foi decisivo para que a frase circulasse e adquiresse a proporção vista. Os valores ilocutórios atribuidos aos enunciados também auxiliaram na sua notoriedade, visto que os sujeitos puderam usá-los para pronunciar ordens, ameaças, zombarias, dentre outros, os quais evidenciaram um valor negativo associado às pequenas frases. Nesse sentido, podemos concluir que as pequenas frases são úteis às críticas que os sujeitos realizam àquilo que eles não concordam e que está ocorrendo socialmente em um dado momento. Como foi possível observar, isso é realizado por meio da derrisão, em que se pode criticar sem ser punido, sem sanções, produzindo um humor derrisório: a pequena frase produz críticas e divertimentos.

Todo esse funcionamento precisa retomar um já dito, algo já reconhecido, caso contrário, a interpretação do enunciado pode não ser a adequada. Desse mirante, vislumbramos que algumas aforizações tinham a preocupação em deixar marcas para os leitores; outras não tinham essa preocupação e aforizavam o enunciado sem citar a fonte ou do que se tratava. Para compreender esses mecanismos discursivos, o conceito de heterogeneidade nos foi de grande valia: por meio da heterogeneidade mostrada marcada foi possível notar que as aspas, o tipo de letra, o uso do itálico, de notas musicais, de imagens, dentre outros são marcas as quais evidenciaram os sujeitos mostrando a alteridade no enunciado, dando indicações aos leitores de que se tratava de um discurso outro. Em outros momentos, a heterogeneidade mostrada não-marcada imperava, evidenciando que o produtor do enunciado não se preocupava em marcar a presença do outro. Nesse caso, notamos a presença da imitação, da derrisão e da modalização autonímica, evidenciando que mesmo sem marcas linguísticas ou de outras naturezas, o desnível enunciativo deixava transparecer a presença de um discurso alheio. Por meio dessas constatações, notamos que as pequenas frases só fazem sentido se forem reconhecidas, caso contrário, não geram o humor ou a crítica pretendido.

Ao trabalhar com a noção de percurso, concluimos que as frases mudavam de sentido cada vez que eram aforizadas. Em outras palavras, embora tivessem uma relativa estabilidade no significante, o significado gerado nem sempre foi o mesmo. No nosso entendimento, tal

fenômeno ocorreu por conta da circulação da frase em diferentes discursos os quais carregavam consigo a ação do interdiscurso. Conforme o exposto, ponderamos que o lugar de circulação do enunciado — o discurso em que ele será inserido e os interdiscursos convocados — foram imperantes na produção de novos sentidos a partir de uma mesma frase.

Ao operar com o conceito de enquadramento interpretativo, compreendemos que os enunciados destacados de um texto obedecem a certos enquadramentos interpretativos, os quais determinam a interpretação das aforizações por seus destinatários. Desse modo, percebemos que o destinatário não interpreta as pequenas frases como bem entender, mas é direcionado por enquadramentos interpretativos os quais determinam seus sentidos. Como vimos, o enquadramento interpretativo é regido por dois regimes: o da atualidade e o memorial. A partir da análise do regime da atualidade, percebemos que as pequenas frases comportam uma característica singular: ser atual, falar de atualidade, de algo que ocorreu recentemente. Desse modo, o sujeito que não estiver acompanhando a construção da história do presente, não saberá interpretar uma pequena frase ao se deparar com ela. Além disso, ela precisa de uma memória, de fatos passados para fazer compreender os fatos presentes. Nesse sentido, há alguns enunciados os quais se inscrevem numa memória de longo prazo, em que outros discursos precisam ser retomados para que certas aforizações possam ser compreendidas, retomando o thesauros da comunidade. Não são todos, mas notamos que alguns elementos trazidos na circulação das pequenas frases se enquadram na referida situação.

A partir do que foi estudado, vimos que há algumas marcas discursivas importantes para o funcionamento dessas frases, como por exemplo, ser destacável, ser visível, circular, condensar um evento discursivo, ser breve, gerar críticas, ser atual, dentre outros. Esses aspectos nos revelam o funcionamento discursivo das pequenas frases: elas precisam ser reconhecidas facilmente e circularem em diferentes suportes. Além disso, as pequenas frases se mostraram muito instáveis e dispersas: a cada inserção em um novo lugar discursivo, novos sentidos foram gerados, novos efeitos foram produzidos. Ponderamos que Michel Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento* nos fornece pistas para entender a instabilidade e a dispersão dos sentidos presentes nas pequenas frases. Na referida obra, o autor mostra a relação entre os universos logicamente estabilizados e as formulações equívocas. O discurso ficaria nesse entre-meio dos sentidos estabilizados e a possibilidade de tornar-se outro, isto é, o deslocamento dos sentidos. As pequenas frases analisadas aqui se mostraram assim: no

entre-meio do estabilizado, lugar de sua origem, e a possibilidade de tornar-se outra, quando inseridas em novas enunciações.

Para analisar tal fenômeno, Pêcheux traz em cena o enunciado *On a gagné* (ganhamos). Esse enunciado passou de um grito de vitória dos torcedores de uma equipe vencedora do esporte para figurar no discurso político, marcando a vitória da esquerda comunista nas eleições presidenciais na França em 10 de maio de 1981, tendo como vencedor François Miterrand. Segundo o autor, há um jogo metafórico em torno de tal enunciado que mostra sua equivocidade, sua possibilidade de tornar-se outro, já que saiu do campo esportivo para figurar no campo político. Até parece que Pêcheux já estava preparando o terreno para o estudo das pequenas frases, uma vez que os enunciados analisados também sofreram esse jogo metafórico, havendo a possibilidade de tornar-se outro, saindo de seu discurso de origem para figurar em discursos diversos.

Pêcheux (1983) analisa o acontecimento discursivo, não só no momento em que apareceu, mas dois anos após, e se coloca como um observador atento aos confrontos discursivos que surgiram antes, durante e depois desse acontecimento. E assim, o autor mostra que mesmo um enunciado como "ganhamos", aparentemente com um resultado lógico, alguém ganhou, despertou descrença de algumas classes da sociedade que acharam que a França não ganhou nada com a vitória, havendo também aqueles que acreditaram na mudança que um presidente de esquerda poderia fazer. Com essas observações, Pêcheux (1983) demonstra que um enunciado aparentemente estabilizado "On a gagné", mesmo apegado a um acontecimento lógico, com um resultado matematicamente obtido, está sujeito ao equívoco, à possibilidade de o sentido ser outro. No estudo das pequenas frases, fomos discípulos de Pêcheux: acompanhamos o acontecimento discursivo não só no momento em que apareceu, mas seguimos seus rastros por vários meses, seus diferentes contextos de aparição, os confrontos que foram gerando. Vimos que enunciados aparentemente estabilizados como as frases aqui mostradas, figuraram em diferentes lugares discursivos, obtendo sentidos nunca imaginados. E foi justamente pelo fato dos enunciados sofrerem deslocamentos, desvios que os acontecimentos foram sendo configurado. Estar sujeito ao equívoco determinou os sentidos das pequenas frases trazidas para esse trabalho. Assim, por mais que os sujeitos busquem contribuir para a manutenção do funcionamento da estabilização dos sentidos, temos o equívoco, a possibilidade do discurso tornar-se outro:

> Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente

> estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX , 1997, p. 53).

Esses deslizes sofridos pelas pequenas frases ofereceram espaço para a interpretação que realizamos, para o batimento que Pêcheux (1983) chama de descrição-interpretação. Assim, para compreender o funcionamento das pequenas frases foi preciso ver o discurso enquanto inserido em uma série de outros discursos e que com eles estabelece co-relações, deslocamentos, mostrando a interdiscursividade que produzem sentidos a partir de um momento histórico:

> só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1997, p. 56).

Além da questão do equívoco, Pêcheux (1983) mostra o enunciado como um acontecimento discursivo. Isso diz respeito ao fato de que em meio a tantas frases usadas para se referir ao ocorrido na França em 1981, uma vai "pegar":

> E depois, no meio dessa circulação-confronto de formulações, que não vão parar de atravessar a tela da TV durante toda a noite, surge um flash que é ao mesmo tempo uma constatação e um apelo: todos os parisienses para quem esse acontecimento é uma vitória se reúnem em massa na Praça da Bastilha, para gritar sua alegria (os outros não serão vistos nessa noite). E acontecerá o mesmo na maior parte das outras cidades. Ora, entre esses gritos de vitória, há um que vai "pegar" com uma intensidade particular: é o enunciado "On a gagné" ["Ganhamos!"] repetido sem fim como um eco inesgotável, apegado ao acontecimento." (PÊCHEUX, 1983, p. 21)

A frase que "pegou", segundo o autor, não tem conteúdo, nem forma, nem estrutura enunciativa de um enunciado típico de discurso político, mas sim como um grito de uma torcida esportiva quando o seu time vence. Ademais, o enunciado *On a gagné* irá despertar uma rede de relações associativas, paráfrases, comentários, alusões, uma série heterogênea de enunciados, misturando diversas posições. Pêcheux (1983) com esse exemplo quer tratar do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento entrecruzando proposições estáveis, unívocas com formulações equívocas. Tais formulações estáveis vêm trocar seu

trajeto: “ganhamos” era do discurso esportivo e passou a figurar no discurso político. O mesmo podemos dizer das pequenas frases “menos Luiza que está no Canadá”, “cala a boca, Galvão” e “vada a bordo cazzo”: quem diria que, em meio a tantas frases ditas diariamente, logo essas iriam pegar? Pois pegaram. E geraram muitos comentários, paródias, notícias, reportagens, enfim, por volta alguns meses essas frases saíram de seus discursos de origem para figurarem em discursos políticos, cotidianos, artísticos, jornalísticos, dentre outros, sendo repetidas sem fim, “como um eco inesgotável, apegado ao acontecimento.” (PÊCHEUX, 1983, p. 21).

A outra pequena frase “ai, se eu te pego” era mais previsível que iria “pegar”, uma vez que fazia parte de um refrão, de uma estrutura rítmica pregnante, sendo repetida várias vezes ao longo da canção. No entanto, isso não tira seu mérito, uma vez que o fato de ela estar na “boca do povo” por meio de uma canção não garantia a ela todo sucesso que teve.

Decidimos dar um efeito de fim a esse trabalho com essas noções de Pêcheux, porque ponderamos que são noções ainda inesgotáveis, latentes e que são de grande valia para a análise das pequenas frases, uma vez que, os textos os quais abrigavam as frases pareciam se colocar em uma realidade estabilizada, em uma homogeneidade lógica, apresentando os fatos como se tudo se passasse em um real natural-social-histórico. Com a análise que realizamos, vimos que tudo não passou de uma falsa aparência, uma vez que as pequenas frases sofreram a ação do equívoco, deslizando seus sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005

ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi. *Análise do discurso e derrisão: um caminho a percorrer.* In: **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 2, v.2, n. esp., p. 39-59, jan/jul 2012

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) enunciativas(s).* In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, nr. 30, jul-dez, 1990, p. 25-42

_____. **Palavras Incertas***:* as não-coincidências do dizer.Campinas: UNICAMP, 1998.

BARONAS, Roberto Leiser e KOSCIURESKI, Mônica Barbosa Silva. *Observações sobre a textualização do "sic" no discurso político: marcas de derrisão*. In: NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do texto e do discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006

BARONAS, Roberto Leiser. *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: **Polifonia**, Cuiabá: EDUFMT, nº10, p.99-111, 2005

_____. *Eleições presidenciais brasileira na mídia impressa e eletrônica: uma leitura discursiva*. In: **Anais da 2ª Jornada Internacional de Estudo do Discurso e 1º Encontro Internacional da Imagem em Discurso**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR: Departamento de Letras Ed., 2012. Disponível em : http://anais.jiedimagem.com.br/ - acesso em 01 de agosto de 2012

BONNAFOUS, S. *Sobre o bom uso da derrisão em Jean-Marie Le Pen*. In: GREGOLIN, M. R. V. **Mídia e discurso**: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987

ERNST-PEREIRA, Aracy. *(Des)proverbialização e estereótipos*. In: **Revista Letras de Hoje.** Curso de Pós-graduação em Letras. PUCRS – Porto alegre, v. 39, nº 1, março, 2004.

FIGUEIREDO, Carmen Flor de Maio Silva. *Provérbios: falar pouco, dizer muito*. In: **Revista AMAE educando** n. 319 vol. 36 – Belo Horizonte, 2003

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Apresentação.* In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003

KRIEG-PLANQUE, A. **«Purification ethnique». Une formule et son histoire**. Paris : CNRS Éditions, 2003. Collection Communication, 2003.

_____. *Les "petites phrases": un objet pour l'analyse des discours politiques et médiatiques.* In: OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE. **"Communication et Langages"** - *Les "petites phrases" em politique,* Numéro 168, juin 2011 - Code ISBN : 978 2358760492

_____. **A noção de "fórmula" em análise do discurso:** quadro teórico e metodológico. Trad. Salgado e Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 3 ed. 1997

_____. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001

_____.**Gênese dos discursos**. Curitiba-PR: Criar Edições, 2005

_____. "*Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation*". In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). **Interdiscours et intertextualité dans les médias**. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006a.

_____.*«De la surassertion à l'aphorisation»*, dans Juan Manuel LOPEZ-MUNOZ, Sophie MARNETTE et Laurence ROSIER (dir.), **Dans la jungle des discours : genres de discours et discours rapporté**, Actes du colloque Ci-Dit 2004, Presses de l'Université de Cadix, Cadix, 2006b.

_____. *A Análise do Discurso e suas fronteiras*. In: **Matraga.** Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007),

_____. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

_____.*Entrevista com D. Maingueneau*. **Linguasagem**, n. 10, set. 2009. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao10/entrevista_maingueneau.php. Acesso em: 14 set. 2012.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *A aforização proverbial e o feminino*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas Discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011a

_____. *Sur une petite phrase "de" Nicolas Sarkozy*. In: OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE. **"Communication et Langages"** - *Les "petites phrases" em politique,* Numéro 168, juin 2011b - Code ISBN : 978 2358760492

_____. *Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista*. In: **Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas. v**ol. 06 (2011c). Coleção Mestrado em Linguística. Disponível em: http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/542/434 - acesso em 15 out. 2012

_____. **Les phrases sans texte**. Paris, Fr: Aumand Colin, 2012a

_____*Texto, gênero de discurso e aforização*. In: **Texto ou discurso?**, BRAIT, Beth e SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília, (orgs.). São Paulo: Contexto, 2012b

MIQUELETTI, Fabiana. *Breves notas sobre fórmulas e citação*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas Discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011

_____. **Discursividades contemporâneas sobre política**: o discurso sobre a mutação da política / Fabiana Miqueletti. - Campinas, SP : [s.n.], 2009.Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MOTTA, Ana Raquel. **Heterogeneidade e Aforização**: uma análise do discurso dos Racionais MCs. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2009.

OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE, Alice. *Poser les "petites phrases" comme objet d'estude.* In: OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE. **"Communication et Langages"** - *Les "petites phrases" em politique,* Numéro 168, juin 2011- Code ISBN : 978 2358760492

OLLIVIER-YANIV, Caroline. *"Petites phrases" et "éléments de langage":* des catégories em tension ou l'impossible controle de la parole par lês spécialistes de la communication. In: OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE. **"Communication et Langages"** - *Les "petites phrases" em politique,* Numéro 168, juin 2011 - Code ISBN : 978 2358760492

PAULIUKONIS, Maria A. L. e GAVAZZI, S. *Texto e discurso:* mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PIERRE, Leroux; RIUTORT, Philippe. *Les emissions de divertissement*: de nouveaux lieux de valorization des petites phrases? In: OLLIVIER-YANIV, Caroline; KRIEG-PLANQUE. **"Communication et Langages"** - *Les "petites phrases" em politique,* Numéro 168, juin 2011 - Code ISBN : 978 2358760492

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1993

_____. *A Análise de Discurso: três épocas (1983).* In: GADET, F.; HACK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. *(Não) fazer a lição de casa: circulação e sentidos*. In: POSSENTI, S.;PASSETTI, M. C. **Estudos do Texto e do Discurso**: política e mídia. Maringá: EDUEM, 2010.

QUARANTA, Maria da Glória M. L.; RIGOLIN, Wilma. *O slogan publicitário: algumas estratégias argumentativas.* In: **Revista TEMA** – Revista das Faculdades Integradas Teresa Martin. Nr. 38, janeiro/junho de 2001. ISSN 0103-8338. São Paulo.

SALGADO. Luciana. *A leitura como um bem: slogans e consenso*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Fórmulas Discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011

SCHEPENS, P. *"Fórmulas" e "lugares discursivos":* propostas para a análise do discurso político. Tradução Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. **Revista Linguasagem.** São Carlos-SP: março de 2009, ed. 06. Disponível em:

http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista_akp.php - Acesso em: 15 de agosto de 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADAM, Jean-Michel et Marc BONHOMME (2003 rééd.), *L'argumentation publicitaire. Rhétorique de l'éloge et de la persuasion*, Paris, Nathan, coll. Fac Linguistique. Actes du colloque « **Le français parlé dans les médias: les médias et Le politique**» (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds), 2003.

BAKHTIN, M. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984.

BONHOMME, Marc, « *La syntaxe publicitaire : entre sciences du langage et sciences de la communication* », dans Marcel BURGER (dir.), **L'analyse linguistique des discours médiatiques : entre sciences du langage et sciences de la communication**, Québec, Université de Laval, Editions Nota Bene, 2008.

BONNAFOUS, & TEMMAR, M. (dir.), **Analyse du discours et sciences humaines et sociales**, Paris, Ophrys, coll. Les chemins du discours, 2007.

COURTINE, J.J. *O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965 – 1985).* Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.

GRUNIG, Blanche-Noëlle, **Les mots de la publicité : l'architecture du slogan**, Paris, Editions du CNRS, 1990.

HAROCHE, C; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In. BARONAS, R. L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2 ed. rev. e ampliada. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2011.

HUBE, Nicolas, Décrocher la « Une ». *Le choix des titres de première Page de la presse quotidienne en France et en Allemagne (1945-2005)*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, coll. Sociologie politique européenne. Actes du colloque **« Le français parlé dans les médias : les médias et le politique »** (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli, 2008.

JACOBS, Geert, **Preformulating the News. An analysis of the metapragmatics of press releases**, John Benjamins Publishing, Pragmatics & Beyond New Series 60, 1999.

JEANNE-PERRIER, Valérie, **« L'écrit sous contrainte : les systèmes de management de contenu (CMS)** », Communication & Langages, Paris, Nathan, n°146, 2005.

JEANNE-PERRIER, Valérie, « **Des outils d'écriture aux pouvoirs exorbitant Réseaux**, Paris, Hermès Science Publications, n°137, 2006.

JEANNERET, Yves et Cécile TARDY (dir.), **L'écriture des médias informatisés**. Espaces de pratiques, Paris, Hermès Science Publications, 2007.

KALIFA, Dominique, Philippe REGNIER, Marie-Eve THERENTY et Alain VAILLANT (dir.), **La Civilisation du Journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle**, Paris, Nouveau-Monde Editions, 2010.

KRIEG, A. *Vacance argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extreme droit contemporaine*. ***Mots.*** **Les langages du politique**, n 58, p.11-34, 1999.

_____. *« La notion d' " observable en discours ". Jusqu'où aller avec les sciences du langage dans l'étude des pratiques d'écriture journalistique ?* », dans Marcel BURGER (dir.), **L'analyse linguistique des discours médiatiques. Entre sciences du langage et sciences de la communication**, Québec, Université de Laval, Editions Nota Bene, 2008.

_____. *« Un lieu discursif : " Nous ne pourrons pas dire que nous ne savions pas ". Etude d'une mise en discours de la morale »*, **Mots. Les langages du politique**, Lyon, ENS Editions, n°92, 2010b.

_____. *Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados*. Tradução de Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – *Linguasagem* nº 16**, São Carlos, SP: www.letras.ufscar.br/linguasagem 2011.

_____ .*Trabalhar os discursos na pluridisciplinaridade: exemplos de uma « maneira de fazer » em análise do dicurso* dans Simone BONNAFOUS et Malika TEMMAR (dir.), ***Analyse du discours et sciences humaines et sociales,*** *Paris, Ophrys, coll. Les chemins du discours ; p. 57-71.* Tradução brasileira. BARONAS, R. L. & MIOTELLO, V. **Análise de Discurso: teorizações e métodos**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011.

_____. *La formule "développement durable": un opérateur de neutralisation de la conflictualité* », *Langage & Société*, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l‟Homme. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds). Tradução brasileira Roberto Leiser Baronas. "A fórmula desenvolvimento sustentável: um operador de neutralização de conflitos". In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – *Linguasagem* nº 18**, São Carlos, SP: www.letras.ufscar.br/linguasagem 2011. (no prelo para publicação).

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. de Eni Orlandi,. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MAINGUENEAU, D. "*Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation*". In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). **Interdiscours et intertextualité dans les médias**. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006a.

_____.*«De la surassertion à l'aphorisation »*, dans Juan Manuel LOPEZ-MUNOZ, Sophie MARNETTE et Laurence ROSIER (dir.), **Dans la jungle des discours : genres de discours et discours rapporté**, Actes du colloque Ci-Dit 2004, Presses de l'Université de Cadix, Cadix, 2006b.

_____. **Aphorisations politiques, médias et circulation des énoncés**. 2010b. (no prelo para publicação.

MOTTA, A. R. & SALGADO, L. S. **Fórmulas discursivas**. São Paulo, Contexto, 2011.

HELSLOOT, N. et HAK Tony , **«** *La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours* **»** , **Langage et société**, 2000/1 n° 91.

OGER, Claire et Caroline OLLIVIER-YANIN, *« Conjurer le désordre discursif. Les procédés de " lissage " dans la fabrication du discours institutionnel* », **Mots. Les langages du politique,** Lyon, ENS Editions, n°81, 2006.

OLLIVIER-YANIV, Caroline, *« La fabrique du discours politique : les " écrivants " des prises de parole publiques ministérielles »*, dans Simone BONNAFOUS, Pierre CHIRON, Dominique DUCARD, Carlos LEVY (dir.), **Discours et rhétorique politique**. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et Le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds) Antiquité grecque et latine, Révolution française, monde contemporain, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, coll. Res Publica, 2003.

_____. **La communication comme outil de gouvernement: définition et enjeux de la politique du discours, mémoire pour l'habilitation à diriger des recherches** (HDR) en Sciences de l'information et de la communication, Université Paris 12 - Val-de-Marne, 2008.

PANDER MAAT, Henk, *« How promotional language in press releases is dealt with by journalists. Genre mixing or genre conflict? »*, **Journal of Business Communication**, 2007.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011a.

_____. *Remontemos de Foucault à Spinoza*. Trad. de Maria do Rosário Gregolin. In. BARONAS, R. L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2 ed. rev. e ampliada. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2011b.